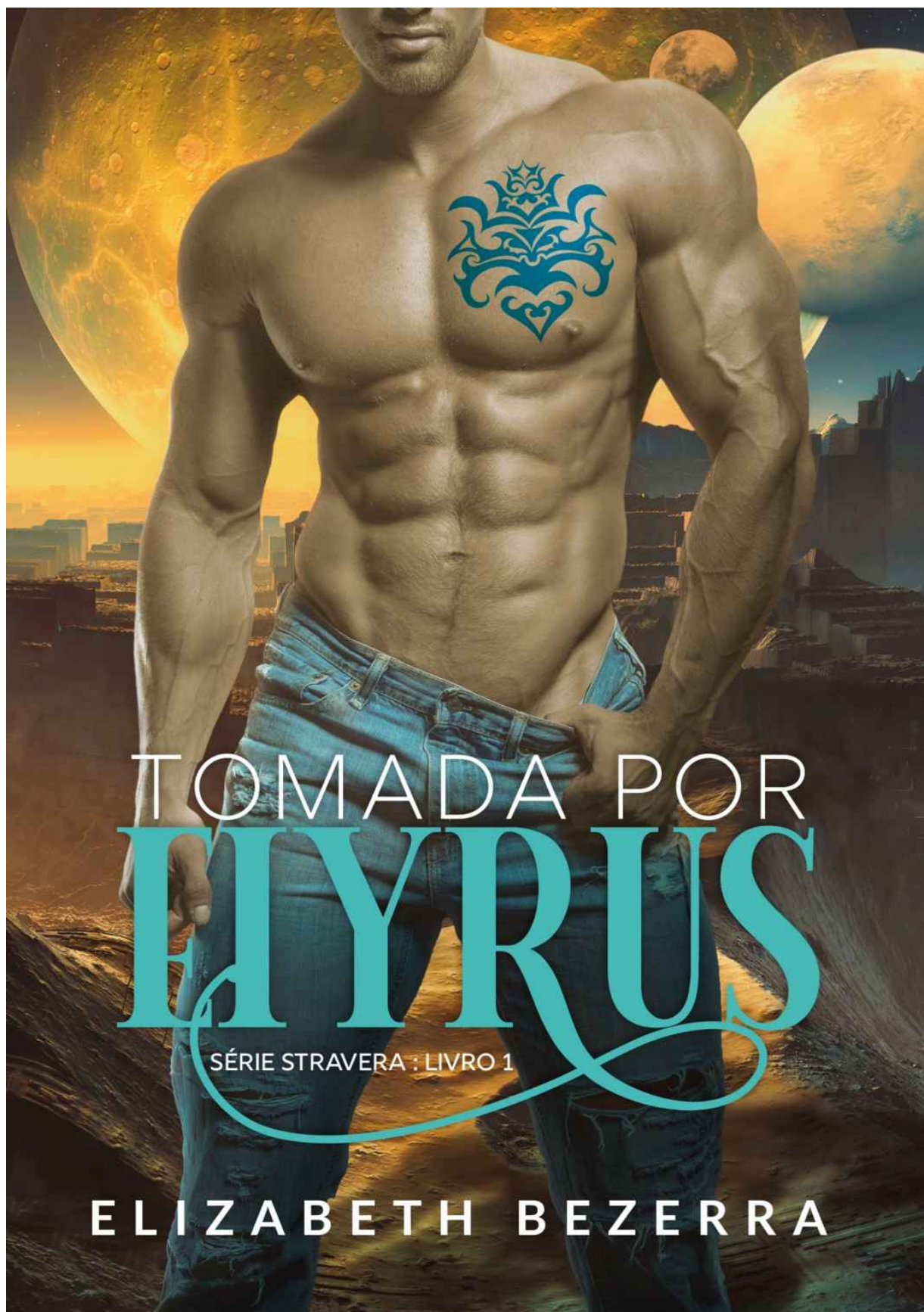


TOMADA POR
EIVRUS

SÉRIE STRAVERA : LIVRO 1

ELIZABETH BEZERRA





TOMADA POR
FIYRUS

SÉRIE STRAVERA : LIVRO 1

ELIZABETH BEZERRA



Copyright © 2022 Elizabeth Bezerra

Título: Tomada por Eiyurus

Revisão: Márcia Leão

Revisão: Luana Xavier/ Lucilene Silva

Revisão: Vânia Nunes

Capa: Denis Lenzi

Modelo: Wainwright Images

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo sistemas de armazenamento e recuperação de informações - exceto no caso de trechos breves ou citações incorporadas em revisão ou escritos críticos, sem a permissão expressa do autor.

Os personagens e eventos deste livro são fictícios ou são usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é pura coincidência e não pretendida pela autora.

ÍNDICE

[Dicionário](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Prólogo](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[PRÓLOGO](#)

[CAPÍTULO 1](#)

[CAPÍTULO 2](#)

[CAPÍTULO 3](#)

[CAPÍTULO 4](#)

Dicionário



Como esse é um livro em universo completamente diferente e inventado, deixo abaixo um breve dicionário das palavras desconhecidas na língua strovena.

Satre: ventre sagrado – seria o mesmo que mãe

Alquys: Guerreiras Alquys do planeta Alquny

Hark: povo harkeryanos

Minhr – minha alma, significa parceira de alma

Felias: um tipo de flor

ZeTerna: Aliança dos oitos planetas

Orqui: Mosquito que ao morder causa coceira na pele e faz um barulho irritante

Arein: aço mais resistente do mundo

Oyada: Rio de purificação, fonte de litássio

Parya: puta que pariu

Sadi: flor do dia

Lusa: flor da lua

Temposa: flor do tempo

QueAbelle: querida

SOra: Sra./Srta.

Mytod: minha alma, parceiro de alma

Unmmy: casamento

PRONÚNCIA

Falar os nomes de alguns personagens as vezes é um pouco complicado, não é? Deixo aqui como pronuncio de algumas coisas e nome de cada um, mas você pode ficar a vontade para falar como desejar.

EIYRUS – AIRUS

AARON – EIRON

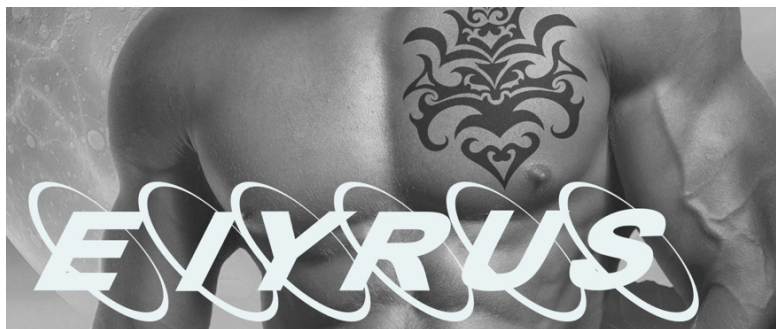
ALQUYS – ELQUIS

SATRE – SSETRA

GuOR – GÓR

LARL – LEEL

Prólogo



Planeta Stravera, dois anos antes

A grande sala de reuniões no Governo de Defesa está lotada e cheia de guerreiros prontos para perder a cabeça. Eu tenho um reinado com súditos divididos e em constantes divergências de opiniões e brigas entre si. Apesar disso, todos concordamos em uma coisa: não queremos condenar nossa espécie à extinção.

Isso é o que começará a acontecer dentro de alguns milênios, se não voltarmos a reproduzir. Só que, para espalharmos os futuros habitantes por Stravera, precisamos de fêmeas, que já não existem mais em nosso planeta há mais de 300 anos.

Um vírus implantado em nosso planeta por nossos maiores inimigos, os Harkeryanos, dizimou toda a espécie feminina de Stravena, crianças e idosos. Ao que presenciamos, apenas os mais fortes guerreiros conseguiram resistir e sobreviver ao ataque químico.

De lá até aqui, buscamos diversos caminhos através da ciência, desde a reconstrução genética à fecundação em laboratório. Apesar da nossa avançada tecnologia, nada funcionou, os bebês não resistiam mais do que alguns dias vivos, definhando rapidamente algumas horas após o processo ser finalizado.

Então, um dos nossos maiores cientistas trouxe a ideia de que a única salvação para os stravenos era buscar alguma espécie compatível com a nossa, que pudesse gerar nossos bebês. Depois de anos de estudos e procura pela galáxia, finalmente encontramos dois povos: o das Guerreiras Alquys, do planeta Alquny, e o das humanas, do planeta Terra.

Há um grupo que acredita que devemos arriscar e escolher as Alquys como reprodutoras, pois elas vêm de uma linhagem impressionante de guerreiras amazonas, e que as terráqueas são vergonhosamente inferiores, podendo manchar nossa futura geração.

Do outro lado, temos estudiosos que defendem a ideia de que, cedo ou tarde, qualquer tentativa de união com as Alquys nos levaria ao fim, já que elas nunca se curvam a ninguém e lutam até a morte por sua independência.

E há uma pequena parcela que não deseja a união genética com qualquer das duas espécies e que insiste que devemos continuar tentando através de experiências em laboratório.

— Os terráqueos são fracos, menos desenvolvidos e de caráter duvidoso. — Afirmou Aaron, meu primo e chefe da defesa, levando muitos dos machos que pensavam como ele a concordarem. — Eles se matam entre si. Como podemos colocar

um deles entre nós? Vão nos exterminar assim que descobrirem nossas riquezas e colocarem as mãos em nossa tecnologia.

A desordem causada pelo meu chefe militar inicia assim que ele dispara o que pensa, inflamando os outros a fazer o mesmo.

— Só que as Alquys são lendárias guerreiras que já decretaram não desejarem aceitar a nossa proposta... — Odon, o homem no comando da célula de ciência e tecnologia, faz sua voz ser escutada por todos. — Elas sabem que ainda estamos em guerra com o planeta Hark e não querem entrar nessa confusão. Além do que, só viriam a Stravera se fossem se tornar as nossas superiores, o que significaria destronar o nosso rei.

O que ele diz faz um grande murmúrio indignado se espalhar entre os presentes.

— Então, vamos apenas sequestrá-las! — A voz de um soldado é ouvida ao fundo, e ele recebe prontamente o apoio de alguns.

Temos armas, tecnologias e homens suficientes para desafiarmos as Alquys em uma guerra, mas nossas inimigas não são elas. Além disso, Stravera tem uma boa política de convivência com os planetas vizinhos e uma forte posição na aliança que forma *ZeTerna*, a União entre os oito planetas irmãos, sendo as Alquys um deles.

Em meio ao pandemônio gerado, surgem novas discussões acaloradas, levando-me a ficar em pé. Com isso, todos silenciam, focando a atenção em mim. Além de grandes guerreiros, somos conhecidos por sermos bastante altos e muito fortes, mas eu sou um pouco mais alto que a maioria aqui, por isso, apenas a minha constituição física já é suficiente para manter todos intimidados.

— Irmãos. — Início calmamente.

Apesar de ser o rei e de toda e qualquer decisão vir de mim, trato-os, independente de seu cargo ou posição, exatamente como os vejo, como meus irmãos.

— Há interessantes pontos de vista e diversas opiniões, mas todos concordamos em algo: se não fizermos nada, em breve nosso povo será extinto. — Murmuro, olhando o maior número de rostos possíveis diante da multidão, sabendo que também, de seus lares e ocupações profissionais, milhares de stravenos acompanham esta reunião transmitida para todo o planeta. — E antes mesmo disso acontecer, os harkeryanos nos atacarão, tentando eliminar os que sobrarem. A nossa luta contra eles ainda não acabou.

Estamos em guerra com os harks há milênios. Eles sempre desejaram nosso planeta por diversas razões. Domínio militar, demonstração de poder para com os outros planetas que eles já conquistaram ou quiseram incitar medo, mas agora, principalmente, por causa do litássio, a maior e mais rica fonte de um minério de energia escassa no planeta deles, mas que existe em abundância em Stravera.

— Foram anos estudando com nosso governo de defesa e com os nossos cientistas. Não podemos continuar esperando algum sucesso em laboratório. — Enfrento com olhar firme o grupo que fervorosamente defende essa ideia. — Embora tenhamos uma expectativa de vida longa, levamos tempo para chegar à fase juvenil e são anos de treinamentos que nos transformam nos melhores e mais completos guerreiros já vistos.

Nossa estimativa de vida é de mil anos por habitante, podendo chegar a 1300. Se comparado aos terráqueos, cada dez anos de

vida deles equivale a um pouco mais de cem para nós, ou seja, demoramos mais para amadurecer e crescer. Eliminando essa grande diferença de contagem de tempo, nosso ciclo de vida é similar. Nascermos, crescemos e, se tivermos sorte, envelhecemos até a morte.

Os harks têm uma estimativa de vida que é metade da nossa, e sem o lítássio, ela pode cair para até quatrocentos anos.

— Concorde que as Alquys seriam a nossa melhor opção para uma combinação genética, devido à sua linhagem guerreira — Concordei, fazendo o grupo partidário a essa ideia antecipadamente comemorar —, mas elas são resistentes, e sequestrar qualquer uma delas geraria uma guerra com outro planeta que no momento não podemos causar. Nós não podemos perder mais homens.

— Desculpe-me, senhor — Aaron faz um sinal, pedindo a palavra. — Não está sugerindo que devemos escolher as...

Ele não finaliza, e seu olhar de desprezo, tornando-se prateado, revela a todos a quem estava se referindo. Os humanos, que Aaron declaradamente menospreza.

Tenho que concordar com ele em muitos pontos. Humanos são fisicamente mais fracos, gananciosos, egoístas. Guerreiam entre si quando deveriam se proteger e têm uma tecnologia atrasada, além da mente limitada para as grandes descobertas que meu povo, entre outros desenvolvidos, fizeram ao redor da galáxia.

Não estudamos muito sobre os terráqueos, porque nunca foram uma espécie que nos representasse ameaça ou qualquer tipo de interesse, até descobrirmos que, além de anatomicamente parecidos, também temos combinações genéticas bem próximas.

Na verdade, há uma lenda muito antiga que minha mãe contava a mim e à minha falecida irmã, quando erámos crianças, de que um straveno que se envolveu com uma fêmea diferente da nossa foi acusado e julgado por traição, tendo como condenação seu envio ao exílio. A história seguia contando que sua nave aterrisou em um planeta selvagem e bonito chamado Terra. Era só uma historinha para crianças dormirem, mas talvez nossa interessante compatibilidade genética com as humanas poderia ter origem ali.

— Os humanos desconhecem a nossa existência. Trazer suas mulheres para cá, mesmo que eles descubram, não nos causará qualquer tipo de ameaça, pois não possuem as mesmas tecnologias para chegarem até nós. — Afirmo a Aaron, apesar de isso ainda não parecer convencê-lo.

— Eles já fizeram experiências no espaço, e o que tenho estudado sobre eles, continuam a avançar nessa direção.

— Ainda assim, não conseguirão chegar até a gente. Sem uma nave apropriada, levariam anos-luz. Entendo seus receios, Aaron. — Suavizo o olhar porque, antes de ele ser o comandante a serviço da realeza, nós somos família. — Mas quero lembrar que desde menino fui preparado para ser o seu rei. E uma das coisas que DearyAar me ensinou...

A menção do antigo rei e meu pai faz todos os presentes fazerem uma pequena reverência em sua memória.

— É que um grande soberano não fica apenas decretando ordens de guerra. Ele também se coloca à frente de seu exército em batalhas. — Continuo, conseguindo a atenção de todos à minha volta. — É por isso que vou me colocar na dianteira desse novo

objetivo. Stravera precisará de um sucessor e, se for necessário, terei o meu herdeiro com a humana.

Diferente do caos que se formou logo que as discussões foram iniciadas, todos agora, silenciosos e surpresos, me encaram.

— Majestade... — GuOr se inclina e sussurra apenas para que eu tivesse acesso ao que diz. — Não foi isso que conversamos essa manhã.

GuOr, cujo nome significa *senhor da guerra*, é mais que o meu conselheiro real, para mim, ele é um antigo e leal amigo.

A ideia inicial era que Aaron, apesar de suas resistências com as humanas, como chefe da minha defesa, fosse o primeiro a encarar tal experimento com as terráqueas.

— Você, junto com VisS, garantiu que isso era viável. — Contraponho.

VisS é a nossa inteligência artificial, que alguns preferem chamar de oráculo. Além de nos fornecer um vasto conhecimento sobre qualquer assunto, a consultamos sempre que estamos diante de um conflito e precisamos de uma decisão com probabilidade mínima de erros.

— Sim, mas...

— Eles estão com medo, GuOr. Sou o único que pode mostrar ao nosso povo que os stravenos não temem ninguém.

A firmeza com que o encaro deixa nítido que não estou aberto a uma discussão. Então, ele apenas abaixa a cabeça, acatando a minha decisão final.

— Aaron, Odon rastreará a melhor candidata. — Aviso, indicando o irmão dele, do outro lado do salão. — Como chefe da minha defesa, estará incumbido de fazer essa viagem até a Terra e

trazer a prometida até mim. Precisa ser uma ação limpa e rápida, entendeu?

Assim que recebo sua obediente aceitação, dirijo a minha atenção à plateia silenciosa.

— Esta reunião está encerrada.

Deixo que o chefe de relações públicas encerre, fazendo os últimos anúncios do dia, e sigo GuOr até a saída real.

Chegamos na nave que irá me conduzir de volta ao palácio, e quando estamos sozinhos na aeronave prateada, GuOr quebra o protocolo dirigindo-se diretamente a mim.

— Droga, Eiyrus, você tem certeza sobre isso?

— Eu sou o rei. Quando o experimento der certo comigo e o herdeiro de Stravera estiver entre nós, todos os outros seguirão o meu exemplo. Precisamos, a qualquer custo, impedir que a nossa espécie caia em extinção.

— E quanto à humana? Nada foi dito do que faremos com ela quando tudo tiver acabado.

— Serão descartadas. O que mais poderíamos fazer com elas?

— Ela será sua *satre*.^[1]

— Mas não a minha rainha. Apenas uma straveana poderia ocupar esse lugar, que foi da minha *satre*, e sabemos que não sobrou mais nenhuma.

— Acha que será tão fácil assim? Os humanos são conhecidos por serem emocionais, principalmente as fêmeas.

— Ela será apenas uma incubadora, GuOr. E não viverá tanto tempo para demonstrar suas reações humanas.

— Espero que tenha razão, Eiyrus. — Murmura ele, direcionando seu olhar para os painéis de controle da nave.

Direciono a minha atenção para a janela. Estamos a alguns pés de altura, mas, ainda assim, posso ver a cidade de Criso, toda feita de cristais e *arein*, o aço mais resistente do nosso mundo, se desenrolar a perder de vista. Mas não é apenas a majestosa arquitetura da cidade governante e suas ruas de luzes flutuantes mantendo a minha fascinação por nossa terra. Saindo da imensa capital, logo avistamos a nossa impressionante fauna e flora.

São árvores de alturas quilométricas e de diferentes classes. Animais milenares, com criaturas exóticas, algumas desafiadoramente perigosas. E o mais importante de tudo, o imenso rio de purificação, Ovyada, fonte inesgotável de todo litássio que, com seus milhares de braços, cortam o nosso planeta como veias, espalhando toda a energia que nos sustenta.

Um mundo como o nosso, que conseguiu dosar tecnologia e a importância da natureza, é cobiçado por muitos. Cada straveno tem orgulho de ter o melhor planeta em toda a galáxia para viver, e como rei, farei tudo para garantir o que os nossos ancestrais construíram e lutaram para termos, dando suas vidas. Isso jamais será roubado de nós, caindo em mãos inimigas e gananciosas.

Capítulo 1



EU ESTOU FERRADA!

Você tem um dedo extremamente podre para relacionamentos, Meredith.

A acusação irônica de minha amiga me vem à cabeça. E o pior é que ela tem razão. De toda uma seleção de frutas, eu sempre acabo escolhendo a mais estragada.

Assim foi com o irreverente jogador de cassino, Paul, o motoqueiro *bad boy* chamado Steve e, por último, Jerry, o contador, com óculos de leitura e ar de bom moço, que eu acreditei ser o meu príncipe encantado.

Tudo o que sempre sonhei na vida era me apaixonar. Encontrar aquele homem ideal, para quem eu entregaria o meu coração e que me amaria loucamente.

Cresci em um orfanato desde os meus nove anos, que foi quando a minha mãe começou a ficar doente, e como ela também sempre foi uma pessoa sozinha, não havia para onde me enviar, já que ela não podia mais cuidar de mim.

Eu não conheci o meu pai. Fui uma produção independente, ela me disse. Avante dos seus quarenta anos e cansada de se sentir sozinha, minha mãe decidira assim, que seria mãe solteira. O que ela nunca imaginou era que me deixaria tão cedo, sozinha no mundo.

Talvez tenha sido essa carência e o desejo de voltar a ter o lar que perdi que me fez buscar amor no primeiro mentiroso que me prometeu isso.

Assim, tive uma fila um tanto significativa de rapazes entrando em minha vida para depois me fazer fugir deles.

Só que dessa vez eu não me meti apenas em um outro relacionamento conturbado, tóxico e complicado; a minha ingenuidade e excesso de confiança agora me levarão a uma cela minúscula por alguns anos.

Isso porque confiei nele. O desgraçado que dizia que os papéis que assinava, em relação às transações ilegais na bolsa de valores, eram apenas títulos de propriedades que ele tinha herdado, e por causa de problemas fiscais, que eu não entendia, estava transferindo para mim.

Sim, foi uma tremenda burrice da minha parte ter confiado tão cegamente assim, mas qualquer pessoa que conhecesse Jerry, seus olhos encantadores e sorriso gentil, iria cair na completa balela contada por ele.

Acreditei que iríamos nos casar, como ele prometeu, e que colocar seus negócios em meu nome, que só agora soube serem ilegais, era sua maior prova de amor e confiança.

Agora, estou com um problema duplo, porque meu ex-noivo, fugitivo, trabalhava com a *Yamaguchi-gumi*^[2], mafiosos japoneses

extremamente perigosos, que querem arrancar a minha pele enquanto não colocam as mãos na dele.

— Senhorita! — A voz irritada do policial que me conduziu até o banheiro soa rude atrás da porta, logo após a batida grotesca. — Tem dois minutos para sair daí. Não pense em fazer nenhuma gracinha, todas as entradas e saídas estão vigiadas.

Dois minutos?

O meu advogado, que desde o início não tinha se mostrado otimista em conseguir provar a minha inocência, alertou que eu poderia pegar até vinte anos de prisão, tendo que cumprir pelo menos dois terços da pena, antes de requerer condicional.

Isso significavam longos e solitários anos na prisão. Em apenas dois minutos seria decretado o meu fim, e eu veria toda uma vida de sonhos ser trancada comigo em uma cela. Eu sairia da cadeia velha demais para pensar em recomeçar e criar uma família. Além disso, que homem são no mundo iria se envolver com uma ex-presidiária que tivera ligações com a máfia japonesa?

Isso se houver alguma chance de eu conseguir sair viva daqui e de conseguir me manter no presídio.

— Senhorita!

O chamado me faz voltar a encarar a janela onde estive analisando as minhas possibilidades de fuga, nos últimos cinco minutos.

O policial mal-humorado tem razão. Há muitas viaturas de polícia lá fora. E se isso não for o bastante, a janela é alta o suficiente para que eu quebre todos os meus delicados e necessários ossos, caso decida sair por ela. E não há uma maldita

árvore para auxiliar. Quer dizer, essas coisas só acontecem em filme, não?

Bom, dos meus males, sair algemada daqui nem é o pior. No tribunal e em vários lugares estratégicos ao redor dele há os homens de Kazuo Kai esperando apenas uma mínima oportunidade de me executar.

Além de acharem que sei demais e que, cedendo à pressão da polícia para aceitar algum acordo, irei abrir o bico – eles chegaram a me fazer tal proposta absurda, mas realmente eu não sei de absolutamente nada, para mim, Jerry nunca foi mais do que apenas um esforçado e competente contador – esses mafiosos também acreditam que tenho algo que é deles, que meu ex-noivo deixou comigo.

— Um minuto! — Avisa outra vez o policial.

— Espere um instante. — Digo, abrindo uma das torneiras. — Estou terminando de fazer xixi.

Ouçõ alguns passos arrastados e xingamentos sussurrados que procuro não dar atenção.

Meu Deus, o que vou fazer?

Não quero ser condenada e presa por um crime que não cometi, como também não desejo ser morta devido à tentativa infame de Jerry de passar a perna em mafiosos altamente perigosos. Mas eu também não quero morrer quebrando o pescoço saltando de um prédio.

Quem sentiria a minha falta se isso acontecesse?

O meu gato Tom, talvez. Aquele ali só liga mesmo para a quantidade de ração que coloco na tigela dele. Mesmo assim, eu amo aquele bichano temperamental. Nicole também sentiria a minha

falta. Crescemos juntas no orfanato, mas ao contrário de mim, ela encontrou mesmo o seu príncipe encantado e eles acabaram de ter uma linda garotinha. E o único rosto conhecido que veria no tribunal hoje seria o de Chris, o marido dela. Fora eles, não tenho mais ninguém no mundo.

Essa constatação me faz pensar em minha mãe e em por que ela decidiu me ter sozinha. A solidão machuca.

— Pronta ou não, senhorita, em vinte segundos vou abrir a porta.

Encaro a madeira polida cor de cereja com um olhar mortal e assassino.

— Só mais um minutinho. — Faço a minha voz se elevar acima do som da torneira aberta. — É que... é que me deu dor de barriga.

Por que estou protelando tanto esse assunto?

Não há para onde escapar.

É ser julgada e conduzida à penitenciária feminina ou levar um belo tiro na testa.

— Meredith Cooper? — Uma voz que se assemelha a uma trovoadas me faz virar, assustada. — Você é Meredith Cooper?

Por um instante, encaro chocada o homem impressionantemente alto e musculoso, de forma que nunca vi. Ele usa uma roupa prateada esquisita com tons de branco e azul que acho só ter visto similar em filmes de ficção científica.

— Mas como...? — Abro e fecho a minha boca enquanto tento olhar a parede intocada atrás do seu corpo imenso. — Como você surgiu...?

Não havia nada atrás dele além de uma parede branca, sem uma única rachadura.

— Senhorita Cooper, eu vou entrar. — Avisa o policial, e já começo a ouvir o rangido da fechadura sendo movida.

— Quem é você? — Indago ao desconhecido parado na minha frente. — Como chegou aqui?

— Você é a escolhida. — Ele disse simplesmente, como se essa insanidade respondesse tudo.

Sua expressão é tão séria ao me encarar que, por mais que a situação seja bizarra, de alguma forma sentia que ele não estava brincando sobre o que falava, por mais estranho que *você é a escolhida* pudesse parecer.

— O quê? — Observo, assustada, ele erguer algum tipo de objeto comprido, numa cor que lembra o prateado, e excessivamente brilhante diante dos meus olhos confusos. — Foi Kazuo Kai que te mandou aqui? Ele quer me matar, não é mesmo?

Porque não existe qualquer explicação lógica, além dessa, e que ainda não explicava a questão principal.

Como esse homem imenso havia conseguido entrar neste banheiro, sem que eu tivesse notado, e passado despercebido tanto pelos guardas lá fora quanto pelo policial furioso atrás da porta?

— Você é a prometida de Eiyurus. — Ele repetiu, desta vez citando um nome com notável reverência. — A minha missão é levá-la até ele.

Prometida?

Quem é esse tal de Ares? Algum tipo de rival da *Yamaguchigumi*? Eles queriam me usar como moeda de troca com Kazuo Kai?

Céus!

Em que grande confusão eu havia me metido? Para onde ele acreditava que iria me levar?

Antes que eu pudesse dar voz a todas essas questões, o bastão é erguido e apontado em minha direção.

— Espera! — Grito, tentando me livrar da luz que me cega. — Quem é...

Não consigo terminar. A última coisa que vejo, antes da luz cintilante se tornar um tom de azul-claro e ser jogada em meus olhos, é o rosto bonito do meu raptor, mas com uma expressão excessivamente dura.

Depois, tudo escurece.

Capítulo 2



A fera peluda raspou suas patas no chão e fincou suas garras afiadas enquanto seus três olhos brilhavam como chamas. Das narinas largas saía fumaça, acompanhando a respiração pesada. Toda a sua atenção estava focada em mim e na sua próxima tentativa letal de ataque.

Ela se move cuidadosamente para a esquerda, ciente de cada um dos meus, quase imperceptíveis, movimentos para a direita. Nos mexemos em uma dança lenta. Então, a explosão acontece. O animal, que tem quase o dobro do meu tamanho e chifres maiores que as minhas pernas, corre veloz e ferozmente em minha direção.

Eu emito um grito de guerra e, quando o animal salta, posicionando sua cabeça para baixo, tendo como alvo o meu peito, arremesso o meu corpo no chão, fazendo o meu corpo girar pela superfície dura. No segundo crucial, cravo a minha adaga no pescoço da fera assassina, com o meu corpo continuando a deslizar por debaixo dela até parar do outro lado.

Ao começar a perder velocidade, alguns metros à frente, dobro os meus joelhos no chão, e não preciso olhar para a minha adaga

coberta de plasma laranja para saber que o animal que havia partido ao meio fora vencido por mim.

— Você foi dez segundos mais lento dessa vez. — Ouço GuOr destacar quando sua aparência é visível e ele flutua no ar, em sua prancha de voo. — Se Aaron estivesse aqui, diria que o Filho de Aar está perdendo o jeito.

Com toda certeza, se meu primo estivesse presente durante o meu treinamento, me provocaria com algo assim. Mas tanto ele como GuOr sabem que me encontro em minha melhor forma física, além de ser o maior e mais implacável guerreiro de toda Stravena. Como rei preciso ser, ninguém pode representar uma ameaça ou acreditar que possa ser uma, embora a ganância não faça parte de nossa personalidade.

Então, não passaria de uma mera implicância dos dois, na tentativa de abalar minha postura austera e me fazer relaxar, o que de fato nunca acontece.

— Lutar com um Notur é algo que poucos stravenos conseguiriam fazer. — aviso friamente, limpando a adaga milenar que agora reluz com o brilho da grande estrela prateada no céu. — Apenas alguns conseguiram matá-lo. Dos que se encontram vivos atualmente, apenas eu, você e Aaron.

Preciso ter um conselheiro e um chefe de exército tão bons guerreiros quanto eu.

Todo macho que sente o chamado para o exército straveno é rigorosamente treinado e, como prova final em sua formação, precisa vir à Floresta Negra e lutar com um Notur. Não é necessário que o mate, mas precisa sair da floresta levando um dos chifres do animal selvagem. Geralmente eles enfrentavam as espécies

menores e mais jovens do que aquela com quem estive lutando há pouco. Ainda assim, também eram extremamente perigosas e letais.

— É a terráquea, não é? — GuOr fez surgir a minha prancha de voo e cetro de luz, transportando o animal à academia de pesquisa. — Quem está fazendo você perder a concentração. Agora que Aaron foi buscá-la, torna tudo mais real.

Eu não posso mentir a GuOr dizendo que uma simples terráquea, que me pareceu frágil demais nas imagens enviadas, não estaria me intrigando. Porque, além de meu conselheiro, ele é meu grande amigo.

— Tenho pensado no que VisS disse. — Falo e encaixo os pés na prancha.

O macacão prateado com tons de azul cobre o meu corpo como uma segunda pele. Em seguida, uma película de luz branca cria uma parede de proteção em volta do meu corpo.

— Sobre não conseguir fazer uma avaliação sobre ela? — Murmura GuOr, dando seguimento ao pensamento que não transformei em palavras.

— Porque os humanos são imprevisíveis — Finalizo. — Ou como diria Aaron, são traiçoeiros.

— Eu não gosto de andar às cegas tanto quanto você, Eyrus. Sabe que ainda pode...

— Desistir? Sugere isso como amigo ou conselheiro real? — Encaro-o seriamente e, com a mesma expressão firme, GuOr me olha de volta.

— As duas coisas. Você poderia, e ainda pode, mandar qualquer um do reino cumprir essa missão. Ou apenas...

— Voltarmos à estaca zero nas pesquisas? E nos humilhar diante das Alquys, entregando nosso reino até esquecermos que tivemos uma história? Ou partir em uma viagem eterna pela galáxia, em busca de novas espécies compatíveis com a nossa?

Com os governantes do planeta Hark se tornando uma ameaça cada vez maior, não temos tempo a perder. Precisamos continuar reproduzindo, fazer a população em Stravera voltar a crescer e nos tornarmos ainda mais fortes.

— Eu dei a minha palavra e não vou voltar atrás. Além disso, Odon garantiu que a terráquea escolhida tem todas as qualificações que nós precisamos. Depois que tivermos o que queremos, não precisaremos mais dela. E enquanto estiver entre nós, a fêmea não terá tempo ou oportunidade de bancar a *imprevisível*.

— Se você acredita nisso...

Se Stravera ainda está de pé e sobreviveu a centenas de ataques de guerra foi devido à nossa tecnologia, evoluindo cada vez mais, e à nossa fortaleza bem guardada pelos melhores soldados que essa galáxia já viu. É extremamente difícil entrar em nosso planeta e ainda mais conseguir sair sem permissão. Era uma missão impossível de cumprir para uma humana fraca, que não teria a mínima chance contra as ameaças que poderia enfrentar longe da proteção do Castelo de Cristal. Um Notur, por exemplo, usaria os ossos dela para palitar seus trezentos e setenta e oito dentes.

— É só uma humana, GuOr. — Afirmo com calma e confiança.

— Pode ser, mas lembre-se o que o excesso de confiança nos causou da última vez.

Viver por quase mil anos de extrema calma, sem nenhum ataque vindo de Hark ou de qualquer outro planeta com intenções

de nos ameaçar, deu ao governante de Stravera uma ilusória sensação de segurança. Além de rei, o meu pai também foi o líder de ZeTerna, a união entre os oito planetas irmãos. Ele acreditava que tudo estava bem e que a paz finalmente reinava. Ninguém poderia ter imaginado que o ataque dos Hark surgiria silencioso e invisível, através de um vírus que eliminou metade do nosso planeta e toda a espécie feminina.

— É por isso que eu mesmo ficarei de olho nela.

Não me agrada passar tanto tempo com uma humana desinteressante, mas o futuro do meu povo depende disso. Nem que eu precise fazê-la se curvar a mim.

— O sinal de Aaron indica que eles já estão a caminho. — Aviso após desativar a imagem tridimensional que vinha da pulseira que havia ativado durante a nossa conversa. — A humana está chegando. Vamos retornar ao castelo imediatamente.

O programa de continuar a nossa espécie precisa ter sucesso. Nada irá me demover desse objetivo.

Capítulo 3



Desperto em uma cama tão macia e aconchegante que, num primeiro momento, abrir os meus olhos se torna algo muito difícil. Porém, quando o faço, noto que o colchão, toda a superfície em que estou, na verdade, é de um material transparente, parecendo feita de luz. E não é só isso que me chama a atenção conforme a sonolência começa a ir embora.

Eu jamais havia desmaiado na vida. Nunca tive tempo ou uma vida fácil para bancar a garotinha frágil e chorona. Desde muito cedo, aprendi que precisava aprender a colocar as minhas garras para fora e lutar. Primeiro, quando a minha mãe morreu, deixando-me sozinha no mundo; depois, no orfanato, mostrando às crianças mais velhas que não era saco de pancadas de ninguém; posteriormente, ao me tornar adulta e ter que partir do lugar que tive como abrigo por muitos anos, enfrentando a vida assustadora que surgia além daqueles muros e portões que sempre me protegeram.

Assim, ao começar a recobrar a consciência, lembro-me que de fato não desmaiei, fui desacordada por aquela luz intensa que

me cegou até que tudo se tornasse escuridão. Fecho os olhos e forço novamente a minha mente, agora acometida pelo início de uma incômoda dor de cabeça, a lembrar de todos os detalhes que possam ser importantes para que eu compreenda o que está acontecendo.

Eu estava no tribunal, prestes a ser julgada e condenada por um crime do qual sou inocente e correndo o risco de ser morta pelos capangas de Kazuo Kai. Talvez me acontecesse os dois e, apesar de não ter a menor ideia de para onde estou indo, nem se me aguarda um destino ainda pior que os dois anteriores, não posso negar que sinto um grande alívio de não estar em uma cela de presídio ou morta de forma brutal.

Mas, onde estou?

Torno a abrir os meus olhos e encaro as paredes prateadas. Faço um giro de cento e oitenta graus até me deparar com um quadrado de vidro que eu acredito ser uma grande TV.

— Não é uma janela. Não é uma janela. — Repito, a minha voz subindo de tom enquanto faço o meu corpo trêmulo mover-se pela cama de luz. — Não é uma janela...

Porque se fosse uma janela, as imagens incríveis, belas e terrivelmente assustadoras que vejo passarem por ela significariam que...

— Estou no espaço! — Grito de pânico e, quando os meus pés descalços tocam o chão também feito de aço, surpreendo-me por ele não estar gelado.

Isso me faz lembrar do orfanato e de seus pisos encardidos e sempre frios. Dou alguns passos, impressionada que a temperatura se adaptasse a mim. Claro que já vi casas com sistema de piso

aquecido, mas a superfície sustentando os meus pés, assim como a cama de luz onde estava dormindo, possuem algo diferente.

— Pare de se distrair, Meredith. — Ordeno a mim mesma, voltando a me concentrar na janela que deve exigir toda a minha atenção.

Então, a passos trêmulos, mas ágeis, encurto a distância entre a janela e a cama. Minhas mãos se espalmam sobre o vidro e os meus olhos, completamente estarecidos, comprovam que a menos que eu esteja sob o efeito de alguma substância alucinógena, eu estou mesmo viajando no espaço.

Apesar de eu ser uma terráquea muitas vezes com a cabeça nas nuvens, sei que o homem já pisou na lua, como também já ouvi boatos de que a NASA esconde corpos de extraterrestres que tentaram visitar nosso planeta. Assim como escutei ou vi, em programas que abordam o assunto, relatos de pessoas que disseram ter sido abduzidas. E como qualquer pessoa que se acha normal e já não acredita em Papai Noel, sempre achei essas histórias engraçadas ou absurdas.

Mas eu estou mesmo no espaço!

Constatar isso faz um grito involuntário saltar de minha garganta e antes que eu possa me condenar por essa estupidez, uma porta, que eu nem sabia que existia na parede, subiu e cinco homens, se é que poderia chamá-los assim, entraram no quarto.

Eles usavam a mesma roupa daquele que me interpelou no banheiro do tribunal, mas com pequenos detalhes diferentes no emblema um pouco abaixo do peito. O homem que me capturou, ou o alienígena, para dar realmente nome aos fatos, deu pequenos e silenciosos passos em minha direção. Tanto o símbolo em sua

roupa, como a forma que os demais aguardavam respeitosamente cada movimento dele, mostram-me que aqui, pelo menos, ele é o chefe.

— Você acordou?

Tem algo na voz dele, um tipo de vibrato, que me faz, pelos primeiros segundos, sentir-me um pouco hipnotizada. O que graças a Deus não dura muito, pois percebo um dos soldados dizer algo em uma língua estranha para outro deles, levando todos a sorrir.

E embora eu estivesse bastante zangada por sentir que estavam rindo de mim, a risada deles me causou um efeito que também fez meus lábios se mexerem. Era como ouvir uma canção que nos causa felicidade e nos faz querer sair dançando sem nos importarmos onde estamos.

— A humana fala? — O chefe dele volta a atenção a mim e, de alguma forma, noto que o motivo da piada entre eles é esse.

— Você fala a minha língua?

Sentindo um gostinho de vingança na boca, noto que desta vez é a minha voz a causar alguma impressão. Só que a forma que me olham, como se eu fosse um peru suculento de Natal, começa a me amedrontar. Dou um único passo para trás, pressionando as minhas costas contra a janela.

— Falamos todas as línguas dos seres inteligentes da galáxia.

Rio, mas de extremo nervosismo.

— Isso é impossível.

Li certa vez em um artigo de revista que uma pessoa pode falar, no máximo, cem línguas, mas o mais comum é que sejam aprendidas até seis.

— Ninguém consegue falar todas as línguas da Terra — Aponto, deixando bem claro em minha expressão o quanto acho sua resposta insana. —, quanto mais da galáxia.

O homem dá mais um passo em minha direção, e eu, aterrorizada, pressiono as minhas costas contra a estrutura dura atrás de mim.

— Com isso — disse ele, estendendo o braço, fazendo-me virar a cabeça um pouco para o lado, temendo que algum tipo de raio desmaterializador pudesse sair da pulseira prateada fixada nele — nós podemos. Inclusive todas as línguas do seu planeta, humana.

A justificativa me parece coerente, ele usa algum tipo de tecnologia para se comunicar comigo, só que o que chama a minha atenção é a última palavra que ele diz.

— Humana? — Balbucio fracamente. — Quem são vocês?

Afasto-me da parede e tento avançar para a porta de onde eles saíram. Foi uma tentativa inútil de fuga e não adiantava qualquer grito ou pedido de ajuda. Duas das criaturas seguraram firme os meus braços, jogando-me de volta à cama de luz.

— Onde estou? — Questiono o chefe deles, lançando-lhe um olhar aterrorizado. — Para onde estão me levando? O que querem de mim?

Encaro-o com bastante cuidado e estudo-o com mais atenção. Esse não é exatamente o modelo de alienígena fofinho, mostrado por Steven Spielberg, no filme *E.T. O Extraterrestre*, nem tão aterrorizante como o apresentado em *Alien*. Se houvesse alguma forma de comparar, usaria o *Avatar*, embora, mesmo assim, a semelhança estava apenas na forma humana.

A pele deles é mais alaranjada. Não, descrevendo melhor, tem um tom muito bonito de dourado. As linhas da pele também são mais visíveis, de um jeito curioso e até mesmo bonito e interessante. Os olhos têm um leve puxado nos cantos externos das pálpebras, e a cor, que anteriormente julguei ser azul-escuro, tem um tom surreal de violeta e uma auréola prateada bem acentuada. A forma do nariz assemelha-se mais ao do meu gato, Tom, o que dá a eles um ar bastante felino e, para minha surpresa, combina perfeitamente com a estrutura de seus rostos e corpos cheios de músculos.

E eles são altos, muito altos. Só vi homens tão grandes assim em times profissionais de basquete. Apesar da roupa prateada, é impossível não perceber que também são muito fortes. Eles não têm rabos, chifres e nem orelhas pontudas; aliás, a presença de orelhas é quase inexistente. E bom, eles possuem quatro longos dedos nas mãos, em vez de cinco como eu. Não posso dizer nada sobre os pés, pois estão cobertos por pesadas botas prateadas.

Eles são mais parecidos com a gente do que eu poderia imaginar, se é que algum dia cheguei a pensar como seria um alienígena. Mas isso não me deixa mais calma. Ainda sou uma refém nas mãos desses seres desconhecidos e não tenho a menor ideia do que pretendem fazer comigo.

— Você faz muitas perguntas. — Disse o capitão, não escondendo sua impaciência comigo.

Estava cada vez mais claro para mim que ele não gosta de mim nem dos humanos de forma geral; que não quer a minha presença entre eles e que, se fosse feita a sua vontade, ele com toda a certeza me lançaria pela janela.

— E você não responde nenhuma delas. — Retruco em um ato de coragem que arrefece assim que seu olhar duro é jogado sobre mim.

Eu devo realmente estar delirando. É impossível que eu esteja em uma nave espacial sendo sequestrada por alienígenas que, com toda a certeza, querem me jantar.

— Só respondo ao rei.

— Rei? Que rei? — Encolho-me na cama e olho para a porta, estudando uma nova tentativa de fuga. — Para qual reino está me levando?

Se esse não é o sonho mais insano que já tive, preciso encontrar rapidamente uma forma de escapar dessa grande loucura, se possível com cada membro em meu corpo intacto.

— Você é a prometida de Eiyurus. — Ele volta a repetir o que tinha falado antes de me abduzir. — A minha missão é levá-la a ele.

Quem era *Airus* e o que esse tal rei queria comigo? Eu precisava descobrir antes que qualquer chance de sobrevivência fosse para o espaço.

Droga! É exatamente onde estou. Seria cômico se não fosse trágico.

— Mas... — Mal consigo pronunciar essa palavra quando novamente vejo o bastão de luz surgir nas mãos dele. — Espere!

A claridade volta a me cegar, e pouco a pouco minha consciência começa a ir embora.

— Para onde estão me levando? — Murmuro fracamente. — Quem é *Airus*?

Não são respostas que vou ter agora, esse é meu último pensamento antes de cair mais uma vez na escuridão.

Eu já estava cansada desse *coloca casaco, tira casaco*^[3], comigo sendo obrigada a dormir contra a minha vontade, mas não posso negar que sempre que desperto vejo-me em um local e situação que me mantêm completamente absorvida por tudo que vislumbro.

Desta vez acho que me encontro dentro de um quarto. A cama de luz é semelhante a que tinha na nave, só que três vezes maior, no mínimo, o dobro de uma cama king size normal. Aqui, o chão é feito completamente de vidro, assim como quase todas as partes das paredes. Não, tudo é bonito e brilhante demais para ser vidro, e julgo que seja algo muito superior a cristais. Apesar de serem transparentes, as paredes são tão densas que não consigo ver nada do lado de fora. Então, concentro-me a olhar cada objeto à minha volta.

Vejo uma mesa redonda esculpida numa linda lapidação, com cadeiras do mesmo material e igualmente impressionantes. Sobre a mesa, eu encontro um vaso com flores. Elas têm vários tons de amarelo e cintilam algum tipo de luz. Não há qualquer sinal de vento no quarto, mas suas pétalas movem-se suavemente como se alguma brisa soprasse sobre elas. Fico por alguns segundos encantada e hipnotizada, observando a dança delicada que as flores fazem.

Rapidamente me dou conta de que preciso olhar tudo ao meu redor, tentar entender bem onde estou e o que poderá me ajudar a fugir daqui.

Na mesa ao lado da cama tem uma jarra com um líquido transparente e um copo de cristal, que é como decido chamar o material até descobrir do que realmente é feito tudo isso. Descubro que tenho sede, mas não sei se possuo coragem suficiente para provar se realmente é água.

Um barulho ruidoso em meu estômago destaca que, além da garganta seca, também sinto fome. Eu só havia tomado um pouco de café da manhã, que mal tinha conseguido ingerir de tanto nervoso que me encontrava para o julgamento, e agora me arrependo fortemente por não ter me alimentado devidamente. Vou precisar de toda energia possível para quando encontrar uma forma de escapar deste lugar.

Furiosa comigo mesma, deixo o meu corpo cair pesadamente na cama. E só agora, olhando para o teto, vejo como é alto e, diferente das paredes, posso ver o céu.

— *Oh. Minha. Nossa!*

Tudo o que os olhos humanos conseguem ver do céu são as nuvens, o sol, as estrelas e as formas da lua. Aqui, sobre esse teto transparente, tenho diante de mim a vista mais espetacular com a qual já me deparei na vida. São quase meia dúzia de planetas de diferentes cores, formatos e tamanhos. Eu os vejo tão próximos que sinto que se estendesse as mãos ou pulasse na cama, voando o suficiente para tocar a cobertura oval, eu seguraria um deles na palma da minha mão. Só existe uma palavra próxima para descrever o que vejo.

Fantástico!

Como podíamos estar tão...

— Humana? — A voz vibra como um raio cortando o céu, e é impossível não me sentir impactada por ela.

O meu empolgado encantamento no mundo de *Alice*^[4] é interrompido quando vejo surgir da porta camuflada, em uma das paredes de cristal, o alienígena rabugento que havia me sequestrado sem nenhuma explicação. Ao lado dele, aparecem mais três soldados, todos com expressões excessivamente severas, mas consigo notar em seus olhos violetas a curiosidade que têm sobre mim.

— O rei Eiyrus está aqui. — A forma com que ele diz e faz um suave movimento de respeito, que os outros três reproduzem igualmente, relevam toda a importância que o alienígena citado possui. — Curve-se a ele.

Ainda não tenho nenhum plano de fuga e nenhuma ideia de como farei para barganhar minha liberdade com esses seres, ao mesmo tempo peculiares e assustadores, mas sei que ignorar um comando tão autoritário não me fará causar boa impressão.

Acontece que assim que vejo surgir pela porta a criatura mais impressionante que já conheci, tanto o meu cérebro quanto o meu corpo parecem paralisar. A única coisa que ainda parece estar viva em mim é o meu coração batendo forte.

Alto, muito mais alto que todos os alienígenas que eu havia encontrado até agora. Seu rosto tem um desenho quadrangular que deixa sua expressão excessivamente severa. Os olhos violetas são um pouco mais claros do que os dos outros, mas, ainda assim, têm uma coloração que nenhum humano conseguiria ter.

Ele também usa calças prateadas, mas, diferente dos demais, o seu peito está descoberto.

E, minha nossa!

Ombros largos, peito amplo, muita, mas muita massa muscular, e ele tem uma tatuagem em formato tribal no lado esquerdo do peito, que se assemelha mais a uma marca de nascença do que a uma bela pintura feita na pele por um artista talentoso. Essa criatura faria qualquer fisiculturista obcecado sentir inveja. E o mais estranho de tudo é que nele tudo se encaixa de forma que não parece exagerado.

— Curve-se ao rei! — O comandante volta a decretar, desta vez com nítida impaciência.

Primeiro, eu só consigo mover a minha língua, umedecendo os meus lábios ressequidos. É a justificativa que me dou, afinal, seria uma tremenda loucura eu estar babando no alienígena com cara de exterminador.

Depois, eu movimento suavemente as minhas mãos, desejando eliminar o pequeno formigamento surgindo nelas. Dou um passo, depois outro. É como se a criatura me chamasse com seu olhar.

Estamos próximos.

Muito próximos. O suficiente para sentir que ele tem um cheiro diferente de qualquer coisa que eu possa comparar e que é assombrosamente bom. Perto o suficiente para notar cada pontinho escuro ao redor da íris violeta.

— Minhr — Ele sussurra sem desviar um único segundo os olhos de mim.

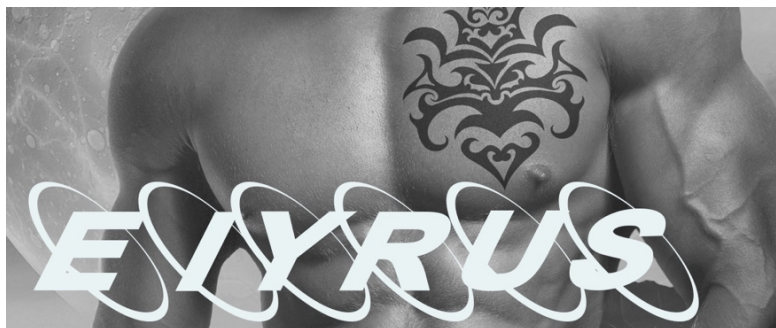
Apesar de não fazer a mínima ideia do que ele disse, o jeito como pronunciou cada letra tem uma força de sentimento

impossível de ignorar e causa em mim algo inexplicavelmente poderoso, incontrolável e, de certa forma, assustador.

O meu coração bate tão forte dentro do peito que me leva a uma reação irracional.

A fazer uma coisa estúpida!

Capítulo 4



Coloco a adaga que lutei com o Notur ao lado dos outros instrumentos de combate que tenho na estante. Assim como a arma, agora reluzente, limpei de minha pele qualquer sinal de que estive enfrentando uma das criaturas mais temidas em nosso planeta, ficando tão impecável em minhas vestimentas reais como um rei deveria se mostrar.

— O que temos? — Indago calmamente.

Além de meu conselheiro, Aaron, ou um criado do palácio executando algum trabalho previamente autorizado por um dos guardas, ninguém mais tem acesso aos meus aposentos reais. Por isso, sinto a presença de GuOr se materializando em meu quarto antes mesmo que ele se pronuncie, avisando de sua chegada.

— Aaron já está aqui, Majestade.

Isso quer dizer que a humana já está entre nós. Porque Aaron pode ser completamente adverso à nossa experiência com as terráqueas, mas em relação ao seu trabalho, ele sempre fará com excelência o esperado, mesmo que isso lhe custe a vida.

No segundo seguinte ao comunicado de GuOr, já nos encontramos na sala de audiência. Ocupo o meu trono e, após o protocolo que anuncia a solicitação do meu chefe do exército, vejo Aaron surgir acompanhado dos seus melhores homens.

— A missão foi relativamente mais fácil do que imaginávamos.

— Diz Aaron ao concluir um breve relato do que tinha acontecido nas últimas horas.

— Algum Hark no caminho?

— Nenhuma infiltração, senhor.

Os harkeanos, além de serem considerados o povo da escuridão, também são transmorfos, seres capazes de se transformar, ficando exatamente igual ao que eles copiam. Os harkeanos não conseguem ler mentes e roubar memórias. Não seria a primeira vez que tentariam se infiltrar entre os nossos. Foi assim que o temível vírus foi implantado em nosso planeta.

— Tudo verificado minuciosamente. — Garante Aaron.

É imprescindível que os harks não tenham qualquer informação do que estamos prestes a fazer. Com o litássio diminuindo cada vez mais no planeta Hark, eles vão ficando cada vez mais fracos. Se souberem que estamos a caminho de voltar a ser o maior e mais poderoso planeta em ZeTerna, uma guerra sangrenta irá começar.

— Eles andam bastante quietos, não acha? — Questiona GuOr a Aaron.

— Andam roubando litássio onde conseguem invadir e precisam poupar o máximo que têm. Eles vão atacar, só esperam o momento certo...

— Estarmos fracos. — Conclui por ele.

Se não nos reproduzirmos e eles continuarem a atacar e matar nossos homens lentamente, dentro de algumas décadas o povo de Hark conseguirá dominar nosso planeta, roubando toda vida que há nele até que tudo se torne completa escuridão.

— No momento, a humana está inconsciente. Já alertei Odon que deve cuidar para que ela possa ser levada ao laboratório imediatamente. — Avisa Aaron em relação aos planos traçados anteriormente aos soldados partirem em busca da terráquea. — Antes que tente causar mais problemas.

De acordo com o que ele relatou, a humana não recebeu a nossa existência muito bem. O que não é nenhuma surpresa. Apesar de eles terem certa tecnologia e feito alguns avanços nesse campo, não se comparam a nós e sabem bem pouco do universo e das galáxias existentes. Muitos deles ainda acham que são os únicos seres inteligentes no cosmo.

— Eu quero vê-la. — Ordeno Aaron para que me leve até a humana.

Sincronizamos as coordenadas das pulseiras e, no instante seguinte, estamos em um longo corredor na torre de ciência e tecnologia. Esta é uma área de extrema segurança. Há dois soldados vigilantes parados na porta, que assim que nos veem surgir fazem um cumprimento oficial.

Aaron toca a palma da mão na parede de vidro e a porta, até o momento imperceptível, começa a subir. Ele e seus homens entram na frente, é o protocolo que verifiquem se tudo está bem e seguro para minha entrada.

Quando eles finalmente se afastam, entro na sala que considero minúscula e dou uma rápida conferida no local. Não

existe nada de especial aqui além da mesa, cadeiras, um vaso com felias^[5], certamente uma gentileza feita por Odon, e, por fim, a cama onde a humana dorme tranquilamente.

Ela parece ainda menor do que as fotos e vídeos enviados demonstravam. Mais delicada também, reflito ao me aproximar dela.

Sua pele, além de ter um aspecto completamente diferente do nosso, tem um tom da areia como de Gofi, e uma textura diferente de tudo o que já vi. Fios longos e escuros que saem de sua cabeça, formando um manto em volta do rosto e corpo, o que torna essa combinação toda bastante curiosa. Nós não temos pelos, em nenhuma parte do nosso corpo.

Estruturalmente somos bastante semelhantes. Temos braços, pernas, mãos, apesar de quantidades diferentes de dedos, e pés, esses também diferindo um pouco.

— Hum... — Um gemido escapa de seus lábios e ela se revira na cama, contudo, não chega a abrir os olhos.

Esse som. Ele tem uma musicalidade que bate em algo dentro de mim, forte o suficiente para desejar acordá-la, apenas para ouvir novamente alguns segundos da sua voz.

O rosto, agora voltado em minha direção, me mostra detalhes interessantes. Ele tem um formato redondo. Os olhos, mesmo fechados, parecem ovais e nas pálpebras há pelos curtos e volumosos. A entrada de ar tem um desenho delicado em forma de triângulo, que se move quase que imperceptivelmente quando ela respira. E a boca tem muita carne em volta, com lábios mais volumosos.

E como se tudo isso não fosse suficiente para me manter curioso sobre ela, há o cheiro. Tem um perfume que me faz querer

farejá-la de cima a baixo, invocando em mim um desejo primitivo que não consigo explicar.

Não sei se na Terra a humana seria considerada bonita, e eu nem poderia fazer uma comparação com uma stravena, mesmo que ainda existissem em nosso planeta, mas a *prometida* me agrada, muito mais do que ousar admitir. O meu corpo, a comprovação de minha masculinidade querendo surgir, denuncia isso.

Só um pensamento me vem à cabeça.

Minhr!

— É suficiente. — Aviso rispidamente, fechando os meus dedos nas mãos enquanto me afasto dela.

Tudo o que essa humana deve fazer é sanar a certa curiosidade que tive em vê-la, desde que soube que a escolhida fora encontrada. Nenhum sentimento além de alívio de que, finalmente, podemos salvar Stravera.

— Digam a Odon que deve começar o seu trabalho o mais rápido possível. — Ordeno, saindo do quarto.

Antes de me teletransportar para fora da torre, recebo os olhares curiosos de GuOr e Aaron. Diferente dos demais homens no quarto, esses dois me conhecem o suficiente para notar que algo estava acontecendo comigo.

Bom, eu não tenho qualquer explicação para dar. Eu nem mesmo sei dizer o que tinha acontecido. Preciso pensar, e não existe lugar melhor para isso que Gofi, a floresta dos terodocios, aves gigantes de três caudas. Apesar de parecerem assustadores, os terodocios comem apenas folhas e só se tornam perigosos ao se sentirem ameaçados. O problema é que o que eles têm de tamanho

têm em covardia, e não é preciso mais do que um inseto para fazê-los se colocarem arredios.

E nesse momento parece que ter derrotado um notur não está sendo suficiente para manter meus sentimentos controlados.

— O que aconteceu?

Droga! Resmunguei ao fazer uma aterrissagem perfeita no terreno arenoso e cheio de fendas. Dessas crateras costuma saltar um gás tóxico para o straveno que o deixa por poucos minutos com os sentidos entorpecidos. É bom evitá-las.

Eu sabia que GuOr viria atrás de mim. Ele não deixaria minha reação estranha passar despercebida.

— Não sei o que está falando, GuOr.

Ele tem uma réplica na ponta da língua, mas paramos um momento para observar o grande precipício e os impressionantes terodocios, de penugens vermelhas brilhantes, fazerem um mergulho.

— O que ela causa em você?

— Satisfação. — Respondo com os meus lábios formando uma ligeira curva no lado esquerdo.

Sorrir não é algo que fazemos com muita frequência. E GuOr está completamente seguro de que uso isso como deboche contra ele, mas não há nada que abale o meu sempre concentrado e sério conselheiro real.

— A humana dará finalmente o que precisamos. — Acrescento, incomodado com seu silêncio excessivo.

GuOr é o único em Stravera que consegue me fazer falar, mesmo se eu não quiser, e sem esforço algum. Ele nem precisa

formular a pergunta, apenas a forma que me encara e sua calma irritante me levam a tagarelar.

— Eu não poderia estar mais feliz.

— E está?

Confuso.

Essa é a palavra para descrever como realmente me sinto.

E furioso, porque nunca precisei lidar com esses sentimentos.

Frustrado, pois mesmo que queira, não posso confessar o que me atormenta em mente e alma, nem mesmo ao meu amigo. Um rei precisa passar ao seu povo segurança, mesmo quando o céu fica escuro.

— Mais do que nunca. — Minto.

— Então, por que está aqui? Você só vinha aqui quando...

O meu pai estava vivo.

Nós caçávamos terodocios juntos, e assim que os dominávamos, seguíamos em uma aventura pelos céus, escapando das toxinas explodindo da terra, nos divertindo como se estivéssemos em alguma festividade do reino.

— GuOr, eu gosto mais quando você não abre a boca — Aviso fazendo a parte de cima de minha roupa desaparecer. — Acha que aquele terodocio ainda está aqui?

Eu não acredito que meu conselheiro irá deixar o assunto de lado, mas usar o golpe sujo de desafiá-lo é a melhor estratégia no momento.

— Está me provocando, Eiyurus?

O terodocio em questão é o único que nunca conseguimos domar. Ou ele fugia para as profundezas do rio Gofi ou nos fazia

cair de cara no chão apenas alguns segundos depois de termos subido nele.

Antes que eu o respondesse, vejo-o sair em disparada floresta adentro. Seu instinto alfa e de competidor deixaria seus pensamentos longe de mim por um tempo.

Saltamos entre as árvores, escalamos paredes de rochas, pulamos grandes fendas que soltam fumaça e fogo. E quase fomos atacados por um grupo de terodocios assustado.

Uhu! Ouvi o grito de GuOr ao fazer uma das aves que ele tinha dominado realizar uma manobra.

Se o meu pai estivesse aqui, diria que parecemos pequenas crianças felizes.

Enquanto a Floresta Negra é usada para treinamento de guerra pesado, em Gofi temos a mistura de um mundo encantado com certa dose de risco, se você for do tipo desatento. Aqui, o perigo está mais nas toxinas, plantas venenosas, carnívoras e animais que podem te surpreender pelo tamanho, velocidade ou encantamento.

— Ali está. — Aponta GuOr quando pousamos em uma rocha próxima ao rio. — Aquela belezinha ainda anda por aqui.

— Esquece, meu amigo. Nunca conseguimos pegá-lo encurralado, que dirá em um campo aberto.

Dizer que GuOr não é capaz de alguma coisa, principalmente com toques de desafio, é o mesmo que incentivá-lo a fazer.

— Apenas observe.

Interiormente e sem que ele saiba disso, torço por GuOr finalmente conseguir o que tentamos por todos esses séculos, mas olhando sua aproximação cautelosa e vendo como as penas na cabeça da ave eriçam, sei que ele não tem qualquer chance.

Essa criatura sempre nos venceu. Homens que tinham derrotado mais noturs do que todo o exército junto de Stravera não haviam conseguido.

— Ave estúpida! — Ouço GuOr gritar, irritado, ao ser arremessado para dentro do lago enquanto a ave mergulha para dentro das profundezas amarelas.

GuOr pode não ter visto o contragolpe que o terodocio usou para escapar dele, arremessando-o de cara no rio, mas eu vi o exato segundo em que suas mãos furiosas vieram contra mim, jogando-me para o outro lado da rocha.

Um dos pontos altos de nossa amizade duradoura é que, quando zangado, e ninguém gostava de ver GuOr furioso por muito tempo, ele ignorava completamente o fato de eu ser o seu rei.

— Então, você quer brigar? — Equilibro as minhas mãos no chão e faço o posicionamento de ataque.

GuOr tranquilamente cruza os braços e dá um sorriso debochado para mim.

— Acho que não será capaz disso, filho de Aar.

Antes que eu pudesse interpretar o que ele estava afirmando, sigo com minha cabeça e olhar na mesma direção que ele encarava.

— Oh, merda!

Uma rajada verde de fogo explode em direção ao céu, e a fumaça do mesmo tom envolve o meu rosto. Em segundos, sinto o

meu corpo ficar letárgico e minha mente um pouco mais confusa.

O desgraçado tinha me jogado direto na toxina. Ela não nos causa nenhum dano colateral ou permanente, só ficamos um pouco, como posso dizer, diferentes. No meu caso, falo mais do que deveria ou gostaria de dizer.

— Ela causa algo em mim — Disse finalmente, sendo preciso uma substância alucinógena no organismo para admitir isso.

— Sei — GuOr murmura sem muita animação, enquanto me conduz pelo corredor oposto do qual eu estava indo. — Eu ouvi isso nos últimos cinco minutos. Não tem algo mais específico para dizer?

— Quer algo mais específico que isso? — Rebato, furioso por ele não dar a devida importância ao que estou dizendo. — A humana causa algo em mim e eu não sei o que é, droga.

— Bom, se fosse o Aaron, ele diria repulsa... — Murmura GuOr.

— Então, devemos executá-la? — Aaron escolhe um péssimo momento para surgir. — Pode ser algum tipo de praga que nem estamos sabendo. Os humanos têm muitas, vocês sabem.

— Não! — Encaro Aaron, exibindo toda a fúria que consigo reunir em mim. — Ninguém toca na minha humana.

— *Sua* humana? — Odon surge atrás do irmão. — Nós precisamos de uma reprodutora, e não de um bichinho de estimação.

Rujo para ele, e seu olhar inteligente me estuda com cuidado.

— Ele está bem? — Odon me confronta com uma nova indagação curiosa. — Vocês estiveram em Gofi?

Mesmo que eu tentasse negar, os meus olhos, que provavelmente ainda estão escuros da toxina, denunciariam a

verdade.

— GuOr? — Aaron tenta dar a ele um ar de repreensão que não obtém nenhum resultado.

Como chefe da guarda, ele deveria saber cada um dos meus passos.

— Eu o segui, não o levei até lá.

— Mas você o deixou cair numa cratera tóxica!

— Na verdade, eu o arremessei dentro dela.

Uma insolência que poderia ser castigada com a morte ou exílio por toda sua existência. Mas não GuOr, ele é mais do que um súdito prestando serviços ao rei. Ele é o irmão que eu não tive.

Rapidamente inicia-se uma discussão que eu assisto como em câmara lenta, mas bastou uma nova sugestão de executar a humana ser levantada para que a minha mente trabalhasse como se minha cabeça tivesse sido mergulhada nas águas congelantes de Gofi.

— Ninguém vai executar ninguém aqui! — Esbraveja Odon, conseguindo finalmente ter atenção de nós três.

Ser acometido pela ira não é algo comum em meu primo cientista. Posso afirmar, sem erro, que ele é o ser mais pacífico em Stravera. Então, seu tom furioso nos faz observá-lo, chocados.

— Aaron veio avisar que a humana acordou — Diz ele, encarando o irmão. — Tudo está pronto para o laboratório. Deixem seus homens a postos para levá-la.

Em seguida, a atenção dele vai para GuOr.

— E você, traga Eiyrus. Tenho o soro que fará o efeito do veneno passar em poucos minutos.

Somos como soldadinhos cumprindo a missão. O ridículo é que eu sou o rei, mas pareço um juvenzinho voltando de uma festa proibida, com a moral enfiada entre as pernas.

— Pronto — Diz Odon após aplicar a dosagem necessária do soro na parte lateral do meu pescoço. — O efeito vai passar em instantes.

Não é necessário que eu acompanhe a transferência da terráquea até o laboratório, mas garanto a Odon que estou bem e que apenas desejo observar o trabalho a ser feito, depois disso, afirmo que a humana será completamente esquecida.

Não é uma característica nossa mentir, até porque não somos fracos para algo tão necessário quanto a verdade. Não existem esses tipos de jogos entre nós em que ser honesto pode se tornar um problema, mas assim que emito essa afirmação para Odon, sinto-me mal. Há a intenção de não voltar a me aproximar da nossa “experiência”, mas o contraponto nessa balança é que eu *não quero* ficar longe dela. É como se existisse uma força magnética empurrando-me em direção à humana.

— O que acha que isso pode ser? — Questiona Odon, parando na metade do corredor.

GuOr tem a mesma expressão questionadora que meu primo.

— Eu disse isso em voz alta?

— Deve ser o efeito da toxina em seu corpo — Respondeu Odon, balançando o ombro.

— Ou da humana — Objetou GuOr, fazendo-me olhar furiosamente para ele.

Iríamos entrar em uma nova e desnecessária discussão, em frente ao quarto da humana, como se algo mais forte não exigisse a

minha total atenção.

Aquele cheiro.

— Humana? — Escuto a voz de Aaron vinda de dentro.

Talvez ainda exista algum vestígio da toxina agindo em mim, mas mesmo antes dela, essa mesma energia parecia me empurrar em direção a ela.

Aaron diz algo sobre mim à terráquea e como ela deve se portar, curvando-se ao rei.

Dou alguns passos. A parede feita pelo corpo dos soldados é desfeita e o caminho é aberto para que eu entre.

Os meus olhos vão direto para a humana, e quando cruzamos nossos olhares, é como se eu tivesse levado um duro e inesperado golpe de hark.

— Curve-se a ele. — Aaron exige.

Somente quando a atenção dela se fixa em meu peito, noto que ainda estou com o peito nu. E que minha estrutura física e todos os detalhes em meu corpo, que a falta de roupa não pode esconder, impressiona a humana ou a assusta. É difícil dizer o que causa mais medo a ela, estar em um planeta que ela nunca imaginou que pudesse existir ou ficar diante de uma criatura como eu.

— Curve-se ao rei!

A ordem de meu chefe da guarda é clara: obedeça ou receba represálias. Não acho que haja necessidade de Aaron ser tão duro com a “nossa visitante”, mas seu desprezo pelos humanos fala mais alto do que uma conduta política amigável.

Apesar da postura rígida me incitar a exigir que ele relaxe um pouco, toda a minha atenção está na fêmea de expressão assustada à minha frente.

Em como seus olhos piscam graciosamente, tentando manter a umidade que os deixa mais brilhantes, e na ponta da língua vermelha que ela passa nos generosos e bonitos lábios.

Seus pequenos pés deslizam em minha direção. Respiro fundo e sinto o perfume que tanto me atrai ficar cada vez mais forte.

Chegue mais perto! Ordeno com o meu olhar.

Mais!

Tenho apenas que erguer os meus dedos para sentir se sua pele é tão macia como os meus olhos me dizem.

— Minhr — Sussurro, sem conseguir desviar um único segundo a minha atenção do rosto intrigante.

Então, tudo acontece muito rápido. Com um movimento ágil demais para uma criatura frágil e do tamanho dela, a humana gira em volta do meu corpo, desvia de ter um contato direto com GuOr e Odon e sai em disparada do quarto.

— Detenham-na! — Aaron profere raivosamente.

Antes que o primeiro homem possa se manifestar, coloco-me na frente dele, tomando sua arma paralisante.

— Eu cuido dela.

O meu olhar determinado deixa claro o suficiente aos homens que se derem um passo em direção à humana eles sofrerão duros castigos.

— Majestade... — GuOr tenta se manifestar, mas o afasto com um empurrão do meu braço.

— Eu cuido dela — Volto a repetir como se isso fosse resposta suficiente para todos os seus questionamentos e preocupações.

Antes que alguém profira algo mais para me irritar, coloco as coordenadas em meu pulso e me teletransporto para fora do quarto.

A fugitiva não irá muito longe. É preciso ter os códigos de acesso para abrir e fechar as portas para qualquer ambiente que se deseje passar, além disso, para quem não conhece esta torre, ela poderia se tornar um confuso labirinto com entradas e saídas que parecem iguais.

Eu levaria cinco... sete... nove segundos para encontrá-la.

— Peguei você — Sussurro ao mesmo tempo que a pego e envolvo seu corpo com os meus braços, tirando-a do chão.

Não gosto do brilho aterrorizado que vejo em seus olhos, mas isso não tem tanta importância para mim comparado a me dar conta de que, apesar de ter o dobro do tamanho dela e, inegavelmente, mais músculos, a forma como o corpo delicado se encaixa perfeitamente ao meu não é possível de ser ignorada.

Completamente impossível!

Capítulo 5



Enquanto eu corro desesperada pelo longo e estranho corredor, sem portas e janelas visíveis, de alguma maneira, internamente, eu sei que minha fuga não dará em nada, mas eu preciso fazer isso.

O suor escorrendo frio por meu rosto e costas avisa-me que preciso encontrar uma saída. Uma forma segura de escapar deste lugar fantástico e maluco, antes que eu seja arremessada em um caldeirão com óleo quente.

Então, continuo a correr e bater nas paredes duras. Estremeço, sinto as lágrimas encherem meus olhos, e o desespero torna-se cada vez mais forte. Sinto o gosto da morte amargando a minha boca.

Não importa para onde eu corra, parece que sempre estou no mesmo lugar. Talvez sejam os vidros cristalizados que me dão essa sensação nauseante de labirinto.

Eu continuo correndo.

Só que os segundos de fuga – não creio que tenha avançado mais do que isso – não me levam a nada. Em cada canto da parede

de cristal que eu toco não surgem alavancas ou maçanetas escondidas que deem acesso a uma porta ou saída secreta. Acho que pareço com um ratinho de laboratório correndo assustado para lugar nenhum.

— Abre! Abre, por favor... — Bato com força os meus punhos cerrados contra o vidro até sentir os meus dedos doloridos e dormentes. — Abre, seu filho da p...

O meu descontrole é interrompido antes que eu consiga concluir o xingamento contra a parede intacta. Sou erguida tão rápido que nem percebo os meus pés serem tirados do chão.

Como ele tinha surgido ali?

É meio estúpido que eu ainda faça perguntas como essa. Estou em outro planeta, fui sequestrada por alienígenas sexies – bom, eu também não sou cega para ignorar isso — então, como eles surgem e desaparecem realmente não deveria ter importância.

Vamos tentar ter pensamentos um pouquinho mais racionais. Tem um alienígena fazendo-me sua prisioneira; contra a minha vontade, devo destacar, e neste exato momento, mantendo-me colada em seu corpo enorme de forma bastante íntima. E em vez de estar testando meus pulmões e garganta com gritos potentes, estou simplesmente muda, hipnotizada por seus lindos olhos cor de violeta.

As auréolas prateadas parecem bem mais acentuadas do que eu havia notado antes. E o corpo dele é quente. É como se enrolar em um cobertor quentinho enquanto assistimos à lenha na lareira crepitar. Eu nunca tive uma lareira na verdade, mas se fosse imaginar o calor que ela produz, sem dúvida, essa seria a minha

melhor comparação. Ou quando Tom, meu antipático e amado gato, subia em minhas costas à noite.

— Peguei você! — A voz tem um vibrato tão potente que faz o meu corpo traidor estremecer.

Uau! Ele realmente havia me pegado.

Quer dizer, não posso ser julgada por isso, nenhuma garota no mundo com algum neurônio na cabeça sairia correndo se o *Thor*, interpretado pelo Chris Hemsworth, surgisse do nada em sua frente de peito nu. Não que meu sequestrador fosse uma cópia exata do deus de *Asgard*, mas, em questão de beleza alienígena, esse deixava o vingador no chinelo.

Não que o fato do tal *rei*, inegavelmente e de maneira incompreensível para mim, ser atraente como o pecado fosse amenizar o fato de que ele havia me sequestrado, tendo com certeza planos horripilantes para mim.

Eles poderiam ser criaturas devoradoras de cérebro humano, tipo o *Venom* que, pelo visto, só não gostava de comer galinhas. Bem, eu já fui chamada de nomes bem parecidos por alguns ex-namorados cretinos ou suas amantes.

Ok, Meredith. Esqueça por um momento os filmes de super-heróis, você está mesmo enfiada em uma grande enrascada, garota.

Jamais pensei em dizer isso, mas em comparação com toda essa loucura que estou vivendo, enfrentar a máfia japonesa, de repente, não parece um destino tão ruim assim.

— Me. Coloca... — falo cada palavra calmamente enquanto gesticulo, apontando para baixo. — No. Chão!

A criatura não move um único das centenas de músculos bem trabalhados que tem, nem mesmo parece respirar. Eu volto a repetir como se me comunicasse com um bebezinho de meses de vida.

— Ei? Consegue entender o que eu digo? Pedi para me soltar!

Grande, Meredith. Falar em tom mais alto e irritado com toda a certeza fará esse alienígena gigante, com cara de malvado, realmente sair correndo como um cachorrinho.

— Entendo o que você fala. — A voz outra vez surge como um relâmpago no céu, fazendo cada pelo em meus braços arrepiar. — Apenas não posso fazer o que me pede.

Recordo que o seu capataz – bem, eu não sei exatamente como devo chamar o outro alienígena com cara de invocado – disse que a pulseira que eles usam permite que falem todas as línguas existentes no mundo.

— Você não pode ou não quer?

Certo. Eu posso ter uma quedinha por essa versão quente de deus do espaço, mas nem que ele me coma viva e use os meus ossos para palitar os seus dentes ousarei admitir isso. A minha cota de homens terráqueos, bonitos e cretinos já havia esgotado e não tenho intenção alguma de abrir vagas para espécies de outros planetas. Depois de Jerry, o meu noivo pilantra, eu havia jurado a mim mesma entrar para um convento ou alguma seita religiosa que odiasse os homens. Bem, isso se eu sobrevivesse à cadeia e à gangue de Kazuo Kai.

— Vocês cometeram um erro. Não sei o que estão procurando exatamente, mas com certeza não sou eu. Juro que se me deixarem ir embora não conto a ninguém.

Até porque, entre uma cela de prisão ou uma camisa de força num hospício não sei qual pode ser pior. Mesmo que não houvesse uma explicação lógica para a minha fuga, ninguém jamais acreditaria que passei esse tempo todo presa em um outro planeta.

— Olha, eu nem sou uma das pessoas mais inteligentes da Terra.

Procuro me mexer, encontrar alguma forma de escapar de suas garras de aço, mas é como se tentasse tirar um vagão de trem de cima de mim.

— Eu nem mesmo cheguei a ir para a faculdade. Poderiam procurar...

Einstein, Newton, Marie Curie?

Infelizmente todas essas brilhantes pessoas com cérebros incríveis já haviam morrido. O mais próximo de uma pessoa inteligente, que tenha passado pela minha vida, é a minha melhor amiga, Nicole, que pelo menos tinha encontrado um homem decente e amoroso para entregar o coração sensível.

— O meu cérebro deve ter gosto de pizza fria. Sabe, borrachuda? Eu acho que você gostaria mais de alguém como a... Rihanna, talvez?

Afinal, qualquer pessoa ou alienígena no mundo amaria a Rihanna. Quem não ama a Rihanna?

Preciso explicar algo sobre mim. Quando eu fico nervosa, com medo ou acuada, uso o humor como mecanismo de defesa. O que não dá certo nem com os humanos, que dirá com uma criatura assustadora de outro mundo.

— Não vamos comer o seu cérebro. — A expressão enojada quase me faria rir se por dentro eu não estivesse em pânico.

Deveria ser um alívio ouvir isso, mas não é. Há diversas experiências estranhas, inclusive dolorosas, que eles podem tentar comigo.

— O q-que... O que exatamente pretendem fazer comigo?

A minha mãe, nos primeiros sintomas de sua doença, se recusava a ir ao médico. Ela dizia que tinha pavor de ir ao hospital e sair de lá descobrindo algo grave.

“Se você não sabe, Meredith, então, não existe.”

Eu era pequena demais para entender essa lógica dela, mas agora percebo o porquê de ela tentar se enganar. Enquanto não fosse dado um veredito, creio que ela sentia que teria mais tempo de vida, e comigo.

É um pouco o que sinto ao aguardar a resposta do meu sequestrador. Apesar de precisar saber, não sei se eu quero.

— Você é a escolhida.

— Pode me dizer algo novo? — Questiono, revirando os meus olhos. — Porque o grandão ali atrás já me disse isso.

Ele responde, mas não exatamente para mim. Diz alguma coisa em sua língua alienígena ao carrasco que me trouxe até aqui. E a breve discussão entre eles me dá a certeza do que eu já avaliava: o alienígena encarando-me com fúria, nos braços do seu rei, definitivamente não gosta de mim.

— Você vai nos dar o herdeiro de Stravera. O primeiro bebê depois do grande vírus.

Hum?

Alguém me estapeia, porque eu fui acertada com força na cabeça.

Emito um grito assustado e tão potente que todos eles levam as mãos gigantes às laterais da cabeça e o alienígena que me segura solta apenas um gemido alto.

— Eu vou o quê?

Eu sou a única pessoa racional entre – um, dois, três... – seis seres malucos, que está atordoada com essa hipótese absurda?

— Senhorita Cooper? — Um alienígena de traços mais suaves e, arrisco-me a dizer, um brilho amigável no olhar violeta, se aproxima de mim. — É assim que se tratam na Terra, certo?

Depende muito de onde se está, mas não estou aqui para dar aulas de etiqueta.

— O nosso planeta, há cerca de trezentos anos, sofreu um ataque...

O que ele tem a me dizer é interrompido quando o alienígena detestável inicia uma discussão que eu apenas vejo ficar cada vez mais acalorada.

— Desculpe pelo meu irmão. Ele não é muito favorável a usarmos as humanas para reproduzir a nova geração de strovenos.

Ok. Nisso eu posso concordar com o irritadinho.

— Devo concordar que ele está completamente certo. Então...

Volto a minha atenção para o que eles chamam de rei, e só agora percebo que ele está farejando o meu cabelo.

Inferno!

Ele está realmente farejando o meu cabelo como aqueles cachorros fazem com a cadela no cio. Primeiro, eu sinto as minhas bochechas queimarem e agradeço a toda melanina em minha pele que não deixa isso se tornar evidente. Pior do que mocinhas em

apuros são mocinhas que ficam enrubescendo o tempo todo por homens que demonstram interesse nelas.

E eles nem são homens, Meredith!

— Eu acho que concordo com o grandão ali. Definitivamente, as humanas não são uma boa escolha para trazer pequenos monstrinhos... quer dizer — Engulo em seco ao ter seis pares de olhos puxados, lindos e raivosos, focados em mim —, bebezinhos fofinhos com traços felinos a esse interessante planeta. Há um erro aqui que pode ser corrigido.

— Os estudos foram bem claros. — O alienígena simpático, com jeito de nerd, volta a falar comigo. — Nossas combinações genéticas são compatíveis. Se não reproduzirmos logo, estaremos extintos.

Putá que pariu!

Pior do que ser sequestrada por um E.T., era ter um acreditando que você seria uma perfeita barriga de aluguel.

— Escuta, senhor...

— Odon. — Não chega a ser exatamente um sorriso que ele me dá, mas reconheço que tenha tentado.

— Sr. Odon.... Todos vocês, aliás. Tenho certeza de que há no mundo...

— Nas galáxias. — Ele me corrige.

— Há mais de uma?

— Ela tem razão em dizer que não é a mais inteligente. — Claramente o carrancudo não perderia a oportunidade em me provocar.

O que me faz lançar a ele um olhar raivoso e cheio de desprezo. Há algo mais que temos em comum: também não gosto

dele.

O alienígena que ainda me mantém em seus braços também não fica feliz com a provocação e literalmente ruge para o seu subordinado.

Toda a minha atenção volta para ele.

Estaria me defendendo? E por quê?

Claro, eu sou o seu brinquedinho de experiências.

— Buscamos em todas as galáxias mais próximas. Qualquer outra tentativa seria frustrada ou criaria uma espécie que nenhum de nós desejaria ter. — O cientista, acho que é isso que ele é, segue com as explicações. — As Alquys ou as humanas são a maior chance que temos.

— Essas Alquys são garotas de outro planeta, certo?

Ele assente com um leve movimento de cabeça.

— O planeta Alquny é um dos oito planetas da aliança de ZeTerna. Apesar de vivermos em uma política de paz, as Alquys são guerreiras que não se curvam a ninguém — Continua ele. — Qualquer tentativa de união entre os nossos povos significaria a nossa redenção a elas. O que nunca faremos, e isso iniciaria uma guerra sangrenta.

Com essa informação, eu descubro dois pontos importantes: primeiro, eu gosto dessas guerreiras Alquys, e o segundo, é que espécies masculinas metidas a machões são irritantes em quaisquer planetas.

— Então, vocês preferem a extinção a tentar um acordo pacífico com essas bravas guerreiras?

— Extinção? — O alienígena que declaradamente não me suporta dá dois largos e rápidos passos até mim. — Não.

Automaticamente, e tremulamente assustada, agarro-me ao meu momentâneo protetor.

A conversa estava pacífica demais para o meu gosto.

— Nós temos vocês. — A fúria em seus olhos me faz encolher como uma coelhinha assustada. — Insignificantes e desprezíveis humanas.

— Aaron... — Sibila o meu protetor, e eu posso ouvir os seus dentes rangerem. — Fica. Longe. Dela.

— Você não tem escolha, humana. — Ignorando o aviso de seu chefe, vejo-o retirar o bastão de um compartimento em sua roupa, fazendo-o crescer e a luz azul ofuscante surgir. — É a prometida de Eiyrus e...

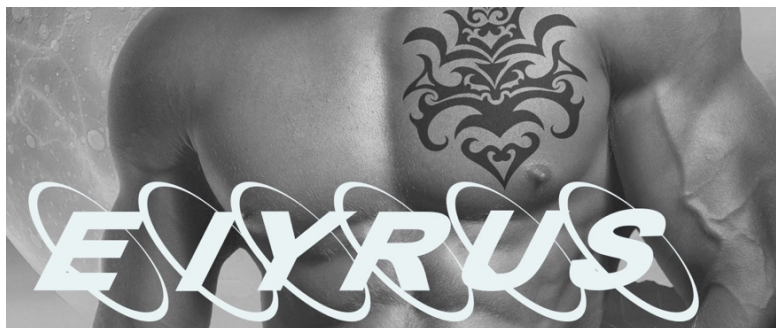
Todo restante acontece muito rápido. Sinto-me ser cuidadosamente acomodada no colo do rei, mas antes que eu consiga entender como ele irá reagir, a claridade excessiva em meus olhos rouba toda a minha visão, e no segundo seguinte começo a perder a minha consciência.

Sei de duas coisas importantes e terríveis.

Fui abduzida por extraterrestres absurdamente atraentes e assustadores. E em vez de me matarem, eles desejam ter esquisitos bebezinhos alienígenas comigo.

Putá merda!

Capítulo 6



Assim que coloco a humana desacordada nos braços de um guarda, avanço furiosamente contra o meu primo. Eu teria matado Aaron com minhas próprias mãos, se GuOr e Odon não tivessem me impedido.

Tudo corria sob controle. Acredito que a jovem em meus braços estava apenas assustada enquanto Odon contornava a situação, mas o sangue quente straveno e a mente teimosa de Aaron fizeram tudo ruir.

Eu disse para ele não tocar nela.

Não há nenhuma explicação plausível para, de repente, me sentir tão protetor em relação à humana, mas cada contato, cada minuto que passo ao lado dela faz essa sensação inexplicável ficar mais forte.

Ela é minha!

A minha experiência, quero dizer, o futuro de Stravena depende dessa criatura frágil, intrigante e que cada vez mais desperta sentimentos que eu nem sabia existirem.

— Majestade. — Um guarda faz sua referência e abre caminho para que eu entre.

— Onde ele está?

Mandar o meu Comandante do Exército e Chefe da Guarda Real para a prisão não foi uma decisão fácil de tomar, e se eu for sincero comigo mesmo, deixei-me levar pela fúria. Mas Aaron precisa aprender a domar seus sentimentos e, principalmente, a desconfiança em relação aos humanos.

— Por aqui, senhor.

Sou guiado pelo longo corredor frio e de iluminação fraca. Há muitas celas, mas todas pelas quais passamos encontram-se vazias. Raríssimas vezes, em milênios, a prisão de Stravera havia sido usada por um dos nossos. Normalmente trazemos aqui invasores ou inimigos de guerras que tenhamos vencido em combate. Depois do vírus, temos vivido em relativa paz, tendo apenas os harks, vez ou outra, tentando invadir nossas fronteiras.

— Aaron?

Em uma cela quadrada, protegida por grades feitas de luzes de energia, parecida mais como uma gaiola, encontra-se meu primo. Ele ergue a cabeça ao ouvir o meu chamado, mas não se levanta da cama para realizar sua reverência.

— Deixe-nos sozinhos — Peço ao guarda, que rapidamente atende ao meu pedido.

Apesar de Aaron ser meu primo, ele não tem qualquer tipo de privilégio. Chegou ao mais alto cargo real por seus esforços, talento como soldado e estrategista, e seus próprios méritos. Então, se não há vantagens para benefícios, também não existe para castigos quando necessário.

— Sabe por que está aqui, não?

— Por ser o único sincero e inteligente no reino?

— Aaron.

Não desejo iniciar uma nova e desnecessária briga com ele.

— Você não consegue enxergar, Eiyrus? — Desta vez a fúria fervendo dentro dele o faz saltar da cama e parar a centímetros da grade, enfrentando-me com o olhar cheio de raiva. — Esses humanos serão a nossa destruição. Muito pior do que os hark. E você quer nos misturar a eles.

— Não se trata do que acredita, Aaron, trata-se da sua fidelidade a Stravera, ao seu rei e ao seu povo — Aponto pacientemente, enquanto as minhas palavras são absorvidas por ele. — Ainda posso confiar em você?

Vejo-o se afastar. Ele ruge, andando de um lado a outro da cela minúscula. Há uma guerra gigante dentro dele, travada pelo que acredita e pelo juramento que fez ainda menino.

— Eu nunca trairia Stravera e nem ao meu rei — Ele decreta com ar cansado. — Não importa o quão errado acredito que esteja. Que todos estejam.

O problema é que muitos no reino pensam como Aaron, e não quero que ele seja visto como um mártir a ser seguido.

— Tudo o que menos precisamos no momento é do nosso povo dividido. Você sabe o que isso pode causar.

Ele me encara com atenção, pelo menos sobre isso está de acordo comigo.

— Você... — Seus dedos abrem e fecham, e ele pressiona o punho fechado contra as coxas. — Acredita mesmo que isso possa dar certo? Você tem total certeza sobre isso, Eiyrus?

— Precisamos tentar.

— Então... faremos as experiências com elas, depois, vamos nos livrar de seus corpos fracos e inúteis como se nunca tivessem existido?

Aaron me estuda atentamente. O meu corpo está rijo, pacífico, mas por dentro estou em fúria.

Eu já não tenho certeza de que destino dar à humana. Talvez tudo isso seja passageiro e eu esteja apenas curioso sobre ela.

— Por que a repentina fixação nisso?

— Porque eu mesmo quero dar cabo dela quando tudo isso acabar.

Então, ele teria que passar por cima de mim. Mas esse não é um problema com o qual posso gastar energia agora. Neste momento, Odon está preparando a humana na sala do laboratório, criada especialmente para que ela possa receber a minha semente e a gestação ser acompanhada com todo cuidado. Antes que o dia vire noite, o futuro herdeiro e primeiro straveno da nova geração poderá estar a caminho.

— Conversaremos novamente sobre isso no futuro. Agora, preciso que você...

— Senhor? — Um guarda afobado surge diante de nós — Enviaram-me para informar que o experimento C001 escapou.

— Fugiu? Como, pelas mil estrelas, ela conseguiu fazer isso? — Inquiro, raivoso.

— Arg... — Seu olhar apavorado vagueia entre mim e Aaron, que também o encara com olhar assassino. — A C001 enganou um dos guardas e atacou o outro, senhor.

— Enganou os guardas? — Questiona Aaron, avançando para cima da grade, mostrando-se tão estarrecido como me encontro. — Ela... aquela criaturinha enganou dois dos meus homens mais bem treinados?

— Eles não perceberam imediatamente a mentira, e aqueles olhos... eles... bom... como ela poderia significar algum risco? — Diz o soldado, visivelmente envergonhado. — Então, bom...

— Porque ela é humana, seu imbecil! — Destaca Aaron, evidenciando o que sempre esteve apontando. — Viu? Era sobre isso que estava falando, Eiyus. Humanos são as criaturas mais mentirosas, ardilosas e indignas de confiança.

Em parte, Aaron tem razão, e nós sabíamos dos riscos em nos envolver com terráqueos. Mas se deixarmos de lado por um momento nossos interesses nessa missão, não podemos julgar duramente a humana. Qualquer um de nós, que fosse sequestrado e mantido preso em algum planeta vizinho, faria o impossível para voltar para casa. Ele não podia esperar que ela não fosse lutar.

Apesar de todo transtorno causado – se a fuga cair nos ouvidos dos mais acalorados e que têm a mesma linha de raciocínio de Aaron, isso será motivo de resistência – é preciso admitir que a garota tem coragem.

— Temos que achá-la imediatamente. — Decreto ao guarda. — Reúna todos os guardas disponíveis e patrulhe cada centímetro da torre. Nada deve passar despercebido, entendeu?

Nós vamos encontrá-la, e tem de ser antes que ela caia em mãos erradas.

— Custe o que custar, passem por cima de quem precisar passar, mas a humana deve ser trazida a mim. Ela me pertence.

— Eu posso ajudar — Afirma Aaron.

Ainda estou bastante zangado com ele, mas tenho que reconhecer que sua ajuda e experiência vão tornar essa busca muito mais rápida. Aaron sabe guiar os seus guerreiros melhor do que ninguém, e se não tivesse sido trancafiado nessa cela por algumas horas, possivelmente a humana causadora de confusão não teria conseguido fugir.

— Libertem-no — Ordeno ao guarda ao meu lado.

Ao meu comando, as grades de energia são desligadas, e Aaron deixa a sua cela com seu porte altivo restabelecido. O soldado está pronto para a guerra.

— Aaron? Se tentar tocar num único pelo da humana novamente...

— Cabelos. Eles chamam de cabelos.

— Que seja.

Enfrentamo-nos pelo olhar. É uma guerra vencida para Aaron, mesmo antes de pensar em enfrentá-la. E não apenas por eu ser o rei, seus princípios são maiores que ele.

— Eu já entendi. — Ele coloca a mão em meu ombro. — A C001 passou de sua prometida para protegida.

Era isso que a humana significava para mim? A minha protegida?

Não há tempo de pensar nisso agora. Até o momento, ela esteve segura dentro das densas paredes de cristais da torre científica. A cidade, se conseguisse cair nela, a deixaria desorientada, mas se fosse para a mata, principalmente em direção à Floresta Negra, todos os tipos de perigos a testarão. Ela não terá

nenhuma chance com um notur, por exemplo, até mesmo o mais jovem deles a estraçalhará com um único golpe.

Já faz alguns longos e angustiantes minutos que vi Aaron reunido de seus homens, dando as coordenadas de caça à humana, e se espalhando à procura dela.

— Sabemos que do prédio ela não saiu. — GuOr se junta a mim para olhar as centenas de telas que mostram em tempo real cada movimento nos corredores da torre e na maioria das salas.

— Ainda não consigo entender o que aconteceu. — Odon se junta a nós. — Saí por alguns segundos e quando retornei, encontrei um guarda desmaiado e completamente perdido com o desaparecimento da C001.

— Odeio ter que admitir isso, mas Aaron estava correto em suas desconfianças — Destaca GuOr, deixando perceptível o desprezo na voz. — Humanos são ardilosos.

— Ok, isso nos causa um pequeno problema e um atraso na missão, mas vamos lá. — Odon cruza os braços e o máximo de algo parecido com um sorriso surge em seus lábios — A C001 é corajosa. Qualquer um de nós no lugar dela teria tentado o mesmo.

Odon é um tipo que sempre vai ver o lado positivo em tudo. Acredito que, por ser um cientista, pensa que pode mudar o universo. Ele até mesmo estuda uma forma de conseguir tirar toda a escuridão existente nos hark, porque todo ser tem o direito de encontrar a luz. Mas em todas as centenas de anos pesquisando

isso, não havia descoberto nada. Os harks eram a própria escuridão em forma de criaturas maléficas.

— E disse aquele que ainda acredita que dybon existem — provoca GuOr com humor, embora sua expressão seja a mesma séria de sempre.

Dybon são criaturas travessas de trinta centímetros, três olhos, narizes pontudos, braços curtos, com mãos apenas de dois dedos e corpos rechonchudos, que nossas mães diziam virem no dia anterior ao nosso aniversário, nos presentear com noventa e nove anos de sorte e felicidade e um de azar. Na verdade, é só uma lenda, visto que nenhuma criança ou adulto chegou a ver um dybon.

— Você deveria acreditar em alguma coisa, GuOr, que não seja no seu...

— Majestade?

O chamado me faz ignorar a infantil discussão dos dois e encarar um dos guardas monitorando as imagens.

— O comandante Aaron encontrou a C001.

Ele aponta uma das telas, onde posso ver Aaron carregando, presa em seus braços, a humana que se debate.

Duas coisas importantes a se observar. Ele não havia usado o cetro novamente para contê-la, e eu não gosto nem um pouco da forma que Aaron a segura. Seus grandes e desnecessários dedos de uma mão em volta da cintura dela, e os da outra mantendo o rosto da minha terráquea contra o peito dele.

Em segundos, teletransporto-me para onde eles estão.

— Deixe-a comigo — Exijo de Aaron, arrancando-a dos braços dele.

— Senhor...

— Sua missão está acabada, Aaron — Afirmo e viro em direção a um dos guardas. — Você. Retire a sua pulseira.

Confuso, assim como a maioria que me encara, o guarda faz o que peço, vindo até mim.

A humana, assim como fez com Aaron, se debate, tentando escapar de mim. Ela não tem a mínima chance, somos maiores e mais fortes.

Ordeno que o guarda ajuste o bracelete no pulso da humana. Aaron dá alguns passos em minha direção, mas antes que ele possa proferir algo, transporto-me, levando-a comigo. O esperado era que eu fosse diretamente para o laboratório de Odon, mas quando dou por mim estamos em meu quarto no palácio.

Atordado pela minha reação irracional, deposito-a no chão, colocando um pouco de distância entre nós dois.

— Onde estamos? — Ela indaga, os olhos arregalados, dando passos curtos para longe de mim.

— O que você pensa que está fazendo? — Rujo, e com dois passos decididos avanço sobre ela até suas costas baterem contra a parede.

— Eu... eu... — Sua voz treme.

Seus olhos tremulam. Todo o corpo dela vibra junto ao meu. Ela respira fundo, e quando solta o ar, o aroma exótico que enebria minha cabeça rouba um pouco das minhas forças.

Quem é ela e que poder é esse que tem sobre mim?

Será que Aaron está mesmo certo e essas humanas podem se tornar mais perigosas que os habitantes de Hark?

— Sabia que poderia ter se matado, C001? — Pressiono mais o meu corpo contra o dela, e para tentar controlar as minhas mãos,

as espalmo na parede, uma de cada lado de seu rosto. — Poderiam ter matado você, se caísse em mãos erradas.

— O q-que... o que pretende fazer comigo? — Sua mão trêmula toca o meu peito, e isso me faz entrar em erupção.

Eu não estou apenas zangado com a humana. Estou furioso comigo mesmo, porque em vez de pensar no castigo que ela merece, só consigo me concentrar em como o cheiro dela e essa energia que há entre nós me faz desejá-la como um inferno.

— O que vou fazer, C001? — Murmuro, aproximando os nossos rostos ainda mais.

Não o suficiente. É o que todo o meu ser avisa em protesto.

Então, sigo o que o meu instinto me diz. Agarro firme a sua cintura, ergo o seu corpo delicado do chão, comprimo o meu corpo firmemente contra o dela e, em seguida, colo os lábios nos seus.

Pressiono minha boca contra a sua com mais força, obrigando seus lábios carnudos a se abrirem para mim. A língua dela é macia e úmida em comparação com a minha, que é mais longa e áspera. Um som, como se fosse um gemido, escapa de sua garganta, dança em minha boca e faz um ruído parecido retumbar de mim.

Os movimentos entre nossas bocas começam lentos, como se estivéssemos buscando descobrir um ao outro e, de repente, ficam urgentes, tomando todo nosso ar.

Pelas mil estrelas!

Isso é mais quente que os dias mais calorosos em Gofi.

— Que raios estou fazendo? — Sussurro sem desgrudar a minha boca da sua.

— Hum... beijando? — Sua expressão entorpecida lembra a de alguém que tenha caído em uma cratera tóxica.

Os pelos em volta dos olhos se movem quando os abre e fecha repetidamente. A cada pequeno sinal que observo na humana, mais eles me atraem para ela.

— Vocês não fazem isso aqui?

— Não — Respondo, buscando trazer clareza à minha mente confusa.

— Vocês não beijam?

Nem mesmo quando ainda existiam as fêmeas. A nossa forma de demonstrar carinho e afeto vem de outra maneira.

— Nunca havia nem mesmo tentado fazer isso — Confesso.

— Uau. — Um tinido musical escapa de sua boca, e ela me encara, espantada. — Eu sou seu primeiro beijo?

— Qual a surpresa, C001? — Passo a ponta dos dedos nos lábios carnudos que estão abertos, mantendo um sorriso largo. — Nós somos diferentes, lembra?

— Não em tudo, e... — Ela se remexe contra o meu corpo, as duas montanhas macias que tem em seu peito ficam ainda mais pressionadas contra o meu, e isso me faz ferver um pouco mais. — Também foi o meu primeiro beijo. Quero dizer, em um alienígena. Por ser a primeira vez, foi um beijo “uau”.

Beijo. Gosto dessa palavra que os humanos usam para descrever o que fazemos. Parece pequena e suave como ela, e, ao mesmo tempo, tem uma entonação forte.

— Gosto de beijar você, C001.

— Oh, meu Deus. Deve ter alguma coisa no ar desse planeta que me deixa ainda mais maluca do que eu já sou — Ela afirma, mordendo o canto do lábio. — Gosto que me beije também, alienígena.

A afirmação faz com que eu queira mover as minhas mãos formigantes por todo o seu corpo tentador. O que acabo fazendo, sem nenhum prévio convite. E minha curiosidade, através de carícias em todo seu corpo, provoca os mesmos ruídos nela de quando estava beijando-a.

Voltamos a isso. Ao beijo. Ainda mais intenso e fumegante do que da primeira vez.

Eu não preciso de ar, posso ficar até horas sem colocar oxigênio dentro de mim, mas a humana, perdendo as forças em meus braços, precisa. Os terráqueos fisicamente são mais frágeis e menos resistentes que nós.

— Isso é um erro. — Deixo seus pés voltarem a tocar o chão e me afasto da tentação que ela representa. — Não deveria ter acontecido.

Vejo seu rosto, que antes estava sonhador, ganhar uma expressão infeliz. Logo em seguida há um brilho de fúria nos olhos.

— Nisso nós concordamos, alienígena. Nada disso deveria ter acontecido. — Eu não estou nem um pouco intimidado por suas mãos pequenas fechadas em punho, enquanto caminha determinada até mim. — Eu não deveria ter sido abduzida para esse planeta estranho...

— Stravera não é...

— Eu não deveria ser mantida aqui contra a minha vontade. — As mãos cerradas vêm duramente contra o meu peito, batendo o mais forte que ela acha conseguir. — E não vou ter as criaturinhas que vocês tanto desejam. Levem-me de volta à Terra.

Sua determinação em me vencer pela força não surte efeito algum. Ela é como um orqui zunindo no ouvido, um tipo de inseto

encontrado no rio Gofi e que ao nos picar causa uma incômoda coceira na pele.

— Pare com isso — Aviso quando uma nova chuva de ataques vem em meu peito. — Escuta, não quero machucar você.

Com um movimento rápido, desvio do ataque de suas unhas em meu rosto e seguro suas mãos com apenas uma minha.

— Deixe-me ir embora. — Os lábios que há instantes me causavam tanto prazer tremem, e seu rosto está banhado pelo líquido escorrendo dos seus olhos. — Eu juro que jamais vou contar nada a ninguém. Nunca falarei sobre o seu planeta ou vocês. Será como se nada disso tivesse acontecido.

Se eu fosse me deixar levar apenas pela razão, o melhor a fazer era atender o pedido dela. Não precisamos do seu juramento, bastava usar de nossa tecnologia para apagar sua memória, o máximo que ela teria nos momentos seguintes, ao acordar, seria a sensação de que teve um sonho confuso. Seria mais fácil deixá-la ir e buscar uma terráquea que fosse mais fácil de dominar.

Mas a última coisa que eu consigo fazer, sempre que essa humana está por perto, é pensar com racionalidade e frieza.

Não depois desse beijo. Não depois de provar um pouco de tudo o que ela é capaz de dar e ainda desejar loucamente por mais.

— Eu não posso — Murmuro, fixando o meu olhar no seu.

— Por favor... — O pedido vibra fracamente.

Eu simplesmente não posso renunciar a ela.

Neste momento ou no futuro.

— Sinto muito — Aviso, e antes que ela tenha chance de reagir, uso a luz que a faz ficar inconsciente rapidamente.

Eu reivindiquei a humana, e agora ela é minha.

Capítulo 7



Desperto em uma sala que parece uma mistura de laboratório com um ambiente hospitalar. Tem computadores modernos, acho que algum tipo de telescópio, ou seja lá o que for que cientistas usam para observar coisas. Uma mesa retangular, cadeiras e mais equipamentos que eu não faço ideia do que sejam.

Todas as paredes são feitas de um vidro transparente. Avisto um guarda parado no que acredito ser uma porta camuflada e outro caminhando de um lado a outro, no que consigo avistar do corredor.

Depois dessa rápida observação para entender onde fui trazida, concentro a atenção em mim. Estou deitada em uma cama como a anterior, só que mais estreita, semelhante a uma maca. Também há em volta de mim uma fina camada de luz. Em volta dos tornozelos e pulsos, algemas feitas de um fio de energia, elas se iluminam aos meus movimentos, e apesar de aparentarem serem frágeis, não cedem um milímetro quando, com toda força, tento me libertar delas.

— Vejo que já despertou. — A voz que começo a reconhecer é a do cientista alienígena surtado, que estava tentando explicar seu plano insano de repovoamento do seu planeta. — Como vai, C001?

Como ele surgiu do nada?, indago-me, sentindo o coração disparado, e ao fechar os meus olhos por alguns segundos, lembro que eles têm essa magia *Harry Potter*.

— Em pânico, pensando na melhor maneira de fugir daqui — Respondo agressivamente e com mau humor.

O pequeno surto, no entanto, parece divertir o meu cientista maluco. Ele não exhibe exatamente um sorriso. É como se eles não soubessem exatamente como fazer isso, embora o grandão ao meu lado tentasse.

— Gosto da sua honestidade, Meredith. — Avisa ele, agora com ar bastante circunspecto, e coloca um banquinho ao meu lado — Aaron afirma que os humanos não são confiáveis. Mas ando estudando bastante sua espécie. Realmente há uma grande parte egoísta, mentirosa, manipuladora...

Uau. Ele tem uma longa lista para descrever depreciativamente algumas pessoas na Terra. Apesar de queimar na ponta da língua uma grande necessidade de defender o meu povo, ao pensar na grande parte de pessoas que fodeu com a minha vida ao longo dos anos, nos políticos corruptos, líderes religiosos que mais causam guerras do que trazem mensagens espirituais, assassinos, pedófilos, estupradores, aqueles que adoram dar um jeitinho nas coisas ou descumprir regras e leis, um dos grandes males da atualidade, os julgadores e canceladores da internet, infelizmente sei que todas essas pessoas ruins são reais.

— E apesar de tudo isso, quando decidem ser pessoas boas...

— Quando decidimos? — Indago, erguendo a sobrancelha em sinal de sarcasmo.

O meu planeta só continua um pouco habitável porque a grande parte de nós, apesar de não ser perfeita, tenta ser uma pessoa melhor, bom, pelo menos eu tentava.

— Escuta. Por que todos me chamam de C001 e por que aquele seu irmão com cara de alienígena assassino me trouxe até aqui, se vocês me odeiam tanto?

— Você é a nossa primeira experiência, C001, então, é a primeira. — Ele explica e me encara como se tudo fosse completamente óbvio. Talvez seja, dentro de tudo o que o homem-alien explicou, mas a minha mente está a mil por hora para conseguir assimilar tantas informações. — E eu não odeio você. Por que odiaria?

— Claro. Sou seu brinquedinho novo de laboratório.

— Não. Você é a nossa esperança. — O seu semblante me parece sincero demais e irritantemente causa um certo tipo de empatia por ele e por sua causa.

A droga é que, por ter crescido em um orfanato que muitas vezes se manteve sem grandes recursos, senti na pele como era se sentir esquecida pelo mundo e vivi a dor da desesperança. Então, qualquer, ou praticamente toda causa, mexe com o meu coração.

— E em relação ao meu irmão, Aaron não odeia você. — A minha expressão completamente debochada o diverte. — Ele odeia todas as características ligadas aos humanos que descrevi anteriormente. Assim, ele acredita que você só aguardará a oportunidade de nos atacar.

Atacar, atacar exatamente eu não faria, primeiro, porque não tenho estrutura física ou resistência para lutar com o mais fraco deles, se é que existe algum fraco. Mesmo o cientista com jeito de nerd tem mais músculo que o instrutor da academia perto da minha casa que eu nunca tive coragem de ir. Agora, sobre fazer algo que eles irão desaprovar, o irmão dele está completamente certo em sua intuição. Tentei escapar uma vez e vou seguir fazendo isso.

— Olha, eu ainda acho que as valquírias...

— Alguys. — Ele me corrige.

— Exatamente. Elas são a melhor opção. Vocês são da mesma vizinhança, certo?

Ele me encara pacientemente e não dá qualquer sinal de que minha tentativa de bancar a comediante está dando certo.

— Eu acredito que vocês possam entrar em um acordo. Fazer uma aliança, sabe? Porque, lamento informar, o seu irmão tem razão. Humanos não são confiáveis. Logo que encher todo o seu planeta com a nossa espécie, vão achar uma forma de destruí-los.

E embora todo esse meu discurso inflamado seja uma forma de fazê-lo desistir dessa ideia louca em me transformar em uma barriga de aluguel, assim como Aaron, também acredito em parte no que eu digo. E o pouco que conheci desse planeta fantástico, me faz desejar que ele não seja destruído ou vire uma nova Terra, cheio de criaturas gananciosas e egoístas.

— Como disse, ando estudando os humanos. Vocês não foram sempre assim. Há muitos fatores que levam uma grande parte a chegar aonde chegaram. — Filsofa ele ao ficar de pé — Além disso, não serão completamente humanos. O nosso gene é mais forte, sabia?

Reviro os olhos, desta vez eu que estou debochando da resposta evidente. Eles são visivelmente mais fortes, altos e tem toda essa tecnologia incrível provando que também devem ser mais inteligentes. Um pouco ingênuos, talvez, mas não de um modo ruim. Acho que teríamos muito a aprender com eles, se não quisessem transformar o gênero feminino em escravas reprodutoras de bebês.

— Tudo o que é melhor em nós vai prevalecer. As fraquezas humanas serão extinguidas e nossas crenças e filosofias serão passadas por todo o crescimento do novo povo straveno.

— Um humano mais forte e evoluído. Não sei, não, cérebro, acho que já vi isso em algum lugar. — Aviso quando ele começa a manipular seu computador ultramoderno. — Ah, já sei, nos filmes mocinhos *versus* vilão. Só quero avisar que vocês são os vilões.

Parece que o meu papo com o cientista surtado está finalizado por ele. Em pânico, vejo-o andar de um lado ao outro, fazer anotações, verificar informações nas telas dimensionais, e depois de abrir algum tipo de freezer prateado, surgir com uma longa, esquisita e aterrorizante seringa em sua mão.

— Ei... ei... — Começo a me agitar na cama. As algemas não machucam a minha pele, não importa a força que eu faço para tentar me soltar, é como se moldassem à minha pele — O que pretende fazer?

— O programa diz que está pronta, C001. Eu vou implantar a semente do nosso rei em você.

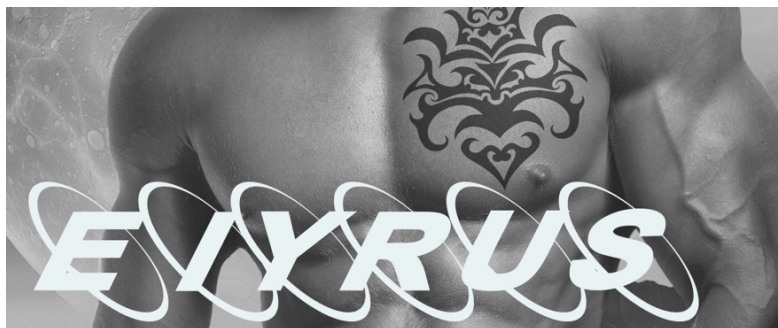
Eu não podia deixá-lo fazer isso. Primeiro, eu não me sentia pronta para ser mãe de uma criança humana, que dirá de um bebê híbrido, que provavelmente me devoraria por dentro antes mesmo de nascer.

— Por favor, não faça isso! — Pisco os olhos, tentando inutilmente segurar as lágrimas — Vamos pensar em alguma maneira que...

— Não se preocupe, C001, você não irá sentir dor.

E diante de meu olhar cada vez mais aterrorizado, ouço Odon dizer algo aos amigos, desta vez em sua língua natal, e uma fumaça começa a invadir a cúpula onde estou. Prendo a respiração o máximo que consigo, e quando os meus pulmões parecem querer estourar, com as lágrimas descendo quentes e grossas pelo meu rosto, perco a batalha, respirando fundo. Nos segundos seguintes, começo a sentir sonolência até apagar completamente.

Capítulo 8



Já se passaram vários dias e três tentativas de Odon em fazer a sua experiência surtir algum efeito, mas nada.

Não temos nada.

— Sinceramente, não entendo o que possa estar acontecendo.

— Murmura ele com ar derrotado, enquanto novamente estuda sua pesquisa no computador. — Não há falhas evidentes e tudo indica que somos completamente compatíveis.

— Então, o defeito está na humana. — Acusa Aaron, não deixa despercebida sua satisfação. — Essa veio com defeito. Vamos eliminá-la.

Embora as palavras e ações de Aaron aparentem isso, não somos assassinos frios e loucos. Sim, vamos precisar nos livrar da humana depois que o bebê for gerado, e inicialmente matá-las tenha sido nossa primeira opção, agora, já não tenho tanta certeza disso. O que nos diferenciaria dos harks, se tomarmos o que queremos e nos livrarmos delas cruelmente depois?

Não. Tem de haver outra saída.

— Ela não é infértil, irmão, foi a primeira coisa que consultei.
— Replica Odon, mexendo em sua tela — Eu só preciso entender o que está dando errado. Talvez seja psicológico, não sei.

— Psicológico? — Indago, manifestando-me pela primeira vez desde que entramos em seu laboratório.

A verdade é que venho buscando manter toda a minha atenção em Odon desde que surgimos aqui. O que não tem sido nada fácil. Mesmo de costas para a humana, desejando ignorá-la o máximo possível, apenas sentir sua energia, e principalmente seu cheiro, tão perto de mim, coloca-me em um estado de loucura desesperador.

— Os humanos nem sempre conseguem fazer a harmonia entre corpo e mente.

— Então, o que está querendo dizer é que o cérebro dela está sabotando o corpo? — Questiona GuOr, fazendo a pergunta que passa pela minha mente.

— É uma linha a ser questionada, ou... — A atenção de Odon vem para mim, e não gosto nada da forma que ele me encara. — Talvez a forma stravena de fecundar não surta efeito com as humanas.

Todos nós fomos feitos da mesma maneira: a nossa semente era implantada no óvulo de nossas fêmeas em laboratório, e depois da fecundação, o bebê era retirado, desenvolvido em uma espécie de incubadora até estar pronto e forte para ser despertado.

— Sabia que nunca daria certo. — Esbraveja Aaron.

— Não disse isso, irmão, apenas penso que...

Eu não gosto nada do rumo que essa conversa com Odon está seguindo.

— Talvez isso deva ser feito de forma natural. — Avisa ele, encolhendo os ombros. — Dos humanos.

Parya!^[6]

— Do jeito humano, humano? — Indaga GuOr, arregalando os olhos.

Estou tão surpreso quanto ele. Quando Odon surgiu, apontando que as humanas eram a escolha mais apta para nos ajudar no repovoamento de Stravera, tivemos uma vasta aula sobre eles, pontos fortes, falhos, forma que se reproduzem.

Quando não há nenhum problema físico entre uma das partes, ou nas duas, normalmente os humanos se reproduzem com contato físico. Eles precisam acasalar para criarem um ser.

— Está me dizendo que... — Respiro fundo, e essa não é uma decisão acertada, pois o cheiro da humana bate direto e forte em meus sentidos. — Que eu e a C001 devemos... fazer aquilo?

Nós não temos esse tipo de procura de prazer sexual. Mesmo quando existiam as nossas fêmeas, essa ligação sempre foi mental e espiritual. Não havia contato tão íntimo e físico.

— Que horror. — Aaron me encara com uma espécie de nojo misturado com pena.

GuOr apenas me olha com compaixão, e Odon, com desespero e silencioso pedido de desculpa.

Antes de sentir os lábios da C001 nos meus e provar da doçura e todas as sensações do que os humanos chamam de beijo, talvez eu tivesse a mesma reação que esses três. Mas esse pequeno e intenso contato com ela foi mais incrível, surpreendente e atordoante do que poderia explicar a eles. É uma experiência que cada um deles só conseguirá entender passando por ela.

O que me coloca em um grande problema. Se beijar a terráquea me causou um prazer indescritível, como seria se tivéssemos uma união total?

— Não há uma alternativa, Odon?

— Não que meus estudos apontem, Majestade.

— Parya! — GuOr e Aaron exclamam ao mesmo tempo.

Antes que me vire em direção à humana, posso sentir os pequenos movimentos dela, a mudança de respiração, a agitação que faz seu cheiro inigualável ficar mais presente. Quando me viro, deparo-me com seus bonitos olhos assustados e questionadores.

É a primeira vez que venho ao laboratório e que a vejo pessoalmente depois do beijo.

Mil vezes parya!

Desta vez não há gritos e lamentações. Ela apenas nos estuda, sua expressão e mensagens que passa pelo olhar são bastantes esclarecedores.

Ela nos odeia.

Como Odon acredita que acasalar possa ser uma opção para nós dois?

— Já está desperta, C001. — Murmura Odon com festividade e caminha até a cúpula onde ela é mantida segura. — Tome. Você precisa se hidratar.

Depois de desligar o campo magnético, Odon pega um copo da mesinha ao lado dela e coloca o canudo em frente ao seu rosto.

— Já disse que não precisa temer, C001. — Ele sussurra carinhosamente ao notar sua resistência. — Como disse antes, o planeta Alquny é o mais semelhante à Terra. Eles possuem o líquido

que mantém seu corpo hidratado, e negociamos uma boa quantidade com as Alquys.

Observo em seu corpo rígido e olhar endurecido que ela pretende recusar. Nos relatórios diários que tenho recebido de Odon, soube que alimentar e hidratar a humana tem sido difícil, principalmente nos primeiros dias. Como não há muito o que ela possa fazer estando presa, tentar fazer greve de fome é sua maior tentativa, o que não permitimos.

— Isso mesmo. — Odon respira, aliviado, e exhibe um ensaio de sorriso quando a C001 desiste de lutar e finalmente toma a bebida.

— Tem um gosto diferente. — Ela afirma, dando outro longo gole.

— Deve ser por causa das rochas no lago onde é tirado. É rico em aylina. Não se preocupe, não causará nenhum mal a você. É como a vitamina A que vocês encontram nas frutas em seu planeta.

Odon também coloca ao lado dela uma bandeja contendo flores comestíveis e frutos nossos que não causará mal a ela.

Alguns segundos atrás, o motivo de minha tortura interna estava na informação que Odon jogou sobre a minha cabeça, e neste momento, o que faz os meus dedos fecharem-se rigidamente, é assistir a forma carinhosa que meu primo cientista se dirige à humana, em como ele está inclinado sobre ela, seus rostos próximos demais enquanto ele passa os dedos pelos seus cabelos.

Está claramente nascendo um laço afetivo entre eles, é notório a qualquer um de nós que os observamos, o que me desperta uma fúria interna.

A humana é minha!

— Afaste-se, Odon!

Os quatro pares de olhos vêm em minha direção.

— Eu disse... — Dou decididos e longos passos até ele — Para. Se. Afastar.

O meu primo me encara, não fazendo a mínima ideia do que desencadeou minha reação irracional, mas faz o que peço.

— Desligue as correntes. — Ordeno, e ele rapidamente faz o que exijo.

Sentindo todos os olhares deles sobre mim, e com as mãos da terráquea fracamente tentando lutar comigo, pego-a em meu colo. É como sentir que todos os planetas estão alinhados. Os meus braços não estão mais vazios e o meu corpo, sem calor.

— Majestade, o que... — Odon inicia.

— Eiyurus. — GuOr chama a minha atenção — O que está fazendo?

Nenhum deles entende. Nem eu mesmo entendo como estou reagindo. Simplesmente estou dominado pela sensação de posse que sou incapaz de conseguir controlar.

— O que Odon indicou. — Aviso a todos com olhar firme e apenas em nossa língua — Fazendo as coisas de forma natural.

Enquanto eles parecem triplamente surpresos, noto que a pulseira tirada do guarda aquele dia continua no pulso dela, então, antes que qualquer um deles possa questionar o meu momento de insanidade, transporto a humana de volta ao meu quarto no palácio.

— O que você vai fazer? — Indaga ela ao ser colocada na imensa cama. — Leve-me de volta.

À Terra, como sempre pede, ou ao laboratório de Odon?

A resposta não importa.

— Não posso fazer isso. — A dor com que falo isso é mais intensa do que qualquer sentimento que tenha me deparado antes.
— Não consigo continuar longe.

É como se, de alguma forma, eu tivesse me conectado a ela, e a cada minuto juntos esse sentimento se aprofunda mais.

— Eiyurus — O meu nome desliza por seus lábios como se fosse um chamado angustiado por mim.

Quando sua pequena mão toca o meu peito e sua respiração fica descompassada, sei que ela sente a mesma conexão que eu.

— Você é minha, humana. — Determino, segurando o seu pequeno rosto entre as minhas mãos. — Apenas minha, entendeu?

Não é uma pergunta que espero resposta. Estou declarando um fato. A humana é minha, e nada e ninguém irá roubá-la de mim.

Um rugido escapa de minha garganta, e eu agarro os braços dela, unindo os seus pulsos acima da cabeça. Então, cubro seu corpo com o meu, acaricio seu rosto delicado com os meus dedos e lentamente vou aproximando nossas bocas. Quando nossos lábios se unem, é como se uma chuva de meteoros se chocasse nos céus. Acontece uma grande e impactante explosão na minha mente e corpo. Tudo fica ardente, e quanto mais nosso beijo se aprofunda, intensifica, mais o meu desejo por ela parece crescer.

Tenho que tocá-la, e as minhas mãos sentem incontável necessidade disso. Assim, deslizo a mão em seu rosto, descendo até o pescoço, percorro o caminho até chegar a uma das redondas esferas que ela tem no peito. Testar como é robusto e cabe perfeitamente em minha mão causa uma nova e potente sensação de prazer, que também agrada a humana, pela forma que se agarra

mais a mim, soltando gemidos que vibram em nossas bocas coladas.

O corpo dela é macio, cheio de curvas, quente ao ponto de me incendiar ainda mais.

— Eiyrus. — Ela sussurra, e rolamos juntos na cama.

Tenho-a por cima de mim agora. Sinto os seus lábios em meu queixo, pescoço, e quando ela desce em direção ao meu peito, deixando uma trilha úmida em minha roupa, não posso mais controlar o meu pau, ficando maior e inchado.

— Oh-oh. — Noto-a paralisar quando pressiono o quadril com mais força contra o dela — Isso tudo... é você?

— Tudo, ainda não. — Seguro sua mão delicada e a faço correr por meu corpo até envolver tudo o que é capaz do meu pau com seus dedos pequenos — Mas está quase lá.

Ela grita de choque, talvez eu enxergasse um pouco de medo em seus olhos também. Não quero que ela tema nada, nunca irei machucá-la. Lambo sua boca, e minhas mãos pressionam suas coxas, fazendo-a estremecer. Ela passa suas pernas em volta de mim. Voltamos a nos beijar com uma fúria apaixonada.

Movo-me embaixo dela e a vejo fechar os olhos enquanto estremece de prazer sobre mim. Essa simples amostra que temos me faz compreender por que os terráqueos gostam tanto de acasalar. Eu gosto de estar fazendo isso com a C001, não pelo experimento de Odon, mas porque a humana me faz sentir vivo como nunca estive antes.

Mexo-me novamente, nos colocando sentados.

— Eles estão errados. — Gemo, passando as mãos por suas costas. — Fazer bebês do jeito humano é muito melhor.

Estou tão concentrado nesta experiência incrível que estamos tendo, no que venho aprendendo sobre mim mesmo através dela, que levo alguns segundos para notar que ela está completamente rígida em meus braços.

— O que... o que você disse? — Ela indaga, deixando evidente o pavor em sua voz, me colocando em alerta.

— Que fazer bebês...

Eu nem chego a concluir a minha frase. A forma que ela reage, saltando do meu corpo, colocando-se longe da cama e, principalmente, de mim, avisa que eu disse algo muito errado.

— Isso não vai acontecer, grandão. Todas as tentativas do seu cientista maluco já mostraram que isso não vai dar certo. Então, esqueça.

Observo seus lábios inchados, o rosto embriagado e o corpo ainda vibrando. Não há nenhum problema em unir-se fisicamente comigo, mas ela está completamente arredia ao fato de meu fruto ganhar vida em seu ventre.

— Você gostou do que fizemos. — Acuso-a, levantando-me da cama. O sinal da minha excitação é evidente o suficiente para fazê-la virar a cabeça para o lado e cruzar os braços em sinal defensivo.

— Gostei. Posso admitir isso. Estava gostando, mas isso não significa que quero ter bebês com você.

— Por que não? Estudei os humanos. Vocês se acasalam, depois, têm os bebês.

— Nem sempre. Quer dizer, de forma normal, isso é discutido antes de tudo... — Ela me encara com inegável braveza — E nós não acasalamos. Fazemos sexo. Não somos animais.

— Não é o que parecia há pouco.

Sua boca abre e fecha como um dos animais marinhos que encontramos no rio Ovyada.

— Isso não vai rolar de novo. — Afirma ela, apontando entre nós com ar decidido. — Nós dois e nem essa história de bebês.

Dou alguns passos para junto dela, o que a faz recuar até a parede, que a impede de continuar fugindo.

Quando ficamos frente a frente, consigo sentir a energia ainda vibrando por nós dois.

— Você acha? — Sussurro e me inclino sobre ela até que nossos rostos fiquem bem próximos.

Toco seus lábios com as pontas dos meus dedos e vitoriosamente vejo-a estremecer a esse carinho.

— Fique longe de mim, alienígena.

Não é o que ela realmente quer e nem é um pedido que eu possa atender, mas por ora a deixarei em paz, para assimilar o terremoto que tirou nossos pés do chão. Eu também preciso pensar em tudo o que aconteceu e encontrar uma maneira de fazê-la mudar de ideia, sobre nós e o meu herdeiro.

Eu tenho apenas duas certezas agora. Desejo-a com tanta força e intensidade que gera desconforto físico, e colocar minha semente dentro dela promete ser mais prazeroso e inesquecível do que qualquer um de nós poderia imaginar.

— Vou deixá-la. — Aviso, esfregando os meus lábios nos dela, mas não continuo para o beijo que ambos desejamos. — Mas eu volto.

Afinal, este é o meu quarto, e ela, a intrusa.

Essa humana está me deixando completamente maluco.

Capítulo 9



Vou deixá-la, mas eu volto.

Para início de conversa, eu nem queria que ele fosse!

Ao me dar conta da loucura desse pensamento, abro os olhos que fechei quando os lábios dele começaram a esfregar nos meus e dou de cara com o quarto vazio.

Ainda preciso me acostumar com a forma que eles surgem e desaparecem instantaneamente.

— Que loucura. — murmuro, tocando a minha boca inchada enquanto faço as minhas pernas trêmulas me levarem até a cama.

Eu só posso estar passando por algum tipo de insanidade momentânea. Ou, talvez, eu sempre tenha sido maluca sem perceber. Só isso explica a minha fila de namoros fracassados e ruins.

Só que eu pensei que estava curada. Quando se passa por muitos relacionamentos conturbados, chega um momento em que você acorda e jura a si mesma jamais cair nesse círculo destrutivo novamente. Depois de Jerry, que não apenas havia pisoteado o meu

coração, mas colocado um mafioso cruel japonês em meu encaixe e uma algema nos meus pulsos, prometi a mim mesma nunca mais me envolver com ninguém, e quando disse que pretendia entrar para um convento ou algum grupo religioso eu não estava brincando. Talvez um pouquinho sobre a seita que odeia homens.

O fato é que não haviam-se passado nem duas semanas e eu estou aqui, quebrando a minha promessa, tendo um sério caso de calcinha molhada com um cara sexy.

Com um alienígena!

Certo. É um alienígena muito gato, muito gostoso, que beija como um deus do sexo e tem uma pegada de fazer as pernas tremerem.

— Ainda é um alienígena, Meredith! — esbravejo irritada, como se dizer isso em voz alta fosse me ajudar a pensar com racionalidade.

Um extraterrestre que deseja ter um filho comigo.

Eu nunca pensei em ter filhos com humanos, nem mesmo com Jerry, com quem achei que iria me casar. Sei lá, acho que no fundo acreditava que nosso relacionamento era bom demais para ser verdade. Que um dia ele veria que a órfã por quem havia se apaixonado era, na verdade, uma garota sem graça que havia perdido o encanto.

Nicole sempre me dizia que eu escolhia péssimos homens e eles não enxergavam a garota incrível que sou porque eu mesma não me via assim. É que quando se cresce em um orfanato, sobrevivendo de doações, da piedade das pessoas e com falta de afeto, muitas vezes acreditamos que não merecemos nem teremos nada de bom. Eu só desejava recuperar o amor que perdi quando

minha mãe morreu e que acabei buscando nos piores caras do mundo.

Assim, deixar que essa atração *inacreditável* por esse alienígena quente embace novamente minha inteligência não é o melhor caminho a seguir. Se permitir que meu coração tolo, burro e estupidamente romântico tome o lugar do meu cérebro, como sempre fiz, logo eu sonharei com casamentos de princesa e lindos bebezinhos verdes. Se bem que esses alienígenas em específico parecem mais surfistas exageradamente bronzeados do que uma cópia do *Hulk*.

Preciso encontrar rapidamente uma forma de fugir daqui. Só que viajar pela galáxia não é uma tarefa fácil nem para o cientista mais inteligente do meu planeta, que dirá para uma garota que ainda não faz ideia de como foi parar em outro mundo.

Em cada situação da vida, não importa o que aconteça, você encontrará uma oportunidade, Meredith. Há sempre algo bom para ver.

Esse era um conselho que Nicole sempre me dava após eu terminar algum relacionamento tóxico e buscava o seu ombro para chorar.

A única coisa boa que vejo é que, apesar de problemática e cheia de confusões, a minha vida na Terra não parecia tão ruim assim.

Eu preciso ter calma. Analisar os pontos contra e a meu favor. Já descobri que com força física e planos mal elaborados não vou conseguir sair daqui. E, se sair, como voltarei à Terra?

Algum tempo depois, um alienígena, com um uniforme diferente do que os guardas costumam usar, entra no quarto

trazendo uma bandeja com água e comida. Possivelmente um camareiro ou algum tipo de mordomo.

— Hum... — Bato os meus dedos sobre as minhas coxas, um pouco desconfortável com tanta curiosidade da parte dele. — Qual é o seu nome?

O alien está tão fascinado, tocando uma mecha dos meus cabelos, que leva alguns segundos para perceber que estou falando com ele.

— Você pode me entender?

— Eu sou Larl. — É um nome curto, mas sua voz potente faz soar forte. — Você é a C001.

Parece uma conversa esquisita entre Jane e Tarzan, que me faz rir mesmo sem intenção.

Apesar desse meu lado guerreira em fuga querer estrangular a criatura com minhas próprias mãos, não consigo levar a cogitação adiante. Esse alienígena em especial demonstra ser bem pacífico e apenas curioso comigo.

Se for parar para refletir com justiça, tirando Aaron, que tem aversão a mim e a qualquer um da espécie humana, todos eles vêm me tratando bem.

Não. Eu não posso novamente querer encontrar bondade em tudo. Eu fui sequestrada e estou sendo mantida nesse planeta contra a minha vontade.

— Meredith. O meu nome é Meredith, e não C001. — aviso, indignada.

— Quer que eu a chame de Meredith?

— É o meu nome.

— Está bem. — Ele se recompõe e indica o carrinho com a bandeja que havia trazido. — Deseja algo mais, SOra [\[7\]](#) Meredith?

Antes de pensar em recusar, preferindo morrer de sede e fome a ceder à vontade desses alienígenas metidos a machos alfas, decido aceitar tudo com um sorriso amigável. Recebo de volta uma reverência, dessas que reis e rainhas ganham de seus súditos, além de parecer ser avaliada por esse alien como se eu fosse a flor mais rara que ele já tinha visto.

Alienígenas estranhos, reflito antes de pegar uma das frutas que Odon afirmou não ser venenosa para mim. Apesar do aspecto estranho e de ela ser um pouco grudenta ao toque, o gosto é doce e delicioso de uma forma surpreendente.

Enquanto como, vejo Larl mexer em sua pulseira e, um segundo depois, desaparecer. Jogo as frutinhas de volta ao prato de cristal e olho o bracelete ainda em meu pulso. Eu ainda não sei como funciona, mas aprenderei. É talvez a minha única forma de sair daqui.

Tudo o que preciso fazer é ganhar tempo, continuar a ser obediente para ganhar a confiança deles, enquanto aprendo como usar esse meio de ir a qualquer lugar na velocidade de um piscar de olhos.

Passaram-se quatro longos, angustiantes e frustrantes dias, e nada do rei Eiyrus voltar a este quarto, como ele havia prometido. Não que estivesse ansiosamente esperando por ele, longe disso, mas eu estava cansada de vagar pela suíte gigantesca e, apesar de linda, solitária.

Não via e falava com ninguém além de Larl, quando ele trazia minhas refeições e as roupas straveanas com as quais agora me visto. São lindas túnicas nos variados tons de prata, azul e branco, feitas com um tecido mais macio e levemente cintilante. Era como estar num spa de luxo, sem ter a opção de ir embora. O ponto positivo é que acredito ter memorizado os comandos que ele dá para usar a pulseira sempre que precisa sair.

Faz pouco tempo que Larl esteve aqui, trazendo o café da manhã, e só voltará mais tarde com o almoço. Em um primeiro momento, tinha planejado fugir à noite, mas eu não sei o que pode estar me esperando do lado de fora do castelo, neste planeta completamente desconhecido.

Bom, é agora ou nunca, reflito.

— E se em vez de fugir daqui, eu me desintegrar? — indago em voz alta, receosa.

Acontece que eu não vejo alternativa. O desaparecimento de Eiyrys só pode ser um sinal de que esses alienígenas malucos estão aprontando alguma coisa e de que o meu tempo está se esgotando rapidamente.

Não há tempo a perder. Então, pego o cantil de água que tinha pedido a Larl, alegando ter muita sede à noite, o lenço contendo frutas e flores comestíveis que escondi a cada refeição que ele me trouxe e me preparo para minha nova aventura.

— Vamos lá, Meredith.

Respiro fundo e faço os movimentos necessários, com os dedos, que memorizei. Surge um minúsculo mapa na tela retangular que contém inúmeros pontinhos. O ponto azul piscando acredito que

seja onde estou. Eu quero ficar o mais distante desse lugar, então, escolho uma zona do outro lado.

— É... agora!

As duas vezes que fui teletransportada estava com Eiyrus e não esperava que ele fosse fazer aquilo. E, de alguma forma, estar nos braços dele me fez ignorar as sensações que tenho neste momento. É como levar um pequeno choque que faz todo o meu corpo tremer, e a sensação continua por alguns segundos após eu ter me materializado no meio de uma floresta.

Minha nossa!

Não sei se posso chamar o lugar que vejo apenas de floresta. Tem árvores tão altas como prédios de uns cem andares. Elas têm diferentes formas e cores. É como se eu fosse uma anãzinha entrando no mundo dos gigantes. Ao mesmo tempo que me paralisa por ser assustador, também é incrivelmente fascinante.

Eu inicio uma caminhada cautelosa, observando tudo com muita atenção. Ouço barulhos na mata que fazem o meu coração imediatamente disparar. Avisto um animal de orelhas longas e pontudas, ele tem seis incríveis olhos formando uma meia-lua na testa, apenas dois riscos, que acho formar seu nariz, e uma boca redonda com pelos amarelos em volta. É do tamanho de um pequeno pônei, e tirando os fios prateados em volta da boca, a sua pele é completamente sem pelo, como a de um gato *sphynx*.

Para o meu alívio, o bichinho apenas me encara com a mesma curiosidade, depois, volta a desaparecer na mata. Esse não é único animal esquisito com que me deparo, há outros de diferentes formas e tamanhos que me fazem me esconder ou começar a correr pela mata.

Não sei quantos minutos ou horas haviam-se passado, mas já tinha consumido toda a bebida em minha garrafa e me alimentado de metade das frutas e flores, e ainda não sei onde estou nem para onde devo seguir.

Será que já teriam dado por minha falta?

Eiyurus estaria furioso?

Aaron, com toda certeza, estaria aliviado e desejando que uma dessas criaturas me comesse viva.

— O que devo fazer? — indago a mim mesma quando me apoio em uma árvore para descansar.

A túnica é perfeita para usar no castelo, mas aqui fora, no calor, é um problema a mais para lidar. O ar também parece ser um pouco mais denso e exige mais energia para entrar no meu corpo. Acredito que não tenha andado por muito tempo e nem por uma longa distância, mas sinto, fisicamente, ter corrido uma maratona.

Parar para recuperar as minhas energias foi uma ação necessária, mas onde decidi fazer isso foi uma péssima escolha. Primeiro, eu senti algo deslizar pelos meus pés, envolver os meus tornozelos e começar a abrir caminho pela minha cintura. Com um grito apavorado, olhando para baixo, noto que galhos saindo da árvore estavam se espalhando por todo meu corpo, como tentáculos.

O medo pode nos paralisar como também nos dar toda força necessária para conseguir lutar e fugir. É uma briga acirrada entre mim e essa árvore assassina, mas um segundo antes de seus cipós me sufocarem, consigo arrancá-los do meu pescoço e, tropegamente, escapar para longe dela.

Vejo que os galhos que arrebentei, arrancando-os do meu corpo, ficaram negros como carvão ao cair no chão.

— Meu... De-eus... — Começo a tossir esfregando a parte dolorida em meu pescoço.

O alívio de ter escapado da morte me faz momentaneamente baixar a guarda e esquecer os perigos que ainda me rondam. O alerta ressurge com os sons agudos que ouço virem do céu. Há aves voando muito alto, e espero que elas não consigam me avistar nem decidir que eu seria uma excelente refeição para o almoço.

Sinto que estou mais cansada que antes e toda essa energia gasta me deixou com sede.

Preciso encontrar alguma espécie de rio e me reabastecer, mas o meu ânimo só dura até eu recordar o que Odon disse. Eles foram buscar o tipo de água que eu consumo no planeta Alquny, então, nenhum rio que existisse neste planeta poderia me ajudar.

A vontade de chorar é grande. Ando cambaleando pela floresta, que está ficando cada vez mais assustadora, e sinto as minhas bochechas ficarem úmidas. A minha vida toda eu sempre fiz escolhas ruins e tomei decisões precipitadas, e agora, percebo que fugir da segurança do castelo havia sido a mais estúpida de todas.

Não há como continuar me enganando; preciso retornar ao castelo, mesmo que a essa altura seja castigada, ou vou acabar morrendo por alguma criatura assustadora desta floresta sinistra.

Só que ideias ruins como a que tive ao fugir trazem consequências ainda piores. Com desespero, vejo que a pulseira em meu pulso fora arrancada quando lutei com a árvore assassina ou caiu depois que eu corri para longe dela.

O desespero me pega de tal maneira que começo a chorar sem controle, ao ponto de sentir as minhas pernas fracas e cair de joelhos no chão.

— Eu vou morrer. — A certeza disso me deixa ainda mais desesperada.

Não pelas mãos do chefe da *Yamaguchi-gumi*, ou em alguma briga com uma detenta na prisão. Nem mesmo pelos alienígenas dos quais eu quis tanto escapar. Vou morrer por minha impulsividade e inocência de que conseguiria sobreviver em um planeta repleto de criaturas estranhas.

Dizem que quando a morte chega até podemos sentir o cheiro dela. Bom, eu não só comecei a sentir como também a ver. Nunca vi um rinoceronte de perto, nem mesmo no zoológico, porque nunca fui a um, mas pela forma como a terra está tremendo e vibrando sob minhas mãos e joelhos, não consigo fazer uma comparação melhor com a criatura que vejo se aproximar.

É terrivelmente assustadora. Não é um rinoceronte, sem dúvida, mas o tamanho deve ser bem parecido. Ele também tem o corpo todo peludo, patas cinco vezes maiores que os meus pés, que batem no chão como as de um touro enfurecido. Seu nariz é largo, e quando ele solta o ar, cheio de fúria, uma fumaça branca sai de suas narinas. Os seus chifres lembram os de um muflão, só que suas curvas são para frente e para cima.

Ele me encara com seus três olhos iluminados como lanternas, e suas patas raspam o chão. Assim que vejo um novo bufar sair de suas narinas se dilatando, percebo que devo correr o mais rápido que conseguir.

É claro que eu não teria qualquer chance contra essa fera atemorizante. E quando sinto sua presença a centímetros das minhas costas, fecho os meus olhos, esperando pelo meu doloroso fim.

Só que em vez de seus chifres letais, sinto um braço envolvendo a minha cintura um pouco antes da criatura acertar o meu corpo. Sou arrancada do chão e levada para o topo de uma árvore.

Estou de costas para o meu salvador, e enquanto vejo a criatura bater as patas furiosamente no chão, novas lágrimas de alívio e agradecimento por ter sido salva embaçam os meus olhos, antes de eu perder a consciência.

Capítulo 10



Um minuto de distração, e o chifre do notur passou de raspão em meu braço, arrancando um punhado generoso de pele. Estou exausto, mas só um de nós sairia vivo dessa batalha e, sem dúvida, seria eu. Então, ordeno à minha mente a voltar a ter completa atenção, e no primeiro movimento em falso da besta cansada, cravo a minha espada em um dos seus três olhos, fazendo-a atravessar quase que completamente a sua cabeça. No instante seguinte, vejo a fera desabar pesadamente, fazendo o chão abaixo de nós estremecer.

— Impressionante. — Escuto a voz de GuOr surgir atrás de mim. — É o quarto notur em três dias. Está tentando provar algo a alguém?

Não. Estou tentando manter a minha mente e, principalmente, meu corpo longe do meu quarto e da humana que vem cada dia mais roubando o meu juízo.

— Apenas aperfeiçoando meu treinamento, GuOr. — respondo com descaso enquanto pego a túnica no chão e seco do meu rosto

os fluidos da fera.

— Que eu saiba, você é o melhor guerreiro de Stravera.

— Não melhor do que você. — Encaro-o com uma expressão provocativa. — Certo?

As pessoas diriam que estamos no mesmo patamar, mas apenas uma disputa sangrenta entre nós poderia dizer realmente quem é o melhor lutador.

— Não jogue essa merda para cima de mim. — ele fala com uma calma de quem não se dirige ao seu superior. — Sabemos que está assim não por minha causa. Se é tão difícil para você conseguir... — Ele faz uma pausa e desvia o olhar. — acasalar com a humana, nós podemos escolher outro. Eu posso...

— Não! — O meu rugido sai mais forte que o do notur que acabei de tirar a vida. — Ninguém além de mim toca na C001.

GuOr, Aaron e até mesmo Odon acreditam que será um grande carma tomar posse da humana, mas o que não tive coragem de contar para nenhum deles é que desde que nos beijamos pela primeira vez – não, desde que a vi – isso é o que mais desejo. Não é um sacrifício para mim, como eles estão pensando. O que me aterroriza é o quanto esse sentimento pode me escravizar.

Será que depois de tê-la conseguirei deixá-la ir embora? Essa necessidade de fazê-la minha irá enfraquecer ou se tornará ainda mais forte?

Por isso tenho evitado retornar àquele quarto, para provar a mim mesmo que sou capaz de controlar esses impulsos que me levam cada vez mais para ela. Eu sou o rei de Stravera, governo um povo racional e não posso deixar que meus sentimentos sejam mais fortes.

Então, até que consiga entender e dominar essa fraqueza, não posso deixar que coloquem em dúvida a minha sanidade.

— O que VisS te disse esta manhã?

Ele refaz a mesma pergunta de quando me viu sair da sala, à qual fui incapaz de responder, preferindo vir à Floresta Negra gastar as minhas energias com um notur.

— O mesmo de sempre — respondo, colocando a túnica.

Consultei o oráculo todos os dias desde que deixei a C001 sozinha no quarto e sempre obtenho a mesma resposta.

— Que Odon está certo. — ele mesmo responde a pergunta que me fez. — Se queremos que as humanas tenham os nossos bebês, deve ser de forma natural.

A vida mostrando que apesar de tentarmos dominar tudo, ela quem tem o controle.

— Pensou na sugestão de Aaron? Buscar outra humana?

O conselho não está muito contente com o fato de a terráquea escolhida não estar contribuindo, muito menos com os transtornos que ela já causou. Muitos concordam com Aaron sobre lançá-la no espaço e buscarmos uma humana mais fácil de dominar.

A possibilidade de descartar a C001 me deixava completamente irracional, mas eu preciso levar o plano adiante antes que, além do Conselho Real, o povo também comece a ficar arredio e desconfiado do sucesso dessa missão.

— Vou seguir com o planejado, GuOr, e com a C001. — afirmo com calma.

Passei esses últimos dias longe dela, tentando entender sua espécie, principalmente o gênero feminino, o que só me deixou

ainda mais confuso, preciso dizer. Os humanos agem de forma estranha, mas suas fêmeas são um quebra-cabeça difícil de montar.

— Sabe que não temos muito tempo. — recorda ele.

— Por isso confio em você para manter as coisas calmas.

Além de meu conselheiro, GuOr tem o poder de falar por mim sempre que autorizado, e eu o tinha colocado à frente de apagar todas as faíscas antes que se tornassem chamas.

— Darei o meu melhor, majestade. — Ele faz uma reverência, e nos transportamos de volta ao castelo.

Mal nos materializamos no salão de audiência, quando vejo Aaron e seus guardas surgirem. Odon chega em seguida com uma expressão nada feliz.

— Majestade. — Apesar da evidente fúria brilhando em seus olhos, meu primo se lembra de se dirigir a mim da forma adequada. — Lamento trazer esta notícia, mas a humana fugiu.

— Fugiu? — O meu rugido ecoa pela gigantesca sala, tinindo pelas pilastras de cristais. — Como isso foi possível?

Ela estava no meu quarto, no palácio real, onde a segurança deveria ser máxima.

— Não temos exatamente certeza, mas tudo leva a crer que usou o bracelete para se teletransportar para fora do castelo.

Merda!

O bracelete que coloquei nela quando a tirei do laboratório de Odon. Então, por mais que eu queira castigar cada um dos guardas que me encaravam receosos, o grande culpado da fuga da C001 fui eu.

— Como ela aprendeu a usar?

Era preciso saber os códigos certos para manipular o bracelete.

— Não sabemos, senhor... — um dos guardas começa a dizer, e Aaron caminha indignado em minha direção.

— É o que eu sempre disse, humanos não são confiáveis. Com certeza, aquela criaturinha andou nos vigiando e preparando o ataque.

Não fomos atacados, mas em parte preciso concordar com Aaron. Aliás, desde que a humana chegou eu estou sendo obrigado a concordar com ele em muitas coisas. E isso não me deixa feliz.

— Procurem por todo castelo e usem o rastreador. — aviso, acionando o comando na pulseira que faz minha roupa mudar para uma de batalha. — Ela não deve ter ido muito longe.

— O último rastro diz que estive na Floresta Negra na última hora.

— Parya! — esbravejo, ligando o meu mapa.

É o início da lua dourada, que acontece a cada ciclo trimestral. Isso significa que todos os machos do planeta saem em busca de uma fêmea para acasalar. Desde que perdemos as nossas, apenas animais vêm sendo afetados. Foi por essa razão que vencer o notur hoje foi mais difícil para mim do que o normal. Em um dia normal, a humana não teria qualquer chance de escapar com vida ao se deparar com um notur. Hoje, ela seria esfaqueada.

— Aaron, reúna a sua melhor equipe de busca. — ordeno. — Vamos encontrá-la.

— Por quê? Não é um passeio no castelo. Estamos falando da Floresta Negra em pleno ciclo da lua dourada. — Sua indignação fica mais evidente, mas eu não tenho tempo e nem paciência para

lidar com seu desprezo pelos humanos agora. — Por que colocar nossos homens em risco por causa dessa humana estúpida? Aceite que ela buscou o próprio fim.

— E você terá o seu, se não fizer imediatamente o que digo.

Concordo que a humana foi tola e irresponsável, e que sim, vamos nos colocar em perigo com centenas de noturs ainda mais ferozes do que o normal, mas não posso deixá-la a cargo de sua própria sorte. Irei até ela nem que seja sozinho.

— Eiyrus... — Meu conselheiro real se manifesta, colocando-se ao meu lado.

Tenho alguns centímetros de altura a mais que ele. E só GuOr consegue ser pouca coisa mais alto que eu, mas não é minha altura que faz o guerreiro se curvar, mesmo que seus olhos expressivos discordem do que digo. É a forma como me imponho, deixando claro que minha decisão, independentemente de eu ser o rei, não será contrariada. Eu venceria qualquer um deles em um confronto direto.

— NoEt, reúna os homens. — Aaron ordena ao seu braço direito atrás dele, e todos os outros guardas se teletransportam em seguida.

Antes de sair, meu primo deixa claro em sua expressão que não concorda com o que estou fazendo, mas seguirá a lealdade que tem por mim.

Assim que ele deixa o salão, GuOr se manifesta.

— Não é melhor consultar VisS?

Era o que eu deveria ter feito antes de jogar sobre eles a minha decisão. VisS não ordena o que fazer, ela nos indica os riscos e qual caminho melhor a tomar. Nós nunca fizemos algo

diferente do que foi aconselhado por ela, como nunca erramos em nossas missões ao segui-la. Mas, neste momento, eu não tenho tempo ou desejo de prosseguir com seu conselho, caso seja diferente do que penso.

— Isso não é um projeto de guerra, GuOr. É apenas uma humana em perigo.

— Apenas? Você não é o mesmo desde que ela chegou, então, não me julgue como um tolo, afirmando que não significa nada.

Os stravenos aprendem, desde crianças, que a razão deve sempre ficar acima das emoções. Os sentimentos nos cegam, tomam partido, fazem as pessoas egoístas e as levam a tomar decisões erradas. Temos carinho por nossos pais, irmãos, amigos, mas não pensaremos duas vezes em executá-los se alguém causar mal ao nosso planeta, aos seus habitantes ou se trair nossas leis e crenças.

Como governante de Stravera, eu devo manter qualquer fagulha de sentimento completamente apagada. Não chorei ou deixei que a dor se infiltrasse em mim quando o vírus levou os meus pais e irmã. Tenho boas lembranças deles, mas não me atormento com a falta que me fazem. Apenas deixo que tudo fique no passado. O futuro de Stravera é tudo que importa. E está acima de tudo. Foi o que sempre pensei, até a humana chegar.

— Se for colocar a minha vida e as dos nossos homens em risco, meu amigo — ele diz, colocando a mão em meu ombro —, que seja pelo menos honesto consigo mesmo. Ela não está aqui nem há trinta sóis e já anda causando bastante mudanças, não acha?

GuOr tem razão, só que não há tempo para analisar os meus sentimentos agora, cada minuto aqui é um minuto a menos de chance de a C001 sobreviver na Floresta Negra.

— Não tem que nos seguir, se não quiser. — Libero-o da obrigação, ciente que já coloquei vidas demais em risco por algo que nem mesmo sei explicar a eles.

— Está de brincadeira? — Sua boca se curva no que seria a tentativa de um sorriso, e ele desmaterializa antes que eu possa desencorajá-lo. — Eu não perderia isso por nada.

Porque não importa o quão idiota e irracional GuOr acredite que eu esteja me portando, a amizade entre nós sempre estará acima de qualquer coisa.

Faz um pouco mais de uma hora que invadimos a Floresta Negra, lutamos com alguns noturs, matamos outros e tivemos homens feridos por eles, e nada de encontrar a humana.

— Esse é o último rastro dela. — diz NoEt. — A menos que ela tenha se transportado outra vez e não haja qualquer outro sinal, tudo indica que...

Um notur a tinha devorado ou qualquer outra espécie perigosa havia feito isso.

Chegamos tarde demais para salvar a humana.

— Argh! — Fecho os punhos, socando a árvore mais próxima a mim com força.

Ela estremece, e alguns segundos depois vejo soldados correndo para o outro lado, tentando escapar da árvore gigantesca

que despenca no chão.

— Eiyrus... — GuOr coloca a mão em meu ombro, e com um movimento do braço o faço voar para longe.

Parte de mim é fúria e outra parte recusa-se a acreditar que a humana tenha morrido. Não sei como explicar, mas sinto-a como uma chama queimando dentro de mim.

O silêncio deles ao meu redor demonstra o quanto estão cautelosos.

— Voltem para o castelo. — ordeno incisivamente, a raiva dentro de mim tornando-se cada vez mais intensa.

— Eiyrus, eu...

— Sente muito, Aaron? — Viro-me para ele, cheio de rancor.
— Você nunca gostou dela.

— Eu não gosto... não confio nos humanos. Eles acabam se destruindo de um jeito ou de outro.

Ela não está morta!

Não podia estar.

— Eiyrus?

— Agora não, Odon.

Eu nem sabia que meu primo havia nos seguido até aqui, e se ele me falasse alguma coisa sobre buscar outra humana para colocar no lugar da C001, como eles haviam cogitado antes, juro que posso agredi-lo de um jeito bem pior do que fiz com GuOr. Eles nunca iriam conseguir entender, mas ninguém poderia ocupar o lugar dela.

— A humana continua viva, e sei onde ela está. — Odon avisa, levando toda a minha atenção para ele.

Viva!

A minha humana está viva e os meus sentidos não estavam errados?

Isso não importa. Preciso buscá-la.

É só o que a minha alma aliviada diz.

Capítulo 11



Não sei por quanto tempo fiquei apagada, mas o movimento brusco, como se estivesse fazendo um looping em uma montanha-russa, faz com que, assustada, eu abra os olhos.

— Meu Deus!

Estou voando. Não em um avião, helicóptero ou até mesmo em uma nave espacial incrível. Encontro-me sentada numa espécie de avestruz gigante, que em vez de penas tem pelos macios, aos quais passo a me agarrar, temendo cair e transformar em grãos de areia cada um dos meus necessários ossos.

Outra observação que me faz emitir um novo grito aterrorizado é que a mão de dedos longos, três no total, e o braço escamoso que me mantém presa no corpo atrás de mim e em cima do animal esquisito, definitivamente não é de nenhum dos meus alienígenas.

— *Que lue!*

Não entendo uma única palavra, mas a firmeza na voz obriga-me a ficar quieta e parar de me mexer. O que não é tão difícil assim quando olho para baixo e vejo o quão longe do chão estamos. As

árvores, que antes pareciam prédios gigantes, agora não são mais do que alguns pontinhos no chão.

Não que aqui em cima fosse menos assustador, mas além da altura existem outras espécies de animais intrigantes que fazem gelar cada gota de sangue que tenho nas veias. Como o que tem um formato de cavalo, mas com patas curtas, asas que lembram as de um morcego e um bico gigante de falcão.

Também vejo um grupo de animais voadores do tamanho de buldogues, e eles têm uma penugem colorida como se fossem arco-íris brilhando no céu.

O grito de comando leva o animal a fazer algumas manobras no ar, e sempre que ele gira, ficando de ponta-cabeça por alguns segundos, eu fecho fortemente os meus olhos, rezando para não cairmos.

— Uou! — A surpresa escapa de minha garganta quando quem me carrega faz a ave mergulhar de cabeça, iniciando uma queda tão rápida que me leva a apertar os meus olhos com força.

A sensação que tenho é de como se estivesse com a cabeça para fora da janela de um trem em grande velocidade e o vento gelado e forte batesse em meu rosto e cabelos soltos.

Quando pousamos, o impacto no chão é suave, mesmo assim, me faz abrir os olhos para ter certeza se chegamos ao solo realmente com vida.

Esse é um lugar bem diferente da floresta onde estava. Tem um solo mais seco e arenoso e há buracos espalhados de onde saem lufadas verdes de fumaça e fogo. É como andar em um campo minado.

O meu coração ainda bate ferozmente em meu peito, quando sinto a mão e o braço que me mantiveram segura em cima da ave finalmente me libertar. Os ruídos às minhas costas indicam que a criatura desmontou e aterrisou em terra firme.

Som de passos fazendo o chão rochoso crepitar indicam que está muito perto de ela ser revelada. Quando a figura finalmente para na minha frente, percebo com certo alívio que, assim como Eiyurus e todos os outros alienígenas neste planeta, a aparência dessa chega mais próxima da humana. O que é um grande conforto, porque depois de tudo o que passei, a última coisa que preciso é me deparar com a cópia do *Predador*^[8].

Voltando à minha nova versão alienígena, estudo-a com bastante atenção e interesse. O mesmo faz a criatura, andando cautelosa ao meu redor.

Por alguns segundos, a minha atenção permanece em sua cabeça, de onde saem dois chifres compridos, não tão grandes como os da fera que me atacou na floresta assombrada, mas, ainda assim, difíceis de ignorar. E eles também são mais retos, apontados para cima.

Enquanto a pele dos stravenos é diferente na cor, puxada mais para o dourado, a dela tem um aspecto mais escamoso, como o das cobras, e em um tom acinzentado, quase azul. Seus olhos são ovais, amarelados, com íris que se abrem e fecham conforme ela movimenta o rosto ao me estudar.

E essa alienígena também tem um longo rabo que balança graciosamente a cada passo cauteloso que dá. Assim como eu, tem dois braços, duas pernas e bonitos seios, pouco escondidos na roupa de tiras feita de um material que me lembra couro e pele de

carneiro. As mãos são bastante diferentes. Em uma só vejo três dedos longos, segurando algum tipo de espada, enquanto a outra, levantada, gira cautelosa ao redor de mim.

— *Vueme queme estre.* — ela me diz, erguendo a espada mais alto.

Definitivamente, não é uma strovena, o que me leva à conclusão mais plausível, de que a fêmea diante de mim é uma guerreira alquy, que poderia me ajudar a sair daqui.

Talvez seja a minha única oportunidade de finalmente voltar à Terra. Afinal, ela havia me salvado das garras daquela fera arrepiante e impedido que eu fosse devorada.

— Oi. Eu sou Meredith. — anuncio, apontando para mim mesma, mantendo a outra mão esticada para ela. — Da Terra. Conhece o planeta Terra? Aquele todo azul, cheio de pessoas legais?

— *Vue tree Straveree?*

Eu posso estar empolgada demais, mas acho que a última palavra que ela disse em sua língua nativa foi o nome deste planeta.

— Sim. Esses alienígenas valentões me mantêm presa aqui. Poderia me ajudar a voltar para casa? Para o meu povo?

O leve movimento de cabeça não me dá qualquer sinal se meu pedido foi aceito ou se ela estava apenas pensando na melhor maneira de me executar.

Nunca pensei que admitiria isso aqui, mas render-me ao “pedido” de Eiyrus, dando-lhe seus preciosos bebezinhos alienígenas, já não me parece a pior escolha. Desde que fui resgatada do tribunal e trazida para este planeta, que mais me parece uma armadilha gigante, não encontro um minuto de paz.

Estou ficando cansada de fugir e me colocar em situações piores do que as que estava, e isso inclui todo o meu longo e desastroso histórico de vida.

— Você não consegue me entender, não é? — afirmo com bastante desânimo.

Se ainda estivesse com a pulseira, talvez eu conseguisse usá-la para falar a língua dela. No fim das contas, acho que a sorte nunca anda ao meu lado.

Apesar disso, acredito que ainda não é o meu fim. A alquy coloca a sua espada no suporte que tem ao lado do quadril e diz algo que novamente não sou capaz de entender.

— *Zaela Ewedi*. — ela me diz e aponta a nave, que só agora vejo a alguns metros de onde estamos.

Parece uma torradeira gigante e, em vez de ser prateada como a que me trouxe até aqui, pelo menos por fora essa é feita de um metal todo preto e maciço.

Assim que a alquy começa a andar em direção à sua nave, pulo da ave e começo a segui-la.

— *Zaela Ewedi!* — ela repete com tom impaciente.

Precisei de três novos avisos firmes e alguns gestos das mãos para compreender que a alquy desejava que eu esperasse por ela aqui.

Não me deixa nada tranquila ficar sozinha, e quando arrisco olhar para o animal voador atrás de mim, sinto o meu coração bater um pouco mais forte. Apesar do medo quase me paralisando, a criatura permanece deitada, apenas me direcionando olhares desinteressados e preguiçosos.

— Deus, que você seja herbívoro. — digo a ele, apesar de ter certeza de que não me entende.

Enquanto a guerreira alquy faz seja lá o que precise fazer em sua nave – talvez esteja se comunicando com outras – começo a andar de um lado a outro, tentando pensar em um novo plano que pudesse me ajudar a sair dessa nova enrascada.

Por mais que reflita, todos os pensamentos me levam na mesma direção. Primeiro, preciso da proteção de quem conhece este planeta cheio de feras assassinas e armadilhas. Não dá para bancar a corajosa tendo feras do tamanho de rinocerontes com chifres gigantes me perseguindo.

E segundo, e não menos importante, de alguma forma preciso fazer que a alquy entenda quem sou e que estamos do mesmo lado, ou seja, somos lutadoras incansáveis e nos recusamos a nos curvar a esses machões cheios de testosterona.

Esse é meu novo plano, chegar ao planeta Alquny. Se essas guerreiras são fortes o suficiente para recusar a oferta dos stravenos, não se curvando a eles, poderiam me ajudar a voltar à Terra.

Viva o matriarcado!

Agora, o problema é: como vou me comunicar com elas?

— Você é uma sobrevivente, Meredith. — encorajo a mim mesma.

Pensando em tudo o que já enfrentei, respiro fundo e começo a caminhar decidida em direção à nave. Chego a dar apenas alguns passos, quando vejo a alquy sair e caminhar decididamente até mim.

Sua expressão ainda é severa, o que me faz recuar alguns passos.

— *Zaela Daeiyrus* — ela me diz, apontando para algo às minhas costas.

Sabe quando sentimos que algo não vai bem? Ou que alguma coisa muito desagradável irá acontecer?

Ver tudo em câmera lenta sempre foi algo exagerado, mostrado em filmes ou descrito em livros, mas neste momento sinto como se realmente o tempo fluísse assim.

— *Oh, grandessíssima merda!*

Do outro lado, com expressões nada menos que assassinas, vejo surgir Eiyurus, seu braço direito, GuOr, e o sempre com ar intragável, Aaron.

— Você me traiu! — Encaro furiosamente a guerreira alquy.

Não é exatamente uma traição, visto que não conseguimos nos comunicar, ainda assim, sinto-me traída por ela.

Lá se foi o matriarcado.

— C001, você é considerada fugitiva e criminosa. — Aaron anuncia, o que me faz estremecer e recuar até ficar ao lado da alquy. — Irá para a prisão de Criso e aguardará o seu julgamento. Se condenada, será lançada ao espaço.

Onde não teria a menor possibilidade de sobrevivência. Seria como ser condenada à pena de morte.

— E-eu po-o-sso explicar tudo. — Minha voz soa trêmula enquanto as lágrimas começam a cair abundantemente pelo meu rosto. — Eiyurus?

Diferente dos outros dois, seu olhar para mim tem um ar mais de alívio do que de fúria. É como se estivesse feliz em me ver. E

devo admitir que, irracionalmente, também sinto grande alegria em reencontrá-lo.

Não sei o que esse alienígena tem, que tipo de feitiço jogou em mim, mas sempre que ele está perto o meu coração tem uma batida diferente, o meu corpo entra em um estado de ebulição, existe alguma espécie de energia me impulsionando para ele. Como se só quando estamos juntos parecemos completos. E eu acho que todos esses sentimentos me assustam mais do que essa história de bebê alienígena.

Porque eu não posso me apaixonar novamente e muito menos por uma criatura tão impressionante e intimidadora como ele.

— *Minhr* — ele sussurra, e os seus passos firmes o trazem para mim.

Quando ficamos frente a frente, ele toca o meu rosto com o carinho de quem havia perdido e reencontrado algo muito importante. Seus dedos longos secam parte das minhas lágrimas, depois deslizam suavemente pelos meus lábios.

Beije-me.

Cada parte do meu corpo grita por isso.

Ele grunhe, parece em luta consigo mesmo.

— Desculpe. — ele sussurra ao pegar a minha mão e prender no meu pulso um bracelete similar ao que eu perdi.

Seu próximo movimento é pegar o cetro, que ele faz duplicar de tamanho, e quando a luz azul intensa surge diante dos meus olhos, cegando-me, o pânico me toma.

— Eiyrys, por favor, não...

A minha consciência, pouco a pouco, começa a se esvaír, e eu caio em seus braços.

Odeio ser apagada, porque todas as vezes que desperto, sinto-me letárgica e como se um caminhão truck tivesse passado por cima de mim. Tenho medo de abrir os olhos e descobrir onde estou.

Assim, quando minhas lembranças vão retornando, recordo os últimos minutos antes de ser desacordada e o que Aaron havia dito, que eu seria enviada à prisão.

Pois é, eu sempre afirmei que não era uma pessoa muito inteligente. De uma forma nada impressionante, eu consegui escapar de uma cela de cadeia na Terra para ir parar em uma alienígena.

Bela proeza, Meredith Cooper.

— Acho que ela está acordando. — escuto um sussurro e reconheço a voz de Odon.

Não sei se devo me sentir completamente aliviada, mas sabendo que ele gosta de mim, ou pelo menos gostava, talvez consiga convencê-lo de que não sou uma inimiga, apenas alguém desesperada para voltar ao lar.

Abro os olhos e vejo que me encontro em seu laboratório. Busco freneticamente ao redor, em meio aos equipamentos, e o encontro tendo Eiyrus ao seu lado. Além dos dois, não há mais ninguém aqui. Apesar de ser um bom sinal, traz apenas um alívio momentâneo, pois rapidamente percebo que estou novamente na maca com meus pulsos e tornozelos presos nas algemas correntes de luz.

— Eu sinto muito. — Eu ordeno a mim mesma não chorar, o que não consigo cumprir, como a maioria das promessas que faço. — Eu... eu...

— C001, tem noção do grande perigo que se colocou? — Apesar de não ter um tom agressivo, vejo na expressão angustiada de Eiyurus que ele está bastante aborrecido comigo. — Não apenas a si mesma, mas também aos meus guardas.

E a ele mesmo, apesar de não destacar isso.

— A Floresta Negra é um lugar perigoso até mesmo para nós — diz Odon, em seu tom sempre moderado e suave. — É uma sorte que esteja viva e que tenha sido uma alquy, e não um hark, a encontrar você.

Então eu estava certa, a guerreira corajosa que havia me salvado daquela fera ameaçadora era mesmo uma habitante do planeta Alquy.

— Eu só queria voltar para casa. — murmuro, sem forças. — Apenas me deixem voltar para o meu lar.

Não sei o quão irritante estou sendo em insistir nisso, mas noto que minhas palavras mexem com Eiyurus. Não é apenas a forma que ele massageia o peito, de modo perturbado, eu posso sentir o mesmo peso no coração. É como se estivéssemos, de alguma forma, ligados. De uma forma que não sou capaz de entender, apenas sentir. Como se a cada dia e minuto que passo aqui, eu me tornasse um pouco mais parte dele.

E isso é insanidade total.

— Você não tem um. — Eiyurus afirma de forma dura.

Ai, essa doeu.

Em vez de mergulhar na dor que sua verdade me traz, encaro-o furiosamente e contemplo sua expressão impassível.

— Então é isso? Vocês saem sequestrando as mulheres que não têm família, como garantia de que ninguém irá procurar por elas?

— Sim. — Odon responde placidamente.

Caramba. Eles são brutalmente honestos.

— Mas, e a polícia? Eu tenho amigos, sabia?

— Cuidamos de tudo.

O horror faz os meus olhos dobrarem de tamanho.

— Cuidaram disso? — indago, preocupada. — Quando diz que cuidou disso, está querendo dizer... que...

Engulo em seco enquanto espero a resposta.

— Vocês os mataram?

Eu não me importo com a polícia, não que eu seja uma dessas pessoas que odeiam qualquer tipo de autoridade, mas eles iriam me mandar para a cadeia por um crime que não cometi, e não ficaria tão zangada se tivessem dado fim ao Kazuo Kai e a toda a sua gangue, mas Nicole, Chris e sua filhinha não mereciam qualquer castigo causado por minha causa, e eu jamais conseguiria me perdoar por isso.

— Nicole e Chris eram meus amigos! — esbravejo, tentando segurar as lágrimas ameaçando saltar dos meus olhos. — Eu juro que vou matar cada um de vocês se tiverem tocado neles.

Seria uma briga da qual não tinha a menor chance de vencer. Eles são mais altos, fortes e, sem dúvida, mais ágeis do que eu. Contudo, isso não me importava. Eu não tinha nenhum parente vivo,

não que eu conhecesse, e Nicole sempre foi o mais perto de uma família para mim.

— Você está vazando. — Apesar do comentário inusitado de Eiyrus referente ao meu choro, sua preocupação é legítima. — Pare.

Hunf! Não quero achá-lo fofo, quero odiá-lo.

O que só me confirma que eu estou ficando completamente maluca. Que pessoa normal no mundo acharia encantadora a preocupação de um alienígena que matou os seus melhores amigos?

— Estou chorando, idiota!

— Eu não gosto disso. — ele expressa, perturbado.

Como se isso fosse algo que eu pudesse fazer, manter as minhas emoções tão controladas como eles são capazes.

— É bom saber. Pois eu vou chorar até a minha morte. — Soluço mais alto e, ao pensar em Nicole e Chris, no destino que tiveram por minha culpa, isso é mais do que uma tentativa de irritar.

— Por causa da polícia, dos homens que querem matá-la, ou por seus amigos?

— A terceira opção. — Fungo, e ele passa os dedos em meu rosto, secando-o. — Embora ache que não ficaria realmente feliz em saber que machucaram aqueles homens. Quer dizer, não é como se me odiassem, entende? Só estavam fazendo o trabalho deles. E devem ter família...

Soluço.

De criminosa, eu havia passado a uma assassina, e dessa vez com toda a culpa pesando sobre os meus ombros. Chegar a essa conclusão só faz com que o meu choro se torne ainda mais intenso.

— Pare com isso. Vai derramar toda água que existe em seu corpo. — ele me diz, segurando o meu queixo, e ao olhar seu rosto através das lágrimas, noto curiosamente seus lábios tremerem.

O alienígena estava mesmo fazendo piada da minha dor?

Eu nunca o vi sorrindo antes.

— Não ria de mim. Você é uma criatura sádica e cruel. E eu te odeio.

A última parte do que disse faz sua expressão ficar enrijecida e seu aperto ficar mais firme. Eu havia mexido com ele.

— Se eu disser que nenhum deles foi machucado, iria parar de chorar?

— Não acreditaria em você.

— Nós não mentimos. — Odon retruca, ofendido. — Nunca, em qualquer situação.

Isso eu tenho que admitir que é verdade. Em nenhum dos dias que passei aqui eles mentiram ou contaram meias-verdades para me agradar ou enganar.

— Mostre a ela, Odon. — diz Eiyrus, soltando o meu rosto, e ao vê-lo se afastar sinto como se meu corpo ficasse mais frio.

Assim que Eiyrus dá o comando, Odon faz uma tela feita de luz surgir. Primeiro, eu vejo o que aconteceu quando fui sequestrada por Aaron. O policial que estava do lado de fora do banheiro, apressando a minha saída, recebeu um brilho de luz diferente. O mesmo aconteceu com os outros policiais, com o juiz e com cada pessoa no tribunal interessada em mim.

— Eles estão mortos? — indago, receosa.

As imagens mudam para o que acredito serem os dias atuais. Vejo os mesmos policiais nas ruas, em viaturas, em suas salas, e o

juiz estudando um novo caso.

— Isso não prova exatamente nada.

Então, a tela vai para a casa de Nicole, e um soluço escapa de mim ao vê-la segurar uma foto de nós duas abraçadas.

— Não consigo acreditar que ela tenha partido. Que um estúpido acidente de carro a tenha tirado de nós. — Ouço-a dizer a Chris ao ser abraçada por ele. — Vai soar cruel o que vou dizer, mas no fundo, sempre temi que as confusões em que Med se metia provocariam um fim parecido com esse. Eu só queria que ela encontrasse a felicidade que tanto procurou.

Nicole, Chris, todas as pessoas que me conheceram, agora, acreditam que eu estou morta. E eles estão tentando seguir com as suas vidas como deve ser. Até meu gato Tom parece mais feliz, na confortável poltrona que certamente havia tomado para si.

Ao assistir minha melhor amiga e seu marido sofrendo por mim, chego à esmagadora certeza de que não posso voltar para casa e colocar todos os que amo em perigo novamente. Mesmo que Eiyus me deixe retornar à Terra, ver Nicole outra vez, ter a mesma vida de antes, não é mais uma opção.

— Você está certo. — confesso com a voz trêmula. — Eu não tenho mais nada.

Família, amigos, um gato.

Quando se cresce em um orfanato, torna-se natural não querer se apegar às pessoas, pois elas entram e saem de nossas vidas com muita frequência. Quando alguém consegue permanecer ao nosso lado, como foi com Nicole, os laços são profundos demais.

Então, a mesma dor do luto que ela sentiu, ao saber que eu havia morrido, é muito próxima à dor que sinto agora, e esse

sentimento é devastador. Dizer adeus a quem amamos cria uma ferida profunda que acho que nem o tempo pode cicatrizar.

— Desliga! — exijo enquanto as imagens continuam a rolar. — Desliga essa maldita tela.

— *Minhr.* — balbucia Eiyrus, e quando tenta tocar o meu rosto, viro-o para o outro lado.

Não sei se esses *aliens* têm coração ou se o plano de repovoar seu planeta é tudo o que importa a eles, mas, neste momento, não consigo lidar com isso. Não perdi apenas tudo o que amava, eu havia perdido as únicas pessoas que me amaram e que se importaram comigo na vida, e por amá-las tanto não posso colocá-las em perigo. Não posso permitir que Nicole e sua linda família fique na mira da *Yamaguchi-gumi* e de seus assassinos violentos.

— Não havia outra saída para você, C001. — Sinto o pesar nas palavras de Odon, mas elas ainda não são capazes de me confortar. — Seria presa ou morta. Na verdade, as duas coisas.

O mais desesperador é que Odon está certo. Eu nunca tive escolha. Existiria um destino sombrio para mim, se tivesse ficado na Terra.

— Quero ficar sozinha. — peço, fechando os olhos.

As lágrimas descem quentes pelo meu rosto, mas o meu coração está frio e vazio.

— *Arqu tyva.* — Odon diz em sua língua nativa, e entender o que ele sussurra a Eiyrus já não tem tanta importância.

Afinal, ter uma vida solitária ou chegar a ser jogada no espaço à espera da morte não faz nenhuma diferença para mim.

Não ouço qualquer sinal de que eles tenham saído, mas de alguma forma não sinto a presença de Eiyus.

Sinto-me tão sozinha e desesperada como no meu primeiro dia no orfanato.

E o meu coração está imensamente mais quebrado.

Capítulo 12



A razão sempre deve falar primeiro, meu filho, mas seu instinto também deve ter a sua voz. Escute o que a sua alma fala quando chegar o momento. No fim, você entenderá qual é o melhor a seguir.

Esse foi um dos últimos ensinamentos do meu pai antes de morrer. Nunca fez tanto sentido para mim como agora.

— Acho que ela deve ser mantida em Criso, para que eu possa ao menos estudá-la mais um pouco.

— A lei é clara. — vocifera Aaron, rebatendo o irmão. — Sua pena deve ser a execução. Qual o problema com vocês? Faríamos isso cedo ou tarde.

Desde que deixei o laboratório de Odon e viemos à Divisão de Estratégia e Assuntos de Governo, que não tenho observado mais nada além da incansável discussão entre os dois sobre qual destino dar à humana.

Como dois irmãos, vindos do mesmo útero, podem ser tão diferentes? Odon usa a desculpa de querer estudar mais a C001 para, na realidade, livrá-la do julgamento e condenação à morte.

Aaron deseja apenas uma palavra minha para colocar a humana dentro da nave e lançá-la ao espaço, para que a gravidade, falta de oxigênio e as demais implicações deem conta da vida dela.

Enquanto os dois discutem, encaro GuOr, que assim como eu, passou o tempo todo ouvindo-os em silêncio.

— Qual a sua decisão? — Ele não precisou elevar a voz ou exigir que fosse ouvido. — Já tomou uma, não foi?

O questionamento dele faz os dois irmãos me encararem em expectativa.

A decisão estava tomada desde o momento que fui buscar a humana sob a proteção da alquy. Parte dela não vai agradar Aaron e nem Odon, porque nem tudo estava exatamente em minhas mãos.

— Não vamos levá-la a julgamento. Darei o Midy à humana.

— O quê? — Aaron rugia enquanto Odon soltava o ar, aliviado.

O único momento que o rei perde toda sua autoridade é quando um condenado vai a julgamento. Cabe ao júri decidir qual fim ele terá. Só há uma coisa que pode salvar o prisioneiro, e isso deve ser feito antes que ele seja levado ao tribunal.

O Midy, a misericórdia real. Em toda a nossa história, ele foi usado apenas quatro vezes. Nenhuma vez durante o reinado do meu pai.

— Pela audácia, a humana deve ser levada a um julgamento straveno. — reafirma Aaron. — O Conselho vai exigir isso.

— O Conselho não está acima do rei. — ruge GuOr, exigindo que Aaron comece a recuar. — O Midy é a mais antiga das nossas leis. Somente Eiyrus decide como e quando deve usá-lo.

Pela primeira vez durante a quase uma hora que estamos aqui, o silêncio impera.

Apesar de enfatizar minha decisão, a postura fria de GuOr torna impossível saber se ele está ao meu lado ou é contrário ao meu decreto. Odon, por outro lado, deixa bem explícito todo o seu alívio, e Aaron, ruminando silenciosamente, busca lutar contra a raiva de outra vez ver os seus desejos em relação a C001 serem frustrados.

Não há o que ele ou qualquer straveno possa fazer, o Midy é supremo.

— Não sei o que essa humana está fazendo com você, Eiyrus — ressaltava Aaron, e vejo a mesma incompreensão nos rostos de Odon e GuOr. —, mas eu desejo que ela não se torne o motivo da sua ruína. Se me der sua permissão, majestade, vou apagar as chamas antes que se transformem em um incêndio incômodo de controlar.

Aaron não será o único frustrado com a minha decisão. Mas eu lidarei com os membros desgostosos do Conselho depois.

— Eiyrus. — GuOr sussurra, fitando-me com ar apreensivo.

Sei o que ele pensa sem nem mesmo precisar dizer uma única palavra. Infelizmente, qualquer conselho que ele cogite me dar chegaria um pouco tarde.

— Já disse tudo o que precisava dizer.

E quem poderia dizer que a humana, que todos consideravam fraca, frágil e inferior, causaria mudanças em mim cada vez mais notáveis e permanentes?

Cinco dias depois

Lidar com a inquietação do meu povo e as novas tentativas de invasão dos harkeryanos deveria manter a minha mente e tempo ocupados, certo?

Mas não. Tomo decisões, assino decretos e tento prestar atenção nas malditas audiências, mas sempre que me descuido, a minha mente volta para ela: a humana.

— O que você tem a dizer, Odon? — questiono assim que invado a sala dele.

— Nós não nos falamos esta manhã? — Nem seus olhos e nem sua atenção se desviam das anotações que ele faz em um dos seus computadores.

Não tomarei isso como insolência, porque Odon tem uma paixão inexplicável por seu trabalho. Ele pode ficar horas, dias e até mesmo semanas trancado nesta maldita sala sem ao menos se dar conta disso. E agora que a experiência com a C001 está estagnada, ele busca alternativas novas.

— Isso foi há quase cinco horas. — contraponho, impaciente.

— Como eu disse, esta manhã. — Desta vez ele ergue a cabeça, encarando-me aborrecido por atrapalhar, desnecessariamente ao seu ver, o seu trabalho. — Não há nada de novo, não que eu saiba.

— Ela não saiu do quarto. Não fala com ninguém. — persisto, bem próximo de chegar ao meu limite. — Sabe se ao menos está se alimentando?

— Sim. O suficiente para permanecer viva.

A resposta apenas consegue me deixar ainda mais exasperado.

— Isso não é normal. Não com ela. Talvez esteja doente. Você deveria fazer alguma coisa.

Desde que mostramos à humana o que havia acontecido na Terra, após sua partida, eu a vi se fechar em si mesma e nada mais parecer importar. Nem mesmo a notícia de que não seria levada a julgamento e execução a fez sair da grande bolha que construiu em volta de si.

— Os humanos são exageradamente sentimentais. — destacou Odon, enquanto eu começava a me perguntar se na verdade nós que nos tornamos frios. — E apesar de ninguém ter realmente morrido, para ela é como se tivessem. Ao que estudei, a tristeza é um dos processos de luto.

A humana estava triste. Eu odiava vê-la infeliz, e mais do que me sentir incomodado com isso, sua melancolia me causa uma angústia que me faz sentir oco por dentro.

— E o que cura a tristeza deles?

— O oposto dela.

Felicidade.

Só havia uma coisa que deixaria a C001 contente. O que eu deveria ter feito no mesmo dia que decretei seu perdão, mas não fui capaz de dizer a ela.

Dar a humana o que ela tanto deseja significa tirar de mim o que eu desesperadamente preciso.

— Farei isso. — balbucio comigo mesmo, deixando o laboratório em seguida.

A cena que me deparo no quarto da humana não é diferente da que vi quando estive aqui durante a manhã e nos dias anteriores.

Ela está encolhida na banquetta em frente à janela. Tem um olhar perdido no horizonte, mas não demonstra realmente observar algo.

— C001?

Nenhum fio de seus longos cabelos escuros se move. Chamo-a outra vez, e novamente não obtenho qualquer tipo de resposta. Aproximo-me cautelosamente, e quando estou alguns centímetros atrás dela, o perfume que sempre me desnorteia causa o mesmo efeito potente em mim.

— Humana. — murmuro, tocando suas mechas macias.

— Eu já fui filha de alguém. Amiga. Namorada... — eu não preciso estar vendo seu rosto para sentir sua melancolia — Agora, eu sou um número. Uma lembrança. Uma coisa qualquer.

Não para mim. Achamos que tratar as experiências exatamente como as víamos, apenas números, nos ajudaria a manter distância, deveria ajudar. Ela nunca seria só mais um número e uma coisa para mim.

— Quero que me escute. — Ajoelho-me ao seu lado e a faço virar para mim.

Ainda está aqui. Posso sentir como uma leve batida, como o pulsar do coração dela, a energia que sempre nos atraiu um para o outro.

— Nós... o meu povo, desejamos o melhor para Stravera, por isso, mantemos o planeta vivo e a salvo de Hark. Depois da metade do nosso povo ter sido dizimado — A ferida ainda pulsa dentro de nós, mesmo tendo passado todo esse tempo e fingindo ignorá-la. —, acho que não nos vimos cair na mesma escuridão. Lutar contra os harkeryanos não precisa significar ser exatamente como eles.

Eu nunca soube o quão pesado poderia ser o vazio no peito, até estar diante dessa esmagadora possibilidade.

— Desejo oferecer um acordo.

Não era exatamente isso que tinha vindo dizer a ela, ou mostrar que não somos assim tão frios, mas a humana me deixa fraco como nenhuma toxina em Gofi conseguiria fazer.

— Um acordo?

— Me dê o herdeiro que tanto preciso. Em troca, farei com que seja considerada livre em Stravera. Há muito para você conhecer e explorar aqui, se quiser. Uma segunda chance. Uma vida nova. Ou voltar ao seu planeta, se essa for sua decisão.

Se eu não podia ficar com a humana, que eu ficasse com uma parte dela.

— Então? — Encaro ansiosamente seus lindos e brilhantes olhos impactados — O que me diz?

— Eu...

E, então, diante da inofensiva mulher, a que não deveria causar qualquer temor a mim, vejo que não estou apenas de joelhos diante dela.

Eu havia desenvolvido por ela sentimentos completamente novos para mim, que me deixavam caído por ela.

Capítulo 13



A realidade de que não tenho mais nada; casa, amigos, um lar para retornar. Foi um baque bastante difícil para digerir. Eu simplesmente me entreguei ao vazio desesperador ganhando espaço em meu coração, pouco me importando com os dias futuros ou qualquer plano que os stravenos pudessem desejar para mim.

Dormir, me alimentar, tomar banho, tudo isso é feito de forma automática porque Lalr, Odon ou algum outro alienígena, aparentemente cheio de boa intenção, se preocupava que eu fizesse isso.

Algumas vezes, durante a minha imersão na dor e na tristeza, cheguei a sentir a presença de Eiyrys enquanto estava na janela, o meu lugar preferido, ou derramando minhas angústias na cama através de lágrimas silenciosas.

Como eu vou fazer sem você, mamãe?

Lembro, com muita clareza, dos últimos minutos no hospital onde minha mãe foi internada, um pouco antes de ser conduzida ao orfanato, que a partir daquele dia se tornaria o meu lar.

Você é uma lutadora, Meredith. Recorda-se da história da Fênix? Você é como ela. Sempre acredite nisso e tudo dará certo.

Em cada dia que me sentia sozinha ou até mesmo perdida, recordava das últimas palavras da minha mãe e buscava caminhos para me reerguer. Por mais que a tristeza dentro de mim ainda tenha marcas profundas, existe outro sentimento, impossível de manter em silêncio, gritando para que eu reagisse.

Apesar de nunca mais poder ver Nicole, Chris, sua linda bebê e meu temperamental gato, Tom, a certeza de que eles estão bem, longe das minhas confusões, em segurança, e que serão felizes, é o que começa a me confortar.

Por isso, eu tenho que começar a entender minha nova realidade e dentro dela buscar a felicidade que sempre procurei.

Eu sei de duas coisas importantes. Os stravenos não são criaturas tão ruins assim – tirando Aaron, que a cada dia mais acho ser uma versão alienígena do meu gato, Tom – eles não são monstros horríveis a quem devo temer, pelo menos nenhum deles tentou devorar o meu cérebro. A segunda, é que estou vivendo uma das experiências mais incríveis que uma pessoa já sonhou ter: descobrir que existe mesmo vida em outros planetas e que, além disso, consigo me comunicar com elas, pelo menos com os stravenos.

Quando senti a presença de Eiyrys em meu quarto e sua energia marcante muito mais forte que as anteriores, pois não me sentia mais me afogar em uma piscina de dor e tristeza, eu já havia tomado a minha decisão. Ficar em Stravera e conhecer esse planeta fascinante e toda a sua tecnologia avançada o máximo que conseguisse.

Só havia me esquecido de um pequeno detalhe. O motivo que os levaram a me trazer até aqui. Dar a eles o bebê que tanto estão desejando.

Eu levei um tempo para compreender o que Eiyrus estava dizendo, porque minha atenção estava totalmente focada em como o vibrato da sua voz causa pequenos estremecimentos em mim. Como seu corpo gigante me faz querer ser abrigada por ele e, principalmente, no desejo inexplicável de que me beije.

— Você quer ter um bebê comigo?

Isso não é exatamente uma novidade, devo admitir, afinal, foi a razão de eles terem me tirado da Terra. A atualização é que agora estou começando a cogitar a ideia sem achá-la tão desvairada assim.

Se eu realmente for viver em Stravera e adotar esse novo planeta como meu lar, e se a compatibilidade genética entre eles e os humanos for mesmo possível, criando um ser que tenha o melhor dos dois lados, então, de alguma maneira ainda posso ter o que sempre desejei.

Uma família.

O fato é que, sendo uma garota solitária que cresceu acalentando sonhos românticos, a proposta de Eiyrus tocava no ponto certo.

— Apenas com você, C001.

Uau. Nenhum homem na Terra jamais havia me falado nem algo perto disso.

— Do jeito normal, pelo que me lembro. — murmuro, fugindo do seu olhar fixo em mim. — Quero dizer... do jeito humano de fazer as coisas.

— Odon afirma que não há outra alternativa.

Nas vezes em que pensei ter um filho, nunca me importou a aparência do pai: se fosse com um homem branco, negro ou asiático, desde que fosse com alguém que eu amasse. Agora, ter um com uma criatura de outro planeta, definitivamente coloca isso em outro patamar.

Aliás, ter relações sexuais com um alien é muita loucura para qualquer pessoa.

Ou não. Porque excluindo a cor da pele, a textura da pele, os olhos lindamente violetas, os traços felinos do rosto e os corpos extraordinariamente musculosos e fortes, não há tanta diferença assim, pelo menos eles não possuem chifres e nem rabos.

— Se eu aceitasse... bem... — busco controlar o nervosismo, mas é quase impossível. — Não quero ser enfiada novamente naquela cúpula e ser usada como experiência de laboratório.

— Isso não vai acontecer novamente. É uma promessa.

Muitas pessoas fizeram os mais diversos tipos de promessa para mim, que em sua maioria nunca foi cumprida. Com ele, de alguma maneira, sinto que posso confiar em sua palavra.

— E quero poder criar o nosso bebê. Ter uma casa aqui e minha liberdade garantida.

Estou puxando a corda um pouco demais, mas não posso aceitar menos que isso. Sendo um bebê alienígena ou não, nunca abandonaria um filho, sei bem como a falta de um dos pais, ou os dois, deixa um vazio enorme no peito.

— Se você aceitar e eu concordar com o que pede, dá sua garantia de que teremos um acordo inviolável? Eu posso confiar em você, humana?

Eiyrus me encara como se estivéssemos prestes a fazer um tratado valioso entre povos, o que de alguma forma é.

— Eu sou a pessoa que mais sabe sobre acreditar em alguém e ser cruelmente traída. Você pode confiar em mim, alienígena. Dou a minha palavra. — afirmo, estendendo a mão. — Eu prometo. Sem mais mentiras. Sem enganações. Sem tentativas de fuga.

Primeiro, Eiyrus estuda o meu rosto como se estivesse memorizando cada detalhe, pelo menos é assim que descrevo sua forma intensa de me encarar, depois, vejo surgir em seu rosto o mais próximo de uma expressão feliz que já vi em algum deles até hoje. Sua mão enorme fecha em volta da minha, e em vez de balançar em um cumprimento formal, como dois interessados fechando negócios, ele fecha os dedos firmemente em volta dos meus, e para minha surpresa, que transmito em forma de um gritinho chocado, sou jogada sentada em um dos joelhos que ele dobrou.

Envolvo o braço em seu pescoço para me ajudar a equilibrar, e isso só faz com que fiquemos ainda mais próximos.

— Você me faz o straveno mais feliz de toda galáxia, *minhr*. — ele sussurra em sua voz sexy, enquanto nossos rostos se aproximam cada vez mais.

Já o ouvi me chamar assim antes, e como das outras vezes, tem um ar de reverência. Mas a minha curiosidade em saber o que a palavra significa será respondida em outro momento, pois, quando Eiyrus segura o meu rosto e une nossas bocas, tudo à minha volta e em meus pensamentos ficam em segundo plano.

Nosso beijo inicia voraz, como das outras vezes. É como se tivéssemos uma fome um do outro que nunca é saciada. Sua mão

desliza frenética por minhas costas, subindo e descendo, e a carícia faz o meu estômago tremer.

Ele é rápido em me encaixar em seu colo ao nos erguer do chão, seguindo até a cama onde desaba comigo. Rolamos por ela, encerrando um beijo quente para iniciar outro. Sinto o seu toque correndo por minhas coxas, e antes que eu pudesse perceber, a túnica que me cobre está sendo retirada.

Os olhos famintos caem sobre o sutiã cobrindo os meus seios, e quando as pontas dos dedos brincam entre a borda do tecido e os meus seios, um gemido angustiado escapa de mim. Eiyrus volta a me cobrir com seu corpo. Ele beija cada centímetro do meu pescoço, descendo pelos ombros, fazendo-me curvar o corpo em oferecimento a ele.

Ele engancha os dedos na renda do sutiã e o puxa para baixo, deixando os meus seios livres para a sua boca esfomeada.

— Ah! — um grito ofegante sai de meus lábios ao ter sua língua molhada e áspera abocanhando meu mamilo endurecido.

Seus lábios são quentes em volta da minha pele e me deixa cada vez mais acesa por ele, úmida como nunca estive.

Suas chupadas fortes e profundas nos bicos dos meus seios, cada vez mais sensíveis, fazem meu ventre tremer, e é de longe uma das sensações mais prazerosas que já experimentei. Arqueio as minhas costas, oferecendo-me mais a Eiyrus, e sua mão firme agarra minha cintura.

Apalpo seu peito tão largo, lamentando que o tecido de sua roupa ainda o cobrisse. Quero tocar sua pele, sentir o calor espalhar pelos meus dedos, provocar nele tudo o que me faz sentir.

Eiyrus suga mais forte, e meu corpo estremece em resposta. Há um vulcão querendo explodir dentro de mim. Ele toca o tecido fino de minha calcinha, e quando o estalo dela sendo rasgado ecoa no quarto e a mão dele desliza suavemente para dentro das minhas pernas, o choque do quão longe estamos indo me faz paralisar.

— Calma ai, grandão! — protesto, sem fôlego, e apesar do meu corpo trêmulo, consigo forças para escorregar de debaixo dele, arrastando-me para o outro lado da cama.

Eiyrus estava tão imerso no momento ardente que trocamos, que leva alguns segundos para compreender o meu afastamento repentino.

— O que eu fiz de errado?

— Errado? Não. Você estava fazendo exatamente tudo certo. Até demais, para ser honesta.

— Então, por que...

Se ele está confuso, eu me sinto muito mais. Assustada, na verdade, com tanta química que temos e em como Eiyrus me faz derreter em seus braços com cada beijo e carícia.

— Tenho mais uma condição. — murmuro, e seu olhar carregado de luxúria é minha nova fraqueza em relação a ele. — Um pedido, na verdade.

— Não vou machucar você, humana. — ele afirma seriamente, e seu olhar cai para baixo de sua cintura.

Não há como não fazer o mesmo, e ao ver o volume expressivo em sua calça, engulo em seco. As palavras 'bem-dotado' deveriam mudar para 'straveno másculo'. Ao mesmo tempo que eu me perguntava se tudo isso caberá em mim, estou salivando para poder provar.

— Sou grande, mas nunca a machucaria.

— Sei que não. — afirmo, sorrindo, porque novamente tenho confiança no que ele diz. — Não é esse o problema. É que...

Surpreendentemente tímida para alguém que esteve rolando na cama com ele como dois animais no cio, desvio o olhar para as minhas mãos sobre as minhas coxas.

— O que a assusta? — Os dedos firmes seguram delicadamente o meu queixo e me fazem encará-lo.

— Se vamos fazer isso... hum... você sabe. — Nunca achei que pudesse existir algum traço de timidez em mim até agora, mas eu também nunca me vi tão conectada a alguém como estou com Eiyrys. — Poderíamos nos conhecer melhor.

— Mas eu já conheço você. É a C001, vinda da Terra e...

— Nos conhecer de forma mais profunda...

— Profunda? — Sua expressão confusa é tão destacada que chega a ser engraçada e fofa.

— Sim. Sabermos o que gostamos. Como, qual a sua cor preferida?

— Nenhuma.

— Não tem uma cor preferida?

— Não.

— Eu gosto de amarelo, caso queira saber.

Tudo bem, é bastante estranho ficarmos falando sobre cores ou comidas preferidas, enquanto eu estou nua e a única refeição que Eiyrys pretende fazer sou eu inteirinha.

— Escuta, alienígena... — Ignoro seu olhar cheio de intenções deliciosamente perversas sobre o meu corpo e busco a túnica, vestindo-a rapidamente.

— Rei Eiyrus. — ele me corrige, fazendo-me revirar os olhos.

— Prazer, Meredith. — digo em tom de deboche, é irônico ele querer me corrigir quando até agora venho sendo chamada por um número. — Algumas garotas na Terra levam numa boa essa coisa de só um lance e nada mais. Eu sou um pouco das antigas.

Apesar de tentar, ele não entende nada do que quero dizer. E eu começo a pensar que minha missão neste planeta pode ser mais do que dar um herdeiro ao rei. Talvez eles precisem aprender sobre sentimentos.

— Passar um tempo juntos. Conhecer um ao outro e ter mais do que uma conexão sexual.

— Deseja me conhecer melhor antes de copular?

— Será que poderia usar a palavra sexo?

— Tudo bem. — ele avisa, ficando de pé, e eu tento ao máximo não encarar sua masculinidade ainda evidente.

Será que eles sofriam o mesmo incômodo que os homens alegavam ter ao não consumir o ato?

— Tudo bem sobre sexo ou...

— Nos conhecermos melhor. Quantas horas vai levar isso?

Horas? Desta vez sou eu a olhá-lo sem compreender.

— Talvez alguns dias ou semanas. — murmuro, e vejo seus olhos levemente puxados parecerem dobrar de tamanho.

— Semanas? — Seu rosto parece tão torturado como de alguém condenado à morte.

Ou muito possível de alguém querendo me matar. Não posso condená-lo, tenho uma parte em mim que deseja fazer o mesmo por essa ideia estúpida.

Vejo-o grunhir, passar exasperadamente a mão pelo rosto, caminhar decididamente até mim, segurar o meu rosto, e depois de um beijo de tirar o fôlego, se afastar com uma expressão atormentada.

— *Parya!* — Eiyrus murmura, mexendo em sua pulseira, se transportando para fora do quarto em seguida.

Parya!

Não faço ideia do que a palavra significa, mas compartilho exatamente a mesma frustração sexual que fez Eiyrus sair angustiado daqui.

E não posso culpar ninguém além de mim.

Mil vezes *parya!*

Capítulo 14



Como uma reunião urgente com Odon se transformou em uma roda de discussão com a presença de GuOr e Aaron, não sei explicar. Mas, neste momento, a minha vida íntima está sendo colocada na mesa.

Acontece que eu, e pelo visto todos os meus companheiros aqui, não conseguimos entender os humanos, principalmente as fêmeas. Quanto mais estudo sobre elas, suas rotinas, costumes, formas de agir, menos compreensíveis parecem ser.

Quando a humana aceitou minha proposta, jamais pensei que faria tantas exigências. E eu nem faço ideia de como ficaria, caso ela desejasse voltar à Terra, pois, embora ela ainda não saiba, teria atendido ao pedido.

Acontece que nós temos uma grande química e uma conexão ainda maior. Nenhuma stravena, antes do vírus, chegou perto de me fazer sentir as emoções que a C001 me desperta. Então, por que no momento em que estávamos a caminho de consumir o ato, ela

havia recusado? Deixando-me ainda mais confuso, frustrado e com um incômodo em minhas partes baixas que eu nunca havia sequer tido conhecimento que isso era possível.

— Vamos recapitular do início. — diz Odon com a expressão ainda mais confusa de quando surgiu em sua casa. — A humana disse que precisa conhecê-la e você...

— Mas ele já sabe quem ela é. — afirma Aaron antes de dar um longo gole em seu *bees*^[9].

— Sim, Meredith Cooper, vinte e oito anos, trazida da Terra para... — digo, recebendo um olhar enfadado dele.

— Por favor, poupe-me dos detalhes técnicos, primo. Já conheço cada um. Fui buscá-la, esqueceu?

— Eu acho que a humana espera estabelecer um vínculo emocional com você. Do jeito deles. — explica Odon, colocando seu dispositivo de estudo sobre a mesa.

— Ela espera que você a corteje. — diz GuOr, que até este minuto esteve em completo silêncio, fazendo todos nós o olharmos abismados — O quê? Andei estudando os humanos um pouco mais.

Pelo visto, todos nesta sala passaram a fazer isso desde que a C001 foi colocada entre nós.

— As humanas, você quer dizer. — provoca Odon, deixando claro no olhar que troca com o meu conselheiro e amigo que sabe mais do que está sendo revelado. — Deseja ser o próximo a ter uma humana, GuOr?

— Apenas cumprindo as minhas funções. — O olhar que ele devolve ao meu primo faz com que a expressão provocativa se desfaça. — Mas estou pronto para fazer o que sua majestade desejar.

— Sua majestade ficou no castelo, GuOr. — relembro a ele que, quando estamos reunidos de maneira tão informal, desejo ser tratado da mesma forma. — Agora, sou apenas Eiyrus.

— O que significa cortejar? — A pergunta vem de Aaron que, ao contrário de nós, pouco se interessa em aprofundar seus conhecimentos em relação aos humanos.

— Quer dizer que ele tem que levar flores a ela. — inicia Odon com um semblante bastante sério, enquanto GuOr mal consegue segurar a expressão de diversão e Aaron segue confuso. — Ter longas conversas, jantares com música, dança...

— O que é uma dança?

— Por Ores^[10], Aaron! — Odon o fuzila com o olhar — Será que você poderia tentar aprender o mínimo sobre eles?

— Não. — Aaron responde com toda calma e de forma irritante.

Antes de todo esse caos, eu e Aaron sempre nos demos muito bem, por isso, ignoro-o como tenho preferido fazer na maioria das vezes e volto a minha atenção para o que Odon está dizendo.

— Só que ela disse dias ou semanas! — recordo-o o que realmente está me incomodando nesta história.

Não sei exatamente como vai ser quando me unir a C001 de forma carnal, apenas tenho certeza de que farei o impossível para não a machucar devido à nossa gritante diferença física, só que é cada vez mais difícil controlar esses impulsos sexuais sempre que ela está por perto ou que a tomo em meus braços.

Eu não sei se isso é um efeito que as humanas causam em nós ou se apenas eu que estou sendo afetado.

— Vocês... — Engulo em seco, acho que não quero saber a resposta para a pergunta que preciso fazer. — Não sentem nada?

— Nada tipo o quê? — Aaron me encara com bastante interesse.

— Sobre ela. Alguma coisa diferente.

— Hum... ainda desejo jogar o seu corpo fraco no espaço.

Rujo, mostrando todos os meus dentes para ele como se fosse um notur buscando confusão. Mas eu prefiro ter raiva de Aaron por ainda implicar com a humana do que querer matá-lo, se confessasse que também sente desejo por ela.

— Eu gosto dela. — Dou o mesmo olhar raivoso a Odon quando o ouço confessar isso, e ele rapidamente ergue a mão para se justificar. — Como gosto do GuOr, por exemplo.

— E você? — Aponto o meu amigo.

— Quando não está bancando a fujona — Ele ergue e abaixa seus ombros largos. —, a humana é interessante.

— Interessante em que sentido? — Estou fechando os meus dedos nas palmas das mãos e fazendo um juramento silencioso de não atacar, não importa qual seja a resposta — Você quer beijá-la?

— Não. Isso deve ser horrível. — ele declara, apavorado.

Conto a verdade a eles, sobre como beijar a humana é uma das experiências mais incríveis que já tive, ou os deixo na ignorância?

— Não é horrível. — Não sabemos mentir, então, vem antes que eu possa refletir melhor sobre isso. — Acho que a melhor forma para descrever é extraordinário.

Os três me encaram como se eu tivesse afirmado ter assinado um acordo de paz com o planeta Hark.

— Bom, então você tem um problema. — afirma GuOr, batendo amigavelmente em minhas costas.

— Um grande problema, eu diria. — contribui Odon, entregando um copo com bees.

— *Parya!* — É tudo o que Aaron diz.

Eu estou fodido.

A humana disse que deseja que tenhamos uma relação como as pessoas da Terra, e para conseguir torná-la minha e termos o herdeiro que Stravera tanto deseja, mergulharei nisso com foco e determinação.

— C001?

— Misericórdia! — Ela salta da poltrona onde estava perdida em seus pensamentos e dirige a mim um olhar furioso. — Será que poderia começar a usar as portas?

— Eu não preciso de portas. — determino, esclarecendo a minha aparição repentina.

— Pois deveria. Acho que tenho direito à minha privacidade.

Observo desde as finas alças em seu vestido prateado até as botas transparentes. O estilista no castelo vem fazendo um bom trabalho para recriar e adaptar na humana o que as stravenas costumavam usar. A cor do tecido e a forma como ele molda, evidenciando cada curva em seu corpo perfeito, enchem os meus olhos de maneira que meu único desejo é jogá-la sobre a cama e...

— Eiyrus? Está me ouvindo?

— O que dizia? — Engulo em seco e me obrigo a manter a compostura.

— Sobre as portas. Agora, há uma garota aqui e desejo saber quando querem entrar em meu quarto. Eu poderia estar nua, sabia?

— Já a vi nua.

Embora, pensando bem, eu não desejo que ninguém mais a veja assim.

— Mas acho que tem razão. Portas agora são indispensáveis, pelo menos nos seus aposentos.

Vejo-a soltar um suspiro aliviado e depois sorrir. Sinto como se todo o ambiente tivesse ficado ainda mais iluminado.

Por que um simples sorriso parece como se eu tivesse levado um soco no estômago?

— Agora, sobre a outra questão. — Digito os códigos no bracelete em meu pulso, e um belo buquê com sadi, lusa e temposa surgiu, e o estendi para ela. — São flores colhidas no jardim do castelo. É para o cortejo.

— Cortejo.

— GuOr disse que você espera que eu a corteje. Sobre a nossa conversa de ontem.

No primeiro momento, ela me observa como se ainda estivesse confusa, depois, seus lábios e ombros começam a tremer até que todo o seu corpo esteja se sacudindo em uma gargalhada.

— Cortejar? — Ela se curva, e uma nova onda de risos toma conta dela. — Acho que já faz um século que não se usa mais esse termo.

Nunca ninguém jamais se atreveu a rir de mim. Talvez GuOr ou Odon e Aaron, que são meus primos, tenham chegado perto

disso, mas nunca quando eu estava em minha posição real. E apesar do atrevimento da terráquea, vê-la se divertir tanto com meu vacilo não incomoda nem um pouco, isso porque a C001 sorrindo consegue ficar ainda mais linda.

— Você não tem que me cortejar. — ela murmura ao se recompor e pega as flores que ainda mantenho no ar com meu braço esticado. — Apenas quero que a gente se conheça melhor. Conversar ajudaria muito. Você poderia fazer isso me mostrando o castelo.

— Será um prazer. — respondo enquanto o seu braço encaixa no meu.

Estava pronto para usar o bracelete e nos transportar para outro ambiente, quando seu olhar insistente para a parede de cristal me faz recordar o pedido sobre as portas. Estendo a minha mão, tocando a superfície que lê as minhas digitais, e a porta camuflada começa a subir.

— Pedirei que deem os acessos a você.

Recebo o seu sorriso grato, e isso literalmente faz o meu peito inflar.

Andar pelo castelo não é algo novo para mim, cresci correndo por todos os cantos, mas a humana fica encantada por detalhes novos que conhece. Como as salas de jogos e realidade virtual. A biblioteca com livros tridimensionais. A sala de treino com professores, adversários e desafios virtuais.

— É só dizer o que quer e tudo surge como mágica? — ela indaga, surpresa, ao ver uma das portas do armário ser aberta e a bandeja com o suco que solicitei surgir. — Tudo não, precisa estar dentro da lista. Larl é responsável para que sempre fique abastecido.

— Ainda não acredito em tudo o que vejo. É como ter ido para o futuro. Essa cozinha é o sonho de nove entre dez mulheres no meu planeta.

A empolgação dela por coisas que considero tão comuns me diverte. Aliás, isso é algo que venho descobrindo com muito prazer: a humana é engraçada.

— Segure-se em mim. — aviso quando o copo vazio é colocado em uma cúpula e o objeto desaparece para ser limpo. — Quero te mostrar uma coisa.

Do interior do castelo, vamos parar no imenso jardim. Há um número expressivo de flores de variadas cores, formatos e perfumes, insetos inofensivos e que contribuem para nossa fauna, e alguns animais domésticos curiosos com a presença da criatura nova.

— Que lugar incrível! — Os seus olhos parecem dois Ores brilhando em seu rosto. — Eu sempre achei que o paraíso fosse assim.

— É o lugar que vocês acham que vão quando morrem?

— Não sei se iria para lá, mas fico feliz em estar aqui. Olha aquilo ali...

Ela aponta para um dos raat, correndo entre as plantas. É um animal bastante peludo e redondo como uma bola. Ele também tem olhos grandes e redondos que sempre estão nos encarando de um

jeito meigo, bastante difícil de ignorar para quem não está acostumado.

— Posso pegar? — Os seus olhos, como o tom da sua voz, imploram por isso.

— Não confie muito nesses olhinhos amorosos. — Aviso, e quando a vejo prender a bola de pelo contra o peito, que começa a dar lambidas em suas mãos, sei que é uma guerra perdida, o animal já conquistou ou foi conquistado. — Ele só quer que o alimente com felias.

— Eu tinha um gato chamado Tom. Uma bolinha de pelo quase parecida com essa. Bom, ele tinha orelhas pontudas, excesso de peso e um longo rabo. — Ela acaricia a cabeça peluda, e o raat vibra em seu colo. — Posso ficar com ele?

Raat não são animais que geralmente deixamos em casa. São animais agitados e em grande parte do tempo atrapalhados também.

— Bem...

— Por favor! Por favor... — Seu olhar é uma cópia idêntica que os do raat faz, e me pergunto qual dos dois é mais perigoso nesse sentido. — Por favor.

Eu devo dizer não, mas me vejo concordando com a cabeça. Larl e outros empregados do palácio não irão gostar nem um pouco de saber sobre o raat correndo por todos os cantos, mas eu não consigo me ver negando um pedido tão fervoroso à humana.

— Ele precisará ser treinado. E caso se adapte a viver dentro do castelo, poderá ficar com ele.

Acho que não preciso dizer agora que não o tomarei dela, caso isso não aconteça.

Droga! Parece que estou me tornando um brinquedo de cordas nas suas pequenas e delicadas mãos.

— Venha, ainda há muitas coisas que eu acho que gostará de conhecer.

O tour pelo jardim continua. Sou questionado como gosto de me alimentar e o que faço como diversão. Matar um notur, animal que descobri tê-la atacado, não é uma descrição de diversão para ela. Tocar em assuntos que envolvem a Terra a deixa abatida, então, passei a maior parte do tempo falando de tudo à nossa volta que pudesse lhe interessar e o que surgia de curiosidade sobre mim.

As horas com a C001 passaram mais rápido do que eu teria imaginado, e em embora em muitos momentos, ao vê-la sorrir ou quando nossos corpos se chocavam quando caminhávamos, tenha sentido um desejo inexplicável de tomá-la em meus braços e beijá-la, consegui controlar os impulsos, focando em como estar em sua companhia me deixa feliz.

No fim do passeio, deixamos o raat com o treinador e voltamos aos aposentos dela. Aciono a porta, e paramos entre a entrada do quarto e o corredor.

— Então, eu acho que...

— Eu me diverti muito. — ela fala junto comigo.

Ela sorri, levando-me a retribuir, abrindo os meus lábios. e acho que até estou mostrando alguns dos meus dentes superiores.

Sorrir não é algo que fazemos muito, mas descubro com ela que é algo que eu aprecio cada vez mais.

— Deveria fazer mais isso. — ela murmura, e damos dois passos, um em direção ao outro.

— Levá-la a mais passeios pelo castelo?

Antes de me dar a resposta, ela fica nas pontas dos pés, ergue o braço até o meu rosto e a sua mão delicada toca o meu rosto.

— Sorrir mais. Fica ainda mais bonito quando faz isso.

Nós não vemos beleza da mesma forma que os humanos, a forma física só é levada em conta se você for um guerreiro, quanto mais forte, melhor se destaca. Quando tínhamos algum interesse em alguma fêmea stravena, o que sempre chamava a atenção era a personalidade e inteligência, e o mesmo era buscado em nós.

Mas, de certa forma, entendo o que a C001 quis dizer. Apenas com ela descobri o poder que tem um sorriso, e fico feliz que o meu cause o mesmo sentimento que o dela causa em mim.

— Então, acha que sou bonito? — seguro sua cintura, puxando-a mais para mim enquanto me inclino, aproximando mais o rosto do seu.

— Para um alienígena... — Temos as bocas tão pertos que nossas respirações parecem se unir — Não é nada mal.

— E o que mais gosta em mim, humana?

— Bom... — Um pequeno sorriso começa a surgir na curva dos seus lábios, e isso me faz desejar mordê-los. — O seu beijo é... uau. Eu não me importaria nada se...

Não é preciso terminar a provocação, estive a tarde toda desejando isso, e se não a beijasse agora, sinto que sou capaz de enlouquecer.

O calor ganha mais intensidade dentro de mim assim que nossos lábios se unem. O encontro de nossas línguas é carregado de puro desejo. Provamos um ao outro, desejando mais. As minhas mãos correm por seu corpo que se pressiona contra o meu,

necessitando estar em todos os lugares, mas seus seios volumosos e traseiro redondo são meus lugares favoritos. E quando agarro mais firme sua bunda, fazendo o quadril se encaixar mais ao meu, com meu pau cada vez maior se esfregando contra ela, o gemido que ela solta causa grande prazer, o que também me faz estremecer.

Giro com ela ainda enroscada em mim e pressiono suas costas contra a parede. O beijo fica mais frenético, ardente, e está nos incendiando. O meu pensamento gira no desejo que tenho de arrancar seu vestido, e quando começo a abaixar as alças, sua voz gemendo o meu nome como uma espécie de tortura me faz recuar.

— Eiyrus... — Seu rosto aflito me faz querer esmurrar a mim mesmo, e eu me afasto mais.

— Desculpe. — Passo a mão pelo meu rosto, tentando controlar a frustração e raiva que começo a sentir de mim.

Perto da humana perco algo que sempre me orgulhei dominar.
O controle.

— Espera, eu... — Seus pés a fazem vacilar até mim, e estou perto de fraquejar outra vez.

Dias? Semanas?

Droga!

Por quanto tempo conseguirei suportar essa tortura?

— Preciso ir. — aviso, erguendo meu pulso. — Se não for agora, eu...

Não sei se conseguirei me controlar.

— Mas eu... — São as últimas e angustiantes palavras atordoadas que escuto antes de me transportar até o meu quarto.

A pesquisa que fiz sobre humanos dizia que os homens recorrem a banhos frios para amenizar um pouco o grande desconforto entre as pernas.

Pelas mil estrelas, nem que eu nadasse no rio Oyada por cem anos o meu problema entre as pernas seria resolvido.

Aaron mais uma vez tem razão: eu estou completamente ferrado.

Capítulo 15



Eiyrus entendeu tudo errado. Não me sentia relutante com o nosso beijo extraordinariamente quente, ou medo de para onde estávamos seguindo. O que eu queria mesmo era que ele continuasse. Cada suspiro que dei, em cada momento que estremeci em seus braços, foi ansiando que ele seguisse em frente.

Uma pequena complicação em relação a esses alienígenas, e que preciso ficar sempre atenta, é que eles são sempre diretos e não entendem joguinhos, mesmo os de sedução. O que, de certa forma, começo a pensar que seria um bom caminho, o mundo seria melhor se as pessoas fossem sempre mais honestas o tempo todo. Mentimos para conseguir o que desejamos, para não nos ferir ou magoar outras pessoas, o que acaba sempre acontecendo quando a verdade vem à tona.

A culpa por ter o corpo em chamas e vibrando por ele havia sido da minha ideia estúpida ao pedir tempo, para criarmos uma intimidade entre nós que já existe. Nunca, nenhum homem que me relacionei na Terra, me deixou tão quente como Eiyrus faz. Nós

temos uma química que é realmente de outro mundo, e me sinto pronta para dar o próximo passo com ele.

Hora de mudar os planos, Meredith Cooper – Um largo sorriso me acompanha quando corro saltitante até minha cama.

Os meus olhos imediatamente se fixam no teto transparente, onde posso ver os planetas e as estrelas brilhantes que são como uma pintura que eu pudesse tocar.

Stravera tem perigos que eu sinceramente espero não me deparar novamente, mas esses riscos nem chegam perto de como este lugar, que agora será o meu novo lar, é fascinante.

Já tenho um bichinho de estimação que é a criaturinha mais fofa do mundo, em breve terei um bebê, formando a família que sempre sonhei. Um pouco diferente, preciso admitir, mas, ainda assim, alguém para amar e cuidar. Para esse inusitado conto de fadas ficar perfeito, só faltava conquistar o coração do straveno e rei deste planeta incrível.

Os Stravenos têm coração?

Bom, acho que estou prestes a descobrir isso.

As luzes piscando em volta da porta indicam que tenho visitas. Como prometeu, Eiyrus não apenas ordenou que elas fossem usadas no meu quarto, como também deu acesso para que eu pudesse entrar e sair de cada ambiente no palácio que eu quisesse visitar e fosse seguro a mim. Então, quando não estou em meu quarto, passo algum tempo no jardim conhecendo coisas novas e me divertindo na moderna cozinha, deixando Larl maluco.

A cada dia que passo, começo a ver esses alienígenas com outros olhos. Baixando a minha guarda, sem o medo e o desejo desesperado de voltar para casa, posso ver que eles são criaturas inofensivas, brutalmente honestas e incapazes de fazer o mal apenas por prazer.

Certo, a ideia de invadir a Terra, caçando mulheres para terem seus bebês, não era tão inocente assim, mas o que desejam é manter o seu planeta seguro e com vida. Eu já vi pessoas fazerem pior no meu planeta, usando ideologias religiosas e políticas.

Talvez o que falta neles seja justamente esse toque feminino, a força que a fragilidade traz. E ficarei mais do que satisfeita em ensinar a esses belos machões um pouco mais sobre sentimentos e emoções.

— Olá. — Eiyrus e toda sua imensidão surgem diante dos meus olhos quando abro a porta, e não sei o que me deixa mais derretida, seu corpo perfeito no uniforme azul colado à pele ou a voz rouca e potente.

— Oi. — respondo como uma garotinha no primeiro encontro.

— Preparada para uma nova aventura?

Além do castelo, nós fizemos uma pequena excursão em sua aeronave pela cidade de Criso, e foi a primeira vez que passei a maior parte do tempo muda. Não havia palavras para descrever o que senti ao ver as ruas feitas de luzes prateadas, os prédios de diferentes formas feitos de cristais e arein, que Eiyrus me contou ser o aço mais resistente do universo, as projeções tridimensionais e toda tecnologia que torna a cidade um verdadeiro cenário de filme de ficção científica.

— Pronta e ansiosa. — respondo, unindo a minha mão na dele, e esse toque faz todo o meu corpo vibrar.

A forma que Eiyrus me encara de volta, que seus olhos violetas parecem ficar um pouco mais escuros, me diz que com ele não é diferente.

Esses dias têm sido bastante complicados. Enquanto estou empenhada em seduzir o alienígena, ele tem tentado cumprir a promessa de ir com calma com as coisas. Ele é bem mais resistente que eu, ou finge melhor. Quase chegamos às vias de fato por duas vezes dentro da nave, após voltarmos de um passeio, outra vez quando recebi sua visita surpresa ao aproveitar o jardim e quando fui deixada em meu quarto no dia anterior. O que posso dizer é que ambos estamos no limite e praticamente escalando paredes devido ao desejo que nos consome.

— Segure-se em mim. — ele avisa, passando seus braços fortes em volta da minha cintura. — Sei que transportar a deixa um pouco zonha.

Isso porque mudamos rápido demais de um lugar para o outro, e por alguns segundos a vista turva.

Chegamos ao local, e eu rapidamente o reconheci.

— Já estive aqui.

É o lugar onde a alquy me trouxe para devolver a Eiyrus.

— É o deserto de Gofi. Tem esse nome por causa do rio. É para lá que vamos.

O terreno arenoso, cheio de fendas que explodem gases e fumaça verde e as dunas mais à frente mantém escondido o rio que ele citou.

— Cuidado com a fumaça. — Eiyrus me puxa mais para perto dele quando passo bem próximo de um buraco em erupção — São alucinógenas para nós, mas não sei o que causaria em você.

E eu de forma alguma pretendo descobrir.

Seguimos para as dunas, passamos por três delas. Seria mais fácil nos transportar até o rio Gofi, mas percebo que ele deseja que eu aprecie toda beleza que o deserto cheio de vida nos presenteia.

— Minha nossa!

Acho que já perdi as contas de quantas vezes usei essa palavra neste planeta. Mas não há forma melhor de me expressar. Diante dos meus olhos está simplesmente um gigantesco rio com águas em tom inacreditável de amarelo.

O curioso também é que por metros ao redor dele há vegetação e animais de espécies diversas. Os que mais me chamam a atenção são as aves gigantes de três rabos e penas de vários tons de vermelho.

— São terodocios, parecem assustadores, mas não são perigosos. — ele diz quando começo a me esconder atrás dele, ao notar uma das aves focar sua atenção sobre nós. — Comem apenas folhas e só ficam arisco quando tentamos montar neles.

— E por que fariam isso?

— São as aves mais rápidas que temos por aqui.

— Ei, vocês têm naves espaciais, sabia? Com toda a segurança necessária.

— É divertido. — ele explica com um sorriso. — A levaria a um passeio, mas é extremamente difícil montar um desses, até mesmo para mim ou GuOr.

Deve ser como se sentar em um cavalo arisco, precisa ter paciência e habilidade para domá-lo. O meu passeio com a ave da alquy foi uma experiência impactante suficiente para saber que não quero subir no terodocio.

— Aqui é quente. — destaco, começando a sentir os efeitos que o deserto produz em minha pele.

É uma boa desculpa para abaixar as alças do vestido, que começa a grudar em minha pele, formando um decote generoso.

— É a região mais quente em Stravena. — O olhar de Eiyrys cai exatamente onde desejo.

O pomo de adão se move quando ele engole em seco.

— No norte do deserto faz ainda mais calor. — Sua voz está mais rouca que o normal, e eu sigo movendo meu corpo e os dedos em minha pele, deixando sua respiração ainda mais acelerada. — Até mesmo para nós.

Toco com os dedos a curva entre meus seios, e é suficiente para Eiyrys emitir um grunhido baixo e desviar seu olhar.

O straveno está sendo realmente resistente. Mas eu sou persistente, reflito sorrindo. Quem poderia dizer que aquela garota assustada que chegou aqui, planejando inúmeras possibilidades de fuga, agora, bancava a sedutora querendo laçar o alienígena super sexy.

— Ninguém consegue viver muito tempo debaixo de ores, além das criaturas que vivem lá. — A seriedade que ele diz isso me faz deixar de lado a minha versão Sharon Stone em *Instinto Selvagem*, para prestar atenção no aviso. — Um notur se torna tão inofensivo quanto um raat se comparado a elas. Então, é melhor que fique longe daquela região.

É impressionante a mistura que esse planeta tem e o contraste entre avanços tecnológicos e vida primitiva.

— Ores é o sol de vocês, certo? O quão longe estamos da Terra?

Ele responde a distância aproximada, e nem sei como contar tudo isso. O que explica porque o céu, as estrelas e os planetas que consigo ver do quarto parecem tão diferentes de todos que já estudei na escola.

— Vamos ficar perto do rio. — sugere Eiyurus, estendendo sua mão a mim, e quando as unimos sinto algo completamente diferente de toda a nossa tensão sexual.

É como se ele fosse a parte em mim que faltava e passei todo esse tempo tentando encontrar.

Nós nos dirigimos para um conjunto gigante de árvores, que forma um abrigo natural sobre nossas cabeças. Eiyurus usa o bracelete para sumir e ressurgir trazendo vários objetos, entre eles uma manta e uma cesta que coloca no chão.

— Vamos fazer um piquenique? — questiono, completamente surpresa.

— Vocês chamam de encontro, não é?

Um largo e inevitável sorriso começa a surgir em meu rosto.

— Está tentando ter um encontro comigo, alienígena?

Ele não gosta que o chame de alienígena, mas já determinei que não o trataria de outra forma enquanto eu fosse *a humana* ou *C001*.

— Não fizemos isso todo esse tempo?

Sua confusão é entendível, a forma deles se relacionarem é completamente diferente da minha, e temos que lembrar que eles

não têm uma mulher no planeta deles há mais de 300 anos. Além disso, todos os passeios, o jantar em meu quarto à base de luzes românticas, caracterizam-se como encontros.

— Claro que fizemos. E devo confessar que ninguém nunca se empenhou tanto assim para ter encontros comigo.

— Então, eles eram muito idiotas. Se vai fazer alguma coisa, precisa ser bem-feito.

Sim, eles eram muito babacas, e Eiyrus não é o primeiro a me dizer isso. Nicole sempre me avisava que eu tinha o dom de atrair os piores tipos de homens, a diferença é que agora eu consigo ver isso.

É no mínimo irônico eu ter sido sequestrada por alienígenas e ter vindo parar em outro planeta para enxergar que, mesmo sendo claramente cobiçada, mereço e posso exigir respeito. Eiyrus me quer, vejo por cada olhar que me dá, nos beijos e carícias que trocamos, mas ele não vai ultrapassar o sinal se eu não desejar isso.

— Bom, então, o que temos aqui? — Sigo animada até a cesta de comida.

O momento de sedução pode ficar um pouquinho para mais tarde, agora, quero aproveitar cada minuto com ele e gozar da chance de nos conhecermos mais.

O meu temor que o meu corpo ficasse da mesma tonalidade da água foi totalmente infundado. A coloração vem do mineral das

rochas em sua profundidade, que refletem na superfície, mas não chegam a colorir a nossa pele.

No início, tive medo de entrar na água um pouco, por causa dos terodocios que vão à margem para se refrescar, depois, pelo receio das criaturas estranhas que poderiam existir dentro do rio, mas Eiyurus garantiu que ficaríamos em uma parte segura e que ele estaria sempre ao meu lado para me proteger. E se há algo que não duvido nesse alienígena é a sua palavra.

Depois que meus receios foram embora, passamos a nos divertir bastante, nadando, flutuando, admirando o lindo céu, ou comigo provocando-o com ataques inesperados de bombas d'água.

— É uma tatuagem? — indago quando retornamos à manta e tenho seu peito largo e musculoso para a minha apreciação.

Ele tem um tipo de desenho na pele, entre o peito e as costelas, diferente de tudo o que já vi. A cor também é em um azul vibrante que até parece cintilar.

— Uma marca do nosso povo. — Eiyurus responde e pega a minha mão trêmula, passando-a nas linhas do desenho em sua pele. — Vai se formando enquanto crescemos e na fase adulta ela fica completa.

Quanto mais eu descubro sobre eles, mais fascinada vou ficando.

— E-e esse relógio? — A minha voz perde um pouco da segurança ao vê-lo mover a minha mão um pouco mais abaixo em seu corpo. — Tem todas as respostas através dele?

— Não é um relógio. Só os humanos são tolos em achar que podem controlar o tempo.

Não deixa de ser uma verdade, vivemos desejando voltar ao passado ou viajar para o futuro, sempre tentando encontrar formas de prolongar a vida, quando o presente é o mais precioso. Não podemos voltar no tempo e o futuro é uma incógnita, apenas o hoje deveria importar. Viver como se fosse o último dia, porque para algumas pessoas realmente será.

— Quanto tempo vocês vivem?

— Do seu planeta? Entre mil e quinhentos a mil e oitocentos anos.

Putá merda!

Os meus olhos saltam arregalados de uma forma que não consigo evitar.

Eles são alienígenas ou alguma espécie de vampiros?

— O tempo aqui corre de forma diferente.

— Ainda assim, eu só viveria até os cem anos. — murmuro ao ver essa realidade cair duramente. — Então, em breve eu não... serei mais um problema para você, de qualquer forma. Em alguns anos, estarei morta.

Sempre pensei em como minha mãe se sentiu ao ser diagnosticada sobre a sua doença. Em como qualquer pessoa deveria se sentir recebendo seu prazo de validade no mundo, e embora as circunstâncias sejam completamente diferentes, me vejo na mesma posição. Ainda posso ter vários e longos anos terráqueos aqui, mas saber que vou partir antes de Eiyurus e que talvez minha existência nem se torne tão significativa assim me deixa bastante triste.

— É por isso que não queriam ter nenhum contato emocional?

— arrisco-me a perguntar, sentindo os meus olhos ficarem

marejados. — As humanas irão morrer antes de vocês.

A resposta não vem de imediato. Sua expressão contemplativa, que se transforma em angústia, me revela que ele está refletindo o ponto que levantei.

— Na verdade... — Sua mão enorme toca delicadamente o meu rosto. — Eu nem sabia que poderia existir qualquer ligação emocional até você surgir.

Sua declaração me atinge com tanta força que me faz enxergar o que nunca imaginei ser possível: estou me apaixonando por ele.

— Eu... — Coloco-me de joelhos em frente a ele o seguro-me em seus ombros. — Eu...

O meu coração grita para confessar a grandiosidade dos meus sentimentos, mas há traumas e barreiras em mim que ainda precisam ser derrubados.

— Desejo ser sua, Eiyus. Não quero esperar dias, horas e nem um minuto a mais por isso. — Apesar das lágrimas deslizando dos meus olhos, molhando os dedos dele em meu rosto, estou sorrindo, confiante. — Eu quero ser sua hoje.

Sem joguinhos, sem artimanhas de sedução.

— *Minhr* — O olhar cheio de tortura que me dá, seguido do chamado carinhoso, demonstra que não há nada que ele deseje mais do que isso — *Roue yomi KathyS*^[11].

Ele se inclina, colando sua testa na minha, e por um instante apenas trocamos um olhar carregado de intensidade. Em seguida, sou puxada para o seu colo e sua boca toma a minha em um beijo mais quente que o Ores inteiro.

Tudo deixa de ter importância, exceto nós dois.

Capítulo 16



Nunca achei que pudesse existir algo mais quente que o nosso deserto escaldante, mas a humana e o calor irradiando do seu corpo, que passa pelo meu, deixando-me fervendo como fogo saindo das fendas em Gofi, consegue.

— *Minhr.* — murmuro ao parar nosso beijo apaixonado por alguns segundos.

Ela é minha.

Não uma escrava ou uma experiência para salvar o meu planeta em ruína. Ela é a outra parte de mim, que eu nem sabia que me faltava até o nosso primeiro encontro.

— *Roue yomi KathyS* — sussurro o quanto a desejo e preciso dela.

E enquanto voltamos a nos beijar, coloco-nos em pé, e segundos depois de selecionar a rota no bracelete que tenho no pulso, nos transporto para o meu quarto no castelo. A cama só está a alguns passos de nós, mas antes de avançar para o que desejo,

para o que o meu corpo queimando precisa, tenho que estar seguro sobre algo.

— *QueAbelle*. — Passo a ponta dos meus dedos em seu rosto afastando algumas mechas de cabelo que o cobre. — Você tem certeza sobre isso?

Seus olhos são como dois Ores brilhando para mim. Desejo a humana mais do que já quis qualquer coisa no mundo, mas a forma como me encara, seu corpo queimando e tremendo em meus braços, me faz confirmar, com orgulho primitivo, que ela também me quer.

— Se continuar daqui, não sei se consigo...

Sua mão pequena toca a minha boca, silenciando-me.

— Eu quero você. — diz ela, se afastando um pouco, e para acabar o que restou da minha sanidade mental, suas mãos delicadas vão até a barra do vestido. Ela o faz subir pelo seu corpo, e depois de passar a peça pela cabeça, deixando-a apenas com o pequeno pedaço de pano cobrindo seu sexo, joga a peça no chão.

Um grunhido enlouquecido salta de minha garganta, e eu me livro das botas e do macacão que era quase como uma segunda pele cobrindo as minhas pernas.

Completamente despido, coloco-me diante dela. O seu olhar curioso passeia por todo o meu corpo, mas quando chega às minhas zonas baixas, que ela se depara com o tamanho da minha potência, percebo que isso a deixa vacilante.

Não tenho do que reclamar, para os padrões stravenos, tenho um pau acima da média, mas comparado ao que aprendemos da anatomia humana, ela tem motivos para se sentir insegura.

Estico a minha mão, fechando os meus dedos em seu pescoço, e a trago para mim. Quando os nossos corpos se unem, nos fazendo estremecer, inclino-me para esfregar os lábios nos seus.

— Não tenha medo. — Mordisco o cantinho da sua boca, e isso a faz buscar os meus braços como apoio, enquanto um gemido escapa de seus lábios — Eu não vou machucá-la. Morreria antes disso.

E não é uma promessa feita no calor do momento, é um dos meus sentimentos mais profundos, a necessidade de protegê-la. Daria a minha vida para garantir isso. Cheguei a mandar Aaron para a cadeia apenas por tê-la desacordado sem minha permissão, então sim, eu mataria qualquer um que tentasse feri-la.

A intensidade desses pensamentos deveria me assustar, erguer uma barreira entre mim e a humana, mas, em vez disso, só me liga a ela ainda mais.

— Confia em mim?

Olho fixamente em seu rosto expressivo. Se eu enxergasse qualquer segundo de receio em seu olhar, por mais que estivesse fervendo por ela, com um desejo tão vivo ao ponto de causar dores físicas, não haveria qualquer possibilidade de seguir em frente.

— Eu confio. — Um pequeno sorriso começa a surgir, iluminando seu rosto, deixando-a ainda mais linda. — É completamente insano, mas eu confio.

Não existe criatura no universo que seja tão linda e perfeita quanto ela.

Parya! Não existe em Stravera alguém mais sortudo do que eu.

Esta é uma experiência nova para nós dois. Eu nunca tinha feito sexo antes, não dessa forma carnal. Nossas experiências sexuais com nossas fêmeas sempre foram sensoriais, através de equipamentos conectando as nossas mentes, então, nunca passamos de abraços afetuosos e carinhosos com certa medida. Para Meredith, embora possa ter experiência, nós temos diferenças significativas com os humanos.

— Você será minha, Meredith Cooper. — Seguro seu rosto emocionado, com as duas mãos, e acaricio com um dos dedos sua pele macia. — E eu serei seu.

É a primeira vez que a chamo pelo nome, mas sei que não é isso que causa nela o efeito tão ou mais forte que minhas carícias, fazendo-a se jogar em meus braços. É a veemência com que afirmo que sou seu.

Volto a buscar sua boca com fome, e em um instante o nosso beijo se torna tépido. A forma como seu corpo macio se encaixa no meu, grande e duro, nos torna perfeitos.

Então, Meredith ergue as mãos, colocando-as em meu peito, e a minha respiração congela por alguns segundos. Preciso lembrar como trazê-la de volta, e esse é apenas um dos efeitos que essa pequena humana causa em mim.

Inesperadamente, pelo grito de surpresa que ela solta, ergo-a do chão, colocando-a em meu colo, conduzindo-nos até a cama. Deito-a com cuidado e fico em pé por um instante, apreciando toda sua beleza que cada vez mais enche os meus olhos.

Então, me inclino sobre a cama e o corpo dela. Busco sua boca com fome e me dedico ao beijo ardente até perceber que ela precisa de ar. Enquanto dou a Meredith tempo para voltar a encher

seus pulmões, corro a minha mão pelas curvas delicadas de seu corpo, e com minha boca faço uma trilha de beijos que começa do seu pescoço e vou descendo até chegar em um dos seus montes empinados para mim.

Com os lábios, envolvo o seio carnudo e chupo o mamilo até que fique duro e Meredith comece a emitir gemidos altos. Corro os dedos em volta de sua cintura e enfio a mão entre suas pernas trêmulas. Quando sinto o tecido molhado, evidenciando o quanto ela está excitada por mim, e que seu cheiro único se torna ainda mais forte aos meus sentidos, uma fera dentro de mim começa a ganhar vida, tornando-me tão bárbaro quanto os meus ancestrais.

— O seu cheiro — murmuro, correndo o meu nariz por seu corpo até chegar entre as coxas que se abrem mais para mim. — Ele me enlouquece, *queAbelle*.

É como um afrodisíaco que me deixa cada vez mais duro e ardendo por ela.

Com um rugido, seguro as tiras que mantêm o tecido preso ao seu corpo e faço a peça rasgar. Farejo seu sexo como um animal primitivo e pego suas pernas, encaixando-as sobre os meus ombros. A visão de seu sexo molhado é como um oásis no deserto, e eu caio de boca sobre ela.

— Ah... — Os gemidos começam a ecoar dos lábios dela enquanto vou enfiando minha língua dentro dela e movendo os meus lábios em volta do seu sexo quente. — Oh, meu Senhor!

Continuo a mover a minha língua dentro dela, chupando-a e movendo os meus lábios de cima para baixo em um ritmo constante.

Há um pequeno nódulo ficando duro, e quando o toco, acariciando, ela oscila, se agita e emite um grito cheio de deleite.

Continuo massageando esse pequeno ponto de prazer, movendo a língua e os meus lábios em sua boceta. Sua excitação mistura-se à minha boca molhada, deixando-a ainda mais encharcada e sensível aos prazeres que eu proporciono a ela.

— Eiyurus! — O chamado parece uma súplica para que eu termine a tortura, mas os meus instintos me levam a seguir em frente.

Então, substituo minha língua por meu dedo e levo a minha boca ao seu nervo inchado, o que a faz emitir novos gemidos desesperados. Ela mexe os quadris, acompanhando os meus movimentos, e eu endureço a ponta da língua, pressionando-a contra o clitóris, esfregando-o com movimentos rápidos e firmes.

Meredith geme cada vez mais o meu nome, pedindo para que não pare.

Parya!

Mesmo que eu quisesse, não conseguiria. Seu mel é como a fruta mais doce em Stravera, e sinto que posso ficar dependente dele.

— Oh... — ela sussurra, e ergo o olhar, vendo-a levar as mãos aos seios, massageando-os como se precisasse disso. — Hum...

Aumento a velocidade dentro dela, e quando giro o meu dedo, acho que devo ter tocado em algum ponto sensível que a faz se contorcer, fechando as pernas em volta da minha mão enquanto a explosão de prazer a toma.

Deslizo suavemente sobre o seu corpo ainda estremecendo e uno nossas bocas para um beijo mais calmo, mas sem deixar de ter intensidade. Ele é sensual e me deixa duro de forma quase dolorosa.

E quando Meredith desce a mão pelo meu ombro, passando suavemente por meu peito, barriga, e ela desliza um pouco mais para baixo de mim, envolvendo o máximo que consegue do meu pau com seus dedos, um solavanco me faz ficar rígido.

A anatomia do nosso pênis é semelhante com a dos humanos, diferenciando tanto no comprimento como na largura da glândula; a nossa também é maior, por isso preciso ter o dobro de cuidado quando estiver dentro dela, com meu dedo senti a quão delicada e estreita ela é.

— *Minhr* — gemo, perdendo o controle da respiração quando seus movimentos em volta do meu pau ganham mais velocidade.

É como se um vulcão dentro de mim quisesse explodir. É gostoso pra caralho, mas não quero deixar essa força explodir, preciso estar dentro dela, apenas sinto isso.

Quando sua mão começa a acariciar a cabeça inchada e sensível do meu pau, afasto sua mão, levo-a acima de sua cabeça, prendo-a com a outra e me encaixo entre suas pernas. Toco sua boceta, ficando aliviado que ainda esteja molhada, pois ajudará a me deslizar para dentro dela.

Começo lentamente; primeiro, a cabeça inchada afundando para dentro de sua abertura.

— *Eiyurus!* — ela sussurra, estremecendo, e vejo em seu olhar completa luxúria.

Continuo lentamente. O meu prazer vai crescendo a cada centímetro que avanço. Preciso obrigar o meu cérebro, quase perdendo a razão, para ir com cuidado.

— Ah... — Meredith morde o lábio, e sua respiração começa a ficar mais pesada.

Estou quase todo dentro dela e mexo o quadril, forçando mais a minha entrada. Saio quase que completamente de forma suave e retorno em uma estocada mais dura. Ela geme, depois, grita meu nome, denunciando o quanto está excitada.

— Meredith... — Desta vez, sou eu a gemer seu nome com desespero, ao dar uma arremetida mais profunda.

O prazer que sinto, que a vejo se entregar, é tão arrebatador e intenso que não consigo mais dominar o meu corpo e segurar. Uma parte em mim ganha volume, saindo para fora, e quando eu estoco em sua boceta quente outra vez, ele se encaixa em uma estocada dura dentro dela, fazendo uma dupla penetração.

Seu grito é uma mistura de surpresa, dor e prazer que me faz parar por um momento.

Aguardo que ela se adapte a essa nova experiência. É bem difícil me conter, porque o meu prazer irradia por todo o meu corpo.

— Você tem... — Sua voz sai estremecida, e quando se move embaixo de mim, o encaixe entre nós torna-se completo e seus olhos reviram de prazer — Dois... ahh...

Ela não consegue concluir quando começo a me mexer devagar. É como correr desesperado por algo que não sei, apenas consigo sentir um fodido e intenso prazer. Incho mais dentro dela, e ela choraminga, tremendo e gemendo cada vez mais alto.

Nunca imaginei que sexo com a humana fosse algo tão delicioso, que beira ao inexplicável. É como se penetrássemos a alma um do outro.

Então, o choque disso me paralisa por alguns segundos.

Ela é a minha alma. A companheira que nunca pensei ter.

Meredith estava se tornando tudo para mim.

— Eiyurus — Observo seu rosto emocionado, e carregando dentro de mim o mesmo sentimento, busco seus lábios para um beijo cheio de carinho.

O beijo ardente nos leva a voltar a nos movermos. O ritmo retorna lento no início e vai crescendo conforme nosso prazer vai aumentando.

Rápido e mais profundo.

Mais intenso.

Seus músculos internos estão pulsando em volta do meu pau, que lateja em um prazer cada vez mais forte. Meredith grita, e eu sussurro seu nome. Sinto seu clímax explodir, e eu jorro o meu sêmen dentro dela, mordendo seu ombro.

O prazer continua nos paralisando por um longo tempo; intenso, forte, desnorteante. Quando a última vibração sacode a nós dois, desabamos na cama totalmente sem energia.

Encaramos o teto, mas acredito que não prestamos atenção em nada do que vemos. Nossos corpos ainda estão vibrantes demais.

— Isso não é real — ela balbucia, fazendo-me encará-la.

Meredith está completamente sem forças, mas um sorriso satisfeito ilumina seu rosto.

Envolvo sua cintura com o meu braço e a trago para a proteção dos meus braços, apoiando seu rosto em meu peito.

— Nunca durou tanto tempo assim. Sabe, o orgasmo. Eu nunca senti tanto...

Prazer?

Compreendo perfeitamente o que ela quer dizer. Nenhuma experiência sensorial que tive antes poderia chegar perto do que

tivemos. E eu quero de novo. Posso facilmente ficar a noite inteira fazendo isso, como um viciado. Mas Meredith está visivelmente fraca e esgotada. Então, embora esteja muito longe de me sentir satisfeito, tenho que dar esse tempo a ela.

— Descanse, *minhr* — Acaricio seu rosto e vejo sua respiração ficar menos agitada. — Temos muito tempo pela frente.

Porque se antes eu já não estava mais conseguindo me ver abrindo mão dela, agora, isso se tornava impossível. Ela é minha companheira, minha outra metade e a futura rainha de Stravera.

Capítulo 17



Os beijos que se iniciaram em meus ombros e seguiram pelas minhas costas me tiram do estado de sonolência, fazendo-me rapidamente ficar alerta aos toques de Eiyrus.

Não sei por quanto tempo dormi, mas o céu escuro que posso ver no teto de vidro sobre nós indica que pelo menos deve ser madrugada.

— Você está bem? — pergunta Eiyrus, e eu ofego, incapaz de responder à sua pergunta imediatamente, pois a única coisa em que consigo me concentrar é em seus lábios na curva da minha cintura e descendo um pouco mais. — Meredith?

Seus toques e beijos carinhosos param, e meu corpo protesta com a interrupção. Ergo a cabeça, tentando vê-lo o máximo que consigo atrás de mim.

— Nunca estive melhor.

Ele me estuda com bastante atenção, e quando o olhar cai nas manchas roxas em meu corpo, ele emite um gemido frustrado.

— Não é o que elas dizem — lamenta ele, deitando-se ao meu lado.

Ok. Nós fomos bastante apaixonados, e ele é mais forte do que o normal, mas não é como se tivéssemos quebrado a cama, até porque nem sei se esta, feita de energia e algum tipo de tecnologia strovena, pode ser destruída tão facilmente.

— Escuta... — Viro-me muito rápido para encará-lo, e meus músculos, um pouco sensíveis, levam-me a soltar um pequeno gemido. — Estou bem. Sexo às vezes é um pouco...

A recordação de como fomos selvagens faz o meu rosto começar a arder.

— Intenso.

— Então preciso ser menos intenso com você. — Seus longos dedos passam suavemente por uma pequena mancha em minha cintura, e seu olhar fica atormentado. — Não posso machucá-la.

De jeito nenhum. Eu não mudaria exatamente nada. Bom, mais ou menos. Há uma coisa que precisamos discutir. Mas não agora. Eiyurus já está numa posição protetora e aborrecido consigo mesmo o suficiente.

— Não quero que seja menos intenso. Desejo que seja apenas você.

As minhas palavras não têm o peso que gostaria sobre ele, então decido mostrar em ações. Subo em cima dele e encaixo os meus joelhos em volta de sua cintura.

— Eu nunca vivi algo tão incrível quanto isso. — Deslizo minha mão em seu peito e me curvo sobre ele até nossos rostos ficarem próximos. — Quanto você.

Ainda vejo um pouco de resistência em seu olhar, mas quando unio nossas bocas e forço minha língua entre seus lábios, toda a resistência dele começa a ruir.

Nos beijamos com sofreguidão. Com paixão. Com uma fome que parece estar nos consumindo por dentro. Eiyrus se senta na cama e passa as minhas pernas em torno da cintura. Imediatamente sinto seu pau ganhando volume embaixo de mim, e isso me deixa instantaneamente molhada.

Quando sua mão se infiltra entre nós e ele acaricia minha intimidade, dedilhando o meu clitóris, enterro o meu rosto na curva de seu pescoço e solto gemidos de prazer.

— *Minhr*, se eu te machucar...

— Não vai — murmuro, espalhando pequenos beijos em seu pescoço, fazendo-o estremecer.

O seu cuidado comigo me toca, emociona, mas o meu corpo anseia por ele, por reviver cada momento de prazer que tivemos. Ergo-me, seguro o seu pau com minha mão trêmula, provocando um rugido nele. Ajeito-o para que se encaixe perfeitamente em mim e lentamente começo a descer sobre ele.

Eiyrus é bem grande, por isso preciso de alguns segundos para o meu corpo conseguir se ajustar a ele, e quando o desconforto inicial vai embora, ficando apenas o prazer de senti-lo dentro de mim, os meus movimentos começam a ganhar mais cadência.

As suas mãos se fecham em meus seios. Gosto dessa posição porque quase não temos diferença de tamanho e eu consigo olhar em seus lindos olhos violetas enquanto damos prazer um ao outro.

Ele se curva e me faz curvar para trás, abocanhando o meu seio. Gemo alto e repetidamente enquanto seus lábios se fecham em volta do mamilo sensível, deixando-o mais duro. Cada movimento dele com a boca me deixa mais quente e alucinada.

Então voltamos a nos abraçar, a trocar beijos apaixonados, carregados do desejo que nos faz estremecer.

Eiyrus deixa que eu dite o ritmo, e eu quero mais força, mais velocidade. Eu quero tudo o que ele possa me dar.

— *Minhr...* — Um grunhido animalesco escapa de sua garganta, e ele me segura forte pela cintura, e com um movimento ligeiro me faz ficar de quatro na cama.

Suas mãos correm possessivas por minhas costas, apertando levemente as minhas nádegas antes de me puxar para ele. Sinto as pernas serem mais afastadas, e quando sua boca cobre o meu sexo, desabo o tronco sobre a cama.

— Ah... — ofego, fechando os olhos enquanto o prazer de cada lambida me faz estremecer.

Suas lambidas são longas e suaves, e cada vez que a língua grossa e macia desliza em mim, sinto o meu orgasmo chegar mais perto.

— Hum... — O maldito sabe mesmo como usar a boca, tanto que algumas chupadas depois estou gozando intensamente em sua boca.

Ele se encaixa atrás de mim e me penetra novamente. Dessa vez ele está no controle, tirando o meu cada vez mais. Suas grandes mãos me prendem pela cintura, e suas arremetidas ganham mais velocidade e profundidade.

Eu tinha acabado de gozar, mas o prazer chega em mim outra vez, ainda mais intenso que o anterior. Como antes, dura mais do que poderia imaginar, ao ponto de sentir que minha mente não irá aguentar uma carga tão intensa.

Os meus gemidos passam a ser soluços fracos, e um orgasmo após o outro me faz sacudir, deixando-me totalmente fraca. Sinto seu gozo quente jorrar dentro de mim, e com um grunhido de prazer seu corpo imenso desaba sobre o meu.

A sonolência começa a me rondar, mas eu brigo duramente com ela. Quero um pouco mais de nós dois assim, juntos, abraçados, esperando nossas respirações voltarem ao normal.

Eiyrus se afasta, tirando o peso de seu corpo de cima de mim. Ele se deita de lado e estica o braço para que eu possa me acomodar sobre ele.

Por um longo tempo, apenas ficamos admirando um ao outro. Quanto mais tempo passo com ele, mais eu acho lindo seus traços felinos e os olhos de uma coloração única.

Ele passa os dedos por meus cabelos. Leva alguns fios até o nariz e respira profundamente. Deve ser uma coisa strovena esse lance de cheiro, porque ele parece obcecado com o meu.

— O que você está pensando? — ele me pergunta.

Seus dedos agora passam suavemente por meus lábios, causando um leve estremecimento em mim.

— O seu... hum... — Envergonhada, desvio o olhar para o seu peito, fixando na tatuagem bonita

— Você pode me dizer, Meredith. — Eiyrus segura o meu queixo e me faz olhar para ele. — Pode me dizer qualquer coisa, sempre.

As mulheres não costumam falar com os homens a respeito de seus órgãos sexuais, pelo menos eu nunca tinha tentado fazer isso. Mas aqui em Stravera a sinceridade é valorizada acima de tudo.

— O segundo amiguinho. Dessa vez ele não...

— Você estava sensível demais para lidar com isso.

— Então sabe quando ele vai surgir? — indago, espantada.

Seu semblante tem um ar diferente agora.

— Você não gostou?

Fiquei em choque no início, mas depois foi incrível.

— Não é isso. Bem... é que gostaria de saber quando a minha casinha de trás irá receber visita, para ter certeza se gostaria de abrir a porta, entende?

Não são todas as mulheres que encaram sexo anal, e para ser honesta, nunca tinha tentado antes dele.

— Não irá acontecer novamente, a menos que me peça. — Ele acaricia o meu rosto com o dorso da mão, e quase me faz espreguiçar como uma gatinha.

— Mas é algo que você consegue controlar?

— Posso controlar tudo em meu corpo. — Ele exibe um sorriso convencido. — Se tivesse perdido o controle não estaria, agora, respirando.

Francamente, nem posso acusá-lo de arrogante e cheio de si, porque não há nenhuma mentira ou exagero no que ele fala.

— Tudo? — provoco, passando a ponta dos meus dedos em seu peito, e ele reage ao meu toque, estremecendo. — Até mesmo o coração?

— Quem disse que tenho coração, *minhr*? — Ele segura a minha mão e a leva aos lábios.

Ele tem um coração, talvez não como um humano, mas a forma como se preocupa comigo e todo cuidado que tem são provas de que ele possui um.

— Sempre me chama assim. O que significa isso?

Sinto-o enrijecer, e de repente toda a camaradagem que estávamos tendo até agora começa a esvair-se.

— Aaron tem razão. Você faz muitas perguntas humanas — ele retruca, puxando-me para me encaixar em seu peito. — Durma agora. Foi um longo dia para você. Pela manhã vamos acasalar novamente.

Suas últimas palavras levam-me a fazer uma careta e revirar os olhos.

— Será que daqui em diante poderia chamar de sexo, transar, trepar? — Aconchego-me mais a ele, sentindo o calor do seu corpo me deixar mais letárgica. — Qualquer coisa que soe melhor aos meus ouvidos?

— Gosto de trepar — ele responde, sacudindo os ombros.

O imbecil estava rindo e impressionantemente me fazia sorrir.

— E não é apenas da palavra que estou falando — ele finaliza, mas os meus olhos, como todo o meu corpo, estão cansados demais para rebater.

Após um suspiro preguiçoso, agarro-me mais a ele e entrego-me ao sono, me sentindo protegida e segura.

Dessa vez não são os beijos de Eiyrus a me acordar. Eu salto da cama minutos antes de uma náusea gigante me fazer ajoelhar no

chão, e tudo o que havia em meu estômago manchar o piso com uma poça nojenta.

Ver o meu vômito, sentir o cheiro e gosto amargo em minha boca, causa um novo embrulho em minha barriga, e volto a me curvar, tentando botar para fora o pouco que resta em mim.

— Ei? — Eiyrus rapidamente se ajoelha ao meu lado e segura os meus cabelos soltos. — O que aconteceu?

Passo o dorso da mão na boca para secá-la, antes de me atrever a olhar para ele. Sua preocupação só não é maior do que a vergonha que sinto pela sujeira, que me faz agachar novamente, regurgitando.

— Eu... — Lágrimas vêm aos meus olhos, e eu vacilo, me sentindo fraca. — Não me sinto bem.

Um soluço vem quando cambaleio para o lado, e Eiyrus me pega no colo segundos antes que eu caísse ao seu lado.

— Humana? — Sua expressão de terror se intensifica, me deixando assustada também. — Você está morrendo?

Morrendo?

Eu sinto mesmo que vou vomitar todos os órgãos dentro de mim.

— Oh, meu Deus! — Encaro-o, horrorizada, enquanto uma nova náusea me faz vomitar sobre os pés dele. — Eu estou morrendo.

A minha vida estava se tornando perfeita demais para ser real.

— Isso não vai acontecer. Não vou permitir isso.

Tudo bem que toda essa estrutura física, beleza e força o faziam parecer um deus, mas ele de fato não era. Talvez eu tenha

contraído alguma doença alienígena que estava me levando à morte mais rápido do que achei.

— Não vou deixar você morrer, humana — afirma com toda segurança, e mais do que nunca quero acreditar nele.

Ele se move pelo quarto, coloca as pulseiras em nossos pulsos sem em nenhum momento me tirar dos seus braços.

— Escuta, a gente fez sexo. O melhor sexo da minha vida... — Calo-me rapidamente, envergonhada, mas é a mais pura verdade. — Você pode parar de me chamar de humana ou de C001? O meu nome é Meredith. M.E.R.E.D.I.T.H.

Se ele tinha alguma coisa a retrucar, foi completamente esquecida por minha ânsia de vômito, que dessa vez consigo controlar.

— Eu sabia... — Começo a gemer e chorar ao mesmo tempo. — Eu sabia que transar com um alienígena gostoso só me traria problemas.

Em que lugar da minha mente avoadada pude acreditar que fazer sexo sem proteção com uma criatura de outro planeta poderia acabar bem?

O meu show de lamentação não está ajudando Eiyrus a ficar calmo, e nem eu mesma. Ele solta um xingamento em sua língua nativa e aciona a pulseira, nos fazendo teletransportar. No instante seguinte, chegamos ao laboratório de Odon.

O cientista não está aqui. Eiyrus me coloca gentilmente em uma maca e pede carinhosamente que eu espere um momento, antes de desaparecer. Não chega a levar um minuto, até ele ressurgir acompanhado dos primos. GuOr também aparece cerca de meio minuto depois.

— O que aconteceu? — Odon vem apressadamente para o meu lado.

As náuseas persistem fortes, mas graças a Deus parece não existir mais nada em mim a ser colocado para fora.

— Meredith está morrendo — Eiyrus responde a pergunta que o primo cientista me fez. — Não importa o que precise fazer, você tem que salvá-la, Odon.

Eles trocam aquele tipo de olhar, machos alfas se comunicando. Eu não sabia que esses alienígenas poderiam ser tão intensos, mas não tem como ignorar a visível preocupação de Eiyrus comigo.

— Coloque-a na cápsula.

Não gosto de entrar ali, me causa claustrofobia, mas se irá ajudar a cessar esses enjoos terríveis e essa apavorante sensação de que a minha alma está saindo do corpo, eu aceito sem discussão.

— Escuta, *minhr* — diz Eiyrus, passando a mão suavemente em meu rosto. — Sei que odeia ficar aqui...

— Eu só não quero morrer, Eiyrus. — Pisco os meus olhos, tentando segurar as lágrimas cada vez mais presentes. — Não me deixe morrer.

Eu o abraço forte. Nem mesmo nos meus primeiros e assustadores dias aqui senti tanto medo como agora.

— Ninguém irá morrer — garante Odon, ajudando-me a me instalar na cápsula. — Não no meu laboratório.

Eiyrus sussurra em sua língua palavras que me parecem gentis, pelo menos conseguem me deixar um pouco mais calma.

Assim que sou cuidadosamente colocada dentro da redoma de vidro, foco minha atenção em Odon.

Vejo-o mexer em vários botões digitais em seu imenso painel, enquanto verifica as imagens e informações surgindo na tela. Vez ou outra, Odon resmunga alguma coisa em stroveno, e pela cara impaciente de Eiyrus, nem mesmo ele parece entender.

— Então? O que há de errado comigo? — pergunto, nervosa, após vários minutos sendo examinada.

— O que passa com a *minhr*? — Eiyrus pergunta, tendo o triplo da minha impaciência. — Responda de uma vez, Odon.

Meio que ainda preso em seu próprio mundo, ele se vira, pasmado, em nossa direção.

— Um bebê.

O quê?

Ajeito-me na cama de luz e tento olhar em sua tela tridimensional.

— Um bebê? — Eu e Eiyrus falamos juntos.

Diante do meu olhar chocado e do alienígena grandão ao meu lado, Odon faz a tela tridimensional virar para nós. Ele também liga o dispositivo de som, e batidas fortes começam a ecoar pela sala.

— Mas como é que isso... — balbucio, incrédula.

Não posso completar com um *aconteceu*, porque sei exatamente como os bebês são feitos.

— Possível? — Eiyrus finaliza por mim.

— Vocês copularam ontem à noite, certo? — Odon indaga, como se não citasse de forma primitiva algo tão íntimo.

— Sim, foi ontem à noite! — grito, ficando cada vez mais chocada. — Como pode existir um bebê dentro de mim?

— Nós vivemos mais do que vocês — avisa Odon, dando uma explicação científica que deveria me acalmar, mas só apavora mais. — Então, obviamente, os nossos bebês irão se desenvolver em uma velocidade maior do que a humana.

— E em quanto tempo ele... ele vai... — Eu não conseguia formular a pergunta. Choque, medo e desespero tomam conta de mim.

— Possivelmente em quatro, talvez cinco meses. Pelo menos, os cálculos da incubadora resultam nisso.

— E qual risco isso pode causar à Meredith? — Eiyrus faz a pergunta que não consigo emitir.

— Sinceramente, majestade? Eu não sei. Nós nunca tínhamos pensado nisso sendo feito da forma natural.

— Então é melhor que você comece a pensar, Odon — ele diz furiosamente ao segurar o primo pelo pescoço. — Se ela morrer, você morre, entendeu?

Estou entorpecida, mas não o suficiente para deixar de ver os dois se engalfinharem e, principalmente, Eiyrus ameaçar e condenar o primo por algo que ele não tem culpa. De todos os alienígenas com quem convivi aqui, e isso incluía o pai do meu bebê, Odon foi o que mais me tratou com respeito e carinho.

— Ninguém vai morrer e nem matar — resmungo, trazendo a atenção de Eiyrus novamente para mim. — Pelo menos, por enquanto. O mais importante agora é fazer com que esse pequeno chegue com segurança a esse mundo.

Minha amiga Nicole, quando teve sua filha, disse que assim que a bebê foi colocada em seu peito, um enorme instinto de proteção se apoderou dela. Com certeza eu era muito maluca

porque, apesar de ainda assustada, ouvir o coração dele batendo, sabendo que havia uma vida crescendo dentro de mim, já me fazia transbordar de amor.

Toda mãe deve sentir ansiedade e insegurança em como será o seu bebê, se terá saúde ou não; eu não tenho a mínima ideia de como a mistura entre mim e Eiyrus será. O que sei é que não me importa. Já o desejo muito.

— Eu vou amar você. — Aliso meu ventre enquanto lágrimas correm soltas pelo meu rosto.

— *Minhr*, onde dói? — Eiyrus se ajoelha, preocupado, ao meu lado.

Ainda é estranho para ele o fato de chorarmos.

— Só estou feliz. Muito feliz.

O que me tornava duplamente surtada, porque somente uma maluca ficaria radiante em ter um bebê metade humano, metade alienígena dentro de si. Mas como dizia Alice, as melhores pessoas são as com parafusos a menos na cabeça.

— Nós vamos ter um filho, Eiyrus — murmuro, deixando que o soluço libere as minhas lágrimas.

Isso é completamente insano, mas nunca me senti tão feliz em toda a minha vida.

— *Minhr*. — Ele encosta a testa na minha, e apesar das minhas lágrimas, posso ver claramente o tamanho de sua emoção. — Nós vamos ter um bebê.

A criança tão desejada por ele e pelo povo de Stravera, mas acima de tudo, uma parte de nós dois que eu amarei muito.

Capítulo 18



Se antes ela havia roubado parte do meu coração, agora Meredith o tem inteiro com ela. E é assustador que nesses poucos minutos os meus sentimentos parecem ter se multiplicado. Nós dois, juntos, vamos trazer nova vida a este planeta, e a alegria que me faz sorrir como um idiota é impossível de descrever.

Transmito a ela essa felicidade convertida em beijos que a fazem se agarrar a mim.

— Hum! — Escuto Odon protestar de algum lugar.

— Credo — Aaron resmunga do outro.

GuOr apenas representa em ruídos o que ele considera desagradável de ver, eu e Meredith nos beijando. São três grandes babacas que não têm a menor ideia de como isso é bom, e nem preciso falar sobre a parte do sexo. Só quando encontrarem suas parceiras e sentirem as mesmas sensações eles vão entender.

— Seus imbecis — apesar do xingamento, eu os encaro com um ar divertido. — Meu *frotde* está a caminho.

É como se eu tivesse dado uma martelada na cabeça desses grandes idiotas e somente agora a realidade disso caísse sobre eles. Seus urros são sincronizados, e um a um eles vêm até mim para um abraço de *notur*, que poderia quebrar os meus ossos se eu não fosse resistente.

— SOra. — GuOr é o primeiro a se curvar a Meredith, deixando claro toda a sua devoção.

Odon é o segundo a fazer isso. Penso que Aaron fará apenas um cumprimento respeitoso, mas ele também se curva a ela.

— Uau! — Meredith sibila quando todos voltam a se erguer. — Agora já sei o que a rainha sente.

Sei que é apenas uma provocação dela, mas não está longe da verdade, e que eu preciso o mais rápido possível oficializar nossa relação.

— Precisamos fazer um pronunciamento — avisa GuOr.

— Eu quero uma atualização — respondo e volto a minha atenção à Meredith. — Em breve, todos saberão que o meu *frotde* está chegando.

— Seu? — Ela me encara com uma expressão severamente interrogativa, e os três babacas às minhas costas soltam risinhos irritantes.

— Nosso *frotde* — corrijo a minha falha anterior, e o rosto dela suaviza. — Mas você é muito mais para mim do que uma *satre*, Meredith Cooper.

— *Satre* é ventre sagrado — explica Odon, diante de seu olhar confuso. — Porque em seu ventre...

Todos olhamos para sua barriga, onde o nosso filho, a cada minuto, fica um pouco mais forte.

— Isso é bonito — ela responde, emocionada.

— Você é a minha prometida, Meredith. — Seguro sua mão e a levo ao meu peito. — Deseja se unir a mim e ser a minha rainha também?

Se fosse seguir as leis strovenas, apenas poderia tomá-la para mim e decretar nossa união, mas eu desejo que ela queira ficar ao meu lado.

— Está... você... — Seus olhos piscam e ficam ainda mais úmidos. — Está me pedindo em casamento?

Casamento?

Busco em minha memória se já tinha estudado algo sobre isso.

— É como os humanos chamam a *unmmy* — explica GuOr.

A *unmmy* é uma cerimônia de união entre os casais, que fazemos diante do rio Oyada. Apenas a morte poderia nos separar após isso.

— Sim. Eu quero me casar com você. — Eu nunca me senti tão inseguro na vida como nesse momento, ao fazer a pergunta a ela. — Você quer se casar comigo, Meredith Cooper da Terra?

Seus lábios se abrem, formando um círculo de surpresa, e duas lágrimas escorrem por seu rosto.

— Pensei que eu seria apenas uma barriga de aluguel. — Ela abre um sorriso nervoso.

Se ela soubesse a importância que tem para mim, ficaria surpresa com o poder que possui.

— Ser uma *satre* é um gesto de generosidade incalculável — esclarece Odon. — Sempre será vista como muito mais do que isso.

Eu sei que ela deve ter milhares de curiosidades sobre nós e os nossos costumes, mas se demorar mais um segundo em me dar

uma resposta, sinto que minha alma deixará o meu corpo.

— Então... — Encaro-a ansiosamente. — Aceita se unir em *unmmy* comigo?

Nem o *notur* mais furioso do mundo poderia me vencer facilmente como Meredith ou me deixar no chão, se sua resposta fosse negativa.

Primeiro, o sorriso vai se alargando mais, em seguida ela seca as novas lágrimas no rosto, depois me encara com tanto carinho que o ar deixa de circular por mim.

— Eu aceito. Claro que aceito ser sua esposa, Eiyrus. Não há nada que deseje mais.

A felicidade explode em meu peito, e eu a pego em meu colo, girando-a no ar comigo.

— Você ouviu, GuOr? — indago, sem conseguir desviar os meus olhos dela. — Esse será o novo pronunciamento. Stravera terá uma nova rainha, e eu, uma esposa.

Meredith espalha inúmeros beijos pelo meu rosto, que me faz sorrir e me sentir como se fossem pequenas chamas tocando minha pele e espalhando calor por meu corpo.

— Desculpe, majestade. — É a voz de Aaron a interromper nosso momento de felicidade. — Não acha melhor consultar VisS sobre isso?

Em uma Stravera normal, onde as fêmeas ainda estivessem entre nós, algumas candidatas a *satre* e a rainha seriam selecionadas e VisS apontaria qual opção seria mais indicada. Mas o nosso planeta já não é igual, eu já não sou o mesmo, e não posso deixar que meu futuro seja planejado tão friamente.

— Não. Essa é uma decisão minha — aviso com determinação. — Ela é a minha escolhida.

— Você sabe que isso pode mudar tudo, não é? — questiona GuOr.

Me casar com Meredith abre precedentes para que todo stroveno que encontre sua humana também se case com ela. Alguns não estavam felizes com as escolhas delas como *satre*, e uma união *unmmy* poderá causar novos descontentamentos.

— Já mudou, GuOr. Teremos que aprender a lidar com isso.

Ele assente. Odon, que sempre foi a favor de Meredith, deixa claro em sua expressão tranquila não se incomodar.

— E você? — questiono Aaron. — Qual a sua posição nisso tudo?

— Sou fiel ao meu rei — diz com bastante firmeza, e em seguida vira para Meredith, fazendo uma nova reverência. — E serei fiel à minha rainha.

É com alívio que recebo a confirmação de seu apoio e lealdade. Aaron é muito respeitado entre os soldados e admirado pela população, ficar ao meu lado me dará ainda mais forças.

— Vou cuidar do discurso — avisa GuOr. — E minhas felicitações novamente, irmão.

Ele se transporta antes que eu possa reagir aos seus votos. Aaron avisa que irá reunir seus chefes de guarda para garantir que o dia do pronunciamento ocorra sem imprevistos desagradáveis.

Quando ficamos apenas nós três na sala, retorno a minha atenção a Odon.

— Eu quero toda a sua atenção focada em Meredith e em nosso bebê — decreto e a coloco novamente dentro da cápsula. —

Faça todos os exames para garantir que tudo está bem.

— Será a minha maior missão — avisa ele, retornando aos seus equipamentos.

Viro-me para ela e toco com carinho seus cabelos sedosos.

— Vai ficar tudo bem. — Beijo sua testa com ternura e sento-me ao seu lado sem soltar sua mão. — Eu vou cuidar de vocês dois.

Seu rosto se ilumina com o sorriso perfeito que me dá, e eu reafirmo essa promessa a mim mesmo.

Cuidar de Meredith e do meu filho.

Passamos muitas horas no laboratório de Odon, porque por mais que ele afirmasse a cada exame finalizado que estava tudo bem com Meredith e o bebê, eu o fiz refazer os testes algumas vezes, só para ter certeza, e teria pedido novos exames se não tivesse notado que ela começava a ficar cansada.

— Vai comer apenas isso? — indago ao vê-la afastar a bandeja contendo ainda muitas frutas e vegetais strovenos que ela gosta. — Agora está se alimentando por dois.

Nós não consumimos carne. Tirando os *notur*, que são usados para treinamento, nenhuma vida é tirada com o fim de nos alimentar.

— Você se alimentava de carne? — pergunto, preocupado.

— Às vezes. Não com muita frequência.

— E se precisar de carne agora? Por causa do bebê.

Eu deveria ter verificado isso com Odon.

— Preciso chamar o...

— Calma, Eiyurus. — Ela sorri, pegando a minha mão antes que tocasse o meu bracelete. — Muitas pessoas na Terra são vegetarianas, inclusive mulheres grávidas. Possivelmente devem tomar alguma vitamina, como qualquer gestante, mas não causa nenhum problema a falta desse tipo de proteína.

Ainda assim, logo que for possível procurarei Odon para ter certeza disso.

— Já tentei ser vegetariana na Terra, mas sempre que me deparava com um hambúrguer tinha uma recaída — diz ela, buscando uma posição confortável na cama, que eu ajusto para que fique melhor. — Estranhamente aqui nunca me fez falta. Gosto das frutas e dos legumes. Eu tentaria fazer algumas receitas com elas, se não fosse tão ruim nesse assunto.

Encaramos a alimentação de forma bem prática, precisamos ficar fortes. Meredith gosta de saborear cada comida que prova.

— Estou um pouco cansada. — Ela boceja, fechando os olhos, colocando as mãos unidas em volta do rosto. — Só vou descansar um pouquinho.

— Você está segura, *minhr*. — Passo o dorso de minha mão em seu rosto, e ela emite um suspiro antes de cair no sono.

Fico por um longo tempo velando seu sono, mas infelizmente as obrigações reais me obrigam a me afastar.

— Fique de olho nela, Larl. Em qualquer lugar que ela queira visitar no castelo, quando acordar, precisa ter dois guardas acompanhando, e você fique sempre presente.

— Sim, majestade.

Não tenho vontade alguma de deixá-la, mas sei que será por pouco tempo. Antes de escurecer, estarei de volta.

Os harkeryanos estão nos cercando. Uma nova tentativa de passar por nossa proteção foi detectada ao norte do deserto. Aaron enviou uma nova equipe para reforçar a segurança ali e exigiu que a Torre de Tecnologia, em Criso, agilizasse a criação de sistemas de segurança mais avançados.

— Estamos vigilantes — avisa Aaron, fechando o seu mapa sobre a mesa, e isso encerra a última reunião de hoje. — Os harkeryanos ainda não podem armar um ataque contra nós. Só devem estar querendo roubar um pouco de litássio.

— Agora não temos apenas o litássio de importante — aviso a ele. — Eles não podem saber sobre a Meredith nem que as humanas podem ter nossos filhos.

Isso os faria tentar roubá-las de nós, ou em uma escala pior, destruir a Terra para arruinar nossos planos de repovoamento.

— Tudo está sob controle, Eiyrus. — Odon segura o meu ombro. — Acho que você precisa relaxar um pouco. Vamos até a minha casa e bebemos algumas bees.

— Tenho que voltar ao castelo...

— Ah, não. — Dessa vez é GuOr a se manifestar. — Você não vai se tornar o novo *raat* dela. São só algumas bebidas em comemoração à criança, além disso, temos algumas perguntas para fazer.

— Perguntas? — sondo, curioso.

— Sobre... hum, você sabe. — Odon cruza os braços e parece desconfortável no que quer dizer. — O acasalamento.

Faz sentido a curiosidade deles, visto que isso é completamente novo para nós.

— Primeiro vou ver como ela está — aviso aos três. — Encontro vocês na casa de Odon em breve.

Não sou o bichinho de estimação de Meredith, como GuOr quis insinuar, mas ela e nosso filho sempre estarão em primeiro lugar para mim. Por isso, logo em seguida, estou de volta ao quarto no castelo.

— Como ela está? — sussurro a Larl antes de me aproximar da cama.

— Foi até o jardim, depois quis ficar vendo o treinamento do *raat*, mas começou a não se sentir muito bem, com enjoos.

— Por que não fui avisado? — O encaro com bastante severidade.

— SOra insistiu para que não fizéssemos isso.

Meredith sendo Mererith.

— No futuro quero ser avisado, não importa o que ela diga. Conversarei com ela quando ela acordar.

Por mais que se sinta forte e corajosa, carrega dentro de si um bebê stroveno que vai exigir dela muito mais do que um humano exigiria.

— Chegamos há alguns minutos, majestade. SOra usou o cilindro de lavagem — continua ele. — Depois pediu alguns minutos para descansar.

Embora tenha sentido uma saudade violenta em todas as horas que ficamos longe, não quero atrapalhar seu descanso merecido, pois é impossível ficar tão perto dela e não a tocar, apenas seu cheiro invadindo as minhas narinas me deixa louco.

— Fique de olho — ordeno a Lalr. — Não levarei muito tempo para voltar.

Ele assentiu silenciosamente, e eu me transporto para a casa de Odon. Os três estão concentrados em uma discussão calorosa e levam algum tempo para notarem que estou presente.

— Muito bem, Eiyus é o mais indicado para dizer isso. — A voz de GuOr se sobressai às demais. — Então, como é?

— Como é o quê? — questiono, sabendo sobre o que eles estão curiosos, mas aumento suas angústias fazendo-me de desentendido.

— Beijar a humana — Odon se manifesta. — Está sempre fazendo isso. Que gosto tem? Machuca a boca?

— É doce, mas não há nada em Stravera que eu possa comparar. Meredith é única.

— Você não a chama mais de C001 ou de humana — destaca Aaron, dando um gole rápido em sua bebida.

— Ela quer ser tratada por Meredith.

— E você fará tudo o que ela quiser? — pergunta GuOr em uma mistura de choque e incompreensão.

— Sim. Desde que não coloque a vida dela e a do nosso bebê em risco.

A forma como me encaram deixa claro que duvidam da minha sanidade e temem que o mesmo aconteça com eles quando encontrarem suas humanas.

— E sobre o... como disse mesmo? — murmura Odon. — Ah, sexo. Dói?

— Não fazer sexo dói — aviso, pegando a todos de surpresa. — Nas partes de baixo. O tempo que tive de esperá-la ficar pronta

foi uma dolorosa tortura.

— Por quê? — Aaron me encara, confuso.

— Porque a desejava de forma que vocês jamais vão conseguir compreender. Ainda desejo, mais do que antes.

— Mais? — Odon indaga, arregalando os olhos o máximo que consegue fazer.

— Cada vez mais, e fazer sexo... — Coço o meu queixo, sem saber como explicar a eles. — Sabe quando usamos o transmissor?

É um tipo de capacete que colocamos em nossa cabeça que nos faz termos, de forma virtual, experiências sexuais. Mesmo quando as nossas fêmeas existiam era assim, só que os usávamos juntos.

— A sensação é um milhão de vezes melhor.

— *Parya!* — Os três se manifestam juntos, completamente chocados.

— É impossível isso — Aaron retruca, mostrando sua incredulidade. — Nenhum de nós poderia suportar. O cérebro entraria em pane.

— É quase isso. Mas só saberão quando passarem pela experiência.

— Não sei se desejo isso — avisa Odon. — Poderia explicar um pouco melhor?

Será uma longa, interessante e divertida conversa, mas ao final ficará ainda mais evidente para eles que as humanas surgiram para mudar as nossas vidas e nós, completamente.

Capítulo 19



Não sei como é esperar um bebê humano, mas carregar um alienígena no ventre não é uma tarefa fácil. Foram quase cinco dias tendo enjoos terríveis que me faziam acreditar que iria morrer. E se isso já não fosse o bastante, o meu corpo vem mudando na velocidade da luz, como a sensibilidade nos seios, que parece triplicada, uma fome que nunca acaba e muito sono. Bem, também há a questão do sexo.

Eu nunca me considerei uma pessoa safada, mas basta ter Eiyrus a um metro de mim que já quero pular em seu pescoço, arrancar suas roupas e desejar que ele faça o mesmo comigo. O problema é que a criatura está aterrorizada com a possibilidade de me machucar e ferir o bebê. Então só estamos tendo muitos amassos, beijos e carícias quentes o suficiente para nos levar ao orgasmo. Só que para mim isso não é o suficiente. Desejo-o tanto que às vezes sinto que estou ficando maluca. Odon afirmou que são os hormônios em crise e apenas mais um sintoma da gravidez.

Pela primeira vez, eu fico feliz que essa gestação seja mais rápida que o normal.

— Aqui, Meredith. — Odon se coloca ao meu lado na maca e me entrega um frasco contendo algum tipo de líquido. — Tome duas colheres antes de dormir. Vão te ajudar com os enjoos pela manhã.

— Sêrio? — Sorrio, agradecida.

É um grande alívio me ver livre desse problema.

No entanto, antes que me sente e estique a mão para pegar o vidro, Eiyrus faz isso por mim.

— O que tem aqui e como você sabe que não fará mal aos dois?

Eu e Odon nos encaramos e reviramos os olhos.

A paranóica aqui deveria ser eu, mas esse grandão fica em crise até mesmo se eu espirrar sem querer.

— Pode ser até veneno, se aliviar aquelas ânsias terríveis, pode ter certeza, querido, de que eu vou tomar — aviso, fazendo a minha melhor versão de cara feia antes de puxar o medicamento de sua mão.

— É uma fórmula feita com temposa e algumas gotas de litássio — esclarece Odon.

— Eu já te avisei, Odon... — Ele se agiganta diante do primo, e tenho pena do meu novo amigo, que só tem boas intenções. — Meredith e meu filho não são suas cobaias de laboratório.

Hum... As coisas realmente estão mudando por aqui, pois eu havia sido trazida ao planeta exatamente com essa intenção, a de ser uma experiência para os strovenos.

— Eiyrus, você quer deixá-lo em paz? — advirto-o, puxando-o para mim. — Além disso, estou cansada.

Essa é a minha palavra mágica para trazer toda a sua atenção para mim.

— Ouviu o que ela disse, Odon, cai fora.

Primeiro ele exige que o primo venha me ver todos os dias, pelo menos por duas vezes, depois o expulsa do quarto como se fosse um convidado indesejado.

Strovenos. Como entendê-los?

A minha vontade de rir é enorme, mas sei que isso irá chatear Eiyrus. Da mesma forma que eu não entendo seus receios e proteção exagerada, ele não compreende o fato de eu não o entender.

— Qualquer problema...

— Tchau, Odon. — Eiyrus dispensa-o, a sua atenção está focada na cama onde estou deitada.

Antes de desaparecer, o meu *alien* favorito, depois do pai do meu bebê, pisca um dos olhos para mim e me deseja sorte.

Tirando todo cuidado exagerado e às vezes sufocante, não tenho do que reclamar; Eiyrus é maravilhoso. Além disso, é uma sorte ter ao meu lado um companheiro tão cuidadoso e preocupado com minha gravidez.

— Você podia ser mais gentil com ele — repreendo quando ele se senta na cama e começa a massagear um dos meus pés.

— Odon é o melhor no que ele faz e o mais empolgado também — admite Eiyrus. — Não posso deixar que sua euforia coloque você em risco. Tudo isso é bastante complicado, Meredith.

— Qual a diferença do antes para o agora? Você queria um herdeiro, e ele tornou isso possível.

— Nós tornamos isso possível — ele me corrige. — Eu e você.

Só que se não fosse por Odon e seus estudos genéticos, eles nunca teriam descoberto que, apesar de diferentes, temos compatibilidade. Mas não adianta discutir isso com Eiyrus, esse alienígena é um tremendo cabeça-dura quando se trata de cuidar de mim e do nosso bebê.

— Por que é diferente?

— O bebê é importante. — Seus olhos não desviam um segundo dos meus. — Mas você é muito mais.

Droga!

Ele não deveria ter dito isso. Eu já era chorona muito antes da gravidez, agora eu me emociono por qualquer coisa. Não que ele admitir que sou importante na vida dele fosse qualquer coisa.

— Ah... — Engatinho pela cama e pulo em seu colo. — Você sempre me diz as coisas mais lindas.

— Bom, digamos que ultimamente eu tenho muito onde me inspirar.

Um alienígena forte, gostosão e bom de sexo já seria suficiente para mim, mas um stroveno carinhoso e romântico é de derreter o coração.

— Sabe o que gosto ainda mais, alienígena? — provoco só para ver os seus lindos olhos violetas faiscarem. — Que me beije.

Sua garganta vibra com o ronronar que ele emite segundos antes de cobrir a minha boca com a sua. Os nossos lábios movem-se sincronizados. O beijo é erótico e cheio de desejo, e mal percebemos que já estamos arrancando a roupa um do outro.

— Espera, *minhr* — ele sussurra e afasta minha mão do seu membro duro. — A gente precisa...

Em vez de implorar que ele continue a me tocar e me deixe tocá-lo como desejo, eu me afasto, ficando de joelhos em frente a ele.

— Escuta aqui, Eiyrus... — Faço uma pausa ao lembrar que nunca falamos sobre o seu nome de família. — Você tem algum tipo de sobrenome?

— Apenas Eiyrus, filho de Aar.

— Pois então, Eiyrus, filho de Aar. Você não vai me tratar como se fosse mais um cristal desse castelo magnífico — aviso, e minha respiração acelerada mostra o quanto estou aborrecida. — Se eu quiser fazer amor e você quiser fazer amor...

Podemos ter cuidado, se ele tem tanto pânico assim.

— Pera aí — ele me interrompe, e há um brilho selvagem em seu olhar. — O que disse?

— Que se a gente quiser transar...

— Não, aquela outra palavra que usou para o sexo.

Por um instante, fico calada, tentando recordar exatamente o que eu disse no calor do momento, e quando percebo que disse mais do que deveria, sinto-me envergonhada.

— Diz novamente — ele pede e segura o meu queixo com firmeza para que eu não desvie o meu rosto.

— Amor? — repito timidamente, um pequeno sorriso começando a se formar em minha boca.

— Você me ama, Meredith Cooper? — A pergunta é feita com uma expressão muito séria.

— Ah, por favor. É só uma forma carinhosa de falarmos sobre sexo, na Terra.

— Não foi isso que eu perguntei — ele rebate, envolvendo o meu rosto com as suas mãos. — Porque eu tenho amor por você.

Dizer que eu sou importante para ele foi algo que me deixou toda boba, contudo, ouvir esse alienígena fortão e todo seguro de si confessar que me ama, antes mesmo de eu fazer isso, estava em uma categoria inalcançável de emoção.

— O quê?

— No instante que a vi pela primeira vez naquele quarto, dormindo, soube que você era a minha *minhr*.

— O que é isso? O que isso significa?

Lembro que desde o nosso primeiro encontro ele me chamou assim. A última vez que perguntei, Eiyrus ficou arisco em responder.

— Companheira de alma. — Ele acaricia os meus lábios com a ponta do dedo, e isso faz um calor intenso se espalhar por mim. — A que será minha para sempre, nesta e em outras vidas, se existirem.

— Ah, Eiyrus. — Fungo, passando os meus braços em volta do seu pescoço enquanto volto para o seu colo. — E qual a versão masculina de *minhr*?

— *Mytod*.

— Você é o meu *mytod*. — Seguro o seu rosto entre minhas mãos como ele tinha feito comigo. — E, sim, contra todas as possibilidades e lógica de todos os mundos, eu amo você. Cada dia mais, stroveno.

Eu o beijo, e dessa vez é um beijo de amor. Lento, cheio de delicadeza e sentimentos.

Mas quando suas mãos começam a passear por minhas costas, enroscando-se em meus cabelos, e uma delas desliza pela

lateral do meu corpo, acariciando com firmeza a minha pele, o desejo retorna com força total.

Sinto a sua mão deslizar até o meu quadril, depois se enfiar entre as minhas coxas, buscando meu clitóris para massageá-lo. Procuro seu pau e seguro-o forte, movendo os meus dedos para cima e para baixo.

Eiyrus geme, e eu retribuo suas carícias com gemidos iguais. Meu corpo está pegando fogo, e de forma desvairada esfrego-me sobre ele. Preciso tê-lo. Quero toda sua masculinidade dentro de mim, preenchendo como só ele é capaz.

— Med... — Ele segura forte a minha cintura quando começo a esfregar o seu pau em minha abertura.

— Por favor... — choramingo ao sentir a glândula generosa forçar entrada dentro de mim. — Preciso de você, Eiyrus.

Ele me encara. Atordoado. Ele me deseja tanto quanto eu, mas a minha segurança ainda é o principal em sua mente.

— Podemos fazer com cuidado. — Movo-me, fazendo-o deslizar um pouco mais em mim. — *Roue yomi KathyS*.

Confessar o quanto o desejo em sua língua derruba a frágil barreira que ele tentava sustentar. Enquanto me beija, agarra a minha bunda e me ajuda a subir sobre ele, encaixando-se bem fundo em mim.

Estrelas brilham por trás das minhas pálpebras fechadas, e eu me delicio com cada movimento suave que fazemos com os quadris. Dessa vez é diferente. O desejo é latente, mas estamos nos amando. É mais do que sexo quente impregnado de luxúria.

Nos movemos um para o outro em uma dança calma. O prazer vai se construindo, ficando maior, e quando chegamos ao ápice, nos

entregamos a um intenso orgasmo juntos.

O meu corpo e a minha alma, agora satisfeitos, encontram nos braços dele tranquilidade.

Enquanto Eiyurus passa os dedos suavemente em meus cabelos, luto contra a sonolência que isso me causa. Sinto que perco um tempo precioso dormindo quando estou nos seus braços, então brigo o máximo que posso contra o sono.

— O que exatamente aconteceu com as mulheres? Do seu planeta, quero dizer.

— O interesse dos harkeryanos era eliminar todo o meu povo. Infelizmente, apenas mulheres, crianças ou os mais fracos foram afetados pelo vírus.

— Eles desejam Stravera.

— Não o planeta. Apenas o litássio. Depois que extraírem tudo, toda vida aqui será abandonada.

— É como a guerra do petróleo e outras riquezas em meu mundo — afirmo com pesar.

— Os harkeryanos são conhecidos como povo da escuridão. — Eiyurus ergue meu rosto para poder olhar para mim. — Se algum deles chegar o mínimo possível perto de você, corra.

— E como eles são?

— É difícil explicar. Eles são transmorfos.

— O quê? — Salto na cama, e preocupado, ele me faz deitar.

— Quer dizer que eles se transformam em qualquer coisa?

— Não qualquer coisa, precisa ter vida e uma estrutura física parecida.

Putá merda!

— E como vou fugir de um deles se se transformarem em um de vocês?

— Há duas coisas importantes: não conseguem sustentar o disfarce por muito tempo, porque gastam muita energia, e vão precisar de litássio — explica ele com calma. — Depois, basta ver os olhos. Os deles sempre estarão escuros.

— Então aquele dia que tentei fugir — indago, engolindo em seco. — Não era você? Seus olhos não estavam tão claros.

— Aquilo foi culpa da toxina. Estive em Gofi.

— Isso não está ajudando. Como vou saber distinguir?

— Na dúvida, apenas corra, Med. Eles não são tão ligeiros, mas são muito fortes — murmura e me leva de volta para o peito dele. — Amanhã pedirei que Odon mostre uma imagem de como eles realmente são.

Não sei se realmente quero ver, mas entendo que é preciso. Os harkeryanos são uma ameaça para Stravera, o lar do nosso bebê e agora minha casa, então preciso estar pronta para tudo.

— Descanse, *minhr*. — Ele beija o topo da minha cabeça. — Não permitirei que eles cheguem perto de vocês.

Embora eu confie em sua promessa, o meu coração aperta com um sentimento estranho.

É como se o perigo, de alguma forma, nos rondasse.

Capítulo 20



Eu nunca me preocupei com a questão do tempo e da mortalidade, até Meredith surgir em minha vida e conceber nosso primeiro filho. Agora, no entanto, todas essas questões me rondam, tornando praticamente impossível conseguir dormir, depois que ela pega no sono em meus braços.

Nós vivemos mais do que os humanos, um stroveno com uma boa longevidade pode ir até mil e oitocentos anos, e poucos terráqueos, com sorte, chegam aos cem. Isso significa que em uns oitenta anos minha *minhr* não estará mais comigo.

Pensar sobre essa realidade me causa uma angústia que nunca senti antes.

Viver em Stravera sem Meredith.

Quando decidimos trazer as humanas, pensamos nelas apenas como experiências descartáveis. Ninguém cogitou que poderíamos nutrir profundos sentimentos por elas. E não falo apenas de mim, Meredith conquistou o carinho de Odon, o respeito

de GuOr e até mesmo Aaron já começava a baixar um pouco a guarda em relação a ela e aos terráqueos.

O meu primo estava certo sobre a nossa compatibilidade física e genética, mas não avaliou outros pontos. Nós também temos sentimentos que as humanas podem fazer aflorar de forma grandiosa.

Mas como serão nossas vidas monótonas depois que elas se forem?

O pensamento é inaceitável para mim, e só há alguém capaz de encontrar a solução que eu preciso.

— Deixe-me adivinhar — murmura Odon, sentindo a minha presença assim que surjo em seu laboratório. — Não conseguiu dormir novamente.

— O que ainda está fazendo aqui? Você deveria ter uma vida, Odon. Alguns podem dizer que escravizo você.

Admiro toda a dedicação que ele tem com o trabalho, mas ele deveria relaxar um pouco. Talvez ele deva ser o próximo a encontrar uma humana, e ela consiga colocar mais suavidade na rotina dele.

— A minha vida é isso. — Ele tira os olhos do microscópio em que está analisando algo e me encara. — Estou novamente analisando as amostras de sangue da Meredith.

Imediatamente meu corpo se coloca em um estado de rigidez.

— Encontrou algo?

— O temotássio... é assim que decidi chamar a fórmula criada para aliviar os enjoos e vômitos de Meredith, não causa qualquer alteração ou risco a ela e ao seu bebê. Aliás, venha ver uma coisa...

Fico aliviado que o remédio criado por Odon, para eliminar os enjoos de Meredith, não tenha nenhum efeito colateral, mas seu

chamado para observar algo no microscópio me deixa em alerta outra vez.

— O que é isso? — indago, impressionado e bastante curioso com o que observo.

— Parece que o litássio traz grande benefício a ela. É como se deixasse as suas células mais fortes, as rejuvenescesse.

— Como acontece com os harks?

— Os harkeryanos precisam do litássio como forma de energia — corrige ele. — Com a humana, é como... uma poção de rejuvenescimento.

Todos os meus neurônios começam a trabalhar juntos enquanto estou absorvendo o que Odon me diz. Talvez ele, sem querer, tivesse descoberto a solução para a minha maior angústia.

— Seria como se, em vez de envelhecer, ela ficasse mais jovem?

— Não posso afirmar isso ainda. Suas células continuam a morrer mais rápido do que as nossas.

— Você tem que encontrar essas respostas rapidamente, Odon. — Encaro-o, expressando toda a minha angústia. — Eu não posso perder Meredith nem daqui a muitas décadas. Ela precisa viver o mesmo tempo que nós.

— Eiyus, você sabe que isso é praticamente impossível.

— Achamos que poderia ser impossível voltarmos a nos reproduzir e você ajudou nisso. Eu a amo, Odon. Não consigo imaginar a minha vida sem ela.

A intensidade de emoção que trago em minhas palavras o desarma. Ele é o primeiro com quem sou completamente sincero sobre o que sinto e sobre os meus medos.

— Você não quer que eu a use como um experimento...

— Não quero que a coloque em risco.

— Eu entendo e não farei isso, mas assim os estudos seguirão de forma mais lenta. Pode levar semanas e até mesmo anos.

— Você tem no máximo oitenta para descobrir isso.

— Farei todo o possível para conseguir isso. — Ele coloca a mão em meu ombro. — Terá todos os anos strovenos com a humana que desejar. Mas eu vou exigir uma coisa em troca.

— O que é?

— Cara, você precisa relaxar — afirma ao se afastar. — A gravidez pode ser delicada para uma mulher, mesmo quando é gerada por dois humanos. Você precisa curtir esse momento e deixar a Med mais calma.

Admito que venho sendo mais protetor do que o normal, aliás, eu nem sabia que poderia ser assim, mas a segurança e o bem-estar de Meredith e do bebê me deixam sempre em alerta.

A humana tem uma pequena variação de temperatura quando fica envergonhada. Nós não temos essas reações, somente os gestos conseguem indicar alguma mudança de humor, e são os seus dedos se abrindo e fechando que denunciam que eu o havia pegado de jeito.

— Ela gosta que eu a chame assim. Eles têm apelidos, sabia?

— Mas eu não gosto — retruco, mostrando os meus dentes.

— Eiyrus, precisa deixar de ser tão ciumento.

— Não sou ciumento! — afirmo com toda segurança. — Ciúme é um sentimento humano, levado pela insegurança.

— Você sabia o que era estar apaixonado?

— Não!

Amor entre nós existia. Não somos frios como os harkeryanos, mas a paixão, sentir-se como parte de outra pessoa, é completamente novo.

— Talvez sejamos mais parecidos com os humanos do que poderíamos imaginar.

— Eu não tenho ciúme — reafirmo como uma criança teimosa.
— Talvez um pequeno desconforto de ver outros machos farejando o que é meu.

— Mas eu não estou farejando nada, criatura. Ninguém aqui a vê dessa maneira — ele me diz, revirando os olhos. — Aliás, está tocando em um outro ponto que tenho estudado. Você diz que sente o cheiro dela, certo?

— Qual a curiosidade sobre isso? O meu nariz funciona perfeitamente.

Por virmos dos felinos, esse é um dos sentidos mais bem apurado em nós.

— Não é isso que estou dizendo. É algo imensamente mais forte e diferente para você do que é para nós. Como uma combinação química. Por isso que, além dos sentimentos envolvidos, claro, não a vemos da mesma forma. Não há a mesma atração que vocês dois sentem.

Pela primeira vez desde que vim procurá-lo, Odon diz algo que me deixa feliz.

— Então vocês não a desejam como eu?

Ele balança a cabeça lentamente. Inicialmente fico eufórico, depois um pensamento incômodo surge.

— Por que não a desejam? Não há nada de errado com ela.

Meredith é linda, macia, quente, o seu cheiro é inebriante. Não consigo encontrar palavra melhor para descrevê-la do que perfeita.

— Pelas mil estrelas, Eiyrus, pode decidir o que você quer? — questiona, aborrecido. — Primeiro fica zangado, pensando que podemos cobiçá-la, depois fica indignado por não fazermos isso. Pode ser um pouco menos protetor?

Foi exatamente o que Meredith me pediu, e como não quero aborrecê-la, vou tentar segurar a onda.

— Me desculpe. Todas essas novidades, às vezes, me deixam confuso.

— É por isso que não quero uma humana agora — ele confessa, me deixando surpreso.

Sempre pensei que ele fosse o mais empolgado em relação a isso, ainda mais agora que seus estudos provaram estar certos.

— Pois eu tinha imaginado que era exatamente isso que você gostaria.

— Há muitos strovenos que podem seguir com as reproduções. Você poderia tentar o Aaron, quem sabe assim as barreiras dele desmoronam de vez — sugere ele, retornando ao microscópio. — Eu preciso concentrar toda a minha energia no trabalho. Além de acompanhar o desenvolvimento do seu filho, preciso encontrar as respostas que me pediu. A humana desviaria o meu foco.

Não posso culpá-lo. Não sou o mesmo desde que conheci Meredith, e toda a minha vida agora é pensada de forma que ela esteja sempre comigo. Sinto que estou vazio sem ela.

— Vou deixar que trabalhe, então.

Ele já está tão concentrado em seus estudos que já não me ouve. É uma pena Odon decidir se dedicar apenas ao seu trabalho, uma humana faria boas mudanças nele.

Volto ao quarto, e Meredith continua dormindo como a deixei. Livro-me das minhas roupas e arrasto-me suavemente pela cama até chegar a ela e encaixá-la em meus braços.

— Você voltou — ela sussurra, passando os braços e pernas à minha volta.

— Sentiu minha falta?

— Sempre sinto.

Odon está certo sobre toda a nossa explosão química, mas os sentimentos são mais grandiosos. Da forma que a amo cada dia mais, nenhum macho em Strovena conseguiria amar, e isso, por ora, me deixa mais calmo.

— Eu também. — Beijo o topo de sua cabeça, envolvendo-a mais com o meu corpo.

Pela primeira vez, consigo me entregar a um sono tranquilo.

Vejo-a caminhar de um lado ao outro no quarto, e não gosto que a ansiedade a deixe tão tensa.

— *Minhr*, é só um pronunciamento e você não tem que falar nada. — Seguro sua cintura quando passa novamente ao meu lado e a trago para mim. — Você nem mesmo tem que falar algo, basta apenas ficar ao meu lado e sorrir.

— Não sei se consigo sorrir — ela lamenta. — Estou nervosa. Eles ficarão felizes ao saberem que você vai ter seu herdeiro...

— Nós teremos. Um filho, Meredith. O nosso filho.

Se ela sorrisse para o meu povo como sorri agora para mim, não haveria um stroveno no planeta que não caísse de amores por sua futura rainha.

— Fui trazida aqui para esse fim. Mas me tornar a rainha deles? Sei que alguns ainda são resistentes quanto a nós, os humanos. Como Aaron.

— Ele já não pensa da mesma forma que antes e está trabalhando arduamente para mudar alguns preconceitos.

Aaron vem fazendo várias reuniões e trazendo a maior parte dos resistentes à chegada das humanas para o nosso lado.

— E o nosso filho trará a esperança perdida. Além disso, como *satre*, será vista como intocável.

— Ótimo, agora vou ser vista como uma vaca que é sagrada na Índia.

Não faço a mínima ideia do que ela quer dizer com isso, mas na parte do sagrada eu concordo.

— Não há realmente nada com o que se preocupar.

— Você promete?

— Alguma vez já menti?

— Vocês podem ser muitas coisas, strovenos — Um dos sorrisos que tanto amo surge em seu rosto. — Possessivos e protetores ao extremo. Mas nunca mentirosos. Prometo que vou tentar ficar mais calma.

Isso é bom, porque a tranquilidade dela garante a minha.

— Majestade. — O rosto de GuOr surge em uma imagem dimensional assim que atendo o seu chamado através do bracelete.
— Está tudo pronto.

— Estamos indo.

Com o meu aviso, Meredith solta um gritinho nervoso e corre novamente até o espelho. Foi desenvolvido para ela um típico vestuário stroveno. O vestido é longo, de mangas compridas e gruda como uma segunda pele em cada pedaço que a cobre. Foi colocada uma faixa em volta da cintura para proteger os primeiros sinais de sua gravidez. Todo o tecido tem minúsculas pedrarias feitas de *alcry*, um dos nossos cristais mais valiosos, que pode ser visto na construção do castelo, objetos de artes e decoração, e quase em toda arquitetura na cidade de Criso. Meredith os chama de castelo e cidade de gelo, embora não sejam realmente frios.

— Você está linda — afirmo, abraçando-a por trás, e uso o espelho para observar o seu rosto.

Os cabelos longos e escuros, assim como sua pele negra, são uma combinação perfeita com o vestido azul claro.

— Você parece uma *lury*.

Criaturas mitológicas que aparecem em livros infantis, a função de uma *lury* é proteger nossas florestas e o rio Oyada. Minha mãe sempre contava algumas aventuras delas quando colocava eu e minha irmã para dormir.

— O que são *lury*?

Faço a imagem surgir, e uma exuberante criatura de cabelos dourados que chegavam até os pés, lindas asas transparentes, rosto oval, lábios generosos e olhos prateados, movimenta-se através da imagem animada.

— É linda. No meu mundo a chamaríamos de fadas — Meredith explica, encantada. — Elas existem?

— Até onde sei, são histórias para crianças. Posso falar mais delas depois. — Faço-a virar para mim e encaixo o seu braço no meu. — Agora temos que ir. O povo nos aguarda.

O meu discurso não é muito longo, principalmente por causa de Meredith, não quero deixá-la mais insegura e nervosa do que está. Falo um pouco sobre a nossa história milenar. Sobre os nossos anos de escuridão depois que as fêmeas partiram e que agora há uma esperança.

Todos que se reuniram em frente ao grande castelo, para ouvir presencialmente o pronunciamento, mostraram-se exultantes com a notícia sobre o bebê, como também deram vivas à sua nova rainha.

— Eles parecem felizes — diz Meredith em tom emocionado.

— Eu disse que daria tudo certo.

Levo-a para dentro do castelo e busco os seus lábios para um beijo. Os strovenos ainda não estão acostumados a isso, então, por enquanto, é melhor manter demonstrações físicas de afeto um pouco mais discretas.

— Eu estou feliz — ela confessa, abraçando-me. — Nunca fui tão feliz na vida.

Sei exatamente o que ela quer dizer, pois eu sinto o mesmo.

A data marcada para o *unmmy* foi cinco dias após o pronunciamento. A cerimônia será transmitida em tempo real, mas presente no rio Oyada estarão apenas GuOr, o meu amigo e conselheiro real, Aaron, que controla toda a segurança e guardas, Odon, Lalr, a pedido de Meredith, e alguns chefes de estado.

Segundo uma parte da tradição dela, o noivo não pode ver a noiva antes da cerimônia, e foi bem difícil conseguir cumprir esse pedido. Todavia, como Meredith já havia abandonado tantas coisas ao aceitar se unir a mim em Stravera, atendi a sua única exigência.

— Nervoso? — GuOr indaga ao notar meu estado de agitação, pois todos conseguiam ver isso.

— Se ela não vier?

— Então vou lá e a arrasto pelos cabelos.

Sua expressão séria é um aviso de que ele não está brincando.

Para minha sorte e calma, não é preciso GuOr chegar tão longe. Assim que a música começa a tocar, nos viramos para o local onde Meredith deve surgir.

Ela aparece montada em um *sefe*, que é um quadrúpede de pescoço longo e bico comprido com curvatura para baixo. Seu corpo é formado por listras de diferentes larguras nas cores azul e cinza. Apesar de terem belas asas, são animais que não voam e se alimentam de larvas encontradas nas árvores.

Completamente fascinado, vou ao seu encontro e a ajudo a descer. Ela está linda no vestido branco cintilante.

— *Yomi xave myod tarah* — murmuro, envolvendo seu rosto emocionado com as minhas mãos antes de repetir o mesmo na língua dela. — Você tira o meu ar.

— *Yomi xave myod tarah* — ela repete, tocando o meu peito nu.

No *unmmy*, os dois strovenos que os noivos elegem para serem os protetores do casal, nesse caso GuOr e Odon, leem o

nosso livro mais antigo, no capítulo que fala sobre o compromisso e respeito que teremos um com o outro a partir de hoje.

São oito frases que eu e Meredith vamos repetindo, e ao final de cada uma delas presenteamos um ao outro com um LaYden, um fruto agri-doce que simboliza toda felicidade e união em nosso casamento.

Depois de cada promessa emitida, seguimos até o rio. Ele é o responsável por dar a benção final à nossa relação.

Mergulhamos até a água chegar aos nossos pescoços. Ao que me lembro da tradição, devemos unir nossas testas e finalizar o ritual. Em vez do rito antigo, aproximo o rosto de Meredith até o meu e busco sua boca para um beijo repleto de devoção. Um pouco do passado e um pouco do que se tornou nosso presente.

— Agora estamos unidos para sempre — ela murmura quando unimos nossas testas.

— O sempre é pouco demais, *minhr*.

Nós teremos pelo menos mil anos.

Capítulo 21



Quando Odon afirmou que a minha gestação seria rápida, ele não estava exagerando. Quase dois meses após a descoberta da minha gravidez, parecia que eu estava com cinco meses na Terra. A minha barriga já está do tamanho de uma bola de basquete. Com toda certeza, é a experiência mais emocionante e mágica da minha vida, e tenho desejado que durasse muito mais do que os prováveis quatro meses.

Mas hoje estou ainda mais radiante, porque teremos uma projeção do bebê e poderemos saber como está em meu ventre.

— O bebê já está quase que completamente formado, Meredith — avisa Odon ao mexer no equipamento que faz uma luz surgir e as imagens do meu filho aparecerem para ele.

— Você consegue ver isso? Cada detalhe dele?

— Sim. Com esse equipamento é como se não houvesse suas camadas de pele e os órgãos em volta dele... — Ele faz uma pausa e vira para verificar algo em outra tela. — No seu planeta chamam de ultrassom, certo? Não é tão avançado como os que temos aqui.

Ele não está dizendo isso para se gabar, embora pareça. É que às vezes a sinceridade deles é um pouquinho irritante. Mas não quero ficar meditando sobre a falta de delicadeza alienígena. A curiosidade em ver qualquer imagem do meu filho está me matando.

— E eu também posso ver?

— Eu a trouxe para isso, *minhr* — responde Eiyrus.

Estive ansiosa por esse momento, mas ele está muito mais, quase deixou Odon maluco nas últimas semanas.

E quando o primo de Eiyrus direciona o equipamento para nós, nos presenteando com as imagens, preciso reconhecer que Odon estava certo. Diferente do nosso ultrassom, o deles, em vez de mostrar uma tela, o que aparece é uma imagem tridimensional, onde eu posso ver perfeitamente o bebê dentro de mim e até mesmo os seus movimentos.

— Ah... ele está chupando o dedo. — Viro para Eiyrus e constato que ele está tão ou mais emocionado do que eu.

É uma experiência inexplicável e que me deixa profundamente emocionada.

— O que você está fazendo, Meredith? — Eiyrus questiona, intrigado, ao me assistir pular da maca, seguir para o equipamento e começar a andar em volta da imagem projetada. Agachando, me levantando, buscando ver cada detalhe possível do nosso bebê.

— Procurando chifres, rabos — murmuro com um toque de humor, mas na realidade verifico isso mesmo. — Ou alguma coisa assim.

Os dois me encaram com olhar ofendido.

— Nós temos algum chifre ou rabo, por acaso? — resmunga Aaron.

Com toda essa confusão e emoção acontecendo, havia esquecido completamente que ele estava aqui. Apesar de me tratar bem melhor do que antes — pelo menos ele não faz nada para me irritar —, não nos tornamos melhores amigos, ainda.

— Bom... — Faço um sinal para que Eiyrus se aproxime de mim. — Como você tem aquele segundo... você entende o que estou falando, não é? Só queria ter certeza de que não surgiria do bebê nada mais esquisito.

— Meredith, o bebê é uma combinação perfeita de nós dois — ele me diz, completamente hipnotizado pelas imagens refletidas. — Olhe para ele, *minhr*.

Faço o que ele me pede, e meu coração fica como manteiga derretida. Realmente o nosso bebê, por ser uma mistura de duas espécies diferentes, é o mais normal possível a se esperar. Só tem uma cabeça, braços e pernas normais, os traços felinos dos strovenos e...

— Cabelos?! — indago, empolgada. — O bebê tem cabelos?

Acho que é a única coisa que vai herdar de mim e, bom, a mesma quantidade de dedos. Olhando com mais atenção, talvez tenha herdado outras coisas.

— Como o Eiyrus disse, é uma mistura perfeita das nossas raças — reafirma Odon.

O melhor dos strovenos e dos humanos.

— Ok, garotos, agora a pergunta mais esperada. — Olho para cada um deles. — É ele ou ela?

Por mim seria surpresa, mas Eiyrus não aguenta mais esperar por essa revelação. Todos eles desejam uma menina, afinal o

planeta precisa continuar crescendo. Eu não me importo, desde que o bebê tenha saúde e nasça bem.

— Vamos ver. — Odon digita alguns códigos no equipamento.
— Med, você pode voltar para a cama?

Com a ajuda de Eiyrus, faço isso. E tendo a mão dele unida à minha quando ele se acomoda ao meu lado na cama, juntos olhamos ansiosos para Odon.

— Está bem aqui... — Ele faz as imagens ficarem mais próximas de nós. — É um menino.

— Um menino! — repito, emocionada. O meu pequeno stroveno. Se antes já o amava, agora o meu sentimento está multiplicado, parece nem caber em meu peito.

— Está decepcionado? — Viro-me para Eiyrus, receosa.

Normalmente, na Terra, os homens desejam meninos, por causa de todo esse lance de poderem fazer coisas de meninos juntos. Mas aqui já há espécies masculinas demais, eu sou literalmente a única mulher nesse planeta.

— *NeHa* — ele murmura, tocando a testa na minha. — É a palavra mais forte que temos para felicidade.

Que alienígena terrível! Ele está simplesmente pegando o meu coração e transformando em manteiga.

— *NeHa*, majestade. — GuOr vem até nós e faz um cumprimento respeitoso. — Que seu menino venha com a força de um guerreiro.

Odon se aproxima, dizendo a mesma palavra, mas desejando que nosso bebê tenha a sabedoria dos grandes antepassados strovenos. Aaron diz o seu *NeHa* e deseja que o bebê tenha um coração bom e justo. De todos os votos direcionados ao meu filho,

não há dúvidas que o do *alien* rabugento foi o que mais me emocionou, ao ponto de me fazer levantar da cama e dar a ele um grande abraço de urso.

— Tudo bem... — Ele dá delicados tapinhas em minhas costas. — Já... já, está bom.

Quando me afasto, sorrindo e chorando ao mesmo tempo, vejo o quanto o deixei constrangido com minha manifestação de afeto.

Claro que os outros três não perderam a oportunidade de tirar sarro dele.

Toda a experiência que tive hoje com o bebê foi marcante, mas ao olhar para os strovenos juntos, em sua camaradagem e afeto um pelo outro, percebo quanta sorte eu tenho em ter sido acolhida nessa família.

— Você está bem? — Eiyurus desvia a sua atenção do trio se provocando e seca, com preocupação, o meu rosto molhado.

— São os hormônios. Odon já avisou a você.

Ele me estuda atentamente. Sua expressão deixa claro que não o convenci.

— Não sei, acho que é apenas Meredith sendo Meredith.

É impressionante como em pouco tempo juntos ele já me conhece tão bem.

— E você... — Envolver o seu rosto com as minhas mãos, puxando-o para mim. — Continue sendo o meu Eiyurus.

Nos beijamos, e tudo ao nosso redor vira vultos e sussurros. Entramos em nossa bolha.

A vida não é perfeita o tempo todo, pelo menos a minha não é. Levou apenas algumas semanas para uma grande nuvem escura estacionar acima de nossas cabeças.

Como o bebê se desenvolve rápido, ele tem gastado mais da minha energia. A cada dia eu venho ficando mais cansada, e a preocupação agora é de que eu não consiga levar a gravidez até o fim. O que tem me deixado bastante deprimida.

— Ei, Med? — O chamado é delicado, mas a mão sacudindo o meu ombro é firme o suficiente para me fazer acordar. — Odon disse para que tomasse isso.

Olho para o copo transparente, cujo líquido vermelho me faz exibir uma careta de repulsa.

— O que é isso? Não vai me dizer que vou ter que beber sangue e comer carne crua, como a garota dos filmes?

— Que filme?

— É sobre uma humana que se apaixona por um monstro com presa nos dentes — explica Larl, falando do filme que assistimos no computador que Eiyurus tinha mandado instalar no meu quarto. — Ela também tem um bebê monstro...

Oh-oh, essa não é a melhor escolha de palavras para explicar como é a filha de Bela e Edward de *A Saga Crepúsculo*. Leva só alguns segundos para Eiyurus encarar o pobre Larl com um olhar assassino.

— Está chamando o meu filho de monstro?

Procuro GuOr pelo quarto e peço silenciosamente que ele impeça que meu marido quebre todos os ossos do nosso mordomo. Ele se coloca entre os dois, um segundo antes da tragédia acontecer.

— Perdão, majestade, eu só quis dizer que... Bom, essa parte da história é um tanto similar, se...

Larl salta para trás quando Eiyrus estica a mão e tenta agarrá-lo, apesar dos braços de GuOr mantê-lo preso.

— Se voltar a falar do meu filho assim, juro que arranco sua cabeça com as minhas próprias mãos.

— Eiyrus! — Uso toda a energia que ainda tenho para chamar a atenção dele. — Deixa o pobre do Larl em paz. Foi só um filme do meu planeta que vimos juntos.

— É um filme interessante. — GuOr tenta colocar panos quentes, e ver o grandão admitir não querer vomitar por ter assistido a um filme adolescente me faz rir. — Mas é melhor você procurar algo para fazer em outro lugar, Larl.

O stroveno não precisa de um novo convite para dar no pé. Eiyrus é um bom rei, justo e compreensivo na maioria dos casos, e ele não quer ser o primeiro a provar de sua ira.

— Hum... é bom. Do que é feito isso? — indago, fazendo-o olhar para mim.

— *Litássio*, *temposa* e uma flor rara encontrada no deserto. Odon diz que vai te ajudar a ter mais energia para irmos ao Oyada amanhã.

O que sabemos é que o *litássio* faz muito bem para mim, mas não posso ingeri-lo em grandes quantidades, por isso os banhos no rio Oyada vêm ajudando, principalmente a minha pele, que mais sofre as agressões da gravidez. Duas vezes por semana tenho ido ao rio, e devo confessar que sempre saio de lá me sentindo melhor.

— Gosto disso — afirmo, sorrindo, e ao sentir um movimento em meu ventre, coloco a mão de Eiyrus sobre ele. — Veja, o

pequenino também.

Tem sido dias bastante difíceis, exaustivos e preocupantes, mas esses momentos com nosso bebê nos fazem esquecer de todos os medos.

— Hum-hum... — GuOr pigarreia, nos fazendo lembrar que ele está presente. — Desculpe, majestade, mas preciso enviar as imagens que Odon pediu.

— Claro — confirmo e me arrumo melhor na cama.

Uma das coisas, digamos, “estranhas” acontecendo, é que em meu peito, um pouco acima dos seios, começou a surgir alguns traços muito semelhantes aos da marca de nascença de Eiyus. Ainda não está completa como a dele, mas os detalhes são assustadoramente parecidos.

— Não falta muito agora — GuOr diz a Eiyus. — Algo mais a destacar.

A marca não me causa dor ou qualquer tipo de desconforto, ela apenas havia surgido. Odon diz que, por ter uma parte de Eiyus crescendo dentro de mim, é possível que eu esteja me tornando uma parte deles. Eu sinceramente não consigo pensar em uma explicação melhor para esse fenômeno.

— Diga a Odon que estou bem. — Faço o máximo de esforço para demonstrar isso.

Tenho evitado reclamar do cansaço, das pernas e pés inchados, das dores pelo corpo, pois cada vez que reajo a isso, Eiyus tem pequenos surtos. Eu me preocupo com ele, principalmente em como irá reagir se algo acontecer a mim e ao bebê.

— Tenha uma noite tranquila, majestade. — GuOr se curva a mim e desaparece em seguida.

Eu fico feliz e bastante aliviada que Eiyrus tenha um amigo tão especial quanto ele. Alguém que o ajudará a segurar a barra, caso o pior aconteça.

— Você... — A voz dele se dirigindo ao *raat* enroscado aos meus pés me faz olhar para ele. — Está na hora de dar o fora também.

Lulu, assim que resolvi chamá-lo, é um bichinho muito doce, e depois que foi adestrado quase não causa confusão. Ele passa a maior parte do tempo no quarto comigo, principalmente quando Eiyrus é obrigado a sair para resolver algo, o que vem ocorrendo muito, para a irritação dele. Alguma coisa que ele ainda não me contou, para não me perturbar, vem acontecendo em Stravera.

Minha bolinha de pelo é colocada em sua casinha, próxima à porta, e Eiyrus retorna à cama, deitando-se ao meu lado.

— Agora faltam menos de duas semanas. — Sorrio quando ele fecha sua mão enorme em meu ventre redondo. — Não vejo a hora de tê-lo nos braços.

Já passei por todos os estágios da gravidez: alívio por ser uma gestação mais curta, felicidade e desejo que durasse mais. Ultimamente, só tenho a esperança de que tudo siga bem até o fim.

— Nós vamos conseguir, *minhr*. — Ele me encaixa em seu peito e massageia os meus ombros enquanto beija meus cabelos.

Nós temos que conseguir. Não consigo imaginar diferente. Eiyrus e seu povo já haviam perdido demais. Eu já havia perdido demais.

Todos nós merecemos um pouco de paz, esperança e dias felizes.

Capítulo 22



Dois harkeryanos foram novamente detectados na região do deserto, que é a área mais indefesa, devido ao calor que faz ali. A troca de turno dos soldados mapeando o território precisa ser feita com mais frequência, e os equipamentos de vigilância sofrem mais com a agressão do calor e das chuvas de areia, tornando o lugar uma ótima porta de entrada, dos nossos maiores inimigos, no planeta.

— Tudo limpo, majestade — Aaron surge acompanhado de dois de seus homens. — Podemos partir quando desejar.

O *litássio* tem feito bem a Meredith, e se não fossem as fórmulas que Odon criou para ela e os banhos no rio Oyada, não sei se ela e o bebê teriam conseguido sobreviver à gravidez arriscada.

Quando cogitamos as humanas para terem nossos filhos de forma natural, não imaginávamos que eles se desenvolveriam dentro delas, tudo seria feito em laboratório. Só que a natureza tem sua própria maneira de fazer as coisas.

O problema é que o nosso gene é mais forte, os nossos bebês são maiores do que um humano comum. É quase como se ela

carregasse dois fetos em vez de um, e o corpo de Meredith não está preparado para isso.

— Como está se sentindo hoje? — Ajudo-a a se sentar na cama. — Não tente ocultar nada, por favor.

Embora nunca admita, às vezes vejo-a tentando esconder algo de mim ou buscando me poupar quando sente dor e cansaço. O que Meredith não entende é que sinto as vibrações vindas dela, sei quando está nervosa, envergonhada, com desejo apurado e feliz.

— Estou bem. A fórmula de Odon ajudou bastante. Dormi muito bem essa noite.

Concentro-me nela e percebo que dessa vez não são apenas palavras para me deixar tranquilo. Caso eu notasse qualquer sinal contrário, a pequena viagem seria cancelada.

Eu poderia ordenar que uma quantidade de água fosse trazida, mas os efeitos são menores do que ela ficar alguns minutos na água corrente, obrigando-a a repetir o processo antes do esperado.

— Além disso, sair um pouco desse quarto e respirar ar puro vai ser muito bom — ela murmura quando a pego no colo.

Até mesmo as pequenas caminhadas que eu a ajudo a fazer pelo quarto conseguem esgotá-la. Odon havia exigido repouso total. Felizmente agora falta muito pouco para o nosso bebê estar entre nós.

— Posso levá-la ao jardim esta noite. — Ajeito-a para que fique mais confortável em meu colo enquanto caminho. — Mandei que instalassem um telescópio lá, e é um ponto melhor para ver a inclinação do planeta Rore.

Meredith tem um grande interesse nos nossos planetas vizinhos, principalmente com os que temos um tratado amigável.

Depois que toda essa loucura acabar, pretendo levá-la para conhecer alguns deles, no que ela chama de viagem de lua de mel. Até mesmo para mostrar as alquys que a humana está bem e que não a tornamos nossa escrava.

Chegamos à nave, e um guarda libera a porta. Seria mais rápido nos transportar, mas essas viagens agora afetam Meredith mais do que o normal. Então seria quase meia hora de voo até o rio. Mas ela acha divertido e fica animada com cada animal novo ou vegetação que avista durante o percurso. E se for para ter seu lindo sorriso por alguns minutos, toda a tensão causada durante essa escolta valia a pena.

Assim que chegamos na floresta, aguardo que os guardas criem um campo de proteção em volta para que nenhum animal curioso e perigoso se aproxime de nós.

Não importa quantas vezes venhamos ao Oyada, a reação de Meredith às águas turquesas e cintilantes é sempre de fascinação. Ela precisa de um tempo para admirá-lo antes que a conduza para dentro dele.

— É tudo tão lindo aqui. — Ela sorri, fechando os olhos enquanto flutua, tendo os meus braços como apoio.

Há muitas paisagens deslumbrantes em Stravera, mas, sem dúvida, Oyada é uma das mais bonitas. Apesar disso, minha atenção está completamente nela. Na forma que os raios de Ores batem na água e fazem sua pele iluminar, nos cabelos dançando na água e no seu lindo rosto expressando paz.

O breve momento de tranquilidade é interrompido quando percebo a agitação dos guardas em volta do rio.

— O que foi?

A pergunta de Meredith precisa ser ignorada para que eu consiga observar um grupo de guardas se dirigirem a um ponto da floresta, e quando dois deles são arremessados no ar, vejo que precisamos sair da água imediatamente.

— *Mytod*? — ela me chama, angustiada. — Eiyrus? O que está acontecendo?

— Preciso tirá-la daqui.

Levo-a para longe da água o mais rápido possível e a coloco escorada em frente a uma grande rocha.

— Majestade. — Aaron e GuOr surgem ao nosso lado alguns segundos depois.

— O que está acontecendo, Aaron?

A resposta é abafada quando outro soldado é jogado contra o rio e mais dois correm ferozmente na direção de onde vem os ataques.

— Aaron?

— São *notur*.

— *Notur*? — indago, incrédulo. — Os noturs não costumam sair da floresta negra.

Como eles haviam parado aqui?

— Quantos são?

— Muitos — responde GuOr. — Até onde contei, doze. Com toda certeza, não temos guerreiros o suficiente.

— Vou chamar reforços — avisa Aaron.

Um *notur* seria suficiente para deixar muitos soldados machucados e alguns mortos, como estava acontecendo, mas muitos deles colocavam quase a zero a possibilidade de sairmos vivos daqui.

Preciso ajudar os soldados, mas a minha preocupação maior é com Meredith e o nosso filho.

— Vou levá-la de volta à nave.

— Não! — Ela pressiona o meu braço antes que a pegue no colo, e ao ver dois imensos *notur* surgirem na floresta, emite um grito assustado que traz a atenção dele para nós. — Você precisa ajudá-los.

Uma das feras bate as imensas patas frontais contra o chão, e seu rugido alto faz tudo à nossa volta vibrar. Os animais fogem, assustados, para dentro da mata, e outros buscam proteção dentro do rio. Um dos *notur* inicia uma corrida feroz até onde estamos. Outros animais raivosos surgem, começando a nos cercar.

— Cuidado! — O grito de alerta vem de Aaron.

Um *notur* surge inesperado por trás de onde estamos e seu alvo principal é Meredith. Consigo ser rápido e avançar em direção à fera, mudando sua rota de ataque, mas não contava que um outro *notur* de um porte menor, mas violento o suficiente para matá-la, surgisse, saltando no mesmo lugar.

É impossível lutar contra a besta que nos atacou e conseguir chegar até Meredith de novo. O meu sangue congela quando a vejo tentar proteger a barriga e andar de costas, tentando sair do campo de visão do animal furioso.

— *Minhr!* — grito quando vou em direção a ela, mas a pata pesada do *notur* bate em minhas costas, e ele me arremessa contra uma árvore. Com a visão entorpecida, observo que será uma questão de segundos até que a fera chegue em Meredith.

Levanto-me rapidamente e começo uma corrida até ela, mas três *notur* saltam até mim, me encurralando dentro de um círculo. É

uma reação suicida, mas não me resta opção além de enfrentá-los.

Olho novamente para Meredith e vejo Aaron e GuOr formarem uma proteção em volta dela. Os dois são capazes de matar o *notur*, só que há muitos, o que nos coloca em uma grande desvantagem.

— Venham até mim — sibilo às bestas que me têm como alvo.

Tiro a adaga do coldre e avanço até um dos animais selvagens, ao mesmo tempo que ele pula sobre mim. Apesar de extremamente violentos, os *notur* não são animais muito inteligentes, então me movimento de forma que, ao me atacarem, acabem atingindo um ao outro, fazendo com que em vez de me enfrentarem propriamente, eles se machuquem.

Ouçoo um grito assustado, e quando sigo o olhar na direção de onde veio, vejo que Meredith está caída. Uma das feras a encurrala, fazendo-a se arrastar pelo chão. Suas patas se erguem no ar.

— Não! — grito, correndo em direção a ela, mas as garras afiadas fincando em minhas costas me fazem cair de joelhos.

A dor das unhas rasgando a minha pele é lancinante, mas a necessidade de protegê-la, mesmo com a minha própria vida, é maior. Ergo-me e continuo a corrida desenfreada. Infelizmente, não são apenas os *notur* em quantidade maior nos desfavorecendo, mas também seria impossível conseguir chegar a tempo até ela. Petrificado, vejo as patas do animal descerem até o corpo frágil de Meredith.

Mas alguns segundos antes de as garras fincarem em seu ventre abaulado, Aaron surge de um salto, colocando-se entre Meredith e o animal feroz. Ele segura as patas do *notur* e grita algo a ela, fazendo-a se levantar com dificuldade e usar a pulseira em seu braço.

É um alívio vê-la desaparecer da zona de guerra, mas só terei paz quando a tiver outra vez em meus braços e puder me certificar de que está bem.

— Aaron! — GuOr o chama com um grito, indo ajudá-lo, mas não consegue impedir que o *notur*, ao liberar uma das patas, enterre as unhas no peito dele.

Há um terrível som de ossos sendo partidos. GuOr ferozmente avança sobre o animal. Desejo ajudar Aaron, mas sem antes vencer as feras que saltam em volta de mim é impossível. Quando a batalha parece que será perdida, dezenas de soldados começam a surgir. Pouco a pouco, vamos nos tornando a maioria e não leva muito tempo agora para derrotarmos todas as feras que nos atacaram.

— Aaron? — Corro até ele, que está apoiado na mesma rocha onde tinha deixado Meredith. — Por que não retornou a Criso, seu imbecil?!

— Vocês... — ele geme, e eu vejo um pouco de sangue surgir em seus lábios. — Poderiam precisar de mim. Um soldado, mesmo ferido, não abandona a guerra.

Estou furioso por ele ser tão literal em relação ao seu dever, e eternamente agradecido, pois se Aaron não tivesse arriscado a sua vida para salvar Meredith, em vez do corpo dele seria o corpo sem vida dela que eu estaria segurando agora.

— É uma morte honrosa, majestade — ele diz, abrindo um sorriso orgulhoso. — Nenhum guerreiro deseja menos que isso.

— Seu grande imbecil — repreendo, sentindo os meus olhos úmidos. — Eu não vou deixar você morrer, idiota.

Muitos de nós haviam perdido a vida hoje, mas Aaron não será um deles.

— Como ele está? — GuOr surge ferido ao nosso lado, mas felizmente seus machucados não parecem graves. — E você? Suas costas...

— Eu estou bem. Precisamos tirar Aaron daqui.

— Leve-o, eu cuido do resto.

Agradeço a GuOr com um movimento de cabeça e uso a pulseira para nos transportar até o Centro de Recuperação, em Criso.

Há muitos homens feridos sendo atendidos pelos nossos melhores médicos.

— Deixe-o comigo, majestade. — Um deles surge, trazendo uma maca.

Sei que Aaron ficará em boas mãos, e tenho fé que ele conseguirá sair dessa.

— Precisa de cuidados, majestade. — Um dos ajudantes toca o meu braço.

— Meredith? — indago, fazendo uma busca desnorteada pelo corredor, entrando em cada quarto que passo. — Onde está a Meredith?

— A rainha? — Outro vem até mim com uma expressão confusa. — Não a vimos aqui.

— Isso não é possível. — Eu o agarro pelo pescoço, fazendo seus pés saírem do chão. — Onde ela está?

Eu lutaria com cada um deles até que me dissessem para onde ela foi levada.

— Senhor... — ele sussurra, quase sem fôlego, seu corpo ganhando uma coloração em um tom de azul. — Juro que não a vimos.

O desespero está me fazendo perder a razão, mas o desejo que tenho em recuperá-la, e ao meu filho, consegue me fazer tentar pensar com clareza. O meu povo não é meu inimigo, e Meredith tinha se tornado tão importante para eles quanto era para mim.

Se ela não está aqui, há apenas um lugar para onde ela poderia ter voltado.

O castelo!

Meredith ainda não sabe manipular bem o bracelete, então só pode ter ido para lá.

— *Minhr!* — Invado nosso quarto, e para a minha angústia, também não a encontro aqui. — Meredith?

Apenas o *raat* atende ao chamado, tentando escalar as minhas pernas. Preciso ter a mente limpa, mas minha cabeça começa a ser invadida por pensamentos desesperadores.

E se ela tivesse errado a localização e ido direto para a floresta negra?

Ou seguido para o deserto. E se um harkeryano tivesse cruzado o caminho dela? Há um milhão de possibilidades, e cada uma delas me coloca em um estado de tormento e loucura

— Eiyrus?

— Odon. — Consternado, viro-me em direção a ele e agarro o seu braço com firmeza. — Houve um ataque. Muitos *notur*. Eu não sei onde Meredith e meu filho estão.

Nenhum ataque de notur — e o que enfrentamos há pouco foi extremamente sangrento e assustador — poderia me deixar tão em

pânico quanto não saber onde Meredith e meu filho estão.

— Sei onde ela está. — O aviso dele me faz cair de joelhos. — Ela veio até mim. Eles não estão nada bem, Eiyrus.

Saber que eles foram encontrados deveria ser um alívio, mas ouvir que ainda estão em perigo é como ter uma espada sendo enfiada em meu peito. Nem mesmo a ferida aberta em minhas costas dói tanto.

— Quero vê-los — murmuro fracamente enquanto me obrigo a ficar de pé. — Me leve até eles imediatamente.

— Estão em Criso. Acabei de levá-la ao CR. Não posso ajudá-los como precisam no laboratório.

Nos transportamos rapidamente para lá. O meu retorno dessa vez é recebido com silêncio. Sei que todos focam seus rostos preocupados em mim, mas minha atenção está em rever Meredith. Eu sinto sua presença antes mesmo que Odon diga onde ela está, e seu cheiro me guia até ela.

— Majestade... — Um dos médicos vem ao meu encontro assim que entro na sala ampla.

Há uma notável movimentação em volta da cama e dos equipamentos em volta dela.

— Quero vê-la! — rujo e fecho rigidamente as mãos, pronto a atacar qualquer um que se atreva a me impedir disso.

Meredith não está bem, posso sentir isso como o ar com o qual não consigo encher o meu peito.

— Eiyrus... — Odon se coloca diante de mim. — Todos estão fazendo o melhor possível para ajudá-la. Para salvar os dois. O melhor que pode fazer é deixá-los fazer o trabalho deles.

O órgão pulsando ferozmente no lado direito do meu peito, o *meu coração*, e a minha alma em angústia me chamam para ela. Desejo desesperadamente estar ao seu lado, mas sei que Odon tem razão. Não importa que eu esteja desmoronando, sangrando por dentro e por fora, Meredith e nosso filho serem salvos deve estar acima de tudo.

— Está bem — murmuro fracamente, e outra vez vejo os meus joelhos perderem as forças.

Eu nunca soube o que é chorar até esse momento nem o quão pesadas são as lágrimas caindo em meu rosto. Só tenho uma certeza: se eu os perder, o que me resta de vida perderá o sentido.

— Salve-os, Odon — balbucio, fixando o meu olhar na cama.

Imóvel, assisto os médicos se moverem em volta de Meredith. Seu rosto está tranquilo como se estivesse em um sono sossegado, e se não fossem os fios ligados ao corpo dela, a máscara presa em seu rosto e os movimentos e vozes em volta, poderia imaginar que se encontrava na proteção do nosso quarto, tendo apenas um momento de descanso.

— Temos que abri-la. — Ouço a voz apressada e a mão firme de Odon me prendendo no lugar.

— *Minhr!* — A dor que sinto consegue ser mais forte que eu, ou já não tenho energia para lutar contra o medo assolador que me desespera. — Não a machuquem.

Não a machuquem.

Preciso ter de volta a outra metade de mim.

Capítulo 23



Preciso mover os meus olhos algumas vezes até conseguir abri-los. A luz excessivamente clara que vem sobre eles me cega e sou obrigada a fechá-los mais uma vez.

— Ela está acordando. — Ouço a voz sussurrada, e ao reconhecê-la, o meu coração dispara no peito.

Eiyrus!

Eu sabia que o amava, mas não entendia a profundidade desse sentimento até nos vermos em perigo, até vê-lo em perigo, lutando bravamente para salvar a minha vida e a do nosso filho em meu ventre.

O meu bebê.

Não preciso olhar a minha barriga vazia para saber que ele já não está mais dentro de mim. E mesmo com a luz voltando a me incomodar, mantenho os meus olhos abertos até que o desconforto com a claridade vai pouco a pouco diminuindo e tenho o rosto preocupado de Eiyrus junto ao meu.

— *Minhr.* — Ele pisca, e eu noto toda intensidade de suas emoções.

— Eiyrus — murmuro, passando a ponta da língua em meus lábios ressequidos. — O meu bebê... o nosso filho.

Preciso me manter calma, mas não consigo. Não enquanto não tiver o meu bebê em meus braços e poder segurar seu corpinho frágil, sentir o seu cheiro.

— Fique tranquila, *minhr.* — Ele passa suavemente a mão em minha cabeça e beija a minha testa com carinho. — O nosso garotinho está bem.

É um consolo para minha alma ouvir isso, mas não o suficiente.

— Quero vê-lo. — As lágrimas não me deixam enxergá-lo muito bem, e uso a minha mão fraca para puxá-lo pela roupa. — Eu quero ver o meu bebê.

Sinto-me como se estivesse congelada, fria por dentro e com um vazio criando ecos dentro de mim.

— Eu vou trazê-lo. Só fique calma. — Ele passa as costas das mãos em meu rosto e seca as lágrimas que descem sobre ele como uma cachoeira. — Não chore, por favor. Eu não consigo vê-la chorar, *minhr.*

Para ver o meu bebê eu faria qualquer coisa, então obrigo o meu coração aflito a se acalmar. Ouço Eiyrus dizer alguma coisa a alguém, som de passos, outros murmúrios. Ele torna a sussurrar palavras gentis em meu ouvido, declara o quanto me ama e está feliz em me ter de volta.

Seus carinhos no topo da minha cabeça e os beijos delicados que deposita em meu rosto começam a me acalmar. Eiyrus nunca

mentiu para mim, então se ele afirma que o nosso filho está bem, não há mal nenhum a temer.

— Venha. Consegue se levantar um pouco?

Afirmo que sim com movimentos frenéticos da cabeça, e ele segura uma das minhas mãos e faz apoio em minhas costas para me ajudar a me erguer.

A cama está sendo ajustada de forma que me deixe mais confortável, quando a porta começa a ser erguida. Um stroveno com roupas claras surge no quarto, trazendo um pacotinho embrulhado em uma manta prateada. Olho ansiosamente para Eiyrus, tão emocionado quanto eu, e ele afirma com um leve movimento de cabeça que é o nosso bebê.

Ele leva a minha mão aos lábios antes de soltá-la e ir até eles. Eu aperto os meus dedos, apoiando-os sobre as minhas pernas. A ansiedade faz o meu coração bater duas vezes mais acelerado. E quando assisto Eiyrus, tão gigante e forte, pegando com tanta delicadeza e cuidado o nosso bebê, rapidamente eu viro uma manteiga derretida.

— Ei, pequenino — ele sussurra, balançando nosso filho enquanto caminha com ele até mim. — Tem alguém muito especial querendo te ver.

Eu me remexo na cama, quero me levantar e ir até eles, mas acho que não tenho forças em minhas pernas, estou dominada por muita emoção.

— O nosso menininho — sussurra Eiyrus, inclinando-se sobre mim para que eu possa, pela primeira vez, ver o rostinho do nosso bebê de forma real agora.

O sentimento que me invade, ao ver o rostinho que me encara com muita atenção, é tão forte como se um carro em alta velocidade passasse por mim.

— Oh, Eiyrus. — Pisco os meus olhos com força, porque não quero permitir que as lágrimas roubem nenhum segundo da visão do meu lindo garotinho. — Ele é todinho você.

Os mesmos olhos puxados no tom lilás pelos quais sou apaixonada, o formato do rosto, o nariz levemente achatado. Os lábios são meus, bem generosos, e sua pele tem um tom caramelado.

— Veja, ele tem cabelos — Eiyrus destaca como se isso fosse a melhor parte a ser mencionada.

Aliso os fios ralos cobrindo sua cabecinha e não resisto à vontade de cheirá-lo. É um perfume único, suave e tão doce.

— Quer pegá-lo?

Encaro Eiyrus com surpresa. Eu estava tão concentrada em ver cada pedacinho dele que nem havia percebido que o bebê ainda se encontrava em seu colo.

O meu desejo de mãe anseia muito por isso, mas ao mesmo tempo tenho medo de fazer algo errado.

— Posso?

— Med, você é a mãe dele. — Eiyrus o ajeita na manta, depois o direciona a mim. — Ele estava esperando por isso há bastante tempo.

Quando o pequenino finalmente se encaixa em meus braços, cada momento de dor, de incerteza, medo e desespero desaparece como mágica. Só há uma grande luz brilhando dentro de mim e muito amor.

— Oi, meu amorzinho. — Toco suas bochechas redondas, e ele demonstra uma expressão de contentamento. — Eu sou a sua mãe.

Eu tive, até o último minuto, esperança de conseguir ter um parto normal, de poder acompanhar cada segundo do nascimento dele, mas o fato de vê-lo bem, saudável e protegido em meus braços, tornava isso insignificante.

— Oi, FyrOn — murmuro outra vez, observando como reagia ao nome escolhido para ele.

O primeiro filho, é mais ou menos o que significa na língua strovena. O filho mais esperado.

O bebê move os lábios, não exatamente em um sorriso, mas sinto que ele gosta do nome.

— Eu recuperei os dois. — Eiyrus ocupa um pedaço da cama, sentando-se ao nosso lado, e nos acolhe em seus braços protetores. — Quase enlouqueci com a possibilidade de isso não acontecer.

— Pobre alienígena — murmuro, afagando carinhosamente o seu rosto. — Desde que essa humana entrou em sua vida, não teve um minuto de paz.

— Tive amor, *minhr*. Eu tenho amor. — A confissão feita de forma fervorosa faz um nó se formar em minha garganta. — Eu só vi a luz desde que você chegou. Você me completa. Multiplica. Agora somos três.

Uma família, tudo o que eu mais desejei no mundo.

— Eu amo vocês — declaro e recebo como recompensa um beijo apaixonado.

Olho para o rostinho do meu bebê, meu pequeno meio felino, meio humano, e vejo que começa a ficar impaciente.

Até o momento, ele tem sido alimentado pelas fórmulas criadas por Odon, e hoje é a primeira vez que vou tentar fazê-lo se alimentar de meus seios.

— Acha mesmo que consigo? — pergunto a Eiyrus, que está ansiosamente sentado ao meu lado, esperando esse momento mágico acontecer.

A amamentação é algo que preocupa a maioria das mães, independente de terem um bebezinho tão especial quanto o meu.

— Odon garantiu que você pode.

— E se ele não gostar? — indago, apavorada. — Se ele se engasgar e eu não souber o que fazer?

— *Minhr*, eu estou aqui. — Ele afasta uma mecha que escapou do coque que fiz, prendendo-a atrás da minha orelha. — Não vou permitir que nada de mal aconteça.

— Promete?

Antes da gravidez, e principalmente durante ela, brinquei muito sobre a proteção exagerada dele, e agora engolia o meu próprio veneno. Eu simplesmente morreria se por falta de experiência ou cuidado eu fizesse algo que colocasse a vida do nosso filho em risco.

— Vai dar tudo certo. — Ele alisa minhas costas, e o carinho vai me deixando mais calma. — Acredito em você.

E o nosso bebê está com fome, o início de um choro deixa isso bem claro. Então, com a ajuda de Eiyrus, afasto a manga do roupão

e desabotoo a alça do vestido. Quando meu seio inchado e cheio de leite salta para fora, o direciono ao rosto do bebê, que primeiro fareja em minha direção, esfrega o rostinho em meu seio, e ao encontrar o mamilo, o abocanha com vontade.

— *Uou!* — Engulo o ar ao sentir uma fisgada de dor e sorriso de surpresa. — Ele é mesmo seu filho, Eiyrus.

Faço uma pequena careta quando FyrOn dá uma sugada mais forte.

— Dói? — Eiyrus me encara, preocupado.

Mentir para ele é algo que eu já não consigo, então o grandão vai ter que aprender a lidar com o fato de que um gesto de amor também pode trazer um pouquinho de agonia.

— Acho que consigo me acostumar. — Abaixo o olhar para ver o bebê se alimentando, e as fisgadas que às vezes sinto não são nada perto dos seus olhinhos cheios de amor focados em mim. — É tão lindo, não é?

Ele olha para mim, depois para o bebê, e enquanto nos assiste, vejo que em seu rosto existe apenas fascinação.

— É perfeito — Eiyrus sussurra, pegando a mãozinha do bebê em meu peito.

É um milagre.

Ele é o nosso milagre.

Se Eiyrus era muito protetor quando eu estava grávida, agora parece que esse instinto aumentou dez vezes mais. Muitos querem ver o nosso bebê, mas até mesmo Larl, GuOr e Aaron, e todos mais

próximos de nós tiveram que esperar pelo menos uma semana depois do nosso retorno para casa.

Soube por Odon que nos três dias que estive desacordada ele não permitiu que ninguém, além do primo cientista e dos médicos, chegasse perto de nós.

— Você tem a mais absoluta certeza de que é seguro, Odon?

— Com os braços cruzados, Eiyrus parece um general de guerra dando ordens ao soldado.

— Eiyrus, apesar de como veio ao mundo, o seu filho nasceu bem e é absolutamente saudável.

— Amor, a gente não pode mantê-lo em uma redoma de vidro.

— Por que não? — Ele me encara, sério.

Só não vou rir dele e nem o provocar pela ideia absurda porque, no fundo, se dependesse de mim, faria exatamente o que Eiyrus está sugerindo.

— Pare com isso. É o seu primo e seus amigos lá fora.

Também não fico à vontade de todo o reino vir ao castelo admirar nosso filho, como se fosse um bichinho em exibição. A ideia de mostrá-lo por alguns segundos, no local oficial do castelo que Eiyrus fizera o discurso do casamento, já me deixava incomodada, mas GuOr e Aaron são da família.

— Você tem que avisar que eles não podem tocar no bebê — diz Eiyrus, apontando os seus termos. — E ficar pelo menos a um metro de distância.

Encaro Odon e trocamos um olhar divertido. É o primeiro filho desse alienígena que banca o durão, mas no fundo é doce como uma *ireora*, uma frutinha roxa que amo comer no café da manhã.

O primeiro a surgir no quarto é Aaron. Ele tem todo o peito e o braço esquerdo enfaixados. Foi uma surpresa saber por Eiyrus, no dia que acordei, que apesar de ter ficado em estado gravíssimo, o valente guerreiro que me defendeu do *notur* conseguiu sobreviver. Se eu estou viva hoje, podendo curtir meu filho e marido, em grande parte é por causa dele, e serei eternamente grata.

— Aaron. — Gesticulo com a mão ao vê-lo parar, indeciso. — Pode vir. Não ligue para a cara feia de Eiyrus. Venha conhecer o nosso bebê.

Ele caminha, ainda um tanto desconfiado da reação do seu rei, que não ameniza em nada a expressão severa, mas eu não estou ligando em nada para as insanidades do pai do meu filho.

— Chegue mais perto — encorajo-o a se aproximar, e quando ele se posiciona ao meu lado, eu pego o bebê do berço. — Aqui. Você pode segurar.

— Meredith! — Eiyrus me encara, bufando. Acho que depois de nos entendermos, é a primeira vez que ele me olha com tanta irritação no olhar.

Devolvo a mesma expressão furiosa, e isso o faz se encolher como o Lulu quando o flagro fazendo alguma traquinagem.

— Eu acho melhor não... — Aaron começa a dizer. — Posso deixá-lo cair.

— Se fizer isso, é um homem morto.

Ignoro a ameaça de Eiyrus para o primo e garanto que Aaron não vai deixar o bebê cair. Ensino como deve segurá-lo, o que ele faz com muito cuidado.

— Ele é muito bonito, majestade.

— Meredith. Pode me chamar apenas de Meredith, acho que já podemos deixar essa formalidade de lado.

Sei que em momentos oficiais ele terá que se dirigir a mim da forma devida, mas enquanto estivermos como família, desejo menos formalidade.

— Aaron, quero agradecer por ter salvado a minha vida e a do meu filho.

É a primeira vez que tenho a oportunidade de dizer isso a ele.

— Farei isso quantas vezes for necessário.

— Eu espero que não seja mais — murmuro, e não me passa despercebido o olhar que os dois trocam.

Sei que o ataque dos *notur* teve o envolvimento dos harkeryanos, que os levaram para Oyada. Quando as coisas ficarem um pouco mais calmas, quero discutir com Eiyrus a sua intenção de me proteger, ocultando assuntos importantes de mim.

Sou a rainha de Stravera, e como tal, desejo começar a ter um papel mais importante do que o de mãe, mas esse é o momento de apresentar nosso filho a quem amamos.

— Odon, pode dizer que GuOr pode entrar.

Ouçõ um resmungo baixinho de Eiyrus, ele não está contente de terem tantas pessoas no quarto do bebê, como sei também que toda essa marra exagerada é um pouco de ciúmes. Bom, ele terá que se acostumar. Nosso filho é lindo e nada me agrada mais do que ele ter esses grandalhões como tios, dando todo amor a ele.

Diferente de Aaron, GuOr recusa-se completamente a pegar o bebê. E só mesmo porque vejo seu rosto em pânico que não insisto.

Quando eu e o nosso pequeno começamos a dar sinais de cansaço, Eiyrus fica satisfeito em dizer aos convidados que a visita

acabou.

— Você podia ser mais gentil com eles — observo ao vê-lo se juntar a mim na cama, quando me preparo para alimentar o bebê. — Principalmente com o Aaron.

— Vai se tornar a defensora dele? — Um início de um sorriso faz o canto dos lábios dele tremer.

— É, acho que vou. Aaron não é ruim, apenas um pouco invocado.

— Um pouco?

— Tudo bem, bastante, mas ele dá a vida pelo que acredita, pelo que ama. Mesmo ferido, não abandonou vocês.

— Ele é um stroveno. Nunca deixamos ninguém para trás.

Essa lealdade, o companheirismo e o amor entre eles, é o que fazem desse planeta e de seu povo o melhor lugar do universo para se viver.

— Gosta disso, não é? — indago quando o vejo olhar fascinado o nosso filho sugar o meu seio.

— É bonito e... — Ele morde o canto da boca

— O que foi?

— Promete não me dar uns tapas na cabeça?

Sou afrontosa, um pouco teimosa e totalmente destemida, às vezes, mas nunca violenta.

— É que é sexy pra caramba.

Sigo para onde seus olhos estão fixados, e ele tem um olhar faminto em meus seios bem maiores que o normal.

— *Eiyrus!*

Eu não tinha pensado em sexo até ele me dizer isso.

Tem sido uma grande tortura para nós, porque desde que FyrOn nasceu a nossa vida ficou tão louca, que sempre dormíamos muito exaustos. Além disso, Eiyrus recusava-se a me tocar até recebermos um sinal verde, o que aconteceu há dois dias.

Eu não queria apenas dar uns tapas nele agora, desejava esganá-lo.

— Vou procurar Odon — ele avisa, saltando da cama e beijando os meus lábios rapidamente. — Vamos acasalar esta noite, humana.

— Sexo, Eiyrus! Sexo!

Ele desaparece, deixando um sorriso bobo em meu rosto.

— Seu pai e todos esses machões têm muito o que aprender ainda, querido — murmuro a FyrOn, que parou de sugar o meu seio para prestar atenção em minha voz. — Mas eu e todas as humanas que chegarem aqui teremos imenso prazer em ensinar.

Acho que enfrentar harks não seja a minha grande missão em Stravera, e quanto mais penso sobre isso, mais novas ideias empolgantes surgem.

Capítulo 24



O motivo de não poder fazer sexo com Meredith não era devido apenas à sua recuperação após a cirurgia, que graças à nossa tecnologia avançada e ao *litássio*, fazendo suas células se recuperarem rapidamente, já estava completamente curada. A razão da minha preocupação é outra.

— Então? — Invado o laboratório de Odon e recebo um olhar pouco amigável por interromper seu trabalho sem aviso. — Conseguiu?

— Exatamente o quê? — Ele me encara com pouca paciência. — Todos os dias você entra aqui e me pede uma coisa nova. “Faça-a viver por mil e quinhentos anos, Odon.” “Mapeie todo DNA do bebê, Odon.”...

— Encontre uma forma de podermos fazer sexo de forma segura — completo por ele com a mesma impaciência. — Você conseguiu, Odon?

Porque se eu tivesse que passar mais uma noite ao lado de Meredith sem poder abrigar o meu pau inchado em sua entrada

macia, ficaria bem perto da loucura.

— Sim, eu consegui.

Os meus músculos tensos começam a relaxar com sua resposta. Ele se levanta e vai a um dos armários pegar um pacote.

Pensamos na ideia de ele criar algo para que Meredith pudesse tomar, mas nossa semente é muito forte e nenhum teste que ele fez teve o resultado desejado.

— Use isso sempre que forem acasalar.

Pego uma das coisas gosmentas e elásticas, olhando-a com dúvida.

— Tem certeza de que vai funcionar?

— Parecem frágeis e a textura é bem suave, mas isso é para que não perca a sensibilidade... você sabe... — Ele aponta para o centro das minhas pernas, um tanto desconfortável com o assunto. A relação carnal ainda é algo incompreensível para eles. — Mas são muito resistentes. Ela estará protegida.

— Odon. Você sabe que depois de tudo... — Respiro fundo, e só de pensar naqueles dias sombrios volto a ficar tenso. — Não posso pôr Meredith em risco de novo.

E não consigo nos imaginar passando por toda aquela tortura. A incerteza em saber se minha *minhr* conseguiria levar a gravidez até o final.

— Eu mesmo desenvolvi. Garanto que é completamente seguro.

Se fosse outro afirmando isso, colocaria sua palavra em xeque, mas não Odon. Ele é completamente obcecado pelo seu trabalho.

— Bom, agora eu preciso da sua ajuda com outra coisa...

GuOr, Aaron e Odon são os que mais confio em Stravera, mas entre os três, apenas a Odon eu entrego a missão de cuidar do meu filho, para que eu tenha uma noite tranquila com Meredith.

Isso porque GuOr ainda não venceu o medo de tocá-lo sem acreditar que irá partir o bebê em dois, e Aaron, porque ele seria capaz de iniciar um treinamento de guerra com o bebê mesmo antes de ele começar a dar seus primeiros passos.

O meu primo cientista é o mais calmo e ajuizado para essa tarefa importante, mas ainda assim fico receoso.

— Se ele chorar? — refaço pela sétima vez as mesmas orientações de quando cheguei com FyrOn na casa de Odon.

— Eu te ligo.

— Se ele não conseguir dormir?

— Ligo para você.

— Se ele não...

— Eiyrus! Se o seu filho chegar a respirar de maneira diferente, aciono todo o exército de Stravera, está bom? — Odon ressalta, aborrecido por eu ainda duvidar de sua capacidade em dar conta do bebê. — Agora, você pode deixar que eu cuide dele para ter algumas horas de paz com a sua esposa, ou ter mais uma noite frustrada sem acasalar.

— É sexo. Meredith prefere que chamemos de sexo.

— Que seja. Vai querer minha ajuda ou não?

Ele não compreende a minha preocupação de pai, porque ainda não se tornou um. Todos os meus receios são justificados,

porque os bebês são pequenos, frágeis e indefesos.

— Acha que é fácil fazer isso? — Cruzo os braços e o encaro com seriedade.

— O que os bebês podem fazer, além de comer, dormir e sujar fraldas?

Estou prestes a citar uma lista de coisas, mas como vingança, apenas sorrio e deixo que ele descubra sozinho.

— Tenha uma boa sorte, primo.

Seus olhos revirando é a última coisa que vejo antes de voltar para o castelo. Com a questão do bebê resolvida, só tenho que cuidar para que tudo que foi planejado, antes de Meredith ser praticamente expulsa do quarto, aconteça com perfeição.

— Algo mais, majestade?

— Está tudo perfeito, Larl. Você pode ir agora. Hum, sabe se Meredith já terminou?

— Em alguns minutos. Ela ficou muito empolgada com tudo o que viu.

A melhor desculpa para tirá-la do nosso refúgio, e principalmente de perto de FyrOn, deixando-o comigo, foi enviá-la a uma tarde de beleza e relaxamento. Enquanto ela ficou fora, cuidei de todos os detalhes para que tivéssemos um jantar romântico, seguido de uma noite especial.

— Sabe, quando Larl afirmou que eu teria algo tipo um spa — declara, sua voz empolgada anunciando sua presença, e eu me afasto da janela, que é fechada imediatamente —, ele realmente não estava brincando. Todos aqueles cremes e as massagens. Tinha até uma coisa parecida com uma sauna, sabia? Eu nunca entrei em uma sauna ant...

Seu tagarelar desenfreado começa a diminuir ao observar o quarto decorado com as lindas flores colhidas no jardim do castelo. As que se movimentam graciosamente sem precisar de vento e as que emitem um cantar suave são sempre as que mais lhe chamam atenção.

— Ah, Eiyrus!

Seu rosto bonito sendo tomado pela emoção é um verdadeiro deleite para mim.

— Casados ainda podem ter encontros? — indago ao me aproximar dela.

— Eu não sei. — Um sorriso tímido surge, e eu envolvo sua cintura, trazendo-a para mim. — Acho que sim.

— Então, bem-vinda ao nosso encontro, *minhr*.

— Fez tudo isso para mim?

— Não é nem um por cento de tudo o que merece.

Sua reação ao meu galanteio é se jogar em meus braços, e logo nossas bocas estão se movendo em um beijo quente, que levam as nossas mãos a uma procura cega pelo outro.

— Calma, *minhr*. — Seguro firmemente os cabelos atrás de sua cabeça, puxando-a levemente para trás. — Temos um jantar primeiro.

Ela sorri. Maldita mulher que conseguia ficar ainda mais linda. Será uma tarefa quase impossível resistir aos seus lábios úmidos e inchados, à pele ainda mais macia do que o normal e aos cabelos sedosos e brilhantes que caem como cascatas em minhas mãos.

— Vem — Seguro a sua mão e a conduzo até a mesa. — Pedi que providenciassem um pouco de tudo que você gosta.

Ver seus olhos se iluminarem aquece o meu peito, e prometo a mim mesmo sempre presenteá-la com surpresas assim.

Durante o jantar, nós conversamos um pouco sobre a minha vida antes de sua chegada em Stravera e como ela vivia na Terra. Fico surpreendido quando falamos a respeito do nosso futuro e que Meredith desejava contribuir com o planeta e a nossa causa em aumentar a população.

— Deseja nos ajudar a escolher as humanas?

— E ajudá-las a se adaptarem aqui de uma maneira que não seja tão assustadora e traumática. — Ela devolve o copo à mesa e me olha com bastante seriedade. — Eu fui a primeira e posso ser um exemplo de que isso é possível. Vão confiar mais em mim do que em vocês.

Talvez ela esteja certa, mas mesmo que não estivesse, acho que não poderia negar o pedido dela, não quando vejo como a deixa empolgada.

— Tudo bem, falarei com GuOr a respeito disso. Ele pode criar um conselho ou algo do tipo para que você possa comandar.

— Está falando sério? — A pergunta surge em forma de um gritinho animado, e ela se levanta da mesa para pular em meu colo. — Você me fará tão feliz, *mytod*.

Ela me faz feliz, vivo e completo. Nunca achei que faltasse alguma coisa em mim, até Meredith surgir.

Nos beijamos, inicialmente com suavidade, apenas nossos lábios movendo-se lentamente, mas quando ela começa a mexer o quadril e a esfregar o sexo no meu, o desejo explode de forma incontrolável. Uso uma das mãos para jogar os objetos de cima da mesa no chão e coloco-a sobre ela.

— *Roue yomi KathyS* — Meredith sussurra, puxando as minhas roupas com inquietação, e eu a livro das dela, rasgando os tecidos em duas partes.

— *Roue yomi KathyS*— devolvo, tomando seus lábios macios para um beijo. Um gemido faz sua boca abrir um pouco mais, e eu enfio a minha língua dentro dela. Meredith desliza as mãos em meu peito, os seus dedos delicados descem um pouco mais, e meu corpo estremece. Nosso beijo se torna mais apaixonado, e um gemido atordoado escapa de sua garganta.

Acaricio a lateral de seu corpo, e os meus dedos agarram forte a sua pele macia. Quando a sinto ofegante, interrompo o beijo para que ela busque ar e desço os meus lábios através do seu pescoço, ombros, passo a língua ao redor dos seios, e ao fechar minha boca no mamilo inchado, ouço o seu grito de prazer.

Cada resposta de Meredith aos meus toques e carícias é pura sedução para mim e me deixa ensandecido por ela. Sugo forte, mordisco de leve, faço-a se contorcer, gemendo mais alto e enterrando as unhas em minha pele.

— Eiyrus!

Tiro minha boca de seus montes volumosos, e Meredith choraminga, o seu corpo ardendo por mais. Seus olhos têm um lindo brilho apaixonado, e isso desperta o meu lado mais selvagem.

— *Yomi xave myod tarah* — murmuro, curvando-me sobre ela.

Meredith tira o meu fôlego, ela puxa o chão de baixo dos meus pés, e o desejo que provoca em mim é quase que doloroso. É impossível deixar de tocá-la, de sentir o seu gosto em meus lábios.

Coloco-me de joelhos. Separo suas coxas trêmulas, colocando as pernas abertas em cada um dos meus ombros.

Seu sexo brilha, exibindo o desejo que ela está sentindo, desejo que eu provoquei.

Beijo a parte inferior de cada coxa, depois sigo seduzindo-a com a língua até alcançar seu sexo, onde dou a primeira lambida. Meredith estremece, e suas costas se curvam. Massageio o pequeno botão com a minha língua, e ela ronrona.

Invado-a com um dedo e a toco como se fizesse amor com ela. Meredith começa a respirar forte, pressionar a cabeça no tampo da mesa e gemer o meu nome.

— Isso. Não para!

Nunca.

Não até vê-la gozar lindamente, o que não leva muito tempo para acontecer. Movo o dedo em seu ponto mais sensível, bombeio seu clitóris com a minha boca e a tenho gozando fortemente para mim.

Lambo com prazer cada gota que o corpo dela oferece, causando novos gemidos de satisfação.

Ela ainda está meio lânguida quando abaixo suas pernas e me coloco de pé. O seu olhar cai em meu membro, que está tão inchado, que sinto que se não estiver dentro dela logo vou explodir de tanto desejo.

— Não, *minhr*. — Afasto seus dedos quando, delicadamente, eles se fecham em meu pau. — Preciso te foder. E quero estar dentro da sua entrada molhada quando eu gozar.

Nossos olhares trocam faíscas, e eu agarro suas coxas com brusquidão e a puxo para a borda da mesa. Suas pernas envolvem a minha cintura, e enquanto nossos sexos se esfregam um no outro, nos beijamos apaixonadamente até o tesão se tornar insuportável.

Toco-a entre as pernas e sinto que está ainda mais molhada que antes, e um rosnado animalesco escapa do profundo da minha garganta.

— Não posso mais esperar, *minhr* — murmuro, tocando minha testa contra dela, depois me afasto para buscar a proteção. — Preciso de você.

Coloco-a de acordo com as orientações de Odon, tomando o máximo de cuidado para não rompê-la.

— Vocês têm preservativos? — Meredith indaga, curiosa, ao me ver voltar.

— É assim que chamam?

— Sim.

— Não tem que se preocupar, *minhr*, vou mantê-la segura.

Sua mão toca suavemente o meu rosto, e eu a trago para os meus lábios.

— Nunca foi minha preocupação, *mytod*.

Sua confiança em mim me aquece por dentro. Eu a beijo, com fúria, com paixão, com desejo. Volto a encaixar suas pernas em torno da minha cintura e guio os quadris de encontro aos dela, direcionando meu pau em sua entrada macia.

O grito é de puro prazer quando penetro sua boceta, e nossos corpos se encaixam perfeitamente. Ela agarra firme os meus ombros quando a faço mover para frente e para trás. O meu pau engrossa em sua cavidade quente, e eu mergulho mais profundamente.

— Eiyrus!

— É apertada — rosno e estoco duro. — É quente.

Roço o nariz em seu pescoço delicado e deslizo minha boca em seu ombro, fazendo-a estremecer.

— Eu quero que... — A respiração ofegante dificulta o que ela precisa falar, mas a urgência que sinto vindo dela leva-me a erguer a cabeça e encarar seu olhar em chamas. — Quero que...

Aumento o ritmo e fecho uma das mãos em seus seios empinados.

— Quero que... — Meredith ofega quando sigo mais duro dessa vez — Quero que ele venha.

Preciso de dois ou três segundos para entender o que ela me implora, e quando consigo, o choque fica evidente em meu rosto.

— *Minhr*, você...

— Por favor. — Suas pernas cruzam atrás de minhas costas, e ela me puxa, tornando ainda mais profunda a penetração. — Estou pedindo.

A sua mão se enfia entre os nossos corpos, e quando ela toca o meu segundo membro, ansiando ser liberado, qualquer resistência que tenho perde a batalha.

— Minha! — rosno, abaixando a cabeça em seu ombro, e meus dentes ficam em sua pele ao mesmo momento que a penetro em sua segunda entrada.

— Eiyrus!

Balançamos para frente e para trás. Não há um único centímetro meu que não esteja dentro dela, fodendo-a.

Pegamos um ritmo acelerado e cheio de paixão. Agarro suas coxas e arremeto com mais força, e seus gritos de prazer ecoam pelo quarto.

Mais profundo, mais forte. Muito mais prazer.

Meredith agarra firme os meus ombros, e o clímax intenso faz seu corpo sacudir e tremer em meus braços. Deixo o meu orgasmo fluir em seguida. São minutos que nos levam juntos ao mais incrível paraíso, até que, completamente sem forças, caímos no chão.

Lembro do preservativo e o retiro, certificando-me de que nem uma gota havia vazado, e respiro aliviado. Meredith está segura.

— É diferente. — ela sussurra, se aconchegando mais a mim.
— Parece mais denso. Posso ver?

Entrego o preservativo a ela, que o analisa como Odon avaliando algum dos seus experimentos.

— Hum... Não tem cheiro, e isso é uma parte muito boa. — Meredith devolve a proteção e me presenteia com um sorriso sapeca.

Estou satisfeito que tenha ocorrido tudo bem e que possa fodê-la quando e como quiser, sem nos preocuparmos com o risco de uma nova gravidez.

— A melhor parte— aviso, pegando-a em meu colo — ainda vai acontecer. E nós temos a noite inteira.

E eu pretendo fazê-la aproveitar cada minuto dela.

Capítulo 25



O rei do sexo existe, tem nome e não é do meu planeta, mas é todinho meu.

Nós tivemos uma noite incrível, e minha manhã, sendo acordada por Eiyrus, foi igualmente espetacular. Tudo bem que meu corpo parece ter sido feito de pista para um desfile de tratores, mas por todo prazer que ganhei, esse breve desconforto vale a pena.

— Hum... caramba. — Pouso a mão na barriga e em um dos meus seios doloridos.

Meu gesto faz Eiyrus saltar, apavorado, da cama.

— Não me diga que está enjoada.

Pela cara que ele faz, quem parece estar enjoado é ele. Ainda não conversamos sobre a ideia de termos um segundo filho, porque para mim isso era natural. Afinal eles querem povoar o planeta, e eu sempre desejei uma família grande. Mas a reação dele a essa hipótese deixa claro que Eiyrus ainda não se sente pronto para todas as implicações que uma nova gestação poderia me causar.

— Não. São os meus seios — aviso, para evitar que ele tenha um infarto. — Estão doloridos.

De apavorada, sua expressão muda para culpada.

— Desculpe, amor. — Ele volta engatinhando pela cama. — Não queria machucar você.

— Não foi você, não completamente. É o leite. A gente precisa buscar o bebê.

— Ah... — Seu suspiro de alívio quase me faz rir.

Humanos ou strovenos, pais de primeira viagem são quase todos iguais. Eu tive os enjoos, os pés inchados, carreguei por quase cinco meses uma melancia no ventre, e ele que se sente aliviado por não existir uma nova gravidez.

— Vou buscá-lo.

— Eu vou com você. Estou muito curiosa em saber como Odon se saiu.

Oh, não!

Que trem desgovernado havia atropelado o meu amigo?

Não tenho o que reclamar em relação aos cuidados com o bebê, porque Eiyrus é um pai e um parceiro muito presente. Quase não tive noites sem dormir, e as que fiquei foi porque praticamente o obriguei a descansar um pouco. Mas na maior parte das vezes dividimos as tarefas.

— Graças às mil estrelas vocês chegaram — Odon lamenta e estica FyrOn em nossa direção como se estivesse segurando uma bomba-relógio da qual ele não via a hora de se livrar. — Levem esse pequeno.... não, grande monstrinho, daqui.

Assim que ele diz isso, olho para Eiyrus, esperando a sua explosão por Odon se atrever a falar do nosso menininho assim,

mas para a minha segunda surpresa, ele está sorrindo amplamente.

— Foi tão ruim assim? — indago, esticando os braços para o meu filho, mas antes que o pegue, vejo a fralda se desprender e despencar no chão.

— Odon, não aprendeu a fazer isso? — Eiyrus indaga, dessa vez muito sério. — Eu te ensinei cinco vezes.

— É, mas o seu filho não estava se mexendo mais que um *terodocio* e nem fazendo xixi na sua cara.

Me engasgo quando tento segurar uma risada. Nós também tivemos trabalho com isso nas primeiras vezes. E quando ele fez o número dois, quando ainda estávamos tentando fechar uma das laterais da fralda.

— Eu vou inventar algo mais prático que isso. — Odon aponta para o chão, onde a fralda molhada está, tão aberta como uma pizza.

— Eu ficarei muito grata — afirmo. — Então você teve problemas?

— Eu nunca vou querer ter filhos — ele confessa, cansado, depois joga o corpo exausto em uma poltrona. — Stravera não pode contar comigo em relação a isso.

— Sinto muito — murmuro, chateada.

Eu não queria ser a culpada por esse trauma que nascia nele.

— Retire o que disse. — Eiyrus o encara com olhar assassino. — Deixou a Med triste. Se bem me lembro, você me disse que não havia nada com o que se preocupar com os bebês.

— Eu me enganei. Era isso que queria me ouvir dizer?

O bebê se remexe em meu colo e começa a farejar o meu peito em busca de leite. Ele me lembra Eiyrus em tantos sentidos.

— Meninos, não briguem.

— Peça desculpas!

— Saiam da minha casa.

Oh-oh. Eu nunca vi Odon tão furioso.

— Med, eu amo você. E amo essa coisinha...

— Coisinha... — Eiyrus dá dois passos decididos até ele.

— Mas eu não posso cuidar dele de novo. — Odon abre os braços com ar derrotado. — Nunca mais. Agora, se não se importam, preciso me limpar e dormir. Nem o meu trabalho roubou tanta energia minha.

Ele caminha até um dos corredores, resmungando, e eu encaro o bebê com ar de advertência.

— Você traumatizou o titio.

Seus lindos olhos violetas me encaram atentamente. Então seus lábios se movimentam, e quando as bolinhas de saliva explodem em sua boca, todo o meu aborrecimento, se é que existiu, vai embora.

Estou sorrindo como uma boba.

O trauma de Odon vai passar assim que ele tiver em seus braços um bebezinho dele, tão fofo como esse.

— Eu sabia que ele iria cumprir a missão — diz Eiyrus, todo orgulhoso, enquanto me observa colocar outra fralda no bebê.

— Mas Odon...

— Não falo daquele covarde. Estou me referindo ao nosso filho.

Encaro Eiyrus, tentando ordenar a mim mesma para não perder a paciência com o que ele irá me dizer.

— O que você fez?

— Bom... você promete não me bater na cabeça?

— Eiyrus!

Epílogo



É o meu primeiro dia na *URAH*. A Unidade de Recrutamento e Acolhimento de Humanas. Estou nervosa, ansiosa e muito animada.

Na Terra eu já trabalhei de muitas coisas: garçonete, atendente em *Pet Shop*, secretária de dentista e telefonista de atendimento ao cliente, mas nenhum desses empregos me deixou tão empolgada.

Eu tenho uma sala enorme só para mim, com computadores avançados que ainda estou aprendendo a usar e dois secretários atenciosos que lamberiam o chão por onde eu passasse, se pedisse a eles. Claro que jamais pediria algo absurdo, quero que nossa relação seja de respeito e admiração mútua.

— Majestade? — Ewil, um dos meus secretários, surge à porta.

— Apenas Meredith ou senhora Aar — recordo-o que não faço questão de tanta formalidade.

— SOra, Sua Majestade, o rei, o conselheiro GuOr e o general Aaron já estão aqui.

— Peça que entrem.

Enquanto o meu ajudante sai para cumprir a missão, obrigo as minhas pernas trêmulas a se moverem, e caminho até em frente à mesa. Primeiro surge Aaron, acompanhado de dois de seus guardas, depois vejo GuOr surgir com seu jeito sério de sempre. Odon vem logo atrás e, por último, em seus trajes reais, aparece Eiyrus.

Putá merda!

Por que esses alienígenas tinham que ser tão lindos, atraentes e estupidamente gostosos?

— Majestade. — Faço uma reverência rápida, e quando me ergo vejo que os olhos dele estão focados no decote em meu vestido, que ficou mais evidente quando me inclinei.

O seu olhar para mim não é de um rei, mas o de um homem faminto que não via a hora de foder com a amada.

— Fico feliz que todos tenham conseguido vir à primeira reunião da URAH.

— Recebi o comunicado sobre a nova humana selecionada — avisa Odon, e eu decido, pelo menos por ora, prestar atenção nele.

— Sim. — Indico a mesa oval para que cada um deles ocupe o seu lugar. — Se conectarem seus aparelhos, poderão analisar todos os relatórios avançados.

Foram quase seis meses montando a unidade e mais quatro na busca pela humana para o próximo stroveno.

— O projeto não tinha sido arquivado por um tempo? — questiona Aaron. Estamos nos dando bem melhor, mas ele ainda tem suas reservas sobre o projeto. — Você teve sorte, Meredith. Mas não sei se é hora de pensarmos em outra humana. Vocês viram o que aconteceu em sua gravidez.

— Mas ela conseguiu — destaca Odon.

— Talvez Aaron tenha razão — diz Eiyrus, e seu comentário não me surpreende, conversamos muito sobre isso em casa. — Não pensamos em como o corpo delas são frágeis para terem os nossos bebês.

Ele ainda não consegue esquecer tudo que eu passei. E cada vez que enveredamos nessa discussão, minha certeza de que precisamos tentar de novo aumenta. E que apesar de ser uma gestação delicada para nós, eu fui capaz de levá-la até o fim.

— Eu andei trabalhando no temotássio e posso garantir que está melhor — avisa Odon.

— E o meu caso só se complicou por causa dos *notur* enviados pelo harkeryanos.

Se não fosse o ataque inesperado deles, eu teria tido um final de gestação o mais normal possível, dentro daquelas condições.

— E posso estudar a humana antes de... — Odon engole em seco.

Falar de sexo é algo que os deixa incomodados.

— E se for uma humana mais resistente? Com mais carne e menos ossos, com todo respeito, majestade — destaca GuOr, e apesar de ele falar dos meus ossos, agradeço o apoio com um sorriso. — Essa parece ser.

Ele vira o equipamento, mostrando a foto a todos.

Eu sei que com jeitinho e uma voz extremamente meiga consigo fazer Eiyrus acatar meu desejo, mas não é assim que desejo provar meu valor. Eu quero que ele acredite e se orgulhe do meu trabalho.

— O que VisS diz? — ele me indaga.

O meu primeiro contato com a inteligência artificial foi surreal. Apesar de me dar um pouquinho de medo, fiquei fascinada pelo oráculo.

— Temos 99,9% de chances de sucesso.

Há um respeitoso momento de silêncio na sala. Eu dei duro para chegar a esse resultado com VisS.

— Você tem a minha permissão, Meredith Aar — Eiyrus decreta, e ver o brilho orgulhoso em seu olhar enche o meu peito de calor.

— Aaron, você é o grande sortudo da vez — digo a ele, que se engasga e me encara com os olhos arregalados.

A minha escolha mais óbvia seria Odon, porque ele foi o criador do projeto inicial, mas ele ainda está traumatizado com meu filho. Então, a meu ver, não existe substituto melhor que o irmão dele.

— Não! — ele me diz, se erguendo abruptamente. — Eu não posso.

Meu sorriso radiante começa a morrer.

O que há de errado com os homens dessa família?

Agora que encontramos uma forma menos agressiva de recrutarmos as mulheres da Terra, eles parecem fugir delas como se fossem pragas.

— Você vai acatar se for uma ordem minha, Aaron — decreta Eiyrus.

— E é uma ordem, majestade? — ele questiona, endurecendo o maxilar.

— Entenda como um sim.

Não queria que fosse dessa forma, como se ele fosse uma virgem assustada sendo vendida a um sheik, mas sei que assim que Aaron avistar a sua humana e que os encantos dela começarem a derrubar suas resistências, ele irá me agradecer.

— Decreto a reunião encerrada — declara Eiyrus.

Recebo os cumprimentos de todos antes de saírem, e quando ficamos apenas eu e Eiyrus na sala, ele coloca a mão na parede, fazendo a porta larga se fechar.

— *Minhr*.

É só o que ouço antes de ele me alcançar com passadas largas e me tomar para um beijo luxurioso. Nos minutos seguintes, estamos arrancando as nossas roupas. Ele coloca a proteção com rapidez, e com a mesma velocidade estou sendo pressionada contra a parede, recebendo toda sua masculinidade em cima de mim.

— Eu nunca pensei que ficaria tão sexy como uma mulher de negócios, *minhr*. — Ele esfrega o rosto em meu pescoço e arremete em mim com firmeza, fazendo-me gritar. — Eu só queria que todos fossem embora para foder você.

— Eiyrus... — gemo, mordendo os lábios quando os seus dedos habilidosos começam a massagear o meu clitóris.

Nós temos todo tipo de sexo: selvagem, romântico, e rapidinhas inesperadas como essa não deixam nada a desejar.

— Amo você, *minhr* — A declaração vem junto com um gemido, avisando do seu orgasmo.

— Eu te amo, *mytod*. — Consigo dizer um segundo antes do meu próprio orgasmo me fazer tremer em seus braços.

O prazer é tão intenso como em todas as vezes.

Estamos em nosso quarto no castelo, continuando o que havíamos iniciado em minha sala na URAH.

Talvez ainda não seja o momento certo de levantar esse assunto, mas em algum momento ele precisa surgir.

— Querido, eu quero ter outro filho.

Seu corpo enrijece, e ele interrompe o carinho que estava fazendo em minhas costas nuas.

— O quê? — Eiyurus me encara com olhar aterrorizado. — Isso está fora de cogitação, *minhr*.

Eu tinha certeza de que ele falaria isso. Depois de tudo o que passei, Eiyurus tinha horror à ideia de que eu fosse colocada em risco de novo, seja por um harkeryano ou uma gravidez complicada.

— Veja o nosso menino. — Olhamos para a tela ao lado da cama e assistimos nosso bebê no jardim, fazendo de Aaron seu cavalinho de passeio preferido, enquanto GuOr os encara, aterrorizado, esperando a sua vez de ser usado como brinquedo do pequeno príncipe.

— Nosso filho é lindo, mas...

— Ele tem quase um ano e já consegue andar e falar frases quase que completas.

O nosso bebê se desenvolve um pouco mais devagar que um stroveno de sangue puro, mas bem mais depressa que uma criança humana. A fase bebê dele mal acabou e já estou sentindo falta dela.

— Quem sabe temos uma menina dessa vez? — digo com suavidade, pegando em seu ponto fraco.

Claro que ser a única garota sendo paparicada por todos os stroveanos não é algo para se queixar, mas esse planeta precisa mesmo de mais mulheres.

— Foi tudo muito rápido em minha gravidez, as complicações e..

— É esse o ponto. Sua gestação foi complicada, teve o ataque dos *notur*... — Observo os olhos violetas, que amo tanto, escurecerem quando ele se recorda disso. — Não posso vê-la passar por tudo aquilo de novo. Desculpe desapontá-la nesse sentido, amor. Mas não posso.

Ouvir Eiyrus usar a forma humana de expressar seu carinho por mim é o maior motivo de não ficar irritada com ele por tomar essa decisão por nós dois.

— Mas a meta dos stroveanos e a sua missão como rei é reproduzir. Além disso, com o que aconteceu comigo, Odon está estudando formas para que a gestação não seja tão difícil para nós.

— Já fiz o meu dever como rei, provei que é possível a combinação entre nossos povos. Agora há centenas de stroveanos que podem continuar a missão.

Ah! Mente teimosa.

Quando Eiyrus colocava algo em sua cabeça, ficava empacado como um burro chucro, e o motivo sendo a minha segurança, nada o fará mudar de ideia, mesmo que o planeta que tanto ama fosse aniquilado, nos obrigando a nos refugiar em qualquer outro lugar.

Mas do que esse alienígena cabeça-dura e superprotetor ainda não tinha se dado conta, é que quando uma mulher terráquea deseja algo, ela sempre encontra um jeitinho de conseguir.

— Tudo bem, *mytod*. — Ergo o corpo, deitando-me sobre ele, e deposito um beijo em seu peito.

— Tudo bem? — Ele ergue a cabeça e me encara com um olhar desconfiado. — É só isso, tudo bem?

— Por enquanto, sim. — Minha mão desliza por seu abdômen e segue o caminho mais abaixo.

— Meredith... amor. — Há pânico em seu rosto perfeito. — Não me obrigue a isso. Sabe que pode ser perigoso.

— Eu não disse nada, meu rei. — Passo suavemente a mão em seu rosto. — Só disse que estava tudo bem.

Ele não tinha que entrar em pânico. *Ainda*.

— Eu estava errado sobre uma coisa — ele disse, nos girando na cama, cobrindo o meu corpo com o dele. — Disse que controlava todas as partes do meu corpo, mas em relação a você, sabe que não posso mandar em meu coração.

Abro um sorriso travesso, e isso o faz rosnar de um jeito muito sexy.

— Estranho, achei ter ouvido que não tinha um coração — murmurei com um sorriso bobo. — Mentiu para mim, rei Eiyrus?

Os strovenos têm um coração, um pouco diferente do nosso no formato e maior também, mas, ainda assim, eles possuem um.

— Eu omiti — ele corrige, e quando passa suas mãos pelo meu corpo, entrega-me um sorriso safado. — É diferente, não é?

Não considero isso uma pequena trapaça, exatamente, porque eles ainda estão aprendendo a lidar com suas emoções.

— Nesse caso... — digo, envolvendo seu sexo com a minha mão, levando-o a estremecer ao meu toque atrevido — acho que estamos quites.

Antes que ele possa indagar do que eu estava me referindo, uno nossas bocas para um beijo quente, apaixonado e cheio de promessas.

Fui abduzida, e essa, com toda certeza, foi a experiência mais extraordinária da minha vida.

Mas o grande presente mesmo foi esse alienígena perfeito ter roubado o meu coração.

Ele me deu um lar

Um filho.

Uma família.

E tudo o que consigo fazer é amá-lo cada dia mais.

Fim.

Agradecimentos



Eu levei quase dois anos para ter coragem de iniciar esse projeto. Confesso que no começo fiquei muito receosa e inúmeras dúvidas passaram por minha cabeça. Seria capaz de criar um universo completamente novo? Os leitores iriam gostar dos meus alienígenas protetores, possessivos e gostosões?

Ainda não tenho resposta para a última pergunta, mas me sinto realizada por ter criado um livro tão incrível. Eu me diverti tanto com eles, com sua inocência quase infantil e, acima de tudo, bondade e amor. Eu me emocionei vendo o amor do rei Eiyrus e Meredith nascer e depois presenteá-los com o pequeno FyrOn.

Agora não posso deixar de agradecer a todos que estiveram nesse processo comigo: amigos, *betas*, revisores, *capista*, modelo da capa, blogueiros.

Espero que todos vocês tenham passado pelas mesmas emoções que eu senti ao escrever. Obrigada por mais uma vez apoiarem o meu trabalho.

Será que nos veremos em Stravera outra vez?

Elizabeth Bezerra.

OUTROS LIVROS DA AUTORA

ELIZABETH BEZERRA

A
Babá Virgem
E O Bilionário
Irlandês



OS BILIONÁRIOS
SÉRIE

Prólogo



Brent Turner

Seis anos antes

O homem de aço.

Essa é só apenas uma das expressões que uma grande parte das pessoas que me conhecem usam para me definir. Confesso que já fui chamado de coisas muito piores, como:

Inescrupuloso.

Cruel.

Homem de gelo.

Desde pequeno, fui ensinado e treinado para encarar a vida de forma cética e prática.

“Você não tem sentimentos?”

É uma pergunta meio que recorrente, e olhando para o corpo estendido na sala de necrotério, acho que a melhor resposta a essa pergunta é: não. Pelo menos, em relação à linda garota, agora sem vida, estendida na superfície de ferro.

Eu lido com as mulheres da mesma forma fria e calculista que encaro os meus negócios. Damos prazer um ao outro, e quando decido que precisam partir, a única coisa que elas podem conseguir de mim é um generoso agrado financeiro. Sempre fui muito claro com isso, ou insensível, como diriam as mais românticas delas.

A verdade é que não estou no jogo para relacionamentos.

Na vida é preciso ser realista, objetivo, e enxergar as coisas como elas realmente são.

Uma divisão de metas e busca incessante por resultados de sucesso.

Mas viver, assim como nos negócios, tem suas margens de riscos, erros e acertos.

E eu cometi dois erros ridículos. O primeiro, que me fez reordenar toda uma filosofia de vida, construída ao longo dos anos.

Sem casamento ou filhos.

E o segundo engano me fez voltar a enxergar que acreditar e confiar nas pessoas é o pior erro que podemos cometer.

Meu pai sempre dizia a mim: Brent, nunca confie em ninguém.

— Isso não vai mais se repetir — murmuro, cobrindo o rosto cadavérico com o lençol.

Aprendi, e de uma vez por todas, como pode ser caro baixar a guarda.

Meus muros estão novamente sendo erguidos hoje. Nesta tarde fria e chuvosa.

— E então, senhor? — Recebo a pergunta de meu ansioso secretário assim que deixo a sala fria — É mesmo a senhora Turner?

Minha mulher, morta em um acidente de lancha, enquanto tentava fugir dos meus seguranças, na companhia de seu amante.

— Apenas Lenora agora — aviso, abotoando a manga de meu terno sob medida — Cuide de tudo para a cremação do corpo.

Ele assente com a cabeça, respondendo ao meu comando frio. Sei o que Gavin possa estar pensando, e ele está certo. Já faz um bom tempo que não me importo em nada com a mulher morta que deixamos para trás.

Enquanto caminhamos pelo imenso corredor, coloco os óculos escuros para proteger os olhos dos flashes dos fotógrafos me aguardando do lado de fora. É mais uma merda de Lenora com que preciso lidar.

— Senhor? — Gavin para a alguns metros antes de alcançarmos a porta e solicita a minha atenção — Hum... e sobre a criança?

Em minha luxuosa mansão, em um quarto infantil bonito e decorado, está o garotinho de apenas alguns meses. Jovem demais para saber como o mundo é cruel. E um lembrete constante do maior erro.

— Cuide disso também — ajeito a gravata antes de me preparar para abrir a porta e enfrentar os abutres que esperam arrancar algum pedaço de mim — E, Gavin, não quero mais ouvir sobre esse assunto. Entendido?

A criança terá o necessário para que cresça segura e tenha uma vida confortável. Mas tudo que poderá conseguir de mim, será

o que o dinheiro poderá comprar.

Sem sentimentos.

Sem decepções.

Quanto mais longe ficarmos um do outro, será o melhor para o menino.

— Como quiser, senhor Turner.

Chego à entrada do prédio. Quando as luzes das câmeras batem em meu rosto, a única imagem que as lentes conseguem captar, é a que elas já conhecem bem.

A do homem de aço.

CAPÍTULO 1



Maya Gomes

Estou nervosa.

Não. Estou apavorada!

Desejo muito conseguir esse emprego, porque ele é a solução perfeita para os meus desesperadores problemas financeiros.

Estou a morando na Irlanda e fazendo intercâmbio, mas o sonho de melhorar o inglês e conhecer novas culturas, nos últimos dois meses, vem se tornando angustiante.

A minha agente de viagem, assim como as pessoas no grupo que vivenciavam a experiência, nos avisava para irmos com calma e

gastarmos somente o necessário com coisas pessoais e comida. Mas é muito difícil chegarmos aqui e vermos tantas coisas que não temos no Brasil, ou que são muito caras por lá, em um preço completamente acessível e não ficarmos impressionados.

Então, em alguns meses de curso, eu tinha gastado quase toda a minha reserva com coisas que nem ao menos lembrava, e agora me encontro em uma realidade crítica.

Preciso conseguir esse emprego de babá.

— Ei, Maya? — Vanessa, a minha colega de quarto desde que cheguei aqui e que se tornou uma boa amiga, faz com que largue a escova sobre a penteadeira e olhe para ela. — Só precisa manter a calma e lembrar do que te disse.

— Que todas as babás deixam a casa em menos de uma semana?

— Exceto eu... — ela sorri e mostra a perna que fora enfaixada há alguns dias.

Vanessa jura que seu acidente, causado por uma leve travessura da criança que ela cuidava há quase uma semana, e para a qual vou me candidatar a babá, foi apenas um acidente inesperado.

Não é o que provavelmente pensam todas as babás que passaram pela casa ou as que chegaram a cancelar a entrevista quando o cliente foi revelado.

— Como isso pode ser uma coisa boa, Vanessa?

— Uai, o menino precisa de uma babá urgentemente — ela murmura com seu encantador sotaque mineiro, impossível de não detectar — e você precisa desesperadamente de um emprego. Problema resolvido.

O salário excelente, a possibilidade de morar em uma casa grande e bonita, sem precisar me preocupar com despesas como aluguel e comida, são mais do que atraentes.

— Eu acho que ele só faz tudo o que faz para chamar atenção. No fundo, é só um menino que precisa de um pouco de carinho, Maya.

Na realidade, não é a fama de endiabrado da criança que realmente está me deixando vacilante. O problema está em mim.

— Mas se eles... — Respiro fundo, fechando os olhos. — Olha, amiga. Se acharem que não sou apta para o trabalho?

— Quantas vezes te olharam antes e julgaram isso? Que nunca daria conta?

— Para ser sincera? Na maior parte delas.

E não me refiro apenas aos empregos que tive, mas na escola e até mesmo entre algumas pessoas da minha família.

— E o que você fez?

— Mostrei o oposto, claro. E hoje estou aqui.

E mostraria quantas vezes fossem necessárias. Nenhum tipo de preconceito conseguia me parar. Já perdi muito na vida e luto com todas as forças para que mais nada seja tirado de mim.

— Então, isso é tudo que precisa ter na cabeça, uai. Acreditar aqui. — Ela une as mãos no peito. — E ter fé em Deus. Além disso, o senhor Ray não teve qualquer objeção quando te indiquei para a entrevista.

— Talvez por que eles só estejam desesperados?

— Pode ser. Não entendo nada do que aquele polonês fala, para ser sincera.

É impossível não cair na risada. Vanessa vive se metendo em confusão por não entender metade do que o gerente da agência diz a ela. O que a salva é que ela tem passaporte europeu, devido a sua descendência portuguesa, ou já estaria com as malas prontas de volta ao Brasil.

— Em todo caso, essa é sua grande chance, amiga— conclui Vanessa.

Ela tem razão, ter autopiedade nunca me ajudou em nada.

— Você está certa, Vanessa. As minhas inseguranças não podem ser maiores que os meus sonhos.

Sempre lutei contra elas, e cada dia mais deixava um pouquinho delas para trás.

— Sei que irá conseguir, Maya — ela incentiva mais uma vez.

— A parte ruim é que sentirei a sua falta e as das nossas risadas à noite.

Cheguei aqui com um pouco mais de conhecimento da língua, devido aos cursos que meus pais, quando vivos, insistiram que eu fizesse, das músicas que gosto de ouvir e das séries que assisto. Mas Vanessa, como muitos brasileiros em busca de um sonho, veio completamente crua, com a cara e a coragem.

— Eu venho visitar você, e quando voltar a andar nos veremos na escola — digo e respiro fundo ao conferir a hora em meu celular. — Agora preciso ir.

— Boa sorte, Maya.

— Obrigada, Van. — Sopro um beijo para ela, da porta. — E obrigada por me indicar.

Da casa onde moro até Cork Kent, a estação, demoro vinte minutos debaixo de uma chuva fina e com vento. Aqui chove muito,

e agora sei bem como a Bela, da saga Crepúsculo, se sentia falando de Forks.

Pego o 226 com destino à Kinsale e de lá o 253, que me levará até Ballinspittle. Depois de alguns minutos de caminhada estarei na Garreststown Strand, uma longa praia situada no norte de Cork, que é o meu destino final.

Todo o trajeto deve durar em torno de uma hora. De carro seriam uns quarenta e cinco minutos, mas eu não me importo. Gosto de ficar olhando as paisagens, que são lindíssimas, ou de me distrair na leitura de um bom romance.

O tempo passa mais rápido do que imaginei, e quando finalmente chego à imponente propriedade da família Turner, sinto minha fé e esperanças renovadas.

Sou recebida por um senhor vestindo um elegante uniforme escuro. Ele tenta disfarçar, mas percebo o olhar que me dá, meio curioso, meio desconcertado. Já estou acostumada, normalmente essa é a reação que todos têm ao me verem pela primeira vez.

— Senhorita Gomes. Veio pelo emprego?

Aqui somos tratados pelo sobrenome. Às vezes me sinto como em um dos romances que leio. Senhor isso e Senhorita aquilo. É engraçado e, devo confessar, muito charmoso também.

— Sim, senhor...?

— Carter — ele se apresenta, fazendo um sinal para que lhe entregue o casaco, que pendura em um suporte, antes de se voltar para mim. — Vou conduzi-la até o local da entrevista.

Eu o sigo para o interior da residência. São tantos corredores, portas e salas, que futuramente penso que precisarei fazer um mapa para não me perder.

As casas em Cork, pelo menos a que moro e as que visitei de conhecidos, normalmente mais afastadas do centro, são relativamente grandes. De três a seis quartos, no mínimo dois, com suítes, sala, cozinha e banheiro social. Mas essa casa é nada menos que uma luxuosa e impressionante mansão de três andares. É quase como um palacete.

— A senhorita pode aguardar aqui — diz o senhor quando entramos em uma grande sala, onde há três paredes cobertas de belas estantes repletas de livros. — Deseja um chá, café?

— Apenas água, por favor.

Do jeito que estou ansiosa, sou capaz de derramar desastrosamente uma das bebidas quentes em cima de mim, manchando a blusa nova que tinha comprado especialmente para a entrevista, em uma das muitas promoções feitas na *Penneys*, uma

loja de departamento que vendia de tudo por um preço impressionantemente baixo.

Pelo menos a água não mancharia nem causaria uma tragédia indesejada.

— Vai dar tudo certo, Maya — repito o que Vanessa e eu mesma venho me dizendo desde a confirmação da entrevista enquanto caminho até uma das janelas que tem uma bela vista do lago — Só precisa prestar bastante atenção nas perguntas e ser o mais clara possível.

Na verdade, me sair bem durante a conversa não me preocupa tanto como qual seria a reação do secretário do senhor Turner ao me ver. Isso, sim, colocava cada uma das minhas esperanças em dúvida.

Só que não tenho tempo de continuar a me torturar sobre o assunto. O duplo rangido, indicando que a porta foi aberta e novamente fechada, avisam-me que o momento da verdade chegou.

— Gomes? — O timbre forte, como um raio cruzando o céu em dia de tempestade, me faz virar, assustada.

Oh. Meu. Deus!

Eu acho os homens europeus, em sua maioria, bonitos e bastante elegantes. Mas não esse homem. Ele é mais. Ele é mais em tudo. Dos olhos intensos e mais profundos que já vi em alguém, à boca bem esculpida e ao queixo quadrado, acompanhado de um rosto marcante e perfeito.

Ele é alto, bem mais alto que o meu um metro e sessenta e oito. Acho que ele deve ter em torno de um e oitenta. Tudo nele parece completamente alinhado e no lugar. O terno cinza, feito sob medida, e a calça bem ajustada em seu corpo o tornam perigosamente ainda mais atraente.

Tudo o que eu consigo pensar, enquanto o avalio, sem culpa, é como seu peito é largo e eu simplesmente sumiria nele. Isso caso tivesse a oportunidade, que obviamente nunca teria, de abrigar meu rosto nele por um instante.

Não tenho nada contra o seu cargo de secretário de um dos empresários mais ricos do país, mas esse homem, absurdamente lindo e sexy, deveria estar estrelando campanhas de perfumes ou em comerciais de TV.

— É a senhorita Maya Gomes? — A forma impaciente com que repete a pergunta faz com que eu me recupere rapidamente do transe do qual me vi refém.

— Sim... — balbucio e começo a andar, sentindo minhas pernas vergonhosamente bambas enquanto caminho em sua direção. — Eu sou a Maya.

Estico a mão em um cumprimento educado e analiso, rapidamente, as mãos dele. Dedos longos, elegantes, de unhas bem cuidadas. Há uma piadinha que minhas amigas faziam no Brasil, que homens de mãos grandes tem o p...

— É o senhor Byrne? — pigarreio, afastando pensamentos indecorosos de minha mente fantasiosa.

Espero que o meu inglês esteja soando compreensível o bastante. Tenho um bom vocabulário, os meses que tenho vivido aqui estão ajudando bastante, mas diante de um homem de presença tão intimidadora como ele, penso que nem em português eu saberia falar direito.

— Brent — ele diz em seguida, e eu acrescento “surpresa” à minha expressão angustiada.

Brent Turner?

O bilionário irlandês Brent Turner é pai do menino para o qual estou me candidatando a babá?

Ok. Acho que não preciso apenas dos votos de sorte que minha amiga Vanessa desejou. Eu preciso mesmo é de ajuda divina

e de um grande milagre, concluo, mordendo o lábio, nervosa.

Ele me olha, estudando atentamente o meu rosto. A cicatriz que tenho a alguns centímetros do canto do olho e que segue até o pescoço me incomoda mais do que o olhar avaliativo que ele me dá.

O que faz mesmo sua boca retorcer em uma quase imperceptível reação de desagrado é a avaliação que segue mais abaixo.

— O infeliz do Gavin só pode estar testando a minha paciência... — Os dentes trincam quando retorna a falar comigo, e o rosto revela mais do que um olhar cético e desaprovador. — Ou isso é algum tipo de brincadeira, senhorita Gomes?

Oh, não. Droga. A reação é muito pior do que temi.

O olhar do senhor Turner, ao me encarar, congela o meu sangue. Sua expressão é tão dura como aço.

CAPÍTULO 2



Brent Turner

Tenho um latejar constante e irritante em minha cabeça, como um aviso incômodo de que estou sem dormir. Desde a noite anterior, para ser mais exato, quando saí de Dublin e dirigi por mais de quatro horas até aqui.

Isso porque o meu secretário, que dificilmente ficou doente durante todos os quase quinze anos que trabalha comigo, completa quase uma semana enfiado dentro de casa, sendo paparicado por uma mãe protetora e controladora demais para alguém da idade dele. E, definitivamente, esse não é o melhor momento para Gavin, o meu braço direito, se ausentar de suas funções.

Não quando acabo de comprar a Tynness, uma grande marca de cerveja do país, tornando o grupo Reed a maior empresa de bebidas da Irlanda e, em breve, a maior do mundo, se a distribuição e vendas globais continuarem crescendo, como vem acontecendo desde que assumi a administração dos negócios.

Mas tem alguém que não está nada feliz com essa bem-sucedida transação de negócios que fez as ações da empresa dispararem na bolsa de valores. A principal fábrica de produção da Tynness vem sofrendo ataques e tentativas de sabotagem, sendo que o último deixou cerca de dez funcionários feridos e um entre a vida e a morte.

A polícia não tem qualquer informação ou pista que os leve a algum suspeito. Eu fiz com que os meus advogados pressionassem mais as autoridades, mas a minha presença na capital é extremamente necessária.

Presença que foi interrompida para vir a Garreststown resolver um pequeno problema familiar, do qual tomei conhecimento apenas esta manhã, pelo meu secretário, que estava acontecendo há alguns meses.

— Gavin? — Pressiono os meus dedos nos ossos nasais e faço o possível para manter o controle. — Por que entrevistar uma

babá é algo tão complicado para você?

Ele já cumprira tarefas muito mais complicadas, como conseguir o autógrafo de um autor infantil de sucesso mundial para o filho de um sheik, com quem eu estava fechando negócios, apenas dois dias antes da reunião. Foi a primeira vez que um dos meus jatinhos fora usado para transportar algo tão simples como um livro. Ou quando conseguiu o ingresso de um show esgotado, para que eu levasse uma atriz famosa de Hollywood que estava de passagem pelo país, a um encontro.

Só havia um motivo para ter mantido Gavin trabalhando há tanto tempo ao meu lado: ele é eficiente. Menos para encontrar uma babá.

— Depois que a srta. Wood deixou o trabalho para se casar e morar na França, infelizmente nenhuma outra contratada tem conseguido permanecer na vaga.

Não faço ideia de quem seja a mulher em questão, talvez a tenha visto uma ou duas vezes de longe com o menino, nas raras ocasiões que vim aqui. Para qualquer necessidade ou detalhe relacionado à criança, Gavin tem carta branca para lidar como bem quisesse, desde que eu fique bem longe do problema, o que não acontece agora.

— Eu posso imaginar — murmuro, olhando para a minha mão ainda cheia de cola, vítima de uma traquinagem do grande pestinha. — Esse garoto não tem controle? O que você fez todos esses anos, Gavin?

Coloquei uma fortuna nas mãos dele para que pudesse dar ao garoto os melhores professores, instrutores e escolas, mas pelo o que eu via, ele criava um pequeno delinquente na residência.

— Exatamente o que me pediu para fazer, senhor. Cuidar do assunto da melhor maneira que eu conseguisse — ele diz isso calmamente, antes de soltar um ruidoso espirro. — Não tenho filhos e não sei exatamente como se deve lidar com uma criança.

Bem, nesse quesito não posso julgá-lo. Também não sei, e cada vez menos me interessa saber. Qualquer chama de desejo de ser pai, que tenha nascido em mim, havia morrido no mesmo dia que Lenora.

— Então por que simplesmente não o enviou a um colégio interno? Há excelentes na Escócia.

Eu mesmo fui educado em um deles, dos primeiros anos infantis até os meus quatorze anos, quando meu pai finalmente decidira me buscar e começar a me treinar para comandar os negócios da família.

— Achei um pouco... — Ele pigarreia, e não sei se é devido à sua enfermidade ou a qualquer tipo de sentimentalismo. Sinceramente, espero que seja a primeira opção. — Achei um pouco cruel, senhor. Ele já não tem mãe.

Oh, Deus. Descubro, a essas alturas, que meu secretário tem um lado emocional aflorado.

— Gavin, você precisa vir até aqui...

— Desculpe, senhor Turner. — Reconheço a voz da mãe de Gavin assim que ela me interrompe e assume o controle da ligação. — O doutor disse que meu menino precisa de mais alguns dias de cama e repouso. Falar com o senhor de trabalho não é descanso.

Enquanto ela fala, ouço o gemido de Gavin ao fundo, dando por certa sua demissão. E realmente é isso que eu deveria fazer. Já dispensei ótimos profissionais por faltas menores. Mas Gavin está ao meu lado há muitos anos. A nossa relação é mais do que profissional, embora nenhum dos dois admita isso.

Somos amigos?

Eu não tenho muitos. Aliás, acho que realmente não tenho nenhum. Parceiros de jogos de tênis ou golfe? Talvez dois ou três. Mas amigos de verdade, a quem eu possa confidenciar problemas e

dividir momentos especiais? Em todas essas ocasiões, só o Gavin me vem à mente.

— O senhor me desculpe, mas tenho que desligar — diz a mulher com voz de general, e a ligação é encerrada enquanto olho, incrédulo, para o aparelho, sem acreditar.

Ninguém, exatamente ninguém, nunca ousara encerrar uma ligação na minha cara.

— Desculpe, senhor Turner. — O telefone toca novamente quando estou no banheiro, tentando tirar a cola da mão. — A minha mãe, ela... Não adianta explicar agora. Espero a minha carta de demissão em breve.

— Você não será demitido, Gavin.

A surpresa da minha resposta o deixa completamente mudo.

Talvez eu esteja ficando velho e começando a amolecer, penso ao encarar o meu rosto de olhar duro no espelho.

Não. A sorte de Gavin é que, no momento, já tenho problemas demais para ainda ter de procurar um secretário tão eficiente quanto ele, que nunca tinha falhado durante todos os anos que trabalhamos juntos.

— Obrigado, senhor. Hum... Eu retornei para avisar que a nova candidata à vaga deve chegar às nove, para a entrevista.

Viro o meu pulso, conferindo o horário no relógio de ouro, e vejo que isso acontecerá em menos de dez minutos.

— E, senhor? Será que poderia ser um pouco menos...

— Impaciente? — concluo por ele.

— Um pouco menos... você.

— Ser eu mesmo, representa algum tipo de perigo?

— Bem... O senhor quando quer, sabe ser bastante intimidante.

Sei que tenho o poder de atemorizar as pessoas. Não é apenas um dom natural, mas algo para o qual fui bem treinado.

— É a primeira candidata em duas semanas.

Pelo que fiquei sabendo, a fama de ser um garoto bem complicado de lidar tinha chegado a todas as agências de emprego, fazendo a maior parte das candidatas fugirem e as excessivamente corajosas abandonarem a função, depois de poucos dias de trabalho. A que teve mais chances de ficar com a vaga sofreu uma queda, causada por uma das artes feitas pelo garoto, que só não me rendeu um belo processo trabalhista, porque contribuí com uma generosa indenização.

— Eu acho que precisará...

Gavin não chega a concluir o pensamento. Sua mãe retorna ao local onde ele está e novamente a ligação é encerrada.

Sei que a ligação dele com a mãe é bem diferente da que eu tive com os meus pais, mas como um homem daquele porte pode ser dominado por uma senhorinha?

Bom, não tenho tempo para ficar pensando nesse lado patético da vida de Gavin. O quanto antes fizer a entrevista com essa babá e deixar a criança aos cuidados dela, vou poder retornar a Dublin e aos problemas que acontecem lá, que requerem mais da minha atenção do que uma criança mimada.

Seco as mãos e abro uma das portas do gabinete, em busca de uma aspirina.

O latejar apenas aumentou durante minha conversa com Gavin. A travessura do menino, que deixou minha mão cheia de cola, só contribuiu para piorar o meu humor. Além de todo cansaço de uma noite não dormida, esse acúmulo de circunstâncias não faz de mim a melhor companhia nesta manhã.

Mas tentarei seguir o conselho de Gavin e ser, pelo menos durante a entrevista, um pouco... Como ele diria, um pouco menos eu.

Uma batida na porta e a entrada de meu mordomo, após a minha permissão, são o aviso para o meu próximo passo.

Entrevistar a babá.

ELIZABETH BEZERRA

Gravidez Inesperada

O Bebê do
Bilionário



OS BILIONÁRIOS
SÉRIE

PRÓLOGO



Quando você escuta o mesmo tipo de discurso por um longo tempo, chega um momento em que apenas finge prestar atenção no que as pessoas dizem. Acontecia exatamente isso durante os primeiros dez minutos que escutava Íris, minha irmã mais nova, falar.

— Eu não entendo, Gaia. — Ouço, aguardando pacientemente minha irmã manifestar sua incompreensão à decisão que comuniquei, antes que ela iniciasse todo o seu discurso acalorado. — Por que não pega o que sobrou da venda da casa da mamãe e usa para, sei lá, curtir um pouco a vida? Quem parte em um cruzeiro com intenção de trabalhar?

Existe um incontável número de aventureiros no mundo que faz exatamente isso. Uma boa parte da tripulação do navio no qual vou trabalhar, para ser mais exata. Pessoas que, com o seu trabalho duro, garantem que outras colecionem recordações inesquecíveis de viagens.

Além disso, também é uma ótima forma de viajar, conhecer culturas diferentes e ainda por cima conseguir levantar uma quantidade expressiva de dinheiro.

Enquanto para alguns, como a minha irmã avoadada, por exemplo, um cruzeiro significa nada mais do que dias de sol, praias bonitas, bebidas exóticas, homens lindos e atraentes, e muita diversão, para mim, nenhum desses motivos tornavam-se realmente atrativos. O que me leva a me arriscar nessa longa viagem é a minha necessidade de fuga. Da tristeza, da solidão e, principalmente, dessa incerteza que parece conduzir a minha vida desde que perdemos a pessoa mais importante para nós.

Os últimos dois anos não foram nada fáceis. Ver nossa mãe perder o brilho diante de nossos olhos, enquanto lutava e perdia sua guerra contra uma doença autoimune, foi a coisa mais difícil e dolorosa que enfrentei. Nos meses seguintes à sua morte, fiquei presa em isolamento e amargura, mergulhada na mais dolorosa devastação que a sua partida nos causara.

Larguei o emprego, distanciei-me dos amigos e falava com minha irmã por telefone, ou nas raras chamadas de vídeo pelo WhatsApp, apenas para garantir que ainda estava viva e bem.

Então, quando há duas semanas quase entrei em pânico ao ter que entregar as chaves da casa onde vivi por toda a minha vida aos novos compradores, recebi a sugestão de Íris, acompanhada de um link de viagem que, de acordo com ela, era uma oportunidade para uma jornada de autoconhecimento.

“A última parada será na Grécia. Depois poderá pegar um voo de volta para o Brasil.”

Relembro suas palavras animadas.

“Esse era o maior sonho da mamãe, lembra?”

Nossa mãe sempre foi fascinada pela Grécia e sua mitologia. Tudo o que eu sabia sobre deuses, mitos e rituais gregos antigos, havia aprendido com ela e sua fascinação por esse mundo. Seu maior desejo, assim que Íris terminasse a faculdade e ela viesse a se aposentar algum tempo depois, era que fizéssemos essa viagem juntas, as três.

Só que, ao vasculhar o site, sem qualquer tipo de pretensão de uma viagem de férias, deparei-me com as tentadoras oportunidades de trabalho oferecidas.

— Preciso ocupar a cabeça, Íris. — Respiro fundo, e aquela dorzinha causada pela saudade faz o meu coração parecer menor. — Sabe disso.

A Grécia me atrai pela sua importância emocional em nossas vidas, mas eu não me vejo em um grande navio, tomando sol, de bunda para o ar, vendo a vida passar como se nada tivesse acontecido. Como se meu coração não doesse sempre que eu penso na mamãe.

— Eu sei que é difícil, Gaia. — Dessa vez há tristeza em sua voz. — Mas a gente prometeu à mamãe. A gente... a gente prometeu tentar.

Nos momentos mais serenos e calmos da doença, mamãe nos fez jurar que, se viéssemos a perdê-la, seguiríamos em frente com nossas vidas. Que não nos deixaríamos ser tragadas pela tristeza e pela dor. Que onde ela estivesse, olharia por nós. Que só teria paz em outra vida se nos visse felizes nesta.

Como negar esse pedido a alguém diante da morte?

Só que cumpri-lo parece cada dia mais impossível.

Íris seguiu com sua promessa, retornando à faculdade em São Paulo, e eu... Abandonei por um tempo a escola onde lecionava e seguia tentando sobreviver.

Então, quando recebi a resposta positiva sobre as minhas duas candidaturas às vagas temporárias de emprego em navios, fazendo-me

realmente ficar empolgada com algo depois de oito meses, a sensação é de que estou tomando a decisão certa.

— Essa é a minha maneira de tentar, Íris — afirmo, determinada.
— De alguma forma, seguir em frente.

— Se isso te fará feliz, Gaia. — Seu tom demonstrava suavidade agora. — Apenas não se prive de nada, ok?

— Ok — respondo com um sorriso, após tanto tempo sem saber como sorrir.

Encerramos a ligação enquanto eu fecho o notebook com pressa.

Eu tenho malas para fazer e lugares incríveis para conhecer, até chegar a tão sonhada Grécia.

CAPÍTULO 1



Se tem uma coisa na qual Íris não é boa, é em “*pontualidade*”. Faltam cinco minutos para que eu atravesse o portão de embarque, e minha avoada e atrapalhada irmã não tinha aparecido ainda.

Mordo meu lábio para evitar atacar as minhas unhas, que eu tinha feito no dia anterior, quando fui de surpresa ao salão beleza de uma velha amiga de minha mãe. Essa é uma antiga mania que preciso controlar, roer as unhas sempre que fico ansiosa ou muito tensa. Bom, existem muitas coisas que quero melhorar em mim, como não ficar tanto tempo pensando no que é certo ou errado, e em alguns momentos apenas me deixar mergulhar de cabeça.

Sou o tipo de pessoa que sempre fica em dúvida entre sorvete de chocolate ou de frutas. Por que eu não posso tomar os dois? Quer dizer, qual o problema de metade do meu prato ser macarrão ao molho branco e a outra à bolonhesa?

Eu não posso simplesmente escolher uma opção do menu de forma aleatória.

Duas pessoas andam à minha frente. Olho o relógio do celular. Íris não conseguirá chegar a tempo. Respiro fundo, sentindo pesar. Não nos vimos desde que ela partiu de Santos, há quase seis meses, para estudar em São Paulo. E com essa viagem, contando os dias nos navios e alguns me aventurando pela Grécia, serão quase mais doze semanas sem podermos nos encontrar.

— Gaia! — O chamado me faz virar em direção à voz.

Em uma jaqueta jeans sobre o vestido longo e florido, com um enorme brinco de penas de pavão, sandálias de dedo e uma bolsa transversal cobrindo uma boa parte de seu corpo curvilíneo, surgiu Íris.

Mamãe e eu costumávamos dizer que minha irmã era um camaleão. Sempre mudando e se sentindo inquieta. Agora Íris está numa onda de espiritualidade, com direito a velas, incensos e cristais. O que reflete também na sua forma de se vestir. Olhando-a bem, devo admitir que essa fase meio hippie combina com ela.

— Iria partir sem mim, Gaia? — A reprimenda vem com um abraço apertado, enquanto girávamos, nos balançando.

— A companhia aérea não vai esperar por você. Eu disse que o voo parte às duas. — Olho-a com dureza quando nos separamos. — Não que deveria chegar às duas.

— A culpa é dessa cidade e desse trânsito horrível.

Como sempre acontece, assim que me deparo com seu sorriso animado, meu coração se enche de amor, e o sermão que estava na ponta da minha língua rapidamente perde a importância.

Viajei de Santos a São Paulo, e meu voo parte de Congonhas com destino ao Rio de Janeiro. É de lá que a maioria dos cruzeiros internacionais partem no Brasil. Eu tinha combinado com Íris de nos encontrarmos em algum café no aeroporto mesmo, para que pudéssemos passar algum tempo juntas, antes de eu embarcar. Agora só teremos dois ou três minutos para matar a imensa saudade e nos despedir.

— Colocou casacos na mala? — indagou minha irmã, avançando comigo conforme a fila torna a se movimentar.

Reviro os olhos ao vê-la tirar uma folha de papel dobrada de dentro da jaqueta. Aqui em São Paulo está fazendo um friozinho, mas eu pegaria o auge do verão europeu. Porém, de acordo com os ensinamentos de nossa mãe, um casaco e uma sombrinha são itens indispensáveis na bolsa de uma mulher. Entre outras coisas ensinadas por ela, essa carregaremos pela vida toda.

— Protetor solar? Carregador do celular? — Observo, divertida, ela tentar recitar todos os itens marcados em sua lista. — Pegou a máquina fotográfica?

Posso apostar que Íris passou a noite toda se dedicando à lista, tentando se lembrar de cada conselho que nossa mãe dava sempre que partíamos em uma viagem com amigos.

— Está tudo certo, Íris. — Fecho sua mão sobre o papel e a encaro com carinho. — Eu vou ficar bem. E espero que você também fique.

Nós duas herdamos os cabelos ruivos, os olhos verdes e as sardas, salpicadas pelo rosto, do nosso pai. Apesar de ser mais nova que eu, Íris é mais alta quase uns oito centímetros. A nossa diferença de idade é de quatro anos. Eu tenho 26, e ela é apenas

uma jovem de 22, mas posso afirmar que ela é muito mais forte e corajosa do que eu nunca fui. Minha irmã se parece mais com nosso falecido pai, enquanto eu tenho a personalidade mais próxima à da nossa mãe. Sempre fui mais sonhadora do que o tipo de pessoa que se joga para a vida, como Íris.

— Quer saber... — Ela amassa a folha, formando uma bola de papel, e a joga dentro da bolsa. — Esqueça tudo o que eu disse.

Só há mais duas pessoas na minha frente agora.

— Queima a bunda de sol e descasque como um camarão. Coma o pior cachorro-quente do mundo e se desespere procurando um banheiro, em um fim de mundo qualquer. — Com seus conselhos atrapalhados, recebo da atendente na minha frente um olhar curioso. — Encha a cara de tequila e beije o primeiro homem interessante que encontrar em cada porto. Melhor, apaixone-se por um grego lindo e me envie o convite de casamento.

Eu choro e sorrio, emocionada porque Íris me conhece e sabe que não terei coragem de executar nenhum dos seus insanos conselhos. Mas o principal de toda essa loucura é que ela deseja que eu mergulhe de cabeça nessa aventura que estou disposta a encarar.

— Seja um pouco mais a Íris. — Suas mãos seguram o meu rosto com carinho e voltamos a nos abraçar forte.

— E seja um pouco menos Gaia — murmurei o que ela pretendia dizer.

Nossa mãe dizia que se pegasse o melhor de suas duas filhas, criaria a pessoa perfeita. Alguém aventureiro e com pé no chão o suficiente para não se meter constantemente em confusão.

— Eu te amo, Gaia.

— Também te amo, Íris. — Respiro fundo, tentando guardar seu cheiro de lavanda ainda mais em minha memória. — Muito.

Se eu pudesse, congelaria o tempo nesse abraço. Usufruindo dessa sensação de que nada de ruim no mundo pode nos tocar.

— Íris? — murmuro e tento me livrar de seus braços, que mais parecem dois tentáculos em volta de mim. — Eu preciso ir.

— Seria egoísmo demais eu pedir que fosse completamente a Gaia agora?

Entendo o que ela está dizendo. Apesar de ela morar em São Paulo, passar muito tempo ocupada com a faculdade e com o emprego novo, e eu levando minha vida em Santos, apenas trocando mensagens, ligações e chamadas de vídeo, ao menos estávamos no mesmo país. Agora teremos um oceano inteiro a nos separar.

— Senhorita? — chama a funcionária do aeroporto, já que uma fila significativa começa a crescer atrás de mim.

Encaro os olhos lacrimejantes de minha irmã, enquanto tento secar o meu rosto molhado. Juntas passamos por momentos muito difíceis. A pior parte da doença, não foi quando nossa mãe morreu. Naquele momento, apesar de sofrermos, sentimos que ela finalmente encontrara a paz. Os piores momentos foram ao vê-la sofrer por horas e não podermos fazer nada.

— Permita-se ser feliz, Gaia. — Seus dedos passam na pele abaixo dos meus olhos, e eu recebo um dos seus sorrisos radiantes. — Faça isso por mim. Faça isso por ela.

— Eu prometo que farei.

E só depois de cruzar o portão e olhar para trás mais uma vez, assistindo Íris acenar para mim, percebi que não foi uma promessa apenas para agradar minha irmã. Eu realmente quero descobrir o que de felicidade a vida ainda reserva para mim.

CAPÍTULO 2



EROS

Graças à influência do meu avô paterno, por quem tenho amor incondicional, cresci tendo duas grandes paixões na vida: o mar e os navios. Sendo a quarta geração de um dos maiores construtores e armadores de navios do mundo, não poderia ser diferente.

Assim, passo boa parte da minha vida no mar ou pensando sobre ele. Mantenho-me imerso, desenhando as mais luxuosas e caras embarcações marítimas. O negócio, impressionantemente rentável, mantém a Laskaris, companhia que leva nosso sobrenome, como a terceira mais lucrativa da Grécia e a sexta no ranking mundial.

Estou falando em bilhões, que aumentarão consideravelmente no próximo ano, quando as novas frotas, já sendo finalizadas, começarão a navegar. Não possuo os números reais, toda a parte financeira dos negócios está a cargo de meu irmão, Aquiles, e do nosso pai.

Eu não sou do tipo que curte uma sala imensa em um prédio elegante na cidade, nem do que acompanha os números na bolsa de valores, ou que aguentaria mais do que duas horas usando terno e

gravata, embora haja ocasiões e alguns compromissos de negócio que tornavam a vestimenta obrigatória.

Quando estou no mar, seja me aventurando em um veleiro ou verificando de perto cada um dos meus projetos, sinto uma espécie de energia diferente. No oceano há paz, uma beleza indomada e a perder de vista, além da sensação de liberdade. Não importa quem você é e o que você tem, no mar todos somos iguais e devemos nos curvar a ele.

— Não entendo por que precisa fazer isso pessoalmente, Eros. — O tom lamentoso na voz de Felipa me faz perceber que não prestei atenção em nada do que ela disse no último minuto. — Há centenas de funcionários que poderiam fazer isso por você.

Não há como negar, existem engenheiros e analistas qualificados o suficiente para inspecionar um dos nossos mais recentes navios. Mas o *Sonhos de Afrodite* tem uma importância especial para mim. Foi o primeiro projeto que assinei completamente sozinho, após a aposentadoria completa do meu avô. A confiança conquistada me fez arriscar mais, criando o mais opulento e elegante navio feito pela Laskaris.

Existirão novos projetos, mas Afrodite sempre será a menina dos meus olhos. Por isso, viajar até uma das paradas da embarcação, unindo trabalho ao prazer que estar no mar me causava, nunca será algo do entendimento de Felipa.

— Um Laskaris é o que existe de mais seguro no mundo — Felipa ressalta. — Você o projetou. Sabe disso.

Há alguns meses que eu não consigo concluir algo novo. Parecia simplesmente que a inspiração tinha ido embora. Não adiantou passar algumas semanas em alto-mar ou me refugiar na casa do lindo vilarejo de Oia, em Santorini.

Nada do que eu tentava me livrava desse bloqueio criativo. Penso que voltar ao Afrodite, estar diante de suas engrenagens, como um grande coração pulsando, me fará ter a mesma paixão de quando o criei.

— O avião está prestes a decolar — aviso apressadamente, embora ainda não tenha recebido nenhuma das instruções de decolagem.
— Nos falamos quando eu chegar em Atenas, ok?

Ao som de suas queixas, encerro a ligação e, por garantia, decido manter o celular desligado. Lidar com Felipa e todo drama que ela gosta de encenar não é algo que tenho gostado de fazer nos últimos tempos.

— Champanhe, senhor? — A atendente de voo surge em seguida, e apenas a dispenso com duas palavras educadas.

Inclino a poltrona na posição mais confortável que o voo particular consegue proporcionar, mas não consigo me livrar da incômoda inquietação dentro de mim.

Quando fecho os meus olhos, tenho apenas um nome ocupando a minha mente.

Afrodite.

E a estranha sensação de que deveria ser outro.

CAPÍTULO 3



Depois de três dias de um treinamento intensivo e de mais um antes do início da viagem, finalmente recebo o meu uniforme de camareira, o crachá de identificação e o cartão de acesso à pequena cabine que ocuparei durante todos os dezoito dias de viagem.

O roteiro do *Grand Estelar* inicia-se no Rio de Janeiro, passa por Montevideú, Buenos Aires, Santos, novamente Rio de Janeiro, seguido de Salvador, Santa Cruz de Tenerife, Funchal, Málaga, Cartagena, encerrando em Barcelona, na Espanha, onde eu ficarei por dois dias antes de embarcar no *Sonhos de Afrodite*, o navio no qual vou trabalhar, com destino a Atenas, Grécia.

— Não se esqueçam, precisam verificar as escalas de trabalho todos os dias, pois elas podem mudar — alerta a supervisora do meu setor, logo após guiar o grupo de camareiras

até o corredor onde ficam as nossas cabines. — As informações de acesso foram enviadas por e-mail.

O nosso grupo terá essa noite para descansar, mas o dia seguinte começará logo cedo e será bastante corrido. Os passageiros finais estão previstos para chegar pela manhã, mas antes disso, teremos que checar se cada acomodação está devidamente arejada, limpa e com as decorações de boas-vindas. Eu até aprendi a fazer, nos dias de treinamento, bichinhos usando toalhas de banho.

— Você é Gaia, né? — Uma jovem morena e com um sorriso simpático, que acho ter a idade próxima a minha, puxa assunto da porta de sua cabine.

— Isso mesmo. — Retribuindo o sorriso, aperto a mão que educadamente é estendida a mim.

— Eu sou a Celeste. Está animada com a viagem?

— Um pouco curiosa a respeito de tudo. — O meu sorriso tenso expressa bem como me sinto. — Talvez um pouquinho nervosa.

— É o seu primeiro cruzeiro a trabalho?

— Na verdade, é o primeiro cruzeiro da minha vida.

— Nossa! Uau.

Eu já tinha ido ao Rio, tanto de avião como de carro com os meus pais, mas essa é a primeira viagem longa que faço.

— Olha, não é para te assustar, mas vai haver dias em que se sentirá como se uma frota de caminhões tivesse passado em cima de você, e em outros, que um avião despencou em sua cabeça.

— Tem certeza de que não é para me assustar? — indago, na tentativa de soar tão descontraída quanto ela.

— Eu começo pela parte ruim e depois falo sobre as melhores, que são os lugares incríveis que vai conhecer. A comida no navio geralmente é muito boa. — Enquanto ela fala, vai sinalizando cada item ao erguer os dedos. — Geralmente ganhamos boas gorjetas. E, ah, as festas. As dadas pela tripulação são infinitamente melhores do que as dos grã-finos lá em cima. No final, será uma experiência inesquecível. Sabendo se organizar, até que dá para se divertir. Você é solteira, né?

Acanhada, apenas confirmo com um movimento de cabeça. A falta de aliança em meu dedo não quer dizer nada hoje em dia.

— Bom, vai conhecer muitos gatinhos em cada lugar que nós pararmos. Quer dizer, se você gosta de homens.

— Co-como?

Celeste me faz lembrar um pouco Íris, mas ela tem um jeito bem mais direto de se comunicar.

— Se você gosta dos rapazes? — Seu rosto forma uma pequena careta quando ela enruga o nariz. — Porque eu prefiro as garotas.

— Sim, mas eu não estou à procura de...

— Garotas ou romances?

— Relacionamentos.

— Ninguém aqui está. O que interessa à maior parte é o belo pagamento e toda a diversão que conseguirmos ter.

Eu também não estou interessada em diversão, não a que Celeste acaba de sugerir, mas se nem a minha irmã conseguia entender que essa viagem significava mais uma jornada de

autoconhecimento para mim, algo que manterá a minha mente longe das lembranças dolorosas e que me deixavam depressivas, acho que eu não conseguiria explicar a uma desconhecida. Então, por ora, deixo as explicações de lado.

— Puxa, eu acho que assustei mesmo você.

— Não. Claro que não. Fico agradecida por todas as informações que tem me dado.

— Os primeiros dias de viagem são os mais corridos. Só até pegar o ritmo, ainda mais pra uma novata. Então, se precisar de ajuda, pode me procurar.

— Obrigada, Celeste.

Fazer novos amigos, isso sim está dentro dos meus planos, e ela parece ser uma pessoa muito legal.

— Vai para a festa mais tarde? Da tripulação?

O meu primeiro pensamento é negar. Os meus grandes planos eram tomar banho, vestir meu pijama confortável, ir para a cama mais cedo na companhia de um dos dois romances que tinha conseguido colocar em minha mala e acordar descansada e renovada para o dia seguinte. Mas o olhar insistente que Celeste me dá, e que eu não duvido vir acompanhado de um convincente discurso, caso a minha resposta seja negativa, me faz mudar de ideia.

— Vou dar uma passada, sim.

— Que legal. Posso te apresentar a algumas pessoas, Gaia — ela avisa com uma animação que ainda estou tentando acompanhar. — Então, até mais tarde.

— Até mais tarde, Celeste.

Juntas, passamos o cartão em nossas portas e em seguida entramos em nossas cabines.

Não há muito o que dizer sobre a cabine. Tem menos de um terço do tamanho do meu antigo quarto, no canto oposto à janela circular fica a cama de solteiro, aparentemente confortável, e um minúsculo banheiro com ducha.

Depois de organizar minhas coisas, tudo em seu devido lugar e onde dava, coloco na mesinha estreita, ao lado da cama, uma foto em que estou abraçada a Íris e à nossa mãe e vou para o banho. Como já tinha lavado os cabelos no hotel essa manhã, antes de me apresentar ao trabalho, acabo optando por não os molhar novamente e uso a touca plástica para mantê-los protegidos dos jatos d'água.

Dos três únicos vestidos que trouxe na mala, pego o mais confortável. Eu nunca estive em uma festa de tripulantes de navio, nem em um navio, para ser mais correta, mas em minha mente surgem algumas imagens do filme Titanic.

Não que eu esteja pensando em encontrar algum Jack, até porque o final dele ainda é inaceitável para mim. Sou daquelas que ainda acredita que havia espaço para os dois naquele pedaço de madeira.

Estou rindo desses pensamentos tolos, quando ouço a batida na porta. Termino de colocar as sandálias e corro para abri-la, tendo uma ideia de quem poderia ser.

— Você está pronta? — Celeste surge, sorridente. — Vou te levar até o salão.

Aviso que só preciso pegar minha bolsinha e, depois de colocar o celular e o cartão do quarto dentro dela, me uno a Celeste.

Foi bom ela ter vindo me buscar. Passamos por tantos corredores, que inicialmente me senti meio perdida. Finalmente chegamos a uma porta dupla de madeira, e assim que passamos por ela, eu avisto uma sala grande, com uma mesa retangular que vai de um lado a outro da parede.

A imagem que vejo não é exatamente igual a do filme. Começando pelas roupas das pessoas, que são completamente normais, a maioria usando camiseta e jeans. Depois, não havia sons estridentes, jogos de cartas, fumaça de charutos e pessoas dançando fervorosamente músicas antigas. Mas a alegria parece igual, dando para notar a animação e a felicidade no sorriso de todos.

— Vem, Gaia! — Sinto a mão de Celeste buscar a minha, e ela me faz mergulhar na multidão barulhenta à nossa volta. — Vou te apresentar a algumas pessoas.

Seguimos para um grupo, e reconheci duas pessoas que avistei no treinamento. Todas as outras são conhecidas de Celeste, que já trabalharam com ela em outros cruzeiros.

Inicialmente, eu fiquei bastante receosa, mas há alguma coisa aqui, neste lugar e entre essas pessoas, que nos faz sentir confortáveis e leves.

A Gaia ajuizada decide ficar apenas nos sucos e mordiscando alguns petiscos que eram oferecidos. Com certeza Íris já teria se jogado de cabeça nos drinques e nas danças divertidas, como Celeste e tantos outros faziam.

Antes da meia-noite, embora a festa ainda esteja bem animada, decido ir me recolher. Não quero estragar a noite de

Celeste, então saio à francesa, esperando conseguir encontrar o caminho de volta para a cabine.

Depois de algumas tentativas, onde me vi perdida pelos corredores, e de ter me deparado com cenas, hum... um tanto íntimas demais entre casais, finalmente encontro o meu quarto.

“Íris, você iria amar esse lugar.”

Envio a mensagem a ela, que não demora muito a me responder.

“A viagem mal começou e já está animada? O que fizeram com a minha Gaia?”

Eu não estou tão alegre como as pessoas que deixei na festa, mas em relação ao cruzeiro, tenho sentimentos muito positivos. Um pressentimento de que algo muito importante irá acontecer. Ou talvez só estivesse empolgada, porque essa era uma viagem que a nossa mãe sempre sonhou em fazer com as filhas. É a minha maneira de cumprir a promessa que fiz a ela nos seus últimos dias de vida.

Seguir em frente.

CAPÍTULO 4



EROS

Atenas, Grécia

Peço ao motorista que me deixe na casa onde cresci, que é onde os meus avós passaram a morar desde que a vovó ficou doente, e que as minhas malas seguissem para o meu apartamento no centro da cidade.

A governanta avisa que minha mãe saiu para algum compromisso com as amigas, o meu pai está na Laskaris, cuidando dos negócios com meu irmão, e os meus avós estão no jardim.

Cuidar das plantas é o passatempo preferido da *pappóudes*^[12] e o *pappoús*^[13] sempre faz companhia a esposa todas as tardes para ver o pôr do sol e apreciar as flores que ela tanto ama.

É onde eu os encontro, confortavelmente sentados em um banco de palha indiana, apreciando a beleza das buganvílias com flores cor-de-rosa e anêmonas vermelhas.

— *Pappoús?* — chamo suavemente e me aproximo de uma forma que não os assuste, ao tirá-los de seu recanto de paz.

— *Engóni*^[14]. Que alegria o ver aqui — comemora o meu avô, gesticulando para que eu me aproximasse deles. — Veja quem veio nos ver, Agnes.

— Que surpresa encantadora vê-lo, minha criança — vovó me diz estendendo as mãos em direção ao meu rosto.

Recebo seu beijo carinhoso na face e afagos gentis em meus cabelos.

— É um jovem tão bonito, Eros. — ela sorri como uma garotinha encantada — Lembra o meu querido Andreas, quando mais jovem. Não acha agapi-mou?

Isso é algo que minha mãe também me fala, e as fotos antigas do vovô, quando jovem, não desmentem. Pareço muito com ele, talvez seja porque tenho o mesmo espírito livre e o amor pelo mar que ele tem.

O meu *pappoús* foi um solitário do mar apaixonado por navios, até conhecer minha *pappoúdes* e cair de amores por ela. Um encontro de almas, ele sempre dizia.

— E como se sente hoje, *pappoús*?

Antes de me responder, seus olhos amorosos se fixam no esposo. Eles estão juntos há 54 anos. O vovô ainda tem muito vigor e lucidez. E diz que se mantém assim porque cabe a ele cuidar da esposa amada até a última batida do seu coração bondoso. Pois é isso é o que um grego de verdade faz, cuida da família.

— Alguns dias bem, como hoje. Em outros, fica mais abatida e cansada. Mas as suas visitas sempre a deixam feliz, não é mesmo, Agnes? Não gosta de ver os nossos *engónis*?

— Oh, querido, essa velha cansada não vai partir antes de conhecer os bisnetos — ela afirma com um sorriso animado. — De jeito nenhum.

— Logo elas estarão aqui, *agapi-mou*^[15] — disse vovô de forma carinhosa, dando batidinhas na coxa dela — Vai fazer alguma coisa sobre isso, não é *engóni*?

Desde que completei trinta anos passei a ouvir esse mesmo discurso. Os meus avós com os meus pais fazendo coro, acreditam que estou no momento ideal para começar a pensar em formar uma família. Eu já estou com 32, um ano a menos do que meu avô tinha quando eles tiveram seu único filho. Infelizmente, devido ao corpo delicado da vovó e a vários abortos seguidos, quando finalmente tiveram o meu pai, a pedido do vovô, preocupado com a saúde da esposa, decidiram parar em um único herdeiro.

— Temos que ver um ou dois netinhos nascer antes de a gente partir. O nome Laskaris não pode ser esquecido.

Isso não irá acontecer por um bom tempo. Existe Aquiles, que poderá dar continuidade ao nome da família, e alguns primos por parte dos meus tios-avôs. Mas o vovô quer ver o nosso clã dos Laskaris continuar a espalhar suas sementes no mundo, caindo a responsabilidade em cima de mim e do meu irmão.

— Por que não o Aquiles? Ele é o mais velho, não deveria ser o primeiro?

Não há nada que me impeça de atender aos pedidos do meu avô. Nenhum trauma romântico ou relacionamentos passados

conturbados que me fizessem recear esse tipo de compromisso.

O problema está justamente no oposto. Em ter assistido, por toda a minha vida, ao casamento dos sonhos dos meus avós, seguido do de meus pais, me faz desejar nada menos que isso. Namorei algumas mulheres, saí com várias. Mas ainda não fui sucumbido pelo *meraki* ^[16] e não surgiu em minha vida a garota que me faria sentir como se nossas almas tivessem se conectado.

— Aquele ali? — Ele bufa e resmunga algo para si mesmo.
— É um caso perdido.

O foco que jogo em meus desenhos e paixão pelo mar, Aquiles joga na Laskaris. Ele acorda e dorme respirando números, gráficos e projeções. Sou grato a ele por cuidar de toda essa parte burocrática e chata, mas tanto eu quanto o vovô, e até mesmo nossos pais, achamos que ele deveria tentar relaxar às vezes. Mas isso nunca acontece.

— Talvez o amor não seja para mim, *pappoús* — ressalto, buscando não rir da careta que ele me faz. — Ou quem sabe o meu único amor seja apenas o mar.

— Besteira! — resmunga vovô. — Eu também achei que fosse assim, então encontrei alguém que amava o mar tanto quanto eu e que me fez amá-la muito mais do que a ele.

Seu olhar carinhoso para a *pappoúdes* confirma o que ele me falou.

— Tudo o que você precisa é olhar mais ao seu redor, *engóni*, e abrir o coração. — Ele bateu carinhosamente em meu rosto. — Quando menos esperar, ela estará na sua frente. A garota perfeita para você.

— E como saber isso, *pappoús*? Que ela é a garota perfeita.

— Confia no que sente aqui. — Como fez com o meu rosto, vovô deu batidinhas carinhosas em meu peito. — Ouça o que ele diz.

Eu até tento escutar o coração, mas até o momento ele não me disse nada.

Fico até o final da tarde fazendo companhia aos meus avós, mas logo recebo as mensagens insistentes de Felipa, alertando sobre o evento que temos essa noite. É a inauguração do *Sonhos de Afrodite*. Um passeio de algumas horas será oferecido aos jornalistas de revistas especializadas e a alguns convidados especiais. Depois disso, em duas semanas, o navio irá para Barcelona, onde iniciará o seu primeiro cruzeiro no mediterrâneo.

— Infelizmente tenho que ir, vovô. Aquiles e Felipa afirmam que eu preciso estar presente essa noite.

— Essa é a parte dos negócios que não o deixa nada feliz, não é mesmo? — indaga ele, antes de fixar o seu olhar na esposa. — Eu também odiava ter que fazer presença em eventos como esse. Todas aquelas pessoas falando coisas inúteis, e eu só queria pegar o meu barco e sair velejando. Mas sua avó surgiu e até tornou esses momentos um pouco mais divertidos.

Apenas sorri e beijei a face dos dois ao começar a me retirar. O meu *pappoús* não me deixaria ir embora sem antes enfatizar o fato de que eu precisava encontrar uma esposa.

Da casa dos meus pais, segui diretamente para o meu apartamento. Apesar de confortável, elegante e localizado em um excelente ponto na cidade, passo bem pouco tempo aqui, e só ainda o mantenho pela facilidade em me locomover até a Laskaris sempre que é necessária a minha presença na empresa.

Normalmente, boa parte de minhas inspirações acontecem no mar. Quando estou longe desse mundo tumultuado, cheio de pessoas barulhentas. É por isso que, além de acompanhar a primeira viagem do Afrodite, verificando de perto se tudo que idealizei segue como planejado, como um pai vendo os primeiros passos do filho, procuro nessa viagem também novas ideias para futuros projetos.

O mar sempre me chamou, mas dessa vez sinto como se fosse diferente.

— Eros? — Assim como o chamado urgente, Felipa vem apressadamente até mim.

Ela foi a primeira a notar a minha chegada discreta, como se o tempo todo estivesse me esperando surgir.

— Onde você se enfiou todo esse tempo? Não precisa me responder, aposto que esteve perdido, por horas, naquele barco.

Com toda certeza poderia ter sido umas das possibilidades, mas dessa vez Felipa estava completamente equivocada.

— Aquiles já fez todos os pronunciamentos e realizou as entrevistas obrigatórias.

— Ótimo. Ele sempre foi melhor nisso do que eu. Só projetei o navio. Não vejo sentido em você e meu irmão precisarem tanto da minha presença aqui.

Já está mais do que provado que Aquiles consegue dar conta de tudo, e eu posso apenas dar meia-volta e cuidar dos preparativos para a minha aventura no mar.

— Você não é apenas o engenheiro, mas também o armador e um Laskaris — afirma ela, passando o braço no meu. — As pessoas precisam conhecê-lo melhor, meu querido.

Discordamos completamente sobre o assunto, mas não quero abrir uma nova discussão a respeito disso essa noite. A Papadakis, agência de marketing pertencente à família de Felipa, nos presta um excelente serviço desde a época que os nossos avós se conheceram. Ela tem ideias bem firmes de que me tornar um desses ricos metidos a celebridade irá beneficiar ainda mais os negócios. Só que, apesar do meu espírito livre, não faço o estilo playboy, refutando ou me esquivando de todas as tentativas dela em me fazer circular por lugares badalados e com pessoas em destaque.

— O passeio começará em alguns minutos — destacou ela, quando aceitamos uma das bebidas oferecidas pelo garçom. — Quase partiríamos sem você.

O único motivo que me impedia de ser ríspido com Felipa, e ela abusava disso, é o fato de nos conhecermos desde que nascemos. Não aceito ser controlado, e quando as minhas opiniões estão bem firmadas, nem mesmo Aquiles consegue me mover delas.

— Venha! — Felipa segura firme o meu braço e começa a nos conduzir para um grupo que chamou a sua atenção. — Quero que conheça algumas pessoas.

Tenho todos os argumentos necessários para me esquivar da sugestão, quando os meus olhos caem no meu irmão, em uma parte do salão. Ele lida com três jornalistas, e o vejo esfregar o polegar no dedo anelar, um pequeno sinal indicando o quanto ele está irritado e no seu limite, possivelmente devido a perguntas de caráter pessoal.

Aquiles só é dois anos mais velho do que eu, mas age como se tivesse cem. Apesar de irmãos, somos completamente diferentes um do outro. Enquanto ele usa os ternos mais caros, sapatos confeccionados exclusivamente para ele e tem ao seu redor pessoas estendendo tapetes, dispostas a realizar os mínimos desejos do inteligente e importante CEO da Laskaris, eu sou o lobo do mar. Aprecio roupas mais confortáveis, provar comidas caseiras do que as que têm um nome elegante e preços absurdos, e passar algum tempo ouvindo as histórias, mesmo que repetidas, do meu avô.

Quando o olhar de Aquiles encontra o meu, parece que conseguimos entender mais um pouco do outro. Liberdade e obrigações. Diversão e tarefas. Eros e Aquiles. O peso e a importância do nome Laskaris.

Não posso negar, Aquiles dá o melhor de si e eu preciso me esforçar para ser mais sociável, tirando um pouco desse peso dos ombros dele. Assim, mesmo odiando isso, sigo Felipa.

Quase duas horas depois, após avistar os últimos convidados saírem do navio, posso finalmente me refugiar perto da proa. A noite está bonita, estrelada e com uma lua brilhante e redonda enfeitando o céu.

— Quanto tempo levará para que você finalize o próximo projeto?

Sonhos de Afrodite não é apenas um projeto qualquer, é o maior navio de cruzeiro construído no mundo. Com suas 235 toneladas, a embarcação chega a ter a altura de um edifício de 25 andares que, provado essa noite, desliza suavemente pelas águas dos oceanos. E não apenas isso: a bordo do navio, os passageiros

irão encontrar diversão ininterrupta, shows da Broadway, paredes de escalada, pista de patinação em gelo, restaurantes para todos os gostos e piscinas que vão desde as com atrações para crianças, até as mais silenciosas, onde só entram adultos, e muito mais. Tudo isso o tornará o mais procurado para cruzeiros no mediterrâneo. E em breve será construído outro modelo para navegar pelo Caribe.

— Não há ideias para um novo projeto no momento.

Essa falta de inspiração está me deixando incomodado. Até cheguei a estudar alguns modelos que fiz no início de carreira e que descartei por insatisfação pessoal, usando-os como ponto de partida, mas ainda me sinto insatisfeito com eles.

— Isso é ótimo. — Vejo Aquiles sorrir verdadeiramente pela primeira vez desde que cheguei. — Não sua falta de inspiração, claro. Não há problema em alguns eventos com compromissos de negócio, mas lidar com eles...

Aquiles não finaliza, porém compreendo bem ao que ele se refere. À imprensa, principalmente a que cuida da vida social dos ricos e famosos. Meu irmão é uma pessoa excessivamente discreta em relação à sua vida pessoal. Conheço eventualmente uma ou outra das mulheres com quem ele costuma sair, mas nenhuma delas é levada à casa dos nossos pais, para ser apresentada oficialmente a eles e aos nossos avós.

— Você pode mandar tudo ao inferno e ir a Las Vegas. — Apesar do tom de brincadeira, não vejo problema algum se meu irmão, uma vez na vida, surtasse e fizesse exatamente isso.

— É, eu poderia — sussurra ele, se apoiando na grade de ferro comigo. Assim como estive fazendo há pouco, começa a admirar a noite estrelada. — Lembra que, quando crianças, você

queria ser um barco, e eu, um foguete? Você sempre teve os olhos para o mar, e eu para o céu.

— Ainda pode ser um astronauta, se quiser.

Isso me obrigaria a tomar o comando dos negócios da família. Aquiles já vem fazendo isso há muito tempo, desde que éramos adolescentes, e ele passou a acompanhar o nosso pai e avô para aprender com eles e na prática, além da formação acadêmica, como funciona uma das mais ricas e maiores empresas do mundo.

— Percebi que eu gosto mais de manter os meus pés no chão.

Aquiles é realmente excelente no que faz e acredito em sua paixão por comandar tudo. Isso me faz sentir menos peso na consciência com a necessidade de ficar longe.

— Você falou com o *pappoús*? — A mudança de assunto me faz encará-lo com mais preocupação.

— Essa tarde, e o de sempre. A vovó...

— Não está bem. Eu confirmei isso pessoalmente com o médico. Então... toda a conversa do velho sobre...

— Tomarmos vergonha na cara e arranjarmos uma esposa...

— Não é apenas uma chantagem emocional — conclui ele.

— Faremos todo o possível para manter a saúde da *pappoúdes* o melhor qualidade possível e garantir que ainda tenha muito tempo de vida com a gente, mas eles estão

— Bem idosos — Um nó se forma em minha garganta ao completar o que ele pretendia dizer.

É por isso que é tão importante para o nosso avô nos ver casados e dar essa alegria à nossa avó de conhecer os seus

bisnetos, mesmo que ela não seja capaz de os reconhecer assim.

— O que você vai fazer?

Afinal ele é o mais velho, e continuar o legado Laskaris pesava muito mais em seus ombros.

— Amo os nossos avós, Eros, mas neste momento não tenho tempo para isso. Eu pensei que você...

— Eu? Você é o mais velho, Aquiles.

— Mas o espírito livre aqui é você. Além disso... — Ele se vira, indicando Felipa andando pelo navio, ao que parece procurando por um de nós. — Você já tem a Felipa. É só fazer o pedido.

Olho para a elegante e linda garota grega. Com certeza os meus pais e os dela ficariam radiantes se mudássemos o status de nossa relação.

— Vocês tiveram um lance, não tiveram?

Saímos algumas vezes, não como velhos amigos que se conhecem por anos, mas como um casal disposto a criar intimidade. O sexo foi bom, mas não consegui avançar meus sentimentos com Felipa, além do que já nutria há anos. Ela é uma velha amiga a quem quero bem. Cheguei à conclusão de que não era certo prendê-la a uma relação em que eu não estaria por inteiro.

— Saímos algumas vezes, mas não sou o homem certo para Felipa.

A meu ver, pelos estilos de vida e profissões, Aquiles combinaria mais com ela do que eu.

— Você não é o cara certo ou ela não é mulher certa para você?

A pergunta me faz lembrar da conversa que tive com o vovô. Se alguma vez tinha escutado o meu coração, como ele dizia, fora em relação à Felipa.

— Ambos. Vocês formariam um belo casal.

— Todos sabemos que ela sempre foi apaixonada por você.

— E você, Aquiles?

Nunca existiu entre nós qualquer tipo de competição. Soubemos, desde pequenos, o que cada um queria fazer da vida, e não há nenhum tipo de rancor da minha parte pelo fato de Aquiles ter assumido o comando dos negócios.

— Definitivamente... — Um sorriso sacana surge em seus lábios. — Não sou o homem certo para Felipa. Ela precisa de alguém que possa controlar.

— E acredita que eu seja o candidato perfeito? — indago, sem esconder como me sinto ofendido.

— Não. Nenhum Laskaris, pelo menos do nosso lado, é a opção certa para Felipa. Apenas destaquei que ela sempre foi, e parece que está ainda mais apaixonada por você. E sabemos bem que a Papadakis não é do tipo que desiste com facilidade.

— Deixei as coisas bastante esclarecidas, irmão.

Tivemos um lance legal, momentos divertidos, mas acabou.

— Bom... — Ele esticou bem a palavra enquanto a assistimos se aproximar mais. — Será que Felipa realmente entendeu isso?

Olhando a postura elegante e o caminhar determinado, pergunto-me se Aquiles estaria realmente certo. Caso sim, isso gerará um pequeno problema em meu relacionamento, tanto

profissional como pessoal com Felipa, que talvez me obrigue a me afastar ainda mais.

— Aqui estão vocês. — O sorriso sensual é dirigido a nós dois, mas é em mim que Felipa mantém o seu olhar atento. — Por que os dois estão sempre escapando pelos meus dedos? Principalmente você, Eros.

Enquanto Felipa se encaixa entre nós dois, reflito seriamente na última observação de Aquiles em relação aos sentimentos dela por mim. Talvez fosse melhor antecipar a viagem até Barcelona e passar alguns dias velejando.

[1] Satre: Ventre sagrado. O mais próximo que eles diriam sobre mãe.

[2] Yamaguchi-gumi: Principal organização criminosa japonesa, também estendida pela Ásia e Estados Unidos.

[3] Citação do filme Karatê Kid, 2010.

[4] Alice: Personagem de Alice no País das Maravilhas, é a obra infantil mais conhecida de Charles Lutwidge Dodgson (Lewis Carroll).

[5] Felias: Flor existente no planeta Stravera.

[6] Parya: Puta que pariu.

[7] SOra: forma de tratamento equivalente à senhora ou senhorita.

[8] O Predador é um personagem de um filme americano de ficção científica homônimo de 1987.

[9] Bees: um tipo de cerveja stravena, de cor azul, bebida quente.

[10] Ores: maior estrela do universo, seria como Sol para os stravenos.

[11] Roue yomi KathyS: Desejo você.

[12] Pappoúdes: avó.

[13] Pappoús: avô.

[14] Engóni: neto.

[15] Agapi-mou: meu amor.

[16] Meraki: paixão ou devoção absoluta. Colocar “uma parte de sua alma”. Amor intenso e cuidado por algo.